

**Universidade de Passo Fundo
Faculdade de Engenharia e Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental**

Denize Fabiani

**AVALIAÇÃO DA ATRATIVIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS
REQUALIFICADOS PARA O LAZER APLICADA A UMA
CIDADE DE MÉDIO PORTE**

Passo Fundo

2018

Denize Fabiani

**AVALIAÇÃO DA ATRATIVIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS
REQUALIFICADOS PARA O LAZER APLICADA A UMA
CIDADE DE MÉDIO PORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental, da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Adalberto Pandolfo e Coorientação da Prof^a Dra. Rosa Maria Locatelli Kalil.

Passo Fundo

2018

Denize Fabiani

**AVALIAÇÃO DA ATRATIVIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS
REQUALIFICADOS PARA O LAZER APLICADA A UMA
CIDADE DE MÉDIO PORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental, da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Engenharia.

Data de aprovação: 02 de maio de 2018.

Doutor Adalberto Pandolfo
Orientador

Doutora Rosa Maria Locatelli Kalil
Coorientadora

Doutora Karin Regina de Castro Marins
Universidade de São Paulo – USP

Doutora Adriana Gelpi
Universidade de Passo Fundo – UPF

Doutor Francisco Dalla Rosa
Universidade de Passo Fundo – UPF

Passo Fundo

2018

AGRADECIMENTOS

A minha família, pelo apoio, carinho e incentivo. Minha eterna gratidão.

Ao professor Dr. Adalberto Pandolfo, meu orientador, por ter abraçado o tema da pesquisa e, principalmente, pela confiança, disponibilidade e conhecimento transmitido.

À professora Dra. Rosa Maria Locatelli Kalil, minha co-orientadora, pela generosa colaboração e importantes contribuições para a pesquisa, além da amizade, carinho e incentivo. És minha inspiração.

Ao professor Dr. Juan José Mascaró, pela amizade, generosidade e apoio. Tens minha admiração.

À professora Ma. Marcele Salles Martins, pela amizade, generosidade, disponibilidade e apoio incondicional.

Aos professores Dra. Adriana Gelpi e Dr. Francisco Dalla Rosa, pela participação e colaboração nas bancas examinadoras do trabalho, especialmente na fase de qualificação. Suas contribuições foram muito importantes.

À professora Dra. Karin Regina de Castro Marins, pela disponibilidade em participar da banca avaliadora do trabalho.

Aos professores e funcionários do PPGEng, especialmente ao professor Dr. Pedro D. M. Prietto, pela orientação para o cálculo estatístico da amostra.

Aos colegas e amigos do mestrado, especialmente a Julia Favretto, Adeli Beatriz Braun e Renata Reinehr. Prazer imenso em tê-las ao meu lado nesse período. Que a amizade permaneça.

Às amigas Malu Durante e Vanessa Dalabona, pelo auxílio técnico.

Às amigas e parceiras Cris, Dai, Eliz, Ali, Fabi, Dani, Lu e Amanda, pela amizade, apoio e paciência. Vocês foram fundamentais.

À Prefeitura Municipal de Passo Fundo, pelo fornecimento dos arquivos.

À Universidade de Passo Fundo, pela infraestrutura disponibilizada.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

Os espaços públicos para lazer são responsáveis por suprir as demandas de recreação, práticas esportivas, contato com o meio ambiente e demais atividades que contemplam o bem-estar coletivo, além de reduzir os problemas ambientais e sociais. Por essa razão, observa-se a necessidade de intervenção e requalificação de áreas existentes, que por diversos motivos, tornaram-se, no decorrer do processo urbano, vazias, abandonadas e subutilizadas, e, no entanto, detentoras de grande potencial de reutilização e reintegração à cidade. Recentemente, diversos espaços públicos foram requalificados na cidade de Passo Fundo/RS, destacando-se o único parque urbano da cidade, na região central, e os outros dois novos espaços denominados pela municipalidade de parques, que até então, se constituíam de uma área de preservação permanente desprezada na malha urbana e de um conjunto de canteiros centrais de uma avenida presente em um bairro setorial. Nessa perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo investigar e avaliar os potenciais atrativos para apropriação dos espaços públicos requalificados para o lazer na cidade em estudo e suas influências na percepção dos usuários. Por meio de estudos de caso, os espaços foram caracterizados e analisados tecnicamente quanto aos aspectos físicos, formais, funcionais e perceptivos, a partir de uma avaliação pós-ocupação, com aplicação de questionários aos usuários e observações comportamentais. Os dados obtidos permitiram, com base no comparativo entre os parques pela atribuição do grau de atratividade, conhecer os aspectos potencialmente atrativos; determinar, através de correlação, sua influência na forma de apropriação, intensidade de uso e níveis de satisfação; e estabelecer diretrizes para futuras intervenções em espaços públicos. Os resultados demonstraram que um dos espaços públicos para o lazer analisados possui mais atributos atratores para uso e apropriação, maior intensidade de uso e melhores níveis de satisfação. Porém, a atratividade e satisfação com o espaço público, independente da qualificação física, formal e funcional, além da intensidade de uso, são percebidas de forma diferente pelos usuários, pois estão ligadas ao atendimento das necessidades e características de cada indivíduo, não afetando a importância dada ao local. Portanto, os três parques analisados trouxeram, através da sua requalificação, modificações urbanas mediante um planejamento estratégico positivo, tornando espaços públicos antes não utilizados por parte da população, potencialmente e concretamente atrativos.

Palavras-chave: Parque urbano; Apropriação do espaço público; Avaliação pós-ocupação.

ABSTRACT

The public spaces for leisure are responsible for meeting the demands of recreation, sports practices, contact with the environment and other activities that contemplate collective well-being, as well as reducing environmental and social problems. For this reason, there is a need for intervention and requalification of existing areas, which for various reasons became empty, abandoned and underutilized during the urban process, yet possessing great potential for reuse and reintegration into the city. Recently, several public spaces were reclassified in the city of Passo Fundo / RS, highlighting the city's only urban park, in the central region, and the other two new spaces denominated by the municipalities of parks, that until then, consisted of an area of permanent preservation despised in the urban network and of a set of central beds of an avenue present in a sectorial neighborhood. In this perspective, the objective of this study was to investigate and evaluate the potential attractions for the appropriation of public spaces requalified for leisure in the city under study and their influence on the perception of users. By means of case studies, the spaces were characterized and analyzed technically regarding the physical, formal, functional and perceptive aspects, from a post-occupation evaluation, with application of questionnaires to users and behavioral observations. Based on the comparison between the parks and the attractiveness of the parks, the obtained data allowed to know the potentially attractive aspects; to determine, through correlation, their influence on the form of appropriation, intensity of use and levels of satisfaction; and establish guidelines for future interventions in public spaces. The results showed that one of the analyzed leisure public spaces has more attractive attributes for use and appropriation, greater intensity of use and better levels of satisfaction. However, attractiveness and satisfaction with the public space, regardless of physical, formal and functional qualification, as well as intensity of use, are perceived differently by users, since they are related to the needs and characteristics of each individual, not affecting the importance given to the site. Therefore, the three parks analyzed brought about, through their requalification, urban modifications through a positive strategic planning, making previously unused public spaces by the population, potentially and concretely attractive.

Keywords: City park; Appropriation of public space; Post-occupation assessment.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Apresentação do problema.....	13
1.2	Justificativa	14
1.3	Objetivos	18
1.3.1	Objetivo geral	18
1.3.2	Objetivos específicos	18
1.4	Estrutura da dissertação	18
2	REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1	Espaços livres urbanos	20
2.2	Espaços públicos urbanos	22
2.2.1	Tipologias do espaço público urbano	24
2.2.2	Evolução do espaço público urbano	28
2.2.3	Espaços públicos e o planejamento urbano sustentável	30
2.3	Parque urbano como espaço público	36
2.3.1	Evolução do parque urbano	36
2.3.2	Parques urbanos no Brasil	40
2.3.3	Conceito de parque urbano contemporâneo	43
2.4	Paisagem e o espaço público urbano	46
2.5	Requalificação do espaço público urbano	49
2.6	Ambiente urbano e ambiência urbana.....	54
2.7	Percepção ambiental e comportamento	58
2.8	Avaliação pós-ocupação (APO).....	61
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	66
3.1	Caracterização do município de Passo Fundo/RS	66
3.2	Classificação da pesquisa.....	68
3.3	Procedimento metodológico	69
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	79
4.1	Caracterização dos espaços públicos na cidade de Passo Fundo/RS	79
4.1.1	Descrição dos espaços públicos quanto à evolução e estruturação urbana	79
4.1.2	Apresentação dos espaços públicos requalificados para o lazer – parques	84
4.1.3	Parque Ambiental Banhado da Vergueiro	86
4.1.3.1	Localização e identificação.....	86

4.1.3.2	Perfil histórico.....	87
4.1.3.3	Características físicas.....	89
4.1.3.4	Registro fotográfico anterior à requalificação	90
4.1.3.5	Registro fotográfico posterior à requalificação.....	91
4.1.4	Parque Linear do Sétimo Céu.....	92
4.1.4.1	Localização e identificação.....	92
4.1.4.2	Perfil histórico.....	93
4.1.4.3	Características físicas.....	94
4.1.4.4	Registro fotográfico anterior à requalificação	95
4.1.4.5	Registro fotográfico posterior à requalificação.....	96
4.1.5	Parque da Gare.....	97
4.1.5.1	Localização e identificação.....	97
4.1.5.2	Perfil histórico.....	98
4.1.5.3	Características físicas.....	99
4.1.5.4	Registro fotográfico anterior à requalificação	101
4.1.5.5	Registro fotográfico posterior à requalificação.....	102
4.2	Análise da qualidade dos elementos que afetam a atratividade dos espaços públicos, em relação aos aspectos físicos, formais e funcionais	103
4.2.1	Levantamento e análise dos elementos físicos construídos e naturais	103
4.2.1.1	Parque Ambiental Banhado da Vergueiro	105
4.2.1.2	Considerações para o Parque Banhado da Vergueiro	119
4.2.1.3	Parque Linear do Sétimo Céu	120
4.2.1.4	Considerações para o Parque do Sétimo Céu	134
4.2.1.5	Parque da Gare.....	135
4.2.1.6	Considerações para o Parque da Gare.....	156
4.2.1.7	Comparativo do grau de atratividade entre os parques – elementos construídos e naturais.....	157
4.2.2	Levantamento e análise das características morfológicas e do entorno imediato 160	
4.2.2.1	Parque Ambiental Banhado da Vergueiro	161
4.2.2.2	Considerações para o Parque Banhado da Vergueiro	165
4.2.2.3	Parque Linear do Sétimo Céu	167
4.2.2.4	Considerações para o Parque do Sétimo Céu	171
4.2.2.5	Parque da Gare.....	172
4.2.2.6	Considerações para o Parque da Gare.....	176

4.2.2.7	Comparativo do grau de atratividade entre os parques – características morfológicas e do entorno	178
4.2.3	Levantamento e análise das características funcionais e de uso.....	180
4.2.3.1	Parque Ambiental Banhado da Vergueiro	180
4.2.3.2	Considerações para o Parque Banhado da Vergueiro	183
4.2.3.3	Parque Linear do Sétimo Céu	184
4.2.3.4	Considerações para o Parque do Sétimo Céu	186
4.2.3.5	Parque da Gare.....	187
4.2.3.6	Considerações para o Parque da Gare.....	189
4.2.3.7	Comparativo do grau de atratividade entre os parques – características funcionais e de uso	190
4.3	Avaliação do desempenho dos espaços públicos quanto a sua influência na percepção e comportamento dos usuários.....	192
4.3.1	Levantamento e avaliação da percepção e comportamento.....	192
4.3.1.1	Parque Ambiental Banhado da Vergueiro	195
4.3.1.2	Considerações para o Parque Banhado da Vergueiro	203
4.3.1.3	Parque Linear do Sétimo Céu	205
4.3.1.4	Considerações para o Parque do Sétimo Céu	213
4.3.1.5	Parque da Gare.....	216
4.3.1.6	Considerações para o Parque da Gare.....	224
4.3.1.7	Comparativo do grau de atratividade entre os parques – percepção e comportamento	227
4.4	Aferição da adequabilidade dos elementos propostos quanto ao potencial atrativo e apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de atratores para espaços públicos de lazer em municípios de médio porte.....	229
4.4.1	Correlação dos elementos físicos, formais, funcionais e perceptivos/comportamentais considerados influentes na atratividade dos espaços públicos frente às análises realizadas	229
4.4.1.1	Influência dos elementos relacionados ao deslocamento na percepção da atratividade e intensidade de uso	231
4.4.1.2	Influência das características do entorno e das atividades ofertadas na percepção da atratividade e intensidade de uso	232
4.4.1.3	Influência da qualidade e conforto (aparência, manutenção, vegetação e segurança) na percepção da atratividade e intensidade de uso	235
4.4.1.4	Influência da natureza social na percepção da atratividade e intensidade de uso	238
4.4.2	Apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de elementos atratores para futuras intervenções em espaços públicos	244
5	CONCLUSÕES	246

5.1	Conclusões da pesquisa	246
5.2	Recomendações para trabalhos futuros.....	251
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		254
APÊNDICE A		263
APÊNDICE B.....		266
APÊNDICE C		269

1 INTRODUÇÃO

O processo de urbanização no Brasil foi marcado pela falta de planejamento, levando a uma ocupação desenfreada de seu território. Isto se deve, principalmente, ao regime de formação e desenvolvimento de suas cidades, condizente com a expressiva quantidade de pessoas que, nos últimos sessenta anos, migraram das áreas rurais para as urbanas, colapsando as redes de infraestruturas existentes e demandando novos sistemas que o poder público não pôde atender tão prontamente. Esse processo descontrolado causou impactos negativos e, conseqüentemente, desequilíbrio social, econômico e ambiental, estando relacionado, principalmente, ao constante aumento de áreas impermeabilizadas e densamente construídas, e ao crescimento horizontal das zonas periféricas, caracterizando a maioria das cidades brasileiras.

Pode-se compreender a cidade como um sistema complexo de espaços diversos que possibilitam usos, fluxos e apropriações, além de oportunizar encontros e trocas entre as pessoas e os próprios espaços da cidade, fazendo cumprir, desta forma, sua função social, e efetivando o exercício da cidadania por parte de seus cidadãos (FIGUEIREDO; LEONELLI, 2015). No entanto, esse ideal encontra-se distante da realidade atual da maioria das cidades, percebendo-se um aumento do espaço privado e uma diminuição do espaço público, fazendo com que os espaços individuais se sobressaiam aos espaços de encontro.

O espaço público é basicamente o local onde se desenvolve a vivência pública da maioria das pessoas, englobando toda a área para além das habitações, como ruas, largos, pátios, jardins, canteiros, praças e parques. É onde os cidadãos se deslocam, convivem e praticam cotidianamente suas atividades ao ar livre.

Nesse contexto, a qualidade dos espaços públicos depende de aspectos físicos, ambientais, culturais, históricos e estéticos, estando conjuntamente ligados à qualidade de vida da população, pois grande parte de suas vidas acontece nestes locais. Desta forma, considera-se necessário que o espaço público satisfaça as necessidades de seus usuários, bem como, possua características que despertem a sua utilização e proporcione prazerosos momentos, seja em relação a trabalho, lazer ou qualquer outro tipo de atividade (ARAÚJO, 2007).

A qualidade do espaço público está intimamente relacionada com o planejamento do território, e de forma estreita, com as políticas municipais, que contribuem definitivamente para definição, aquisição e melhorias destes locais. A escolha e a apropriação de espaços públicos com o intuito de suprir as demandas por lazer, recreação, práticas esportivas, contato com o meio ambiente e demais atividades que contemplam o bem-estar coletivo, além de reduzir os problemas ambientais e sociais, torna-se uma ação de extrema importância para reverter o quadro crítico da urbanização das cidades.

Porém, a quantidade de espaços livres na malha urbana é cada vez mais limitada, e o solo livre, por sua vez, torna-se um recurso escasso e oneroso. Por essa razão, observa-se a necessidade de intervenção e requalificação de áreas existentes, que por diversos motivos, tornaram-se, no decorrer do processo urbano, vazias, abandonadas e subutilizadas, e, no entanto, possuidoras de grande potencial de reutilização e reintegração à cidade.

Portanto, o papel social dos espaços públicos para o lazer é indubitavelmente de grande valia na promoção da qualidade de vida urbana, incentivando e beneficiando a inclusão e a coesão social, tanto nas áreas centrais adensadas, dispostas de infraestrutura, quanto em áreas periféricas e menos favorecidas.

O papel ambiental dos espaços públicos para o lazer remete ao fato de a população urbana demandar um maior contato com áreas naturais, e conseqüentemente, a cidade, de abrigar maior biodiversidade, áreas de conservação, corredores ecológicos e parques vegetados. Os serviços ambientais que esses espaços promovem, correspondem, desde a minimização de enchentes e erosões do solo, ao controle da temperatura e melhoria da qualidade do ar (SANCHES, 2011).

A requalificação dos espaços públicos destinados ao lazer enuncia e reafirma o papel de que eles cumprem funções infraestruturais no ambiente urbano, compondo a paisagem, adequando questões ambientais, de drenagem, de mobilidade e questões sociais relacionadas à qualidade de vida urbana e bem-estar da população.

Esta contextualização intenta conectar os temas que envolvem os espaços públicos para o lazer e a requalificação urbana, na promoção do desenvolvimento urbano sustentável e da qualidade de vida. Para tanto, irá se ponderar sobre os potenciais de atratividade para a apropriação de espaços públicos requalificados e destinados ao lazer e aferir a adequabilidade dos elementos propostos nas diferentes dimensões envolvidas.

1.1 Apresentação do problema

A problemática que norteará a presente pesquisa está relacionada à esfera urbana e às particularidades de seus espaços públicos para o lazer que, quando bem planejados e geridos, influenciam drasticamente na qualidade de vida dos atores citadinos através do seu uso e apropriação.

Ao longo da história, ocorreram frequentes modificações no contexto urbano que transformaram os hábitos dos cidadãos, e, conseqüentemente, reverberaram nos espaços livres de edificações. Também, as mudanças no comportamento urbano a partir dos processos de individualização, característicos da vida contemporânea, têm se refletido no ambiente físico das cidades, principalmente em relação ao uso dos espaços públicos (MATOS, 2010).

O processo de globalização e a facilidade dos meios de comunicação produziram novas relações com o meio urbano. Dessa forma, as cidades tornaram-se estruturas que aglomeram pessoas, economias e informações, refletindo assim, mudanças marcantes no sistema econômico, social e cultural. Paradoxalmente, quanto mais o mundo se urbaniza e possibilita velocidade de comunicação, menos apropriações e interações acontecem em seus espaços públicos (BARATA, 2015).

A problemática que envolve os espaços públicos de lazer é produto de uma série de mudanças das práticas urbanas e dos usos dos diversos espaços. A distinção entre público/privado, exterior/interior, coletivo/individual, é reafirmada pela fragmentação social e funcional dos bairros, pelo aparecimento de novas centralidades, pelas novas sociabilidades, pelo desenvolvimento dos meios de transportes, de novas formas de comunicação e pela utilização universal do automóvel (MATOS, 2010).

Entretanto, um dos maiores problemas relacionados diretamente aos espaços públicos destinados ao lazer é a deterioração destes locais por parte da população da cidade. Diversos são os fatores que favorecem este comportamento, como acessos com pouca visibilidade; a falta de manutenção e investimento que acaba gerando o abandono destes locais, além de estimular condutas antissociais; estruturas sem funcionalidade; a falta de mobiliário e instalações inadequadas; a falta de espaços adequados para encontros sociais; a apropriação do espaço por um setor da comunidade, excluindo o restante da população; e ainda, os espaços acabam tornando-se vazios quando a população os percebe inseguros (ONU-HABITAT, 2016).

Além disso, outro problema que os espaços públicos de lazer enfrentam frequentemente é a insegurança. Espaços públicos inseguros estão diretamente ligados à violência e à delinquência, sendo estes os principais motivos que impedem o cidadão de alcançar seu bem-estar resultante da convivência com outros indivíduos nestes espaços (ONU-HABITAT, 2016).

As novas e crescentes necessidades da população urbana, associadas às mudanças demográficas e às exigências das novas gerações, refletem na utilização e procura de espaços públicos qualificados para lazer e recreação. Entretanto, numa época em que se verifica uma considerável falta de recursos econômicos e também sociais, a ideia de requalificar o espaço público existente adquire grande relevância (FERNANDES, 2012).

A requalificação urbana “é, sobretudo, um instrumento para a melhoria das condições de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamentos e infraestruturas e a valorização do espaço público com medidas de dinamização social e econômica” (MOURA *et al.*, 2006).

Diante do exposto, levanta-se a questão da pesquisa: Quais os potenciais atrativos para apropriação dos espaços públicos requalificados para o lazer na cidade de Passo Fundo/RS e como influenciam na percepção e comportamento do usuário?

1.2 Justificativa

Na maioria das cidades do Brasil e do mundo, os espaços privados ocupam uma parte significativa do seu território, porém, são seus espaços públicos que melhor as caracterizam, pois são essenciais à socialização e ao desenvolvimento humano. Desta forma, o planejamento e a requalificação dos espaços públicos, sobretudo os de lazer, são atualmente, um dos aspectos fundamentais para a qualidade de vida no meio urbano (MATOS, 2010).

A reflexão acerca de uma cidade integrada, acolhedora, e que priorize as pessoas e seu bem-estar é muito importante. Nessa perspectiva, a qualidade urbana deve estar associada aos espaços públicos de lazer, que cada vez mais, são considerados a espinha dorsal das cidades, e no qual, seus usuários, devem usufruir deste contexto espacial agradável, acessível e sem fins lucrativos, onde a natureza, os equipamentos, a liberdade e a cidadania sejam os valores urbanos fundamentais (BENEDET *et al.*, 2015).

É através do planejamento que se torna praticável repensar os espaços públicos em função das características físicas e de uma série de elementos que estabelecem uma ligação, tanto objetiva quanto subjetiva, com o contexto urbano, e que, de certa forma, despertam sentimentos de apropriação e pertencimento (SILVA, 2011). Destaca-se aqui a requalificação urbana para espaços de lazer como processo que pretende transformar a cidade e valorizar aspectos humanos e naturais, considerados cruciais para a construção e a percepção do lugar, bem como, para a consolidação da identidade individual ou coletiva.

A importância do estudo da requalificação e, por conseguinte, da resignificação do espaço público enquanto local de lazer e sociabilidade, deve estar pautado no desenvolvimento urbano sustentável, sendo este, palco da promoção da saúde urbana, onde se protagoniza o enriquecimento dos valores sociais, culturais e ambientais (FERNANDES, 2012).

Em 2011, as Nações Unidas – Habitat aprovou a resolução para o desenvolvimento urbano sustentável através do acesso a espaços públicos urbanos de qualidade. Em 2015, o Espaço Público para Todos foi tema do Dia Mundial do Habitat. A principal contribuição está associada ao fato de que, quando bem concebidos e geridos, os espaços públicos se constituem um elemento essencial para a habitabilidade e a economia de uma cidade, pois aumentam os valores de propriedade, multiplicam a segurança, promovem a coesão social e de igualdade, melhoram a saúde e o bem-estar, além de tornarem a cidade mais atraente (UN-HABITAT, 2015).

Concomitante à importância social dispensada aos espaços públicos de lazer, nota-se a necessidade de refletir sobre o crescimento urbano pautado no desenvolvimento sustentável dos municípios de médio porte. Passo Fundo/RS, enquanto cidade escolhida para o presente estudo enquadra-se nesta categoria, destacando-se no contexto populacional e econômico do estado do Rio Grande do Sul.

O município possui uma população estimada em 197.798 habitantes, área de 783,421 km² e taxa de urbanização de 97,45%, sendo a maior cidade do norte do estado, além de contar com um fluxo constante de pessoas atraídas pelo comércio, educação e saúde, tornando-se referência para a região (IBGE, 2010).

Assim, pode-se dizer que a cidade de Passo Fundo/RS possui a mesma natureza das demais cidades brasileiras de médio porte em relação aos processos de desenvolvimento

urbano. As principais características destes processos correspondem ao espraiamento da mancha urbana e à formação de uma periferia de baixa renda; à verticalização da área central e ao desprezo pelo patrimônio histórico edificado; à priorização do transporte individual; à avalanche dos shoppings centers e ao abandono do espaço público; ao agravamento das questões ambientais frente à ocupação irregular; à segregação socioespacial das elites em setores da cidade e em condomínios fechados na periferia (FERRETTO, 2012).

Com relação aos espaços públicos de lazer, Passo Fundo/RS possui tipologias que contemplam praças, canteiros, terreiros, largos e um parque urbano (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007). As áreas verdes utilizadas para uso comum da população, lazer e esportes contabilizam um total de 175.530 m², e o Índice de Áreas Verdes para o perímetro urbano de Passo Fundo/RS é calculado em 0,97 m² de área verde por habitante (BENETTI, 2013). Esse índice reflete a falta de áreas verdes públicas, sendo que, as existentes concentram-se em áreas centrais, não oferecendo seus benefícios a toda população residente do local.

Diante desse cenário, a cidade em estudo, através do Programa de Desenvolvimento Integrado do Município de Passo Fundo/RS (PRODIN), financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), tem como objetivo, desde 2010, melhorar a qualidade de vida dos habitantes da cidade de Passo Fundo/RS, por meio da implementação de projetos de desenvolvimento urbano integrado, da melhoria do transporte e da mobilidade urbana, do fomento ao desenvolvimento econômico local e do fortalecimento da gestão municipal (PMPF, 2016).

Dentre os componentes que estruturam o programa, destaca-se o Desenvolvimento Urbano e de Estruturação de Áreas Verdes. Esse componente financia as ações de desenvolvimento de um Plano Urbanístico, que define as diretrizes de ordenamento espacial da principal zona de expansão da cidade, e financiamento dos projetos identificados como prioritários e de algumas obras selecionadas no referido plano, tais como a construção de praças, equipamentos comunitários e sociais. Também, contempla a elaboração de um Plano de Estruturação de Equipamentos Urbanos e Espaços Livres de Uso Público do Município, com o objetivo de identificar as principais áreas para melhorar o entorno urbano e ambiental da cidade, bem como, projetos que priorizem a construção e/ou melhoria de praças, parques e equipamentos urbanos, como também, áreas de esportes e recreação (PMPF, 2016).

Recentemente, diversos espaços públicos de lazer foram melhorados e requalificados, destacando-se o único parque urbano da cidade (Parque da Gare), na região central, e os outros dois novos espaços denominados pela municipalidade de parques, que até então se constituíam de uma área de preservação permanente desprezada na malha urbana (atual Parque Ambiental Banhado da Vergueiro), e de um conjunto de dez canteiros centrais de uma avenida presente em um bairro setorial (atual Parque Linear do Sétimo Céu).

No entanto, é importante lembrar que o desenvolvimento urbano sob a ótica dos espaços públicos de lazer não está relacionado apenas à oferta de praças ou parques. É necessário entender a dinâmica da cidade e da vida das pessoas no seu cotidiano, para que esses espaços realmente reflitam as necessidades e expectativas dos seus usuários, e principalmente, sejam atrativos e convidativos ao seu uso e apropriação.

É com este intuito que o presente trabalho busca avaliar os potenciais atrativos para apropriação dos espaços públicos requalificados para o lazer na cidade de Passo Fundo/RS e suas influências na percepção do usuário. As principais contribuições do estudo estão relacionadas à adequabilidade dos elementos propostos para os espaços estudados, bem como, para tomadas de decisão acerca do planejamento de novos espaços públicos destinados ao lazer no próprio contexto local ou em municípios semelhantes. Com isso, os maiores privilegiados serão a população urbana e os usuários diretos destes espaços, que gozarão de maior qualidade urbana, e conseqüentemente, terão melhor qualidade de vida, além da municipalidade, que se beneficiará pela valorização da paisagem e do espaço urbano, agregando valor ambiental, social e econômico.

Como já referido anteriormente, a cidade em estudo é a matriz geográfica para aprofundar essa temática, no tocante a espaços públicos nomeados parques, que até pouco tempo, eram considerados inexistentes qualitativamente enquanto tal, no contexto social do município.

Este trabalho foi desenvolvido na linha de pesquisa de Planejamento Territorial e Gestão da Infraestrutura, na qual está inserido o Projeto de Pesquisa Gestão de Projetos de Infraestrutura, com ênfase em planejamento urbano.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral consiste em investigar e avaliar os potenciais atrativos para apropriação dos espaços públicos requalificados para o lazer na cidade de Passo Fundo/RS e suas influências na percepção e comportamento dos usuários.

1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

- a) Caracterizar os espaços públicos requalificados para o lazer na cidade em estudo;
- b) Analisar a qualidade dos elementos que afetam a atratividade dos espaços públicos requalificados, em relação aos aspectos físicos, formais e funcionais;
- c) Avaliar o desempenho dos espaços públicos requalificados com base na percepção e no comportamento dos usuários;
- d) Aferir a adequabilidade dos elementos propostos quanto ao potencial atrativo e apresentar diretrizes para o planejamento e implementação de atratores para espaços públicos de lazer em municípios de médio porte.

1.4 Estrutura da dissertação

O Capítulo 1 introduz o tema da pesquisa, os espaços públicos para o lazer e a requalificação urbana com o propósito de discutir o desenvolvimento das cidades e a promoção da qualidade de vida, através da apropriação e necessidade de atratividade destes espaços qualificados por parte da população. A questão da pesquisa segue apresentada, assim como seus objetivos geral e específicos.

O Capítulo 2 apresenta o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento da pesquisa. Os temas abordados são: Espaços Públicos – tipologias e evolução histórica, Parque Urbano Contemporâneo – evolução e conceitos, Paisagem e Requalificação do Espaço Urbano, Ambiente e Ambiência Urbana, Percepção Ambiental e Avaliação Pós-Ocupação.

O Capítulo 3 descreve a caracterização da cidade em estudo, a classificação da pesquisa e o procedimento metodológico que foi utilizado para a realização dos objetivos apresentados pela pesquisa.

O Capítulo 4 apresenta os resultados e discussões da pesquisa, suas considerações e análises comparativas entre os objetos de estudo, de acordo com os objetivos específicos da mesma.

O Capítulo 5 apresenta as conclusões resultantes da pesquisa e as recomendações para trabalhos futuros.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo estão contidos alguns temas principais que englobam o assunto da presente pesquisa. Inicialmente foi realizada uma abordagem conceitual sobre os espaços livres urbanos, dando ênfase aos espaços públicos urbanos, suas tipologias, evolução histórica e a importância no planejamento urbano sustentável. Posteriormente, foram abordados a evolução e os conceitos de parque urbano contemporâneo enquanto espaço público. Também foram revisados os conceitos de paisagem e de requalificação urbana. E por fim, foram referenciados os conceitos de ambiente urbano, ambiência urbana, percepção ambiental e avaliação pós-ocupação.

2.1 Espaços livres urbanos

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a área dos municípios é dividida em áreas urbanas, áreas de expansão urbana e áreas rurais. Nas áreas urbanas, os espaços são divididos em espaços construídos, espaços livres e espaços de integração urbana.

Os espaços construídos podem ser definidos como os espaços edificados com funções residenciais, comerciais, serviços públicos, entre outros. Já os espaços livres correspondem às praças, canteiros ou jardins urbanos, parques, quintais, entre outros. Os espaços de integração urbana são entendidos como as áreas de canteiros ou jardins remanescentes do traçado do sistema viário, os canteiros centrais de avenidas, jardins de acesso a pontes e viadutos, rotatórias, taludes e encostas ajardinadas (MACEDO; ROBBIA, 2002).

O tema relativo a espaços livres urbanos é desenvolvido por diversos autores que abordam a questão sob enfoques específicos de determinadas áreas de estudo. Dessa forma, foram revisados e compreendidos conceitos e definições dos termos que envolvem a temática de espaços livres para atualizar e fundamentar o conhecimento sobre o assunto.

Dentro do território urbano encontra-se a cidade enquanto um dos sistemas mais complexos, dentre os quais, identifica-se o sistema de espaços livres. Sua importância se justifica em função do desempenho da vida cotidiana, pela constituição da paisagem urbana e pela participação e constituição da esfera da vida pública e privada. A partir dessas três abordagens, o sistema de espaços livres torna-se básico e fundamental na existência de uma cidade (CAMPOS *et al.*, 2011).

O sistema de espaços livres está em constante processo de transformação e adequação às novas exigências urbanas e sociais. Os espaços livres enquanto elementos da forma urbana exercem, em função de sua forma, volume, distribuição e tamanho, inúmeras influências no seu entorno, sobretudo sobre o funcionamento das cidades e o comportamento humano (MATTOS; CONSTANTINO, 2015). Dessa forma, esses espaços estão inter-relacionados com outros sistemas urbanos, podendo atuar como circulação, drenagem urbana, atividades de lazer, conforto, preservação, conservação, requalificação ambiental e convívio social (SCHLEE *et al.*, 2009).

Os espaços livres urbanos são definidos como espaços livres de edificação, sendo eles, quintais, jardins públicos ou privados, ruas, parques, rios, mangues e praias urbanas, ou simples vazios urbanos. O espaço livre é considerado um elemento primordial da estrutura e da paisagem urbana, constituído para integrar e relacionar os espaços edificados, proporcionar luz, ar, perspectivas e vista (MAGNOLI, 2006).

Porém, quando se trata de espaços livres, há muita contradição em relação à sua definição conceitual. Muito se confunde ao se tratar espaços livres como áreas verdes, e não obstante, há uma série de similaridades e diferenciações entre termos que geram conflitos teóricos, como espaços livres urbanos, áreas verdes, espaços verdes, espaços públicos de lazer, jardim, praças, parques, unidades de conservação em área urbana, corredores verdes e tantos outros.

Uma conceituação abrangente quanto a espaço livre urbano é definida como o espaço que integra os demais, contrapondo-se ao espaço construído em áreas urbanas. Nas áreas verdes há o predomínio de vegetação arbórea, englobando as praças, a arborização urbana e os parques urbanos (LIMA *et al.*, 1994).

De acordo com este entendimento e considerando as áreas verdes como uma categoria dos espaços livres pode-se dizer que esses termos não são sinônimos, e ainda, que o planejamento das áreas verdes busca atender à demanda da comunidade urbana por espaços abertos que possibilitem recreação, lazer e conservação da natureza (MAZZEI *et al.*, 2007).

Os espaços livres e as áreas verdes desempenham no ambiente urbano, funções paisagísticas (visuais), recreativas (sociais) e ambientais, sendo ideal que essas funções estejam interligadas (BARTALINI, 1986).

Nessa perspectiva, os espaços livres podem ser categorizados quanto aos atributos funcionais, ambientais e estéticos. Podem-se definir os atributos funcionais como aqueles determinados pelas práticas sociais, os atributos ambientais como aqueles voltados à manutenção de dinâmicas ecológicas e os atributos estéticos como aqueles caracterizados por sua expressão cultural (MIRANDA, 2014).

Os espaços livres abrangem e contemplam os espaços verdes, as áreas verdes, as áreas de lazer e as áreas de circulação. Os espaços verdes correspondem a toda área urbana ocupada por qualquer tipo de cobertura vegetal, com valor social (bosques, campos, matas, jardins e alguns tipos de parques e praças). As áreas de lazer correspondem a qualquer espaço livre de edificação destinado ao lazer ativo ou paisagístico (parques e praças urbanas). As áreas verdes correspondem aos mesmos elementos dos espaços verdes, e ainda, designa toda e qualquer área que exista vegetação. As áreas de circulação correspondem à maioria dos espaços livres de edificação de propriedade pública e parte do sistema viário (MACEDO, 1995).

Portanto, são os espaços livres da cidade que permitem a interação entre as pessoas, o ambiente natural e o ambiente construído, atuando como lugares de encontro e um meio de comunicação social que reflete a diversidade socioespacial da cidade (DARODA, 2012).

2.2 Espaços públicos urbanos

Os espaços livres de edificação podem ter caráter público ou privado. Os espaços públicos são aqueles de uso e propriedade pública, fazendo parte do cotidiano das cidades como ruas, largos, praças, parques e demais espaços livres pertencentes ao poder público. Os espaços livres privados podem-se limitar tanto ao uso familiar, quanto ao de uma coletividade específica, como quintais das casas, de condomínios residenciais, comerciais, clubes sociais, pátios de escolas e de hospitais (MIRANDA, 2014). Além desses, há espaços de domínio público e/ou privado, tais como as unidades de conservação, os campi universitários e os cemitérios (ALBUQUERQUE, 2006).

Os espaços livres públicos são os espaços não edificados destinados ao conjunto da sociedade, de livre acessibilidade, de livre manifestação e apropriação. Eles estão vinculados à formação e à transformação da imagem urbana, contribuindo para qualificar a paisagem (PRETO, 2009).

Concomitante a essa ideia, o espaço público pode ser definido como muito além do que o espaço vazio entre edifícios e ruas. Ele pode ser considerado como um espaço multifuncional que serve de palco à sociedade, sendo físico, simbólico e político, onde as relações sociais se estabelecem. Contar a história do espaço público é contar a história da própria cidade, e ainda, que a qualidade da cidade pode ser avaliada através do seu espaço público, indicando a qualidade de vida dos cidadãos e o seu grau de cidadania (BORJA, 2001).

A característica essencial dos espaços públicos é que configuram uma rede contínua que se estende em toda área urbana, estabelecendo relações espaciais de conectividade entre a área urbana e o entorno territorial, fornecendo suporte básico para a mobilidade urbana interna. Também, constituem a referência do parcelamento do solo para a edificação e os usos primários, tornando possível a expressão e a percepção interna da forma da cidade, provendo de espaços de representação e identificação social e facilitando a obtenção de redes de serviços urbanos (NOGUEIRA, 2003).

Dessa forma, os espaços públicos oferecem ao cidadão a possibilidade de usufruir de sua cidade através das práticas sociais, lazer, manifestações da vida urbana e, conseqüentemente, uma melhor habitabilidade do ambiente urbano (DARODA, 2012). O espaço público aparece como a estrutura fundamental sobre a qual se apoia a grande duração que assegura a permanência da cidade. Ele é caracterizado pela acessibilidade e por ser palco de materialização das relações sociais do cotidiano (ALBUQUERQUE, 2006).

O espaço público enquanto objeto da paisagem urbana, pode assumir um papel transformador na dinâmica das cidades, podendo ser compreendido como um espaço integrador além de ser condição fundamental de expressão e individualidade dentro de um universo plural (GOMES, 2002).

O Guia de Diseño del Espacio Público Seguro, Incluyente y Sustentable define o espaço público como um local de encontro, onde toda e qualquer pessoa tem o direito de entrar e permanecer sem ser excluído sob nenhuma condição. São os espaços públicos que possibilitam que os habitantes se encontrem como iguais em um local de uso comum, constituindo a expressão máxima da democracia urbana/humana (ONU-HABITAT, 2016).

De acordo com o Guia, os espaços públicos têm a função de proporcionar prazer, entretenimento e interesse visual, oportunizar expressão individual e coletiva, atividades

recreativas, culturais, comerciais e desportivas. Além disso, beneficiam a comunidade urbana por propiciar as relações sociais, fortalecer os laços comunitários e fomentar o trabalho voluntário em prol de seu próprio cuidado. Também, apoiam a economia e o desenvolvimento local, bem como, favorecem a saúde humana, conjuntamente a benefícios ecológicos (ONU-HABITAT, 2016).

2.2.1 Tipologias do espaço público urbano

Para melhor compreender os espaços públicos, faz-se necessário conhecer as diferentes tipologias desses espaços e suas características específicas.

Os espaços públicos podem ser categorizados em duas tipologias: os locais de permanência e os circuitos. Os espaços de permanência são definidos como cenários de atividade e comportamento, ou seja, como locais que estimulam ações e vivências. Estes espaços são concebidos de acordo com o seu tipo de uso ou com o que visam estimular. Os circuitos são definidos como percursos urbanos, por permitirem a mobilidade de pessoas e veículos. Podem ser exclusivamente para pedestres, para veículos ou para ambos (MATTOS, 2010).

Os locais de permanência podem ser definidos por jardins, largos, pátios, praças e parques. Já os circuitos correspondem ao traçado das ruas. Estas tipologias possuem caráter bastante diversificado, possuindo formas e conteúdo que se diferenciam de acordo com a estrutura em que se encontram e o processo por quais passam (MATTOS, 2010).

Os jardins são espaços livres públicos de contemplação que contém cobertura vegetal representativa, com a finalidade de melhoria climática, ambiental e valorização da paisagem. Já os largos, são espaços livres públicos definidos a partir de um equipamento geralmente comercial, com o propósito de valorizar ou complementar alguma edificação, podendo também ser destinados a atividades temporárias. Os pátios são classificados como espaços livres públicos definidos a partir de um elemento arquitetônico expressivo, exercendo a função de respiradouros, e de proporcionar encontros sociais, sendo eventualmente destinados a atividades lúdicas (CARNEIRO; MESQUITA, 2000).

A praça pode ser definida como espaços livres urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos (MACEDO; ROBBA, 2002).

As praças são espaços livres, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elemento organizador da circulação e de amenização pública, com área equivalente à da quadra, geralmente contendo expressiva cobertura vegetal, mobiliário lúdico, canteiros e bancos (CARNEIRO; MESQUITA, 2000).

Local de relevante valor histórico, cultural e de interação social, as praças são espaços fundamentais na configuração urbana e constituem um importante espaço público da história das cidades. Definida como lugar de encontro, passagem e de sociabilidade, historicamente a praça é também palco de manifestações políticas, cívicas, sociais, culturais, esportivas e religiosas. É também espaço simbólico e lugar de memória, sendo resultado da integração entre morfologia, estética e apropriação (DARODA, 2012).

A praça, delimitada pelas fachadas das edificações que a circundam, constitui um espaço com ambiência própria. Ela responde espacialmente ao conceito de volume oco entre edifícios que servem para defini-lo como um lugar particular, sendo que seus efeitos ambientais, geralmente amenizadores dos microclimas próximos, influenciam o consumo energético dos conjuntos arquitetônicos vizinhos (MASCARÓ, 1996).

Os parques urbanos são caracterizados como espaço de uso público destinado à recreação da população urbana, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente (MACEDO; SAKATA, 2003).

Os parques são definidos como sendo espaços livres públicos com função predominante de recreação, ocupando na malha urbana uma área em grau de equivalência superior à da quadra típica urbana, em geral apresentando componentes da paisagem natural, como também, edificações destinadas a atividades recreativas, culturais ou administrativas (CARNEIRO; MESQUITA, 2000).

O traçado das ruas também constitui o cenário dos espaços públicos urbanos. É considerado um elemento fundamental para identificação da forma da cidade, estando também relacionado com a sua formação e expansão (LAMAS, 2004).

São as ruas que oferecem ao usuário a possibilidade de deslocamento e mobilidade. Mas além de percurso funcional, a rua é também considerada um percurso visual, pois demonstra a diversidade social de uma cidade e proporciona a experimentação e a prática do espaço urbano, organizando efeitos cênicos e estéticos (LAMAS, 2004).

A rua é o espaço urbano de uso público que tem como função organizar e relacionar os fatos arquitetônicos na trama urbana. Proporciona ar e luz ao espaço urbano e aos edifícios, produzindo microclimas que influenciam sobre a insolação, os ventos, a temperatura, a umidade de clima local e no consumo de energia de seus edifícios (MASCARÓ, 1996).

São diversos os espaços urbanos que estruturam o ambiente público, sendo que há uma grande variação conceitual na sua classificação. Esses espaços são classificados hierarquicamente em ruas, ruas de comércio, praças menores, praças maiores, parques de vizinhança, parques centrais e margens (HALPRIN, 1972 apud DARODA, 2012), conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Espaços urbanos que estruturam o ambiente público.

Espaços urbanos que estruturam o ambiente público	Função
Ruas	Foco da atividade da vizinhança.
Ruas de comércio	Essencialmente locais para comércio.
Praças menores	Espaços que podem dar sentido de lugar ao espaço urbano, transformando-se em foco referencial e de uso para a vizinhança.
Praças maiores	Símbolos cívicos.
Parques de vizinhança	Locais com muita área verde e pouca pavimentação.
Parques centrais	Grandes parques verdes da cidade que podem ajudar a manter o balanço ecológico.
Margens	Espaços abertos acessíveis a todos e possíveis de serem explorados para o lazer.

Fonte: Halprin (1972), apud Daroda (2012).

Os espaços públicos são utilizados pelo homem, em maior ou menor intensidade, dependendo das condições dos espaços e das necessidades dos usuários. O tempo de utilização depende diretamente das funções que podem ser desenvolvidas nos espaços públicos (LEITÃO, 2002). Essas funções podem ser identificadas como:

- a) Esportiva – espaços destinados à prática de esportes ativos, coletivos ou individuais.
- b) Lazer – espaços reservados para proporcionar ao usuário diversão ou desfrutar de seu tempo livre.
- c) Contemplação – espaços onde o usuário pode observar a paisagem, sendo ela interna ou externa ao espaço público.
- d) Descanso – espaços que proporcionam ao usuário a possibilidade de descansar. O atrativo a esta funcionalidade do espaço corresponde, geralmente, a uma grande área gramada com vegetação arbórea.

e) Educativa – espaços públicos que contemplam ambientes destinados ao desenvolvimento de atividades ligadas a programas de educação.

f) Estética – espaços que em função das suas qualidades estéticas e formais, e da diversidade da paisagem, contribuem para a boa forma da cidade.

g) Estar – espaços que pelas suas formas, usos que oferecem e qualidade ambiental, contribuem para atrair o usuário. Nesses espaços o usuário realiza jogos passivos, conversa com amigos, leituras e refeições.

h) Festa – espaços reservados a eventos populares e celebrações de caráter religioso ou cívico.

Os espaços públicos são classificados integrando critérios de ordem estrutural/espacial e de utilização, os quais são determinantes no processo de projetar e desenhar esses espaços. São apresentadas quinze tipologias essenciais de acordo com seis referências estruturais (BRANDÃO, 2008), como demonstra o Quadro 2.

Quadro 2 – Tipologias de espaços públicos segundo ordem estrutural e de utilização.

Ordem estrutural	Utilização	Espaços
Espaço – Traçado	Encontro	Largos, praças
	Circulação	Ruas, avenidas
Espaço – Paisagem	Lazer/Natureza	Jardins, parques
	Contemplação	Miradouros, panoramas
Espaço – Deslocamento	Transporte	Estações, paragens, interfaces
	Canal	Vias férreas, autoestradas
	Estacionamento	Parking
Espaço – Memória	Saudade	Cemitérios
	Arqueologia	Industrial, agrícola, serviços
	Memoriais	Espaços monumentais
Espaço – Comerciais	Semi-interiores	Mercados, centros comerciais
	Semi-exteiores	Mercado aberto, quiosques, toldos
Espaços – Gerados	Por edifícios	Adro, passagens, galeria, pátios
	Por equipamentos	Culturais, desportivos, religiosos, infantis
	Por sistemas	Iluminação, mobiliário, comunicação, arte

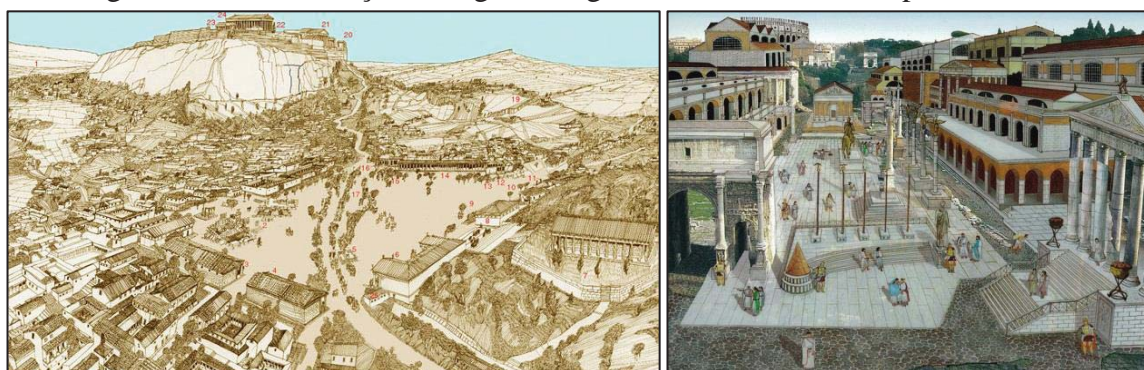
Fonte: Brandão (2008), adaptado pela autora (2016).

Os espaços públicos enquanto espaços da cidade e parte da sua paisagem possuem valor pela relevância que o seu uso e função exercem na sociedade e pela relação que estabelecem com a cidade. As praças, as ruas, os parques, entre outros espaços, são fundamentais para a prática do espaço urbano, para a experimentação da cidade e para a construção de significados coletivos (DADORA, 2012).

2.2.2 Evolução do espaço público urbano

A ideia de que a cidade possui um espaço destinado aos cidadãos e à convivência coletiva não pertence à atualidade. Provavelmente, a Ágora Grega (Figura 1) e o Fórum Romano (Figura 2) foram os primeiros espaços públicos organizados para que os cidadãos pudessem conviver enquanto sociedade. A Ágora enquanto espaço público localizava-se no centro da Polis, onde os cidadãos se reuniam para debater questões essenciais à sociedade, constituindo-se um espaço para atividades políticas, comerciais e religiosas. O Fórum encontrava-se no centro da cidade, cercado por edifícios públicos simbólicos e importantes. Assim como a Ágora, era o espaço da cidadania, da política, da religião e do comércio (ÁVILA, 2011 apud FERNANDES, 2012).

Figuras 1 e 2 – Ilustração da Ágora Grega e Fórum Romano, respectivamente.



Fonte: Google Imagens (2017).

Na Idade Média, a cidade é um lugar fechado, delimitado por muralhas, formada por ruas estreitas, estando a praça como o elemento constituinte do espaço público. A praça medieval, conforme mostra a Figura 3, era resultado de um vazio na estrutura urbana e funcionava como um largo onde se desenvolviam as atividades sociais e comerciais (MOHR, 2003).

Na cidade Renascentista, a rua constitui o elemento estruturante da organização da cidade, desaparecendo as estreitas e abafadas vielas e ruas, sendo substituídas por largas, luminosas e arejadas vias de comunicação. É nesse período que as árvores começam a ser inseridas no traçado urbano por razões funcionais, estéticas e climáticas. A partir do Renascimento, a praça, de acordo com a Figura 4, deixa de ser um vazio resultante da malha urbana e passa a ser um ponto central desenhado e projetado da cidade, continuando a ser um espaço de valor político, social, artístico e simbólico (MOHR, 2003).

Figura 3 e 4 – Exemplos de Praça Medieval (Praça do Campo, Siena) e Praça Renascentista (Praça de São Pedro, Roma), respectivamente.



Fonte: Google Imagens (2017).

No período Barroco, o quarteirão ganha um novo valor na forma, no desenho e na integração da malha urbana, passando a ser demarcado por vias que delimitam edifícios e lotes. As árvores alinhadas ao longo das ruas assumem importância na definição de eixos e monumentalidades (ALMEIDA, 2006 apud FERNANDES, 2012).

No século XIX, o desenvolvimento de novas tecnologias e o interesse pela ciência conduz à Revolução Industrial. Naturalmente, as cidades sofrem alterações, e, conseqüentemente, os espaços públicos, pois há um considerável aumento de pessoas nas cidades (Figuras 5 e 6). As funções do espaço público mudam, passando a ter princípios utilitários e específicos a determinadas classes, com preocupações higienistas e melhorias da qualidade de vida na cidade industrial. Nesse período os jardins se tornam um importante elemento urbano na Arquitetura Paisagística (FAVACCHIO, 2002).

Figuras 5 e 6 – Paisagens inglesas durante a Revolução Industrial.



Fonte: Google Imagens (2017).

A revolta contra a industrialização manifestou-se com exigências de qualidade urbana quanto à água, iluminação natural, jardins e espaços de recreação. Em contraposição à

tiraniam dos instrumentos de produção dos centros industriais, surgiram grandes avenidas de luz, praças ornamentadas, edifícios, palacetes e zonas residenciais (ALBUQUERQUE, 2006).

Na cidade moderna, as praças fazem parte de um conjunto de áreas verdes (as zonas verdes para o jogo e para o esporte perto das casas, os parques dos bairros, os parques da cidade, as grandes zonas verdes protegidas no território) que fluem e formam um espaço único, onde todos os outros elementos e edificações resultem livremente distribuídos (BENEVOLO, 1999), como mostra a Figura 7. De acordo com o autor, a cidade se torna um parque aparelhado para as várias funções da vida urbana.

Figura 7 – Áreas verdes distribuídas em Brasília.



Fonte: Google Imagens (2017).

Na década de 80, o questionamento sobre a construção dos espaços públicos retorna, voltando à necessidade de criar espaços onde seja possível a existênciam de uma maior qualidade de vida (FRANCISCO, 2005).

2.2.3 Espaços públicos e o planejamento urbano sustentável

Atualmente, a maioria da população mundial enfrenta a perspectiva de crescente caos urbano, decorrente do ultrapassado e contraditório modelo de ocupação urbana implementado desde a era industrial. No Brasil, a intensa urbanização pós-moderna das últimas cinco décadas firmou uma grande concentração de indústrias, serviços e trabalhadores, transformando, não só o adensamento populacional, como o déficit habitacional e a escassez de emprego, nos grandes problemas sociais da urbanidade (SILVA; ROMERO, 2010).

O território brasileiro apresentou alta taxa de crescimento populacional e sofreu processo de urbanização acelerada, principalmente a partir dos anos 60 do século XX. A quantidade de cidades criadas se multiplicou e já chegou ao contingente de mais de cinco mil e quinhentas prefeituras em todo o país, sendo a maior parte delas criadas nos últimos 30 anos, como mostra a evolução urbana brasileira no Quadro 3. Neste cenário, cada vez mais aumenta a preocupação de que não é possível a humanidade permanecer com o atual modelo de desenvolvimento, devendo-se criar uma transição para um desenvolvimento mais sustentável, que integre as dimensões social, ambiental e ética, baseado em uma economia que seja incluyente, verde e responsável (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2016).

Quadro 3 – Evolução urbana no Brasil – população e municípios.

Evolução urbana	1960	1970	1980	1990	2000	2010
População urbana	32.004.817	52.904.744	82.013.375	110.875.826	137.755.550	160.925.792
População rural	38.987.526	41.603.839	39.137.198	36.041.633	31.835.143	29.830.007
Municípios brasileiros	2.766	3.952	3.991	4.491	5.507	5.565

Fonte: IBGE (2010).

As questões socioambientais, que nas últimas décadas têm se caracterizado pela emergência de graves problemas em escala global, têm justificado a intensa mobilização dos diversos países, desenvolvidos e em desenvolvimento, no sentido de rever os caminhos e valores assumidos pela sociedade moderna industrial (FERREIRA, 2007).

Nesse sentido, a partir das discussões que visaram contribuir para a construção de um novo paradigma para o crescimento econômico, equidade social e sustentabilidade ambiental, imprimindo os três pilares para uma política integrada, inteligente e sustentável, foi cunhado o conceito de desenvolvimento sustentável no documento de 1987, também conhecido como Relatório de Brundtland (BRUNDTLAND, 1987).

O planejamento urbano e territorial pode contribuir com o desenvolvimento sustentável de diversas maneiras. Ele deve ser estreitamente associado com as três dimensões complementares do desenvolvimento sustentável: desenvolvimento social e inclusão, crescimento econômico sustentado e a proteção e gerenciamento ambiental (UN-HABITAT, 2015).

O Relatório de Brundtland forneceu parâmetros para o conceito de planejamento urbano sustentável das cidades. O planejamento urbano integra planos e programas de gestão pública, por meio de práticas que permitam harmonia entre a intervenção e o espaço urbano. O objetivo do planejamento urbano é qualificar e desenvolver as cidades de forma mais sustentável, devendo integrar as questões políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais, de modo a englobar todas as esferas, tanto em seus conteúdos, quanto em suas formas de implementação (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2012).

O planejamento urbano sustentável constitui um instrumento estratégico que tem por objetivo promover o equilíbrio espacial, social e ambiental, e ainda, melhorar a qualidade de vida nas cidades. Dessa forma, a gestão urbana deve priorizar os princípios da sustentabilidade buscando a redução dos impactos ambientais, dos custos econômicos para a produção e a reutilização de matérias-primas, e através disso, fortalecer sua estrutura física, econômica e ambiental (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2012).

Sabe-se que a qualidade de vida é o objetivo do desenvolvimento sustentável, sendo que, para isso é necessário que se minimizem os impactos no meio ambiente em escala global, regional e local. Para tanto, o planejamento urbano sustentável requer o desenvolvimento de práticas, sistemas e programas para que o benefício ocorra de forma a qualificar o bem-estar da população e o equilíbrio urbano ambiental das cidades (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2012).

São apontados dois princípios para o planejamento urbano e territorial e o crescimento econômico sustentável. O primeiro define o planejamento urbano e territorial como um catalisador para o crescimento econômico sustentado e inclusivo, que proporciona uma estrutura facilitadora para novas oportunidades econômicas, regulação dos mercados do solo e habitação e a provisão oportuna em infraestrutura adequada e serviços básicos. O segundo constitui o planejamento urbano e territorial como um poderoso mecanismo de tomada de decisões para garantir que o crescimento econômico sustentado, o desenvolvimento social e a sustentabilidade ambiental atuem juntos para promover uma melhor conectividade em todos os níveis territoriais (UN-HABITAT, 2015).

Nessa perspectiva, os espaços públicos compreendem um importante aporte para o dimensionamento do desenvolvimento sustentável através do planejamento urbano. Dessa forma, a Agenda 2030 da ONU, definida como um plano de ação para as pessoas, para o

planeta e para a prosperidade, estabelece dezessete objetivos para o desenvolvimento sustentável (ODS), estando os espaços públicos presentes no objetivo que engloba Cidades e Comunidades Sustentáveis (ODS 11). Este objetivo propõe tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Para tanto, até 2030, a intenção é proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência (ONU, 2015).

O estímulo para o planejamento urbano sustentável e os projetos de intervenção é materializar as necessidades físicas desejadas pelos usuários a fim de promover a melhoria da qualidade de vida. Nessa ótica, identificar ambientes que são de uso público e coletivo, especificamente os espaços públicos de lazer, é muito importante, pois possibilita a implementação de medidas contra a estratificação social, repercutindo na luta contra a desigualdade socioeconômica, como também, para salientar a necessidade de políticas conservacionistas (FERREIRA, 2007).

Portanto, os espaços públicos possuem uma importância ímpar na construção e desenvolvimento sustentável das cidades, pois configuram todo local de circulação, de interação e de conexão entre os indivíduos, possuindo livre acesso e sendo livres de barreiras e preconceitos.

Um dos papéis fundamentais da sustentabilidade nos espaços públicos está relacionado à esfera social e à produção de uma nova vitalidade urbana. Para tanto, é fundamental que os espaços públicos fomentem a ocupação e a utilização das áreas comuns da cidade, promovendo o encontro, trocas e circulação de pessoas. Um exemplo encontra-se na cidade de Montreal, Canadá, que implantou criativamente uma série de 21 balanços que reproduzem notas musicais, fazendo música à medida que as pessoas interagem, conforme a Figura 8.

Figura 8 – Conjunto de balanços em espaço público no Canadá.



Fonte: Evers (2015).

Os espaços públicos são sumariamente importantes e necessários para uma nova atratividade de certos locais fazendo com que haja uma valorização econômica nas cidades. Esses espaços qualificados beneficiam não somente a população e a cidade com novas áreas de lazer e convivência, mas também fomentam a economia local e valorizam toda a comunidade em que estão inseridos. Um exemplo de como o espaço público impacta a economia encontra-se em Seul, Coreia do Sul, que implantou um parque onde antes havia uma rodovia urbana fazendo toda uma região renascer. O parque Cheonggyecheon foi construído em 2005 e, após sua implantação, o setor imobiliário aumentou significativamente suas transações, com um incremento de 25% no preço médio do metro quadrado, 15% a mais que nas outras regiões da cidade, sendo que os aluguéis subiram 13%. Também, este empreendimento devolveu este espaço à população, recuperando a fauna e a flora, melhorando a qualidade do ar e criando um ambiente saudável e atraente para os cidadãos (EVERS, 2015), como ilustra a Figura 9.

Figura 9 – Parque construído sobre antiga rodovia na Coreia do Sul.



Fonte: Evers (2015).

Quando os espaços englobam áreas verdes, tornam-se fontes de vida natural em meio à cidade. Praças, parques e áreas de preservação são estratégicos na minimização de riscos ambientais, e ainda, oferecem atividades para o lazer. Um exemplo encontra-se na cidade de São Paulo, que implantou o Parque Cantinho do Céu, de acordo com a figura 10, para preservação de mananciais dentro da área urbana. Esse projeto melhorou a infraestrutura (rede de água, esgoto), os serviços (coleta de lixo) e a qualidade de vida das comunidades, onde antes se encontravam moradias precárias, que despejavam o esgoto doméstico no reservatório que abastece parte da cidade.

Figura 10 – Parque em São Paulo para preservar mananciais.



Fonte: Evers (2015).

Quando os espaços públicos não têm a devida atenção pelo poder público, como através dos exemplos citados anteriormente, e até mesmo por parte da população, há uma desvalorização, que gera violência e insegurança, e este medo acaba levando ao esvaziamento, abandono e a sua deterioração. Dessa forma, o espaço público vai perdendo sua função de lugar da diversidade, da democracia, das interações sociais, do proveito da paisagem urbana, ou seja, a cidade passa a ser tratada como qualquer objeto de consumo, provisória, descartável, ou seja, insustentável.

2.3 Parque urbano como espaço público

Parques urbanos são espaços livres públicos que podem ser encontrados em diversas partes do mundo, entretanto, não apresentam os mesmos padrões de forma e conteúdo. O mesmo se percebe em relação aos conceitos e definições, havendo uma grande diversidade por parte de vários autores.

2.3.1 Evolução do parque urbano

Os jardins renascentistas foram a grande inspiração para a criação dos parques na Europa. O Renascimento, com início na segunda metade do século XV foi um período de transformações culturais e sociais, havendo uma renovação no pensamento em relação às artes, ciências, filosofia e literatura. Estas mudanças acarretaram uma transformação na configuração de novos espaços nas principais cidades da Europa. Os jardins e os parques públicos vão surgir destas mudanças que foram se concretizando enquanto espaços públicos urbanos (SEGAWA, 1996).

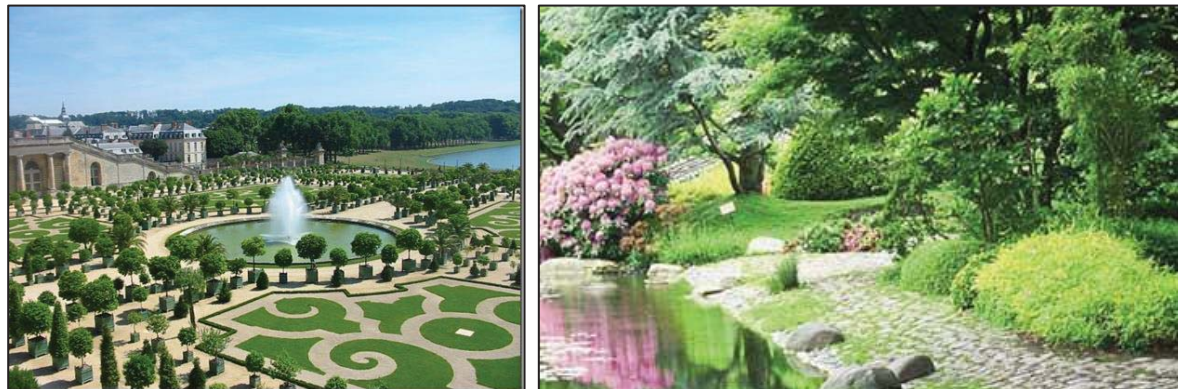
Nesse período, durante o século XVI, surge o primeiro modelo de jardim, o jardim italiano ou jardim renascentista, com árvores organizadas de forma simétrica, mantendo um arranjo alinhado que proporcionava ao espaço uma organização racional (FERREIRA, 2007).

No século XVII surge o modelo do jardim francês ou jardim clássico, como mostra a Figura 11, que se caracterizava por mostrar a natureza dominada pelo homem, prevalecendo a geometria, uniformidade simétrica, a rígida distribuição axial, a perspectiva e a grandiosidade.

No final do século XVII o modelo francês é substituído por um estilo mais livre, com traçado sinuoso, terreno acidentado moldado com colinas, rios e lagos, extensos gramados e grupos de árvores, passando a ter uma aproximação maior com a natureza. Aqui, o jardim

romântico inglês (Figura 12) começa a ser consolidado, modificando toda a linguagem geométrica do estilo anterior.

Figuras 11 e 12 – Exemplos de Jardim Francês (Versalhes) e Jardim Inglês, respectivamente.



Fonte: Google Imagens (2017).

O modelo dos jardins ingleses consistiu na principal fonte de influência para a implantação de projetos de parques destinados ao uso público, tanto na Europa quanto na América, até os dias atuais (LAURIE, 1983).

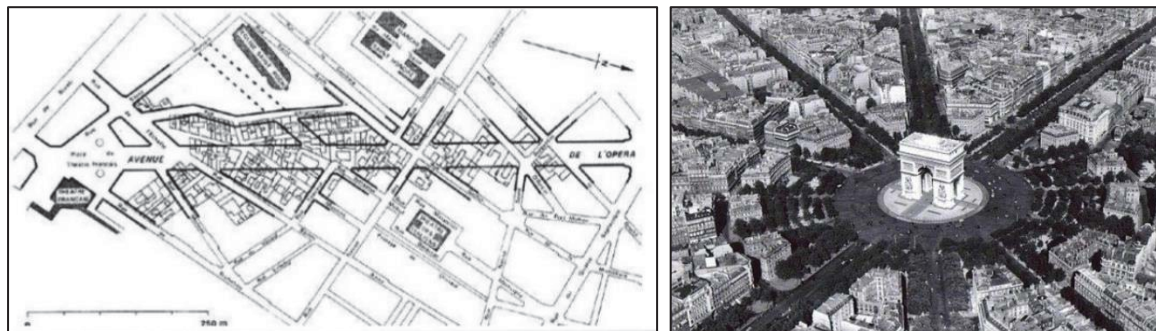
No final do século XVIII apareceram os primeiros espaços ajardinados projetados para o uso público, os jardins e também os primeiros parques urbanos. A insalubridade observada na maioria das cidades industriais europeias requeria ações corretivas de requalificação ambiental. Dessa forma, a implantação de parques passou a ser considerado como uma necessidade tanto pela qualificação estética quanto pela busca da higienização (SEGAWA, 1996). Neste período, na Inglaterra, o parque surge como fato urbano relevante e tem seu pleno desenvolvimento no século seguinte (KLIASS, 1993).

Dois processos marcaram a criação dos primeiros parques urbanos na Inglaterra. O primeiro foi a absorção dos grandes espaços livres representados pelos jardins dos palácios da nobreza, que foram abertos ao público e incorporados na estrutura urbana. O segundo corresponde à inserção dos parques nas cidades inglesas, em função dos empreendimentos imobiliários promovidos pela iniciativa privada (KLIASS, 1993).

Nos anos de 1850 e 1860 os parques ganham corpo na Europa, inicialmente nos planos urbanísticos de Paris, França, idealizado pelo Barão Georges-Eugène Haussmann, conforme as Figuras 13 e 14. Ele estabelece um sistema de parques urbanos constituídos por áreas verdes em diferentes escalas, integradas por grandes avenidas (KLIASS, 1993). Do ponto de vista conceitual da época, o parque tem como base um ideal paisagístico, entendido

como um espaço livre de grande dimensão, em que predominam elementos naturais e onde o ambiente construído é visto apenas como uma projeção de pano de fundo.

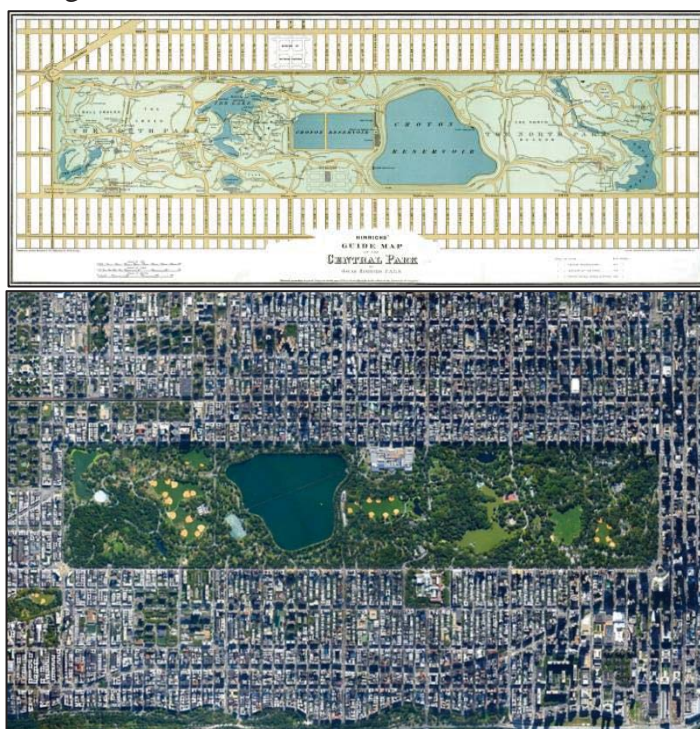
Figuras 13 e 14 – Exemplos dos planos urbanísticos de Paris: novo traçado e demolição dos quarteirões antigos (Avenue de l'Opera) e Place de L'Étoile (atual Charles de Gaulle), respectivamente.



Fonte: Google Imagens (2017).

Nesta mesma época, nos Estados Unidos, inicia-se o Movimento de Parques Americanos liderado por Frederick Law Olmsted e seus trabalhos em Nova Iorque, Chicago e Boston. Para Olmsted, o parque é o lugar de integração com os elementos naturais, onde se reafirmam valores de igualdade e justiça social. O Central Park (Figuras 15 e 16) é um dos mais inovadores parques do século XIX, construído fora do perímetro urbano e constituído por uma área verde pública em terreno adquirido (PANZINI, 2013).

Figuras 15 e 16 – Central Park, Nova York, USA.



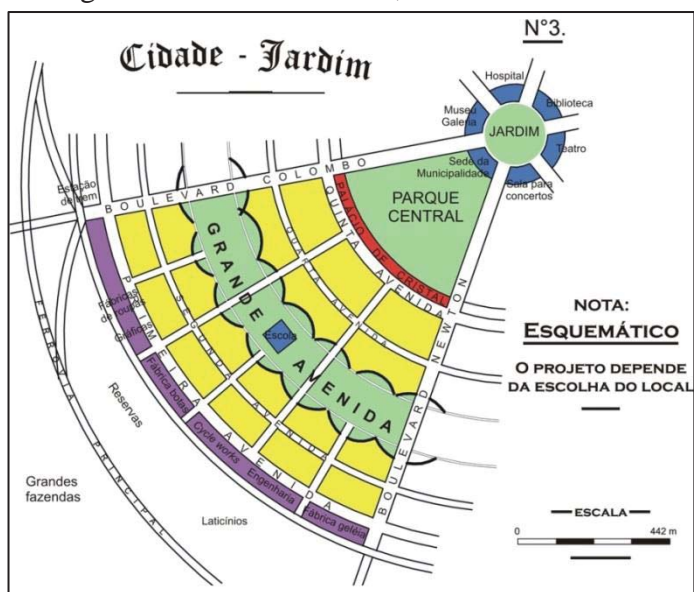
Fonte: Google Imagens (2017).

No século XIX também surgiram os grandes jardins contemplativos, os parques de paisagem, parkways, os parques de vizinhança americanos e os parques franceses formais e monumentais. O parque urbano no final do século XIX era a representação de certos ideais democráticos, também considerados uma fonte de benefícios para a saúde da população em função das condições de vida na crescente cidade industrial (SCALISE, 2002). Havia a preocupação de implantar parques com equipamentos de recreação e lazer, além da preservação dos recursos naturais, criando espaços agradáveis para transitar e morar (LAURIE, 1983).

No início do século XX, a consolidação do ideário da cidade jardim de Ebenezer Howard, ocorreu por meio de uma proposta mais radical de integração dos elementos vegetais com o tecido urbano edificado. As cidades jardins, como mostra a Figura 17, seguiram as premissas de conservação da cobertura vegetal no interior dos espaços urbanos (PANZINI, 2013).

Baseando-se em grande parte na observação das péssimas condições de vida da cidade, Ebenezer Howard propôs uma alternativa aos problemas urbanos e rurais que então se apresentavam. A proposta das cidades jardins caracterizava-se pelos conceitos relacionados à autonomia urbana, integração entre edificações e jardins, ruas arborizadas, jardins junto às residências contendo horta e grandes cinturões verdes (faixa agrícola) que limitam o crescimento das cidades (FARRET *et al.*, 1985).

Figura 17 – Cidade Jardim, Ebenezer Howard.



Fonte: Google Imagens (2017).

As transformações mais efetivas na concepção dos parques urbanos aconteceram após a Primeira Guerra Mundial e foram reforçadas após a segunda grande guerra, com uma nova concepção urbanística em relação às áreas verdes (KLIASS, 1993).

Também, no século XXI, com a crescente população urbana mundial e as preocupações ambientais e de sustentabilidade, houve uma contribuição por parte da população e do poder público para recuperar e valorizar áreas vegetadas nos centros urbanos e conservar os recursos naturais.

Um exemplo de parque urbano contemporâneo encontra-se em Madrid, Espanha. O projeto de valorização do rio e criação do parque (Figura 18) foi finalizado em 2011 permitindo a reconexão do Rio Manzares com a cidade, o que incluiu a construção de túneis para desviar o tráfego. O empreendimento trouxe maior contato da população com os elementos naturais e a conscientização da conservação ambiental dentro da malha urbana (GAETE, 2015).

Figura 18 – Rio Madrid, Espanha.



Fonte: Gaete (2015).

2.3.2 Parques urbanos no Brasil

No contexto nacional, o século XIX caracteriza-se pela estruturação do Brasil como nação, ou seja, as cidades começam a se estruturar e se modernizar para desempenhar novas funções administrativas em função da chegada da família real portuguesa a partir de 1808. No Brasil, a implantação de áreas verdes surge no final do século XVIII no Rio de Janeiro e,

durante o século XIX, em diversas cidades, em função da preocupação com a higiene, com a paisagem e a arborização urbanas (TERRA *et al.*,2004).

Nesse período, na cidade do Rio de Janeiro foram criados os três primeiros parques públicos com as características morfológicas e funcionais existentes ainda hoje, sendo eles o Passeio Público, o Campo do Santana e o Jardim Botânico (MACEDO; SAKATA, 2003), conforme Figuras 19, 20 e 21.

Figuras 19, 20 e 21 – Passeio Público, Campo do Santana e Jardim Botânico no Rio de Janeiro, respectivamente.



Fonte: Google Imagens (2017).

O Passeio Público do Rio de Janeiro é considerado o parque urbano mais antigo do Brasil. Segue um traçado neoclássico inspirado nas tradições do jardim clássico francês, porém passou por diversas reformas, modificando sua estrutura de composição paisagística (MACEDO, 2012).

A maioria das cidades brasileiras cresceu intensamente durante o século XX. Nesse processo de urbanização, com a formação de novos loteamentos, bairros e implantação de infraestruturas de porte urbano, foram criados e aprovados novos espaços públicos. Também, com a intensificação de hábitos e práticas sociais relacionados a atividades esportivas e lazer, aumentou, conseqüentemente, a demanda pela criação de espaços com equipamentos de lazer, como os parques (MIRANDA, 2014).

Entre as décadas de 1960 e 1980, a sociedade brasileira passou por profundas transformações, colocando os parques urbanos no foco do planejamento urbano. Houve uma aceleração nas transformações econômicas, sociais, culturais, e principalmente, ambientais, imprimindo novos significados aos parques, como a exigência por áreas verdes (BARCELLOS, 1999).

No século XX, são implantados os primeiros grandes parques projetados para o lazer público, como o Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro (MACEDO; SAKATA, 2003), como mostram as Figuras 22 e 23.

Figuras 22 e 23 – Parque do Ibirapuera, São Paulo e Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, respectivamente.



Fonte: Google Imagens (2017).

Nessa época, o trabalho de Burle Marx torna-se referência nas mudanças urbanas, tendo projetado inúmeros parques em várias cidades brasileiras. Este período foi de consolidação da figura do parque moderno, com programas mistos integrando usos contemplativos, recreativos e esportivos.

Também, pode-se observar um crescimento na produção de novos parques urbanos, não somente com a preocupação da massa vegetal, mas incluindo áreas para diversas práticas esportivas, caminhadas, estacionamentos, edificações de apoio, inseridas em setores pavimentados, com menor incidência de vegetação (MIRANDA, 2014).

As mudanças comportamentais transformaram os tipos de uso dos parques ao definirem novos significados ao lazer e à recreação ao ar livre. Os novos papéis desempenhados pelos parques apresentam duas vertentes de ações. A primeira utiliza o parque como estratégia de conservação dos recursos naturais, e a segunda, diz respeito ao uso dos parques como elemento de dinamização da economia urbana, especialmente das atividades ligadas ao lazer, esporte e turismo (BARCELLOS, 1999).

Com o crescimento da população urbana e o aumento da demanda por locais públicos de recreação, pela preocupação com a saúde e pela necessidade de práticas de esporte, levou o poder público a procurar suprir tais questões. Dessa forma, os parques, de certa forma, foram incorporados às agendas de investimentos públicos em algumas cidades brasileiras (MACEDO, 2012).

Porém, as políticas públicas nunca dispensam a merecida atenção à questão dos parques urbanos, na medida em que predomina a tendência de reduzi-lo a uma imagem, que, em muitos casos, encontra-se superada. Essa condição dificulta a gestão destes espaços, devido à falta de compreensão das novas funções que os parques têm assumido nas cidades (FERREIRA, 2007).

2.3.3 Conceito de parque urbano contemporâneo

O parque foi considerado como equipamento urbano no Brasil somente no final do século XIX, e desde então, existem controvérsias em relação a sua conceituação, tanto pela população, como pelos órgãos públicos (MIRANDA, 2014).

O parque urbano é conceituado como “jardim público arborizado” (DICIONÁRIO NOVO AURÉLIO, 2003), mas também pode ser definido como “grande jardim arborizado, particular ou público, que prima pela extensão” (DICIONÁRIO DA ARQUITETURA BRASILEIRA, 1998).

Parques urbanos podem ser definidos como espaços públicos com dimensões significativas e com predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação. Também, correspondem a uma área verde, com funções ecológicas, estéticas e de lazer, entretanto, com uma extensão maior que as praças e jardins públicos (KLIASS, 1993; LIMA, 1994).

Parques urbanos podem ser definidos como um grande espaço aberto público, que ocupa uma área de pelo menos um quarteirão urbano, localizado em torno de terrenos naturais e fazendo divisa com diversos bairros. Os limites principais de um parque urbano são ruas, e sua organização espacial apresenta um equilíbrio entre áreas pavimentadas e ambiências naturais (SCALISE, 2002).

Dentre as possíveis formas de encontrar o equilíbrio entre o processo de urbanização contemporâneo e a preservação do meio ambiente, o parque urbano surge com novos contornos culturais e estéticos, desenhando o perfil, entorno e identidades, devendo ser encarados nos seus diferentes tempos, usos e funções. (SCALISE, 2002).

Novas denominações surgem para os parques que antes tinham predominantemente funções contemplativas, com conceitos e usos característicos para atender a população. Essa nova denominação constitui uma forma de estruturação de áreas verdes urbanas, chamada de

parque linear. Também chamados de greenways, correspondem a áreas planejadas e contínuas destinadas a preservação e conservação de recursos naturais, interligando fragmentos de vegetação a outros elementos da paisagem e agregando uso sustentável (FRIEDRICH, 2007).

O principal objetivo de um parque linear é a garantia de permeabilidade do solo em margens de cursos d'água, permitindo assim infiltração e vazão mais lenta da água durante as inundações, entretanto, além das funções de proteção e manutenção do sistema natural, o autor acrescenta também atividades voltadas ao lazer, educação ambiental e social, estruturação da paisagem, desenvolvimento econômico e de corredor multifuncional para a comunidade (FRIEDRICH, 2007).

Dessa forma, a criação de parques lineares corresponde a uma intervenção urbanística eficiente para a recuperação de áreas verdes, que pode ou não estar associadas à rede hídrica. De qualquer forma, o parque aumenta a permeabilidade do solo e gera ganhos para o ambiente urbano, conciliando diversos interesses, como o fato de aumentar a disponibilidade de espaços públicos (MARTINS, 2015).

Para garantir vitalidade para si mesmo e para o entorno, um parque não basta apenas existir. Para que ele funcione, precisa apresentar centralidade, insolação, delimitação espacial e complexidade. A autora ainda complementa que todo parque urbano é um caso particular e não convêm generalizações, sendo que até os grandes parques encontram espaços distintos bem diferenciados, recebendo influências diferentes da cidade e de seu entorno (JACOBS, 2000).

A complexidade que a autora se refere corresponde à diversidade de usos e de pessoas no entorno do parque, pois oferece variações de horários e de propósitos para sua utilização, envolvendo ainda, riqueza espacial criada por elementos que tornam o ambiente interessante e dinâmico. A centralidade corresponde a um elemento central que atua como referência no espaço do parque, polarizando os usos e a legibilidade do local, sendo reconhecido por todos como o centro do parque (MIRANDA, 2014).

Para caracterizar um parque urbano, as dimensões físicas adquirem um fator relevante. Um parque urbano deve proporcionar a execução de inúmeras atividades de um modo simultâneo, por diversos grupos de pessoas, sendo essa uma das características que os diferencia das praças. É necessário que o parque tenha dimensões superiores a dois hectares, o equivalente a dois quarteirões contínuos e interligados (MACEDO, 2012).

Com relação à diferenciação conceitual de parques e praças, pode-se dizer que o parque se diferencia da praça em dois pontos: na dimensão e na referência à natureza. Enquanto o parque tem como objetivo aproximar o homem da paisagem natural, sendo necessários grandes espaços cobertos de vegetação, a praça tem primazia na sua função social, de encontros e acontecimentos sociais, onde o verde pode ou não estar presente (OLIVEIRA, 2005).

O parque urbano contemporâneo brasileiro é, essencialmente, um espaço de convívio social múltiplo, tendo como base o lazer e possibilitando as mais diversas formas de interação, tanto entre os indivíduos entre si, como destes com os elementos naturais (MACEDO, 2012).

Ao analisar as definições de parque urbano, percebe-se que há muitas diferenças entre elas, tanto no que diz respeito às dimensões, quanto às formas, funções e conteúdo. Algumas definições de parque urbano dão mais ênfase à questão ambiental, enquanto outras, à recreação ou ao aspecto social. Em relação à dimensão, alguns autores consideram parques a partir de um quarteirão urbano, enquanto outros, apenas como um espaço amplo com presença do verde.

Portanto, não apenas as formas dos parques urbanos se diferenciam, mas também seus usos e funções. Ao longo de sua formação e da construção das suas definições, os parques se confundem com outras tipologias de espaços livres públicos. Isto está relacionado com a peculiaridade de cada parque, refletindo a sua dinâmica e o contexto em que se situa, além do momento que foi idealizado, projetado ou modificado, tornando-se muito complexa a existência de uma definição homogênea de parque urbano.

Também, os parques urbanos são espaços artificializados, resultados de um processo de naturalização do espaço urbano, com o objetivo de promover a sustentabilidade do meio ambiente urbano, proporcionando lazer à população e, devido à dinâmica das cidades, podem possuir outras funcionalidades (ALBUQUERQUE, 2006).

Os parques urbanos são configurados no espaço em função da interseção de diferentes vetores. A designação de parques urbanos é concebida pela administração do município, entretanto estes espaços são moldados pelas relações sociais, as quais configuram o território. Dessa forma, a dinâmica dos parques urbanos não consiste apenas em regras

estabelecidas pelo poder administrativo. As relações sociais cotidianas exercem uma forte influência na organização espacial e nas funções desempenhadas dos parques urbanos.

Para que se faça uma análise dos parques urbanos é preciso perceber que estes “só se materializam no âmbito local, possuindo uma dinâmica própria, em função das características particulares que os compõem, como o sítio, a localidade, o clima, os usos, a cultura, entre outros” (ALBUQUERQUE, 2006).

2.4 Paisagem e o espaço público urbano

O conceito de paisagem é interpretado por profissionais de diversas áreas do conhecimento, sendo que os mais atuais a definem como sendo a expressão do produto de interação espacial e temporal do indivíduo com o meio (POLETTE, 1999).

A paisagem pode ser definida como um sistema territorial composto por componentes complexos, formados a partir da influência dos processos naturais e da atividade modificadora da sociedade humana, que se encontra em permanente interação e que se desenvolvem historicamente (POLETTE, 1999).

A explosão urbana foi um dos grandes fenômenos que marcaram do século XX, afetando todas as regiões mundiais. De acordo com as necessidades da sociedade, as estruturas urbanas se modificaram, assim como também as relações entre o espaço arquitetônico e o espaço natural (ALBUQUERQUE, 2006).

A apropriação do homem na paisagem urbana em relação aos elementos naturais teve como consequência a formação de uma paisagem artificializada. O palco principal dessa naturalização do artificial no espaço urbano foi o espaço livre público. As ruas, praças, jardins e parques são os locais onde a expressão do urbano acontece, e são compostos por diversos elementos que representam artificialmente os aspectos naturais. Esses elementos integrados e modificados ao longo do tempo, de acordo com a necessidade da população, formam o resultado da dinâmica da paisagem urbana (ALBUQUERQUE, 2006).

Nesse contexto, a paisagem é vista como um conjunto de formas naturais e culturais associadas a certo território. Dessa forma, o tempo é uma variável fundamental, pois a paisagem cultural resulta da ação da cultura sobre o suporte geográfico e biofísico ao longo do tempo (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998). Ou seja, as ações culturais sobre a paisagem vão

transformar e imprimir características na paisagem natural, moldando e adaptando para responder às necessidades e condições do homem.

Na modernidade, as teorias sobre paisagem se intensificaram em relação a sua incidência no meio urbano, condicionada pelas características do espaço natural, dos espaços construídos e dos espaços livres de edificação. Nesse aspecto, paisagem urbana é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano (CULLEN, 2008).

Para estruturar o conceito de paisagem, podem ser abordados três aspectos, sendo o primeiro a visão serial, formada pela percepção sequencial dos espaços urbanos. O segundo fator é a percepção do lugar, que diz respeito às reações do observador em relação a sua posição no espaço. E o terceiro aspecto é o conteúdo, que se relaciona com a materialização da cidade, como cores, texturas, escalas, formas (CULLEN, 2008).

Pode-se dizer então, que paisagem é o resultado de uma síntese de elementos que está ao alcance do olhar de um indivíduo, ou seja, é tudo o que é visto por alguém, de algum lugar, seja uma vista natural ou construída. Já a paisagem urbana é o resultado da intervenção urbana sobre o espaço natural, de forma que passam a fazer parte dela as intervenções urbanísticas, as edificações e a vegetação urbana (MALAMUT, 2014).

Nesse contexto, a percepção é um fator fundamental na formação da paisagem, pois ela está ligada diretamente ao observador. Somente a partir do observador é que um espaço se constitui como paisagem. “O conceito de espaço é complexo e abrangente e pode ser entendido como campo fundamental da geografia. Já a paisagem é um recorte contínuo do espaço, compreendido a partir do olhar humano, uma particularidade” (MALAMUT, 2014).

Kevin Lynch também abordou a importância de compreender a paisagem urbana através da percepção e da construção da memória como produção de significados. O autor ressalta que cada um tem vasta associação com alguma parte da cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados. Também afirma que “nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, à sequência de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas” (LYNCH, 1997).

A paisagem pode ser compreendida como um espaço vivenciado por pessoas e suas relações sociais, e não um espaço apenas observado. “A percepção da paisagem se dá sempre

por um modo visual por cada indivíduo, variando de acordo com os códigos sociais dominantes em cada comunidade, vinculadas à variação de luz do dia e à ação das estações do ano sobre seus elementos” (MACEDO, 2012).

As apropriações da paisagem, nas quais o homem está diretamente envolvido, acontecem desde o primeiro momento em que ele firma uma relação com a natureza, passando a lidar com as características físicas e geográficas do seu meio. Nesse aspecto, a paisagem pode ser definida como um conjunto de formas, que em certo momento, relaciona as heranças das vivências entre os homens e a natureza (SANTOS, 2002).

Dessa forma, a palavra paisagem está relacionada à compreensão das relações estabelecidas entre as dimensões naturais e culturais, sendo que estas últimas estão relacionadas às heranças humanas de valor simbólico, expressando valores e significados (SANTOS, 2002).

A paisagem é concomitantemente um produto e um sistema. Produto por resultar de um processo social de ocupação e gestão de determinado espaço. Sistema, porque qualquer ação sobre ela impressa haverá uma reação correspondente, a qual equivale a uma alteração morfológica parcial ou total, havendo uma interligação entre as duas considerações (MACEDO, 1999).

Sabe-se que o ambiente urbano necessita ter sua intervenção planejada, pois a falta de planejamento urbano pode levar a uma queda da qualidade de vida. Nesse contexto, os estudos dos espaços livres urbanos encontram-se inter-relacionados com o planejamento da paisagem urbana, também área de interesse da Ecologia da Paisagem. A ecologia da paisagem pode ter duas abordagens principais, uma geográfica, que privilegia o estudo da influência do homem sobre a paisagem e a gestão do território, e outra ecológica, que enfatiza a importância do contexto espacial sobre os processos ecológicos (METZGER, 2001).

O planejamento da paisagem deve considerar as características funcionais de suporte físico, as características climáticas do lugar, as características dos ecossistemas existentes, os valores sociais e culturais atribuídos ao local, os padrões de ocupação pelo homem, o grau de processamento das estruturas ambientais existentes e a conveniência de sua transformação a médio e curto prazo, e as características dos elementos das estruturas morfológicas da paisagem (MACEDO, 1999).

Porém, o autor alerta que as “ideias sobre paisagem são diretamente vinculadas aos conceitos de habitat e principalmente de espaço. Cada paisagem contém espaços, lugares onde vivem comunidades inteiras, podendo conter partes ou todos de ecossistemas diversos” (MACEDO, 1999).

A importância da paisagem urbana para o planejamento das cidades consiste não só na influência para a qualidade de vida das pessoas, mas contribui, positiva ou negativamente, para todos os aspectos relacionados à gestão urbana, como transporte, habitação, segurança, entre outros (FERREIRA, 2007). Desta forma, vincular os estudos da paisagem com o planejamento da paisagem urbana é de fundamental importância, principalmente quando se analisam os espaços livres públicos, por ser parte de um contexto múltiplo e dinâmico das cidades.

Considerar a paisagem urbana sob um olhar amplo deve ser a base do planejamento, tanto nos aspectos sociais, econômicos e ambientais. Nesse contexto, a visão global da cidade é importante para que, ao planejar as suas partes, estas possam funcionar isoladamente, sempre guardando e respeitando as relações entre si (FERREIRA, 2007).

Portanto, o território enquanto apropriação social, política, econômica e cultural de um espaço físico delimitado, cujas configurações se estabelecem a partir de trajetórias pessoais, sociais e espaciais determinadas por regras e normas têm-se como resultado significativo determinadas configurações formais sobre a paisagem (ALBUQUERQUE, 2006).

2.5 Requalificação do espaço público urbano

Com a crescente preocupação e necessidade de recuperar o espaço público, reintegrá-lo à cidade e devolvê-lo ao cidadão, surgiram diversos conceitos ligados aos processos de requalificação, tais como renovação, revitalização e reabilitação. Tais conceitos se confundem e, muitas vezes, são utilizados de forma incorreta, tanto por parte de projetistas e técnicos, como por parte do poder público.

A requalificação urbana é um termo abrangente que engloba os demais conceitos. Com a requalificação urbana a paisagem vai sendo mudada e reutilizada para atender necessidades específicas de cada local, oferecendo à área uma nova utilidade, criando oportunidades sociais, econômicas e ambientais, e promovendo uma imagem melhor para a

cidade ou parte dela. Por esta razão, o termo requalificação foi utilizado para o desenvolvimento do presente estudo (BEZERRA; CHAVES, 2014).

O termo requalificação é recente, aparecendo no final dos anos 80, sendo que, até 1998, nos vocabulários urbanísticos publicados, os conceitos utilizados diversificavam entre revitalização, recuperação ou reabilitação, aparentemente designando o mesmo processo (MOREIRA, 2007).

A requalificação urbana inclui aspectos de caráter econômico, ambiental, físico e social. Para tanto, o papel da requalificação consiste em criar condições necessárias ao desenvolvimento de atividades rentáveis, permitindo a inclusão do cidadão ao nível produtivo; visando atacar o ciclo da pobreza que certas áreas encontram-se, alterando a percepção social que se tem das mesmas; buscando proporcionar melhor qualidade de vida e condições físicas necessárias para tal (FERNANDES, 2012).

A requalificação urbana provoca uma mudança no valor da área, em nível econômico, cultural, paisagístico e social. Ela possui um caráter mobilizador, acelerador e estratégico, e está principalmente voltada para o estabelecimento de novos padrões de organização e utilização dos territórios (MOURA *et al.*, 2006).

Embora o processo de requalificação da paisagem traga benefícios reavivando espaços públicos abertos e construídos, oferecendo possibilidades de crescimento e aumento da visibilidade e do turismo, não se pode descartar a ocorrência de algumas consequências, como a expulsão de parte de uma população para a periferia, segregando ainda mais a população de baixa renda (BEZERRA; CHAVES, 2014).

Os espaços públicos desempenham diversas funções urbanas, sendo necessário que os projetos de requalificação permitam o desenvolvimento de novos conceitos, formas e também atuações. Esse processo deve estar inserido no contexto geral da cidade, no plano diretor, devendo ser prioridade na expansão e melhoria do ambiente urbano (BEZERRA; CHAVES, 2014).

Cabe aqui definir os conceitos citados anteriormente para melhor distinção e entendimento dos termos utilizados.

Renovação pode ser compreendida como o conjunto de operações urbanísticas que visam à reconstrução de áreas urbanas subocupadas ou degradadas, às quais não se reconhece

valor como patrimônio arquitetônico ou conjunto urbano a preservar, com deficientes condições de habitabilidade, de salubridade, de estética ou de segurança (MOREIRA, 2007).

A renovação urbana atinge as intervenções de larga escala, ou seja, de transformação integral. Implica uma mudança estrutural que abrange a dimensão morfológica, a dimensão funcional e a dimensão social (MOURA *et al.*, 2006).

O termo revitalização urbana designa o conjunto de operações destinadas a articular as intervenções pontuais de recuperação dos edifícios existentes em áreas degradadas, para apoio das estruturas sociais, econômicas e culturais locais, visando à melhoria da qualidade de vida dessas áreas (CCRN, 1998 apud MOREIRA, 2007).

Revitalização corresponde a integrar funções urbanas, parceiros e recursos. Dessa forma, a revitalização promove um processo de planejamento estratégico, capaz de reconhecer, manter e induzir valores de forma constante e homogênea. Ela deve intervir a médio e longo prazo, de forma relacional, assumindo e promovendo os vínculos entre territórios, atividades e pessoas (MOURA *et al.*, 2006).

O termo revitalização é comumente compreendido apenas como intervenção em áreas de preservação histórica. Assim como ela abrange preservar espaços de valor histórico, também se faz necessária em áreas degradadas, subutilizadas ou obsoletas. Geralmente estão ligadas ao planejamento estratégico da cidade, bem como ao plano diretor, com projetos de melhorias urbanas, embelezamento, e também, interesses imobiliários (BEZERRA; CHAVES, 2014).

O conceito de reabilitação urbana designa todo o processo de transformação do espaço urbano, compreendendo obras de conservação, recuperação e readaptação de edifícios e do próprio ambiente urbano, com o objetivo de melhorar as suas condições de uso e habitabilidade, conservando seu caráter fundamental (DGOTDU, 1998 apud MOREIRA, 2007).

A reabilitação urbana não representa a destruição do tecido, mas a sua “habilitação”, ou seja, a readaptação a novas situações em termos de funcionalidade urbana. Trata-se de readequar o tecido urbano degradado, dando ênfase ao seu caráter primordial. Normalmente o processo de reabilitação ocorre em edificações e na paisagem urbana (MOURA *et al.*, 2006).

Existe ainda o processo de gentrificação, que pode ser definido como uma reinvenção urbana que busca basicamente recuperar a economia da cidade, unindo o setor público, privado e, sobretudo, os empreendedores imobiliários. Investindo em determinadas áreas, dando a elas caráter nobre, quando antes eram consideradas pobres ou periféricas, ocorre a expulsão dos moradores da região. Esse processo é oculto pelo discurso de melhoria da área, sendo as ações apresentadas sempre como revitalização (BEZERRA; CHAVES, 2014).

Independente do termo utilizado é de fundamental importância repensar o espaço público e devolvê-lo aos cidadãos para qualificar não só o ambiente urbano, mas a vida e o bem-estar humanos. Qualificar ou requalificar esses espaços deve fazer parte da estratégia do planejamento urbano para que sejam finalmente reconhecidos e apropriados por parte da população e, então, haja um melhor desenvolvimento da sociedade.

Um atual exemplo de requalificação do espaço público urbano é o High Line Park em Nova York. O High Line Park teve sua origem na transformação de uma linha férrea suspensa desativada. A linha férrea foi construída em meados de 1930 como parte de um projeto de melhoria da infraestrutura de transportes de carga com o objetivo de elevar o tráfego ferroviário a aproximadamente nove metros de altura de forma a separá-lo do tráfego de automóveis e pedestres (JARDIM, 2012), conforme as Figuras 24 e 25.

Figuras 24 e 25 – Linha férrea ainda em funcionamento.



Fonte: Jardim (2012).

Na década de 1950, o acelerado desenvolvimento do transporte rodoviário por todo o país e a conseqüente redução no uso do transporte ferroviário afetaram sua utilização. Em

1980, a High Line acabou sendo completamente desativada, permanecendo abandonada e assumindo o papel de ruína urbana, como mostram as Figuras 26 e 27.

Figuras 26 e 27 – High Line enquanto esteve abandonada.



Fonte: Jardim (2012).

Partindo de uma iniciativa privada e local, a ideia de transformar a antiga linha férrea em espaço público e preservar sua estrutura histórica, atrai planejadores, líderes culturais e a própria população. Com o suporte e parceria da prefeitura de Nova York, o High Line Park iniciou sua requalificação em 2009, sendo completamente finalizada em 2014.

Atualmente, High Line é um parque linear verde (Figuras 28, 29, 30 e 31), de aproximadamente 2,5 Km, que se estende por dezenove quarteirões e atravessa três bairros, que até então, eram relativamente pouco visitados pela maioria dos turistas. No auge do funcionamento da ferrovia, esses bairros eram mais ocupados por indústrias e empresas de transportes, após a construção do parque, os galpões e fábricas foram convertidos em galerias de arte, studios de design, lojas, restaurantes, museus e residências.

Figuras 28 e 29 – Imagens diurnas do High Line Park, Nova York.



Fonte: ArchDaily (2014).

Figuras 30 e 31 – Imagens noturnas do High Line Park, Nova York.



Fonte: ArchDaily (2014).

2.6 Ambiente urbano e ambiência urbana

Compreende-se por ambiente “a interação da sociedade com o suporte físico, quer tenha aparência comumente denominada ‘natural’, quer construída”. Esta interação acontece no espaço geográfico através de adaptações, transformações e readaptações das constantes formas encontradas, elaboradas e reelaboradas (MAGNOLI, 2006).

Dessa forma, o ambiente pode ser visto sob a ótica das relações biofísicas, de cunho material e objetivo, e sob a ótica das relações socioculturais e suas perspectivas de cunho imaterial e subjetivo. Portanto, o ambiente é considerado dinâmico e está sempre em transformação, pois o ser humano e a cidade são dinâmicos também (MIRANDA, 2014).

As pessoas vivenciam as cidades estando condicionadas ao ambiente que nelas existe e que podem experimentar. O ambiente urbano pode então ser definido como um sistema constituído por um conjunto de elementos naturais, como clima, água, vegetação, fauna, ar, e por elementos construídos, ou modificados, pela intervenção humana (FERNANDES, 2012).

“O ambiente urbano, seja ele construído ou não, emite estímulos que podem agradar ou desagradar, gerando sensações de desconforto se houver grande disparidade com os limites do nosso corpo” (BESTETTI, 2014). Concomitante a isso, a bagagem cultural individual determinará o que lhe apraz ou não, pois as escolhas dependem exclusivamente da história e vivência de cada um.

De acordo com a autora, o termo ambiência também pode ser traduzido como meio ambiente. Porém, em função da sua abrangência, não é composto apenas pelo meio material onde se vive, mas pelo efeito moral que esse meio físico induz no comportamento dos indivíduos (BESTETTI, 2014). Em outras palavras, ambiência não corresponde somente ao

espaço físico, mas também ao encontro entre os sujeitos, propiciado pela adequação das condições físicas do lugar e pelo exercício da humanização.

Pode-se diferenciar meio ambiente e ambiência, caracterizando ambiência como o que dá vida a um meio ambiente, o que lhe confere um valor afetivo, ou seja, é dotar o ambiente de caráter e de certo valor emocional e existencial (THIBAUD, 2016).

Cada local possui uma ambiência própria que o caracteriza e cuja construção é cotidiana. A base dessa ambiência é a articulação entre fatores objetivos e subjetivos que impregnam o lugar e definem sua identidade. Ela é composta de aspectos físicos, culturais, sociais, de uso e de temporalidade (THIBAUD, 2004).

A ambiência urbana deve abordar o aspecto físico não apenas como uma matéria que deve ser percebida, mas também como um instrumento social no espaço. Pode-se enumerar uma série de condições para que um determinado fenômeno seja classificado como ambiência, dentre estes, a possibilidade de interação entre a percepção, as emoções, a ação dos usuários e as representações sociais e culturais (DUARTE *et al.*, 2015).

Ambiência urbana pode ser compreendida ao refletir sobre sua influência na morfologia do espaço urbano, como por exemplo, as dimensões de ruas, incluindo altura e largura, seu tipo, as fachadas dos edifícios que definem os perfis das ruas, a presença da vegetação pelas suas formas e as funções que elas exercem no ambiente (MASCARÓ, 1996).

Também, ambiência urbana pode ser definida como “as atmosferas materiais e morais que reúnem sensações térmicas, lumínicas, sonoras, mas também culturais e subjetivas que envolvem determinado lugar e seus ocupantes” (MIRANDA, 2014). Uma boa ambiência torna um espaço mais receptivo e propício ao convívio, que a população tende a apropriar-se e a transformar em lugar.

Pensar em ambiência urbana é refletir a realidade das condições de qualidade de vida dentro das cidades perante as atuais condições da crise global e local. As mudanças causadas no meio ambiente devido ao aquecimento e suas consequências catastróficas faz com que se percebam as evidências e se reconheça o componente natural como base para a construção do território, necessário para o encontro entre o projeto natural e o artificial (MASCARÓ, 1996).

Portanto, o conceito de ambiência urbana está intimamente ligado à qualidade de vida e à qualidade do ambiente urbano. Estes conceitos abordam dois aspectos fundamentais, um ligado ao conforto humano e outro ligado à saúde pública e segurança.

Os componentes e os respectivos fatores que influenciam a qualidade do ambiente urbano são apresentados no Quadro 4.

Quadro 4 – Componentes e fatores da qualidade do ambiente urbano.

Componentes	Fatores
Equipamentos	Nível de utilização Frequência de utilização Acessibilidade Oferta de serviço
Estrutura verde urbana	Áreas verdes Árvores de enquadramento Gestão e manutenção
Fauna urbana	Saúde pública Função lúdica
Habitação	Nível de ocupação
Infraestruturas	Nível de serviço Qualidade de serviço
Meios hídricos	Áreas dos planos de água Superfícies para atividades recreativas Qualidade da água Valor estético e paisagístico
Microclima urbano	Conforto térmico Conforto eólico Conforto higrotérmico
Ocupação do espaço urbano	Áreas estruturais Instrumentos de planejamento Densidade Índice de ocupação Funções urbanas
Paisagem Urbana: Estrutura Edificada	Qualidade plástica Qualidade visual Estruturação funcional Gestão do espaço edificado
Paisagem urbana: patrimônio construído	Edifícios e áreas classificados
Qualidade do ar	Áreas afetadas por poluentes População afetada por poluentes Tráfego urbano
Resíduos sólidos	Produção Coleta Tratamento Destino final Aproveitamento Gestão
Riscos naturais	Áreas em risco População em risco Atividades em risco
Ruído	População afetada Tráfego rodoviário Tráfego aéreo Atividades afetadas

Transportes coletivos urbanos	Oferta Acessibilidade
-------------------------------	--------------------------

Fonte: Partidário (2000), apud Fernandes (2012).

A qualidade do ambiente urbano influencia diretamente a qualidade de vida da população, e esta não deve ser entendida como um mero conjunto de bens, confortos e serviços, mas sim, deve-se alcançar este ideal através destes, ou seja, das oportunidades efetivas das quais as pessoas dispõem para serem felizes, tanto individual, quanto coletivamente. Os fatores que definem a qualidade de vida compreendem duas categorias, os físico/fisiológicos e os sócio/psicológicos ou culturais (WILHEM *et al.*, 2000).

Além disso, a influência da paisagem na qualidade de vida está relacionada à recuperação intrapsíquica, ao prazer intelectual, ao conforto propiciado por um ambiente limpo e ordenado, à noção do espaço disponível, à visualização do equipamento coletivo, às condições de segurança, à orientação no espaço urbano, à liberdade de opções na movimentação urbana e à liberdade de opções pela informação (WILHEM *et al.*, 2000).

Nesse contexto, a dinâmica da configuração das paisagens urbanas pode ser espontânea, decorrente das necessidades da população em um determinado período de tempo e lugar, ou fazer parte de intervenções planejadas. Assim, a qualidade de vida pode ser desejada e alcançada, se for considerada no planejamento urbano, a necessidade de equilíbrio entre espaço construído e espaço livre público (FERREIRA, 2007).

Os espaços verdes urbanos ou espaços vegetados também compõem o ambiente urbano e estão fundamentalmente relacionados à ambiência urbana e à qualidade de vida. Os benefícios que estes espaços proporcionam podem ser de caráter ecológico, social e estético. Seguem apresentados no Quadro 5 os benefícios que os espaços vegetados proporcionam.

Quadro 5 – Benefícios dos espaços verdes urbanos.

Benefício	Descrição
Ecológico	Impacto no clima urbano através do controle da temperatura, do vento e da umidade. Redução da poluição do ar, do ruído, da luminosidade e da reflexão da luz. Prevenção de cheias e controle da erosão. Instalação de biótipos de flora e fauna em ambiente urbano (biodiversidade).
Social	Oportunidades de recreio, melhoria da envolvente da habitação e do local de trabalho. Impacto na saúde física e mental. Valores culturais e históricos das áreas verdes.
Estético	Paisagem diversificada através das cores, texturas, formas e densidades de plantas diferentes.

	Crescimento das árvores, dinâmica das estações e contato da população com a natureza. Definição de espaços abertos, enquadramento de vistas e edifícios.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Almeida (2006), apud Fernandes (2012).

A importância da vegetação no ambiente urbano está pautada no bem-estar, pois as diversas categorias de espaços verdes urbanos é que fazem a aproximação do homem urbano com a natureza. Seja qual for a função da utilização da vegetação no espaço, estará sempre relacionado com o clima e, conseqüentemente, com o conforto humano. A vegetação no ambiente urbano caracteriza-se pelo estado de satisfação física, psíquica e moral do indivíduo, bem como, à qualidade de vida (PAIVA; GONÇALVES, 2002).

2.7 Percepção ambiental e comportamento

Ambiente e comportamento compreendem conceitos que convergem nas relações entre indivíduos e ambiente físico construído, havendo um processo interativo em que o ambiente é constantemente modificado pelas ações dos indivíduos, ao mesmo tempo em que suas experiências e comportamentos são modificados por este ambiente (OLIVEIRA, 2005).

A Psicologia Ambiental é um campo interdisciplinar voltado ao estudo das relações bidirecionais pessoa-ambiente, sendo que alguns de seus pressupostos encontram correspondência nos elementos que embasam os estudos da ambiência (ELALI, 2008).

A percepção é um dos conceitos principais para o entendimento da ambiência, podendo ser compreendida como um conjunto de sensações, experiências, memória e sentimentos ligados ao contexto social, físico, cultural e temporal experimentados pela pessoa com relação a um determinado lugar (TUAN, 1980).

Os estudos de percepção ambiental evidenciam que o ambiente influencia inúmeras formas da vida humana, desde aspectos individuais até fenômenos sociais. Porém, a percepção ambiental deve ser compreendida como um modo de decodificar aspectos da ambiência, e não ser encarada como principal responsável por ela (ELALI, 2008). Ou seja, “não percebemos a ambiência, percebemos de acordo com a ambiência” (THIBAUD, 2004).

Dessa forma, em função de diferentes escolhas, interesses, motivações, características individuais, tanto sociais, culturais, educacionais ou psicológicas, e ainda, o tipo de relação que cada pessoa mantém com o local, é que explica o fato de uma mesma ambiência ser percebida diferentemente pelos indivíduos que dela usufruem (TUAN, 1983).

Com relação ao ambiente urbano, a cidade passa a ser percebida como um conjunto de imagens que se inter-relacionam, levando os indivíduos a formar um sistema perceptivo da paisagem urbana, de reconhecimento de sensações. Em função da grande escala urbana e pela limitação de apreensão, percebe-se e assimila-se a cidade não como um todo, mas de forma segmentada, estando todos os sentidos humanos envolvidos nessa percepção, sendo a imagem resultante, composta de lembranças e significados (TUAN, 1983).

A experiência espacial humana é função tanto de suas características biológicas quanto da sua capacidade de assimilar e representar, o que possibilita ao indivíduo desenvolver diversas maneiras de conhecer os locais onde vive ou pelos quais se move (ELALI, 2008).

As pessoas percebem os espaços de maneiras diferentes, influenciadas por suas culturas, conhecimentos e nível de sensibilidade em relação ao seu entorno e às imagens geradas em sua mente. A percepção não está influenciada somente pela experiência e pela bagagem cultural, mas também pelas expectativas e aspirações que elas geram e pelo marco mental consciente do ambiente percebido (OLIVEIRA, 2005).

Kevin Lynch constitui uma referência em pesquisas e métodos em relação à leitura da paisagem urbana baseados na percepção dos usuários da cidade quanto aos espaços abertos. O autor propõe uma nova maneira de observar e ler a cidade e representá-la espacialmente através de entrevistas e desenvolvimento de mapas mentais, com os quais identifica elementos que organizam a imagem do espaço urbano a partir das percepções das pessoas e suas próprias formas de se localizar e se relacionar com a cidade. As informações obtidas e correlacionadas são denominadas, conforme o autor, de “imagem ambiental” do espaço (LYNCH, 1997).

A imagem mental permite a leitura do espaço urbano através de sua estrutura física, como área, forma, padrão, direção, volume e distância, e é identificada a partir de atributos espaciais que podem ser mapeados e apreendidos pelos sentidos humanos. Ela representa o conjunto de sensações apreendidas quando indivíduos diferentes compartilham experiências perceptivas e, coletivamente, tendem a formar imagens mentais semelhantes (LYNCH, 1997).

A identificação dos atributos auxilia tanto na elaboração de novos projetos quanto na organização dos cenários urbanos já consolidados, permitindo o reconhecimento da estrutura urbana e orientando o observador nos deslocamentos através do espaço (LYNCH, 1997).

A construção da imagem ambiental é formada por três componentes: identidade, estrutura e significado. Outro conceito utilizado pelo autor é o de “imaginabilidade”, que corresponde à característica do objeto que lhe confere uma intensa probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Este conceito está diretamente relacionado com a ideia de legibilidade, pois é a partir de imagens definidas e legíveis que se consegue construir uma visão clara e estruturada do espaço urbano (LYNCH, 1997).

O autor aponta os cinco elementos para a composição mental da imagem urbana, sendo eles, vias, limites (ou barreiras), pontos nodais, marcos e bairros. A partir desses elementos, pode-se configurar um mapa da cidade seguindo uma leitura individual sobre a mesma, e com isso obter inúmeros mapas de um mesmo local, porém com diferentes apreensões, concepções e significados (LYNCH, 1997).

Ainda, os espaços abertos ajudam na compreensão da organização e da natureza do ambiente urbano, facilitando a percepção e a criação da imagem ambiental da cidade. Dependendo de como se configura o espaço público, ele pode dar uma identidade positiva ou negativa a uma área ou bairro, atuando como marco ou símbolo, e pode possibilitar ou restringir oportunidades usos e encontros (LYNCH, 1997).

Jan Gehl é outro autor que enfatiza a compreensão do espaço urbano, sua dinâmica e conexão nas cidades oferecendo ferramentas para melhorar o desenho dos espaços públicos e a qualidade de vida nas cidades, a qual está diretamente ligada aos conceitos de identidade e coexistência. Para tanto, o autor busca a lógica das cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis, fornecendo uma análise completa dos aspectos que envolvem a percepção e a dimensão humana dos espaços. Considera que uma cidade deve ser convidativa e viva para favorecer o encontro entre as pessoas, dando oportunidades de contato social através da oferta de uma gama de atividades diversas (GEHL, 2015).

A relação entre as características do lugar e as atividades desenvolvidas também foi discutida por Gehl, segundo o qual, o cuidado com os elementos da configuração espacial é determinante na qualidade, no conteúdo e na intensidade dos contatos sociais. Para o autor, o planejamento das cidades deve considerar o projeto urbano para o ser humano, adotando estratégias para o desenvolvimento de contato humano (GEHL, 2015).

A preferência por um ambiente aumenta conforme os níveis de coerência (organização), legibilidade (facilidade de compreensão), complexidade (diversidade) e

mistério (novas informações) presentes no espaço urbano. Este conjunto de fatores possibilita enriquecer um ambiente e estimular a percepção ambiental do espaço, desenvolvendo uma interação positiva e agradável entre os usuários e seu meio, podendo transformar o uso e a preferência do ambiente (KAPLAN; KAPLAN; RYAN, 1989).

A avaliação de desempenho ambiental pode ser efetuada a partir das respostas, tanto afetivas quanto comportamentais, dos usuários, podendo ser medidas através dos critérios de desempenho “nível de satisfação do usuário” e “comportamento”. Considera-se que ao existir um alto nível de satisfação dos usuários e/ou um comportamento adequado ao uso do espaço, existe um bom desempenho ambiental (OLIVEIRA, 2005).

Um espaço ótimo deve oferecer muitas atividades para que as pessoas tenham motivos para estar lá, e ainda, voltar. Para tanto, o autor nomeia espaços bem sucedidos como “lugares” e comenta a possibilidade de criar lugares ou transformar espaços de pouca qualidade em lugares (WHYTE, 2009).

Os estudos da percepção do ambiente urbano, em que as pessoas atribuem significados ao ambiente enquanto ferramentas para a renovação das cidades intensificam-se em uma época em que a cidade passa a ser encarada como um cenário para a atração da capital, justificando uma preocupação com os seus aspectos visuais (FERREIRA, 2007).

Concomitante a isso, o autor enfatiza que a busca de melhoria da qualidade de vida está relacionada com a forma com que as cidades se organizam, e que, na atualidade, constitui um desafio, pois a criação de lugares portadores de símbolos, sensações, significados e vivência são, na maioria das vezes, inviabilizados por enfatizar as questões funcionais em sobreposição aos demais valores.

2.8 Avaliação pós-ocupação (APO)

A avaliação pós-ocupação (APO) é um processo interativo, sistematizado e rigoroso de avaliação de desempenho do ambiente construído, passado algum tempo de sua construção e ocupação. Este método focaliza os ocupantes e suas necessidades para avaliar a influência e as consequências das decisões projetuais no desempenho do ambiente considerado, especialmente aqueles relacionados com a percepção e o uso por parte dos diferentes agentes envolvidos (RHEINGANTZ *et al.*, 2009).

A partir dos anos 1950, a APO se desenvolveu em trabalhos relacionados à psicologia e à sociologia. Nessa época, alguns autores consideraram a APO como uma ciência ecológica, por se tratar de um campo multidisciplinar, com pesquisas referentes ao comportamento humano e ao ambiente construído (ORNSTEIN, 1992). Segundo a autora, nos anos 1960 as pesquisas cresceram com o interesse de diversos outros pesquisadores, como Roger Barker, Edward Hall e Kevin Lynch, levando a APO a um novo campo de atuação, a Psicologia Ambiental. As pesquisas envolviam arquitetos, planejadores, psicólogos, sociólogos, antropólogos e geógrafos na busca de compreender as relações entre o homem, o comportamento e o ambiente construído, com o intuito de avaliar os efeitos que os ambientes causam no ser humano.

Nos anos 1970, a APO progredia e, conforme novas pesquisas foram sendo publicadas, seu campo de atuação tornava-se mais definido. Nessa época, as análises passam a incluir elementos como saúde, segurança, exigências funcionais, iluminação, acústica e conforto. Já na década de 1980, a APO passa para um campo próprio, alcançando avanços teóricos e metodológicos em sua aplicação, adquirindo termos técnicos padronizados (ORNSTEIN, 1992).

No Brasil, a APO tem se desenvolvido desde 1984 com a participação de pesquisadores como Ualfrido Del Carlo, Geraldo Serra, Sheila Ornstein, entre outros, como Paulo Afonso Rheingantz.

A APO vem sendo aplicada sistematicamente nos países desenvolvidos, como EUA, França, Grã-Bretanha, Japão, entre outros, e se baseia no princípio básico de que edificações e espaços livres postos em uso, qualquer que seja a função, devem estar em permanente avaliação, quer do ponto de vista construtivo e espacial, quer do ponto de vista de seus usuários. Seu objetivo, portanto, é obter subsídios para corrigir, sistematicamente, as falhas e aferir eventuais acertos, bem como, a partir da realimentação do processo projetual, definir diretrizes para novos projetos semelhantes (ORNSTEIN; ONO, 2016).

As três categorias de desempenho de avaliação do ambiente construído constituem os elementos técnicos, funcionais e de desempenho comportamental. No caso das edificações, os elementos técnicos são caracterizados pela estrutura, elétrica, ventilação, segurança contra incêndio e serviço de saúde pública. Alguns elementos adicionais são incluídos, como telhado, parede, iluminação, acústica, interiores e conforto térmico. Os elementos funcionais

atendem residências, comércio, indústrias, escolas, escritórios, entre outras atividades que ocorrem no espaço urbano, levando em conta fatores como a ergonomia e a antropometria. Os elementos comportamentais correspondem ao desempenho das atividades pelos ocupantes e à satisfação com o ambiente físico. Deve-se levar em conta o número de pessoas que ocupa o espaço, frequência, horário e rotas, com a finalidade de perceber a integração ou não do usuário com o ambiente construído (PREISER; WHITE; RABINOWITZ, 1988).

Em função dos objetivos e do tempo necessário, a APO possibilita a adoção de melhorias a curto, médio e longo prazo. As melhorias de curto prazo possibilitam identificar e solucionar problemas nos diversos sistemas; otimizar o uso do espaço e as atitudes dos ocupantes através do seu envolvimento efetivo no processo de avaliação; conhecer a influência das modificações pela redução dos custos no desempenho do ambiente; informar decisões tomadas e melhorar a compreensão das consequências das decisões projetuais do local. As melhorias de médio prazo permitem flexibilidade e facilidade de adaptação às modificações propostas e o seu crescimento contínuo; reduzir os custos de construção e de manutenção do ambiente e acompanhar o desempenho do local por profissionais e usuários. E as melhorias em longo prazo correspondem ao aperfeiçoamento do desempenho do ambiente através da otimização de dados de projeto, padrões, critérios e produção, além de aperfeiçoar e quantificar as medições correspondentes ao local (RHEINGANTZ, 2016).

São sugeridos cinco tipos de variáveis a considerar no ambiente construído: avaliação técnico-construtiva, avaliação técnico-funcional, avaliação técnico-econômica, avaliação técnico-estética e avaliação comportamental (ORNSTEIN, 1992).

A avaliação técnico-construtiva busca o conhecimento especializado do estudo de caso, o qual fornecerá bases para a interpretação da avaliação do ponto de vista do usuário. A avaliação técnico-funcional corresponde à avaliação quanto ao desempenho funcional dos espaços resultantes. A avaliação técnico-econômica refere-se a índices econômicos extraídos da produção e uso do ambiente construído que podem determinar parâmetros para medir sua eficiência. A avaliação técnico-estética procura medir formas, volumes, qualidade estética, estilo e percepção ambiental, do ponto de vista do avaliador e do usuário. A avaliação comportamental trata do comportamento do usuário em relação ao ambiente construído frente aos aspectos: adequação ao uso e escala humana, distância pessoal, privacidade, território, interação, percepção ambiental, identidade cultural, comunicação, ordem social, hierarquia

dominante, orientabilidade, densidade populacional e controle da dispersão ou atração de pessoas (RHEINGANTZ, 2016).

Encontra-se disponibilizada a revisão de um conjunto de oito instrumentos e ferramentas de avaliação pós-ocupação consagrados, sendo estes, walkthrough, mapa comportamental, poema dos desejos, mapeamento visual, mapa mental, seleção visual, entrevista e questionário (RHEINGANTZ *et al.*, 2009), conforme apresentados no Quadro 6.

Quadro 6 – Instrumentos de avaliação pós-ocupação e suas definições.

Instrumentos de avaliação	Definição
Walkthrough	É um instrumento originário da Psicologia Ambiental, criado por Kevin Lynch, e pode ser definido como um percurso dialogado complementado por fotografias, croquis e gravações de áudio e vídeo, abrangendo todos os ambientes.
Mapa comportamental	É um instrumento também originário da Psicologia Ambiental, e foi concebido para o registro gráfico das observações relacionadas com as atividades dos usuários em um determinado ambiente, possibilitando identificar os usos, os arranjos espaciais, os fluxos e as relações espaciais observadas, bem como, indicar as interações, os movimentos e a distribuição das pessoas em um determinado ambiente.
Poema dos desejos	É um instrumento desenvolvido por Henry Sanoff, e permite que os usuários de um determinado ambiente declarem, através de sentenças escritas ou desenhos, suas necessidades, sentimentos e desejos em relação ao ambiente analisado.
Mapeamento visual	É um instrumento concebido por Ross Thorne e J. A. Turnbull, e consiste em identificar a percepção dos usuários em relação a um determinado ambiente, com foco na localização, na apropriação, na demarcação de territórios, nas inadequações a situações existentes, no mobiliário excedente ou inadequado e nas barreiras.
Mapa mental	É um instrumento formulado nos anos 1950 por Kevin Lynch, e consiste na elaboração de desenhos ou relatos de memória representativa das ideias ou da imageabilidade que uma pessoa ou um grupo de pessoas têm de um determinado ambiente.
Seleção visual	É um instrumento concebido por Henry Sanoff, e consiste em um conjunto de imagens referenciais pré-selecionadas para identificar os valores e os significados agregados pelos usuários aos ambientes analisados.
Entrevista	Pode ser definida como um relato verbal ou uma conversação voltada para atender a um determinado objetivo, que resulta em um conjunto de informações sobre os sentimentos, crenças, pensamentos e expectativas das pessoas.
Questionário	É um instrumento largamente utilizado nas avaliações de desempenho, cuja necessidade é descobrir regularidades entre grupos de pessoas por meio da comparação de respostas relativas a um conjunto de questões, sendo estas, referentes a um determinado

	assunto ou problema.
--	----------------------

Fonte: Rheingantz *et al.* (2009), adaptado pela autora (2016).

Percebe-se que não há um método puramente único, satisfatório e consolidado para o estudo da percepção ambiental. Isto se deve, principalmente, ao seu campo de atuação interdisciplinar e complexo, além da subjetividade que interpõe as preferências e comportamentos do ser humano. Vários são os fatores que podem influenciar os diferentes modos de apropriação dos espaços públicos, como o próprio uso do espaço, que pode incrementar ou restringir a apropriação daquele espaço; as diferenças contextuais, relativas às características físicas dos espaços, como aparência, segurança, acessibilidade e adequação ambiental; e as diferenças composicionais, relativas às características dos usuários, como faixa etária, nível socioeconômico, estilo de vida, interação entre usuários e experiência prévia com espaços públicos (OLIVEIRA, 2005).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Com a finalidade de cumprir os objetivos elencados no presente trabalho, desenvolveu-se a metodologia da pesquisa apresentada neste item, organizada de acordo com a caracterização do município em estudo, a classificação da pesquisa e o procedimento metodológico.

3.1 Caracterização do município de Passo Fundo/RS

A cidade de Passo Fundo/RS está entre as 10 cidades mais populosas do estado do Rio Grande do Sul, sendo que o estado conta atualmente com 497 municípios (IBGE, 2010). Localizado na região norte (Figura 32), o município tem como limites territoriais Coxilha e Pontão ao norte, Ernestina e Marau ao sul, Mato Castelhanao ao leste e Carazinho ao oeste. Possui atualmente uma área de 783,421 km², com população aproximada de 197 mil habitantes e densidade demográfica de 235,32 habitantes por km² (PMPF, 2015).

Figura 32 – Localização geográfica da cidade de Passo Fundo.



Fonte: Prefeitura Municipal de Passo Fundo (2016), adaptado pela autora (2016) – sem escala definida.

O município está a 687 metros acima do nível do mar e seu clima é considerado temperado com característica subtropical úmido, com chuvas bem distribuídas durante o ano. Possui temperatura de 17,5°C e umidade relativa do ar em 72% (médias anuais). Na vegetação predominam campos abertos com mata nativa do tipo Floresta Subtropical e seu relevo é considerado ondulado e suave (IBGE, 2010).

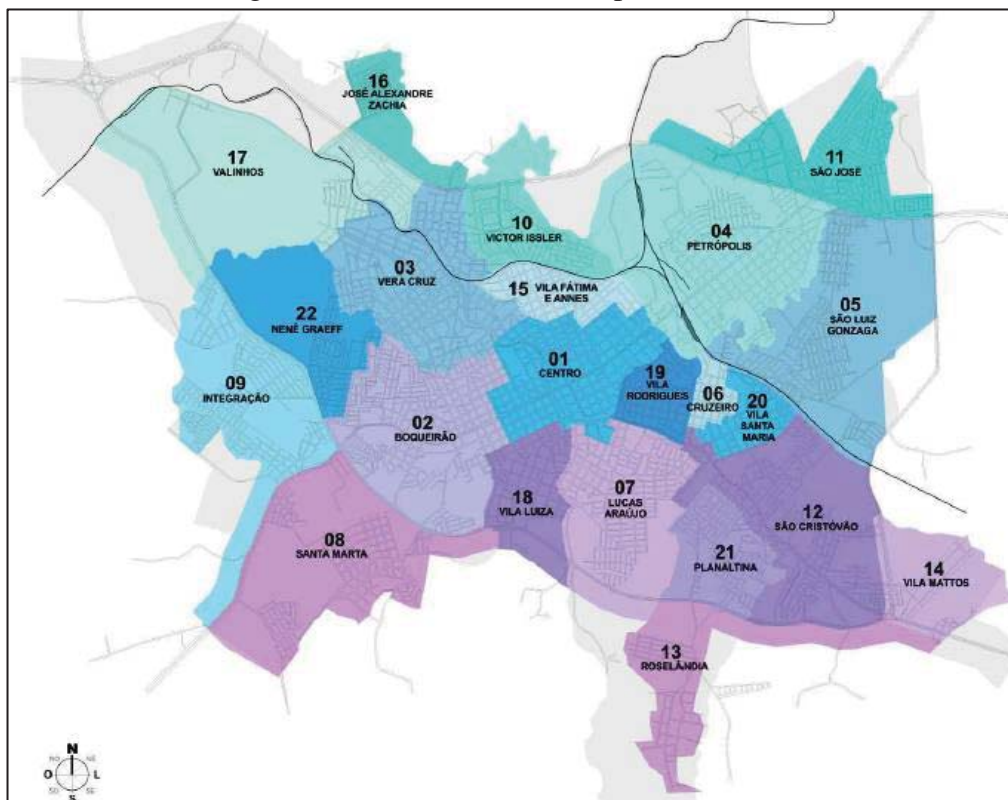
A cidade de Passo Fundo/RS sofreu um processo acelerado de urbanização desde a década de 70, sendo que, de 1970 a 2000, a população aumentou cerca de 80%. Entre 2000 e 2010, a população de Passo Fundo/RS teve uma taxa média de crescimento anual de 0,92%,

enquanto na década anterior, de 1991 a 2000, essa taxa foi de 2,00%. A população do município encontra-se altamente concentrada na área urbana, correspondendo atualmente a 97,45%, enquanto apenas 2,55% dos habitantes encontram-se na zona rural (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013).

Este aumento populacional provocou uma série de mudanças na estrutura da paisagem e no uso do solo urbano. O adensamento populacional acarretou na verticalização das estruturas, na impermeabilização do solo e, conseqüentemente, na diminuição de vegetação em espaços públicos da cidade.

Atualmente, a cidade está dividida em 22 setores, para fins de ordenação e planejamento urbano, facilitando o controle administrativo dos serviços públicos e a orientação espacial dos moradores. Os setores foram organizados respeitando as características históricas, culturais e sociais de cada comunidade, considerando-se ainda os limites do perímetro urbano, os eixos viários das rodovias e ferrovias, bem como, imposições naturais de caráter geográfico, tais como, rios, sangas e demais cursos d'água e desníveis acentuados (PMPF, 2016). Na Figura 33 apresenta-se o mapa com os setores determinados, compondo os bairros da cidade.

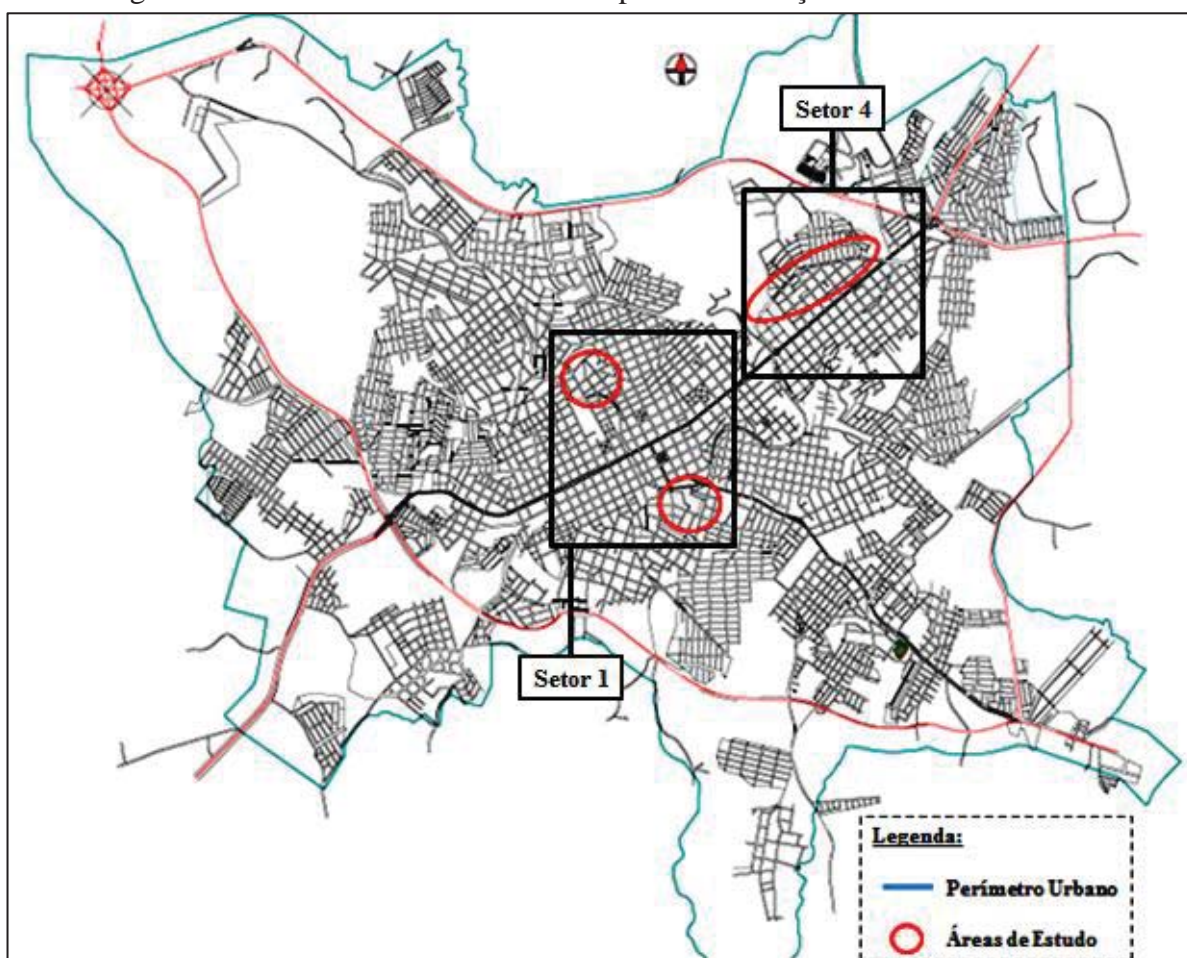
Figura 33 – Divisão do município em setores.



Fonte: Plano Municipal de Saneamento Básico (2014) – sem escala definida.

Os espaços públicos estudados encontram-se na malha urbana do município, conforme a Figura 34. O Parque da Gare e o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro estão situados no Setor 1, que contempla o Bairro Centro e Bairro Vergueiro, com população estimada para o setor em 21.942 pessoas. O Parque Linear do Sétimo Céu encontra-se no Setor 4 e contempla o Bairro Petrópolis, Loteamento Invernadinha e Loteamento Cidade Universitária, possuindo população estimada para o setor de 9.521 pessoas (IBGE, 2010).

Figura 34 – Perímetro urbano do município e delimitação das áreas de estudo.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2016) – sem escala definida.

3.2 Classificação da pesquisa

Há várias formas de classificar as pesquisas (SILVA; MENEZES, 2004). Dentro das formas apresentadas pelos autores, esta pesquisa está classificada da seguinte maneira:

Quanto à natureza: como pesquisa aplicada, pois objetiva produzir conhecimentos para aplicação prática e voltada à solução de problemas específicos, envolvendo interesses

locais. Nessa pesquisa foram avaliados os potenciais atrativos para apropriação de espaços públicos requalificados para o lazer.

Quanto à abordagem do problema: como pesquisa qualitativa, pois considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Neste caso, o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Dessa forma, esta pesquisa corresponde a uma análise qualitativa através das informações coletadas quanto aos elementos atrativos em relação aos aspectos físicos, formais e funcionais, e suas influências na percepção e apropriação da população em relação aos espaços públicos requalificados.

Quanto aos objetivos: como pesquisa descritiva, pois visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionário e observação sistemática (GIL, 2008). Nessa pesquisa foi realizada a descrição dos dados coletados através da observação direta dos espaços públicos e aplicação de questionário aos usuários.

Quanto aos procedimentos técnicos: como levantamento, pois a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer; e como estudo de caso, pois envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2008). Nessa pesquisa, o levantamento e estudo de caso correspondem aos espaços públicos requalificados para o lazer, a fim de verificar e ponderar o desempenho dos potenciais atrativos para apropriação do usuário, e aferir a adequabilidade dos elementos propostos nas diferentes dimensões envolvidas.

3.3 Procedimento metodológico

O procedimento metodológico foi desenvolvido em uma estrutura de etapas e fases de modo a atender os objetivos específicos. A estrutura metodológica da pesquisa segue apresentada no Quadro 7.

Quadro 7 – Estrutura metodológica da pesquisa.

1. Caracterização dos espaços públicos na cidade de Passo Fundo/RS.
1.1 Descrição dos espaços públicos quanto à evolução e estruturação urbana.
1.2 Apresentação dos espaços públicos requalificados para o lazer – parques.
1.3 Levantamento das características físicas de cada espaço público em estudo.
1.4 Criação de fichas para levantamento em campo.
2. Análise da qualidade dos elementos que afetam a atratividade dos espaços públicos, em relação aos aspectos físicos, formais e funcionais.
2.1 Levantamento e análise dos elementos físicos construídos e naturais.
2.2 Levantamento e análise das características morfológicas e do entorno imediato.
2.3 Levantamento e análise das características funcionais e de uso.
3. Avaliação do desempenho dos espaços públicos com base na percepção e comportamento dos usuários.
3.1 Levantamento e avaliação da percepção e comportamento.
4. Aferição da adequabilidade dos elementos propostos quanto ao potencial atrativo e apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de atratores para espaços públicos de lazer em municípios de médio porte.
4.1 Correlação dos elementos físicos, formais, funcionais e perceptivos/comportamentais considerados influentes na atratividade dos espaços públicos frente às análises realizadas.
4.2 Apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de elementos atratores para futuras intervenções em espaços públicos.

Fonte: Autora (2016).

A seguir, encontra-se a descrição de cada etapa desenvolvida na pesquisa, de acordo com a estrutura metodológica apresentada anteriormente.

1. Caracterização dos espaços públicos na cidade de Passo Fundo/RS.

1.1 Descrição dos espaços públicos quanto à evolução e estruturação urbana.

Realizou-se a descrição dos espaços públicos em relação ao contexto de formação e estruturação urbana da cidade, através de pesquisa bibliográfica e apresentação de mapas,

com base em Ferretto (2012), Mascaró; Bonatto (2014), Benetti (2013), IBGE (2010) e PMPF (2016).

1.2 Apresentação dos espaços públicos requalificados para o lazer – parques.

Realizou-se a localização, a identificação e o perfil histórico dos três espaços requalificados em estudo. Para isso, foram apresentados plantas baixas e mapas digitais, manipulados a partir de imagens aéreas da cidade de Passo Fundo/RS, disponíveis pelo Google Earth (2016) e PMPF (2016).

1.3 Levantamento das características físicas de cada espaço público em estudo.

Realizou-se o levantamento documental com o objetivo de obter dados, registros, cadastros e projetos técnicos (arquivos gráficos), porventura existentes, dos parques urbanos requalificados da cidade, através de pesquisa na Prefeitura de Passo Fundo/RS, especificamente no órgão municipal competente, a Secretaria de Planejamento Urbano (SEPLAN). A partir desses documentos, os espaços foram apresentados em planta baixa com sua caracterização física, além do registro fotográfico anterior e posterior à requalificação.

1.4 Criação de fichas para levantamento em campo.

Realizou-se um conjunto de fichas para obtenção e organização dos dados em campo, através da elaboração, em gabinete, elencando os elementos construídos e naturais, e classificando-os quanto ao estado de preservação, conservação, quantidade e distribuição no espaço, conforme o Apêndice A. A elaboração das fichas foi feita através de exemplos existentes para pesquisas semelhantes (espaços públicos), adaptando os itens de levantamento para o interesse do estudo (MIRANDA, 2014).

2. Análise da qualidade dos elementos que afetam a atratividade dos espaços públicos, em relação aos aspectos físicos, formais e funcionais.

2.1 Levantamento e análise dos elementos físicos construídos e naturais.

Realizou-se a identificação, descrição e registro fotográfico dos elementos físicos construídos e naturais quanto à pavimentação, arte urbana, água, bancos, equipamentos de lazer e esportes, acessibilidade universal, infraestrutura, iluminação, equipamentos públicos, cercamento, construções de apoio, sinalização e vegetação. Através de visitas *in loco* e com o auxílio das fichas de levantamento (constando o dia e hora do levantamento apresentado nos

resultados), os elementos foram analisados quanto ao estado de preservação, conservação, quantidade e distribuição no espaço, através de conceitos e critérios qualitativo-quantitativos, conforme o Quadro 8. As análises foram baseadas em (LYNCH, 1997; GEHL, 2015; MASCARÓ, 1996; SILVA, 2009; SERPA, 2007; CARR *et al.*, 1992; SANTOS, 1987).

Quadro 8 – Conceitos e critérios de análise dos elementos físicos construídos e naturais.

Conceitos	Critérios de análise			
Estado de preservação	Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado
	75% - 100%	50% - 75%	25% - 50%	0 – 25%
Estado de conservação	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
	75% - 100%	50% - 75%	25% - 50%	0 – 25%
Quantidade	Satisfatório		Insatisfatório	
	Adequada às dimensões do parque.		Inadequada às dimensões do parque.	
	Compatível com a demanda de usuários.		Incompatível com a demanda de usuários.	
	Adequada à proposta formal e funcional do parque.		Inadequada à proposta formal e funcional do parque.	
Distribuição no espaço	Bom	Razoável		Ruim
	66,6% - 100%	33,3% - 66,6%		0 – 33,3%
	Abrangência dimensional do parque.			
	Estabelecimento de conexões formais e funcionais.			

Fonte: Autora (2017).

Também, foi realizada uma análise comparativa entre os três parques para a verificação dos elementos físicos construídos e naturais considerados atrativos e não atrativos, através de uma matriz de avaliação, conforme os critérios de análise estabelecidos e a atribuição do percentual do grau de atratividade (alto, médio e baixo). Para cada grau de atratividade foi estabelecido uma cor de representação (verde, amarelo e vermelho), sendo que o método de utilização da cor corresponde aos critérios e análises qualitativas realizadas para cada elemento. Os percentuais obtidos provêm do somatório dos itens com alto grau de atratividade (verde) dividido pela totalidade dos itens existentes. O percentual adquirido possibilitou o grau e o comparativo de atratividade entre os parques.

2.2 Levantamento e análise das características morfológicas e do entorno imediato.

Realizou-se a classificação, identificação e descrição das características morfológicas e análise do entorno imediato. Esse levantamento teve o auxílio de visitas *in loco* realizadas durante o mês de abril de 2017, imagens de satélite e criação de mapas do entorno quanto à

estrutura formal, parcelamento do solo, hierarquia e fluxos viários, uso e ocupação do solo, gabarito de altura e localização geográfica, em um raio de aproximadamente 250 metros do local de estudo. As análises foram baseadas em (RIGATTI, 2002; JACOBS, 2000; GEHL, 2015; WHYTE, 2009, SERPA, 2007; MACEDO, 2012; CARR *et al.*, 1992).

Também, foi realizada uma análise comparativa entre os três parques para a verificação das características morfológicas e do entorno consideradas atrativas e não atrativas, através de uma matriz de avaliação, conforme os critérios de análise estabelecidos e a atribuição do percentual do grau de atratividade (alto, médio e baixo). Para cada grau de atratividade foi estabelecido uma cor de representação (verde, amarelo e vermelho), sendo que o método de utilização da cor corresponde aos critérios e análises qualitativas realizadas para cada característica. Os percentuais obtidos provêm do somatório dos itens com alto grau de atratividade (verde) dividido pela totalidade dos itens analisados. O percentual adquirido possibilitou o grau e o comparativo de atratividade entre os parques.

2.3 Levantamento e análise das características funcionais e de uso.

Realizou-se a observação e classificação das características funcionais e de uso enquanto espaço contemplativo, recreativo, conservacionista ou com funções múltiplas, através da leitura projetual, visitas *in loco* realizadas durante o mês de abril de 2017, e análise de acordo com as características ecológica, social, estética, educativa e psicológica, apoiada no registro fotográfico do local. As análises foram baseadas em (MACEDO, 2012; LEITÃO, 2002; GEHL, 2015; LYNCH, 1997; WHYTE, 2009; JACOBS, 2000; CARR *et al.*, 1992; MASCARÓ, 1996).

Também, foi realizada uma análise comparativa entre os três parques para a verificação das características funcionais e de uso consideradas atrativas e não atrativas, através de uma matriz de avaliação, conforme os critérios de análise estabelecidos e a atribuição do percentual do grau de atratividade (alto, médio e baixo). Para cada grau de atratividade foi estabelecido uma cor de representação (verde, amarelo e vermelho), sendo que o método de utilização da cor corresponde aos critérios e análises qualitativas realizadas para cada característica. Os percentuais obtidos provem do somatório dos itens com alto grau de atratividade (verde) dividido pela totalidade dos itens analisados. O percentual adquirido possibilitou o grau e o comparativo de atratividade entre os parques.

3. Avaliação do desempenho dos espaços públicos com base na percepção e comportamento dos usuários.

3.1 Levantamento e avaliação da percepção e comportamento.

Realizou-se a abordagem das relações entre pessoa-ambiente para compreender e analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente. O levantamento ocorreu por meio de uma avaliação do desempenho do espaço, nomeadamente avaliação pós-ocupação (APO). O método de APO foi utilizado como norteador de alguns de seus instrumentos avaliativos, sendo adaptados à realidade estudada e às características da pesquisa. Dos oito instrumentos metodológicos da APO revisados por Rheingantz (2009), foram utilizados dois: mapa comportamental centrado no lugar e questionário estruturado. Algumas avaliações quanto à percepção e comportamento foram baseadas em (SILVA, 2009; LYNCH, 1997; GEHL, 2015; SANTOS, 1987; MARCELLINO, 1983; HAAS, 2000; CARR *et al.*, 1992; AMARAL, 2008; JACOBS, 2000; WHYTE, 2009; SERPA, 2007).

Mapa comportamental centrado no lugar: Foi realizada a observação do local e registros em intervalos regulares de tempo, por parte do pesquisador, para identificar as atividades dos usuários, fluxos e as relações espaciais existentes (RHEINGANTZ, 2009). O registro do mapa comportamental foi desenvolvido nos meses de setembro e outubro de 2017, durante 21 dias (domingo e dois dias da semana), em dois turnos – manhã e tarde, totalizando seis períodos de observação para cada parque.

Estes registros foram elaborados e sintetizados em mapas, contendo as atividades que estavam sendo exercidas (circular, observar, brincar, trabalhar e socializar) e a faixa etária dos usuários (crianças, jovens, adultos e idosos).

Questionário estruturado aplicado aos usuários: Foram coletadas as informações que revelaram seu perfil, grau de satisfação, comportamentos e percepções, identificando a apropriação e a postura dos usuários frente aos espaços requalificados (RHEINGANTZ, 2009). Para isso, foram elaboradas questões fechadas, que possibilitaram fácil tratamento estatístico, conforme o Apêndice B.

Para a obtenção da quantidade de questionários a serem aplicados, uma amostra foi calculada estatisticamente a partir do tamanho da população para melhor confiabilidade dos

resultados. A população para amostragem de respondentes foi estabelecida de acordo com a densidade populacional dos bairros em que os parques estão inseridos, de forma proporcional a sua dimensão territorial. O critério de estratificação se justifica pelo intuito de estabelecer igualmente a representatividade da amostra para os três parques, como mostra o Quadro 9.

Quadro 9 – Estratificação da população para cálculo da amostra.

Setor	m ² (setor)	População do setor (total)	Bairro	m ² (bairro)	População do bairro
Setor 1	4.228.992	21.942	Bairro Centro (Parque da Gare)	3.768.999	19.556
			Bairro Vergueiro (Parque Ambiental Banhado da Vergueiro)	459.993	2.386
Setor 4	5.374.415	9.521	Bairro Petrópolis (Parque Linear do Sétimo Céu)	3.583.507	6.349
			Loteamento Invernadinha	605.196	1.072
			Loteamento Cidade Universitária	1.185.712	2.100

Fonte: IBGE (2010); PMPF (2016), adaptado pela autora (2017).

Existem ferramentas estatísticas para a garantia da significância dos dados oriundos da aplicação de questionários, tornando-se necessário o estabelecimento de determinado número de elementos para a mensuração do tamanho da amostra (GIL, 2008). Assim, com margem de erro desejada de 10% e intervalo de confiança de 95%, cujos parâmetros foram considerados para os três parques, aplicou-se a seguinte fórmula, destinada a cálculos de populações finitas:

$$n = \frac{0,25 \times N \times (Z_{\alpha/2})^2}{0,25 \times (Z_{\alpha/2})^2 + (N - 1) \times E^2}$$

Considerando os índices do Quadro 10, a formulação supracitada determinou a quantidade de 96 questionários a serem aplicados no Parque da Gare, 92 no Parque Ambiental Banhado da Vergueiro e 94 no Parque Linear do Sétimo Céu.

Quadro 10 – Descrição dos parâmetros de cálculo de amostragem.

Símbolo	Descrição	Aplicação
α	Intervalo de confiança	95%
Z	Desvio normal padrão	1,96
E	Margem de erro	10%
N	População (habitantes)	Parque da Gare: 19.556 hab.
		Parque do Banhado: 2.386 hab.

		Parque do Sétimo Céu: 6.349 hab.
n	Amostra (habitantes)	Parque da Gare: 96 hab.
		Parque do Banhado: 92 hab.
		Parque do Sétimo Céu: 94 hab.

Fonte: Autora (2017), adaptado de Gil (2008).

O questionário foi dividido em oito itens: perfil do entrevistado; frequência e permanência; uso e atividades; percepção e comportamento; qualidades específicas; manutenção e conservação; segurança e proteção; e aparência e status. A partir desses itens, foram elaboradas perguntas fechadas que contemplam o foco de interesse. Foi utilizado o mesmo tipo de questionário para os três parques. A elaboração do questionário foi realizada através de uma seleção de questionários existentes para pesquisas semelhantes (espaços públicos), adaptando as questões para o interesse do estudo (OLIVEIRA, 2005; FERREIRA, 2007; SILVA, 2009).

Também, foi realizado um pré-teste a uma pequena amostra de respondentes (10% - totalizando 10 questionários), no Parque da Gare, por ser o espaço público com maior dimensão territorial, por estar localizado no centro da cidade, e ainda, por contar com o maior número de visitantes. O objetivo do pré-teste foi avaliar a adequação do instrumento quanto ao tamanho, à estrutura, ao tempo de resposta, à clareza e à abrangência (RHEINGANTZ, 2009).

A aplicação do pré-teste foi realizada no dia 11 de junho de 2017, das 15h00min às 16h30min, e revelou que o questionário contém questões claras e de fácil entendimento por parte dos respondentes. Ainda, o tempo médio de resposta ficou em torno de dez minutos, o que foi considerado adequado para o tamanho do questionário e, conseqüentemente, para a aplicação definitiva.

Algumas questões que permitem a marcação de mais de uma opção foram reestruturadas utilizando o critério de marcação a partir de uma escala de preferência (Exemplo: 1 – 5), sendo 1 para maior preferência e 5 para a menor preferência. Esta reestruturação se justifica, pois, vários questionários receberam, para essas questões, marcação em todas as opções ofertadas.

A aplicação definitiva dos questionários ocorreu nos meses de julho, agosto e setembro de 2017, com média de cinco visitas em cada parque, alternando os turnos (manhã e tarde) e os dias da semana. Os respondentes foram abordados em toda a dimensão territorial

dos parques, considerando seu perímetro externo e todos os locais/atividades/equipamentos internos.

Quanto ao processamento dos dados, este foi realizado com o auxílio da ferramenta Microsoft Excel 2010 para gerar gráficos, quadros e tabelas a fim de facilitar a análise devido ao grande número de questões. Também, percebeu-se a necessidade de numerar e codificar as questões para melhor organização no processamento dos dados e futuras análises comparativas.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Passo Fundo/RS (CEP-UPF) e aprovado no dia 18/01/2017 sob o número CAAE 63461516.6.0000.5342. Para os procedimentos de coleta de dados, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e em seguida, em caso de aceite, foram orientados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme o Apêndice C.

Também, foi realizada uma análise comparativa entre os três parques para a verificação da percepção e comportamento considerados atrativos e não atrativos, através de uma matriz de avaliação, conforme os critérios de análise estabelecidos e a atribuição do percentual do grau de atratividade (alto, médio e baixo). Para cada grau de atratividade foi estabelecido uma cor de representação (verde, amarelo e vermelho), sendo que o método de utilização da cor corresponde aos critérios e análises qualitativas realizadas e verificadas através dos itens respondidos pelos usuários. Os percentuais obtidos provêm do somatório dos itens com alto grau de atratividade (verde) dividido pela totalidade dos itens existentes. O percentual adquirido possibilitou determinar qual parque foi considerado mais atrativo.

4. Aferição da adequabilidade dos elementos propostos quanto ao potencial atrativo e apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de atratores para espaços públicos de lazer em municípios de médio porte.

4.1 Correlação dos elementos físicos, formais, funcionais e perceptivos/comportamentais considerados influentes na atratividade dos espaços públicos frente às análises realizadas.

Realizou-se a verificação dos aspectos anteriormente apresentados e analisados (elementos físicos, formais, funcionais e perceptivos/comportamentais) que atuaram

adequadamente sobre o desempenho dos espaços públicos e obtiveram maior potencial de atratividade quanto ao uso e apropriação por parte do usuário, a partir das médias extraídas do percentual do grau de atratividade diagnosticado no comparativo dos três parques para cada aspecto investigado. Através das médias resultantes, com o apoio de quadros comparativos quantitativos e qualitativos, foi realizada a correlação entre os aspectos mais significativos e sua influência no potencial de atratividade, na forma de apropriação, na intensidade de uso e nos níveis de satisfação dos usuários.

4.2 Apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de elementos atratores para futuras intervenções em espaços públicos.

Realizou-se a apresentação de diretrizes para espaços públicos, com base nos resultados aferidos relacionados aos elementos analisados e na correlação estabelecida, apoiada na verificação dos pontos positivos e negativos apurados pela pesquisa, através de uma listagem descritiva.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentou-se inicialmente a caracterização dos espaços públicos de Passo Fundo/RS através da sua descrição quanto à evolução e estruturação urbana, com o propósito de compreender a história de formação do município em relação às áreas verdes (praças, parques). Da mesma forma, os espaços públicos requalificados para o lazer, Parque Ambiental Banhado da Vergueiro, Parque Linear do Sétimo Céu e Parque da Gare, que compreendem o objeto da presente pesquisa, foram apresentados através da sua localização, identificação, perfil histórico e características físicas. Posteriormente, foram realizadas as análises técnicas da qualidade dos elementos que afetam a atratividade em cada parque, através do levantamento dos elementos físicos construídos e naturais, levantamento das características morfológicas e do entorno imediato, e levantamento das características funcionais e de uso. Após, realizou-se a avaliação do desempenho dos parques com base na percepção e comportamento dos usuários. Concomitante aos levantamentos e análises, foi realizado um comparativo entre os parques, através da atribuição do grau de atratividade para os aspectos pesquisados. Por fim, realizou-se a correlação dos elementos e características apresentados e analisados, pautada na influência do potencial de atratividade dos parques, permitindo estabelecer diretrizes para futuras intervenções em espaços públicos de lazer.

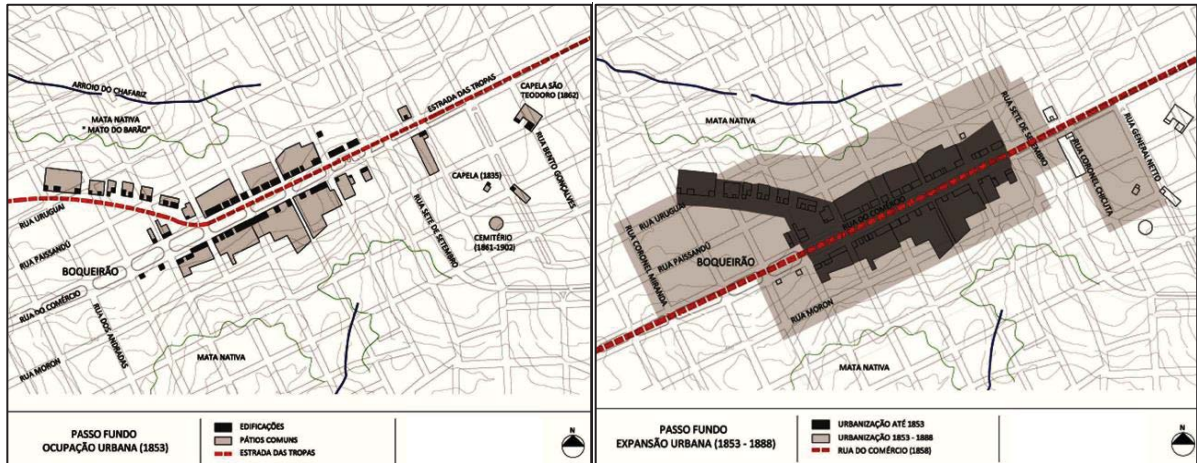
4.1 Caracterização dos espaços públicos na cidade de Passo Fundo/RS

4.1.1 Descrição dos espaços públicos quanto à evolução e estruturação urbana

A estruturação urbana de Passo Fundo/RS pode ser identificada em três grandes períodos. O primeiro se inicia em 1827, início da ocupação urbana, e se estende até o final do século XIX, caracterizado pela expansão da ocupação ao longo da Estrada das Tropas, atual Avenida Brasil. O segundo período se inicia com a passagem da ferrovia por Passo Fundo/RS, em 1898, e se estende até a metade do século XX, caracterizado pela emergência da ferrovia como um novo vetor de expansão urbana, pela formação do centro nas imediações da estação férrea e dos primeiros bairros no entorno do centro. O último período tem início na década de 1950, e é caracterizado pela expansão horizontal da cidade, através da implantação de loteamentos periféricos, e também pela verticalização da área central, sobretudo a partir da década de 1970 (FERRETTO, 2012).

Desde sua ocupação inicial em 1827 até a expansão urbana de 1888, os espaços públicos destinados ao lazer como praças eram inexistentes, conforme mostram as Figuras 35 e 36.

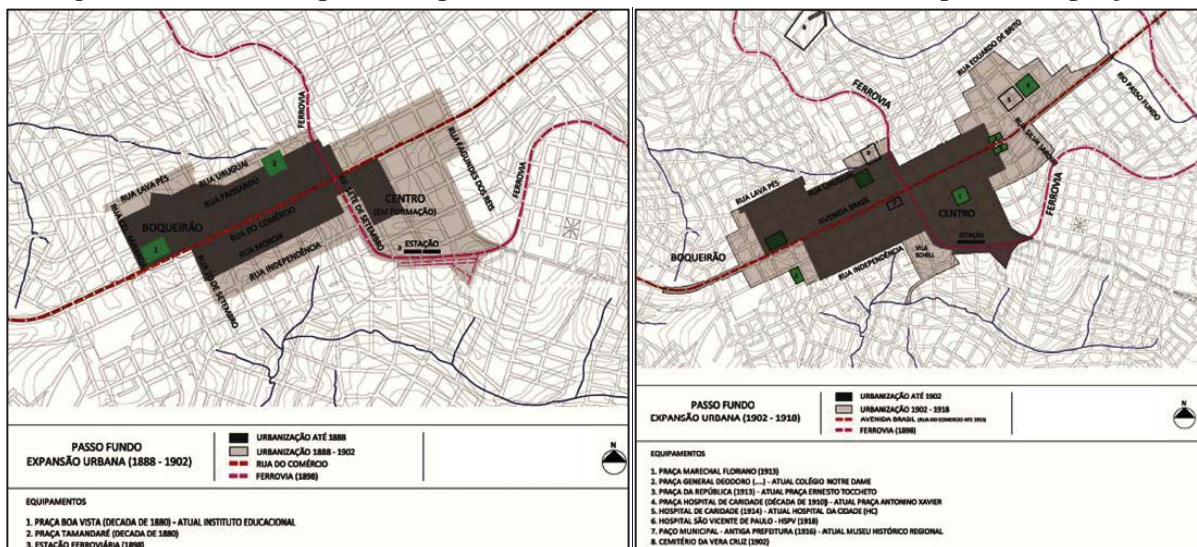
Figuras 35 e 36 – Mapas de ocupação e expansão urbana de Passo Fundo/RS até 1888.



Fonte: Ferretto (2012) – sem escala definida.

As primeiras praças surgiram com a formação do centro e dos primeiros bairros residenciais ao longo da Avenida Brasil no sentido Leste-Oeste, entre o final do século XIX e a metade do século XX. Esse período também corresponde à implantação da ferrovia, considerado um novo vetor de expansão urbana, fomentando o desenvolvimento econômico, social e cultural do município, com o aparecimento de novos bairros no sentido Norte-Sul, conforme apresentam as Figuras 37 e 38.

Figuras 37 e 38 – Mapas de expansão urbana de 1888 a 1918, com as primeiras praças.



Fonte: Ferretto (2012) – sem escala definida.

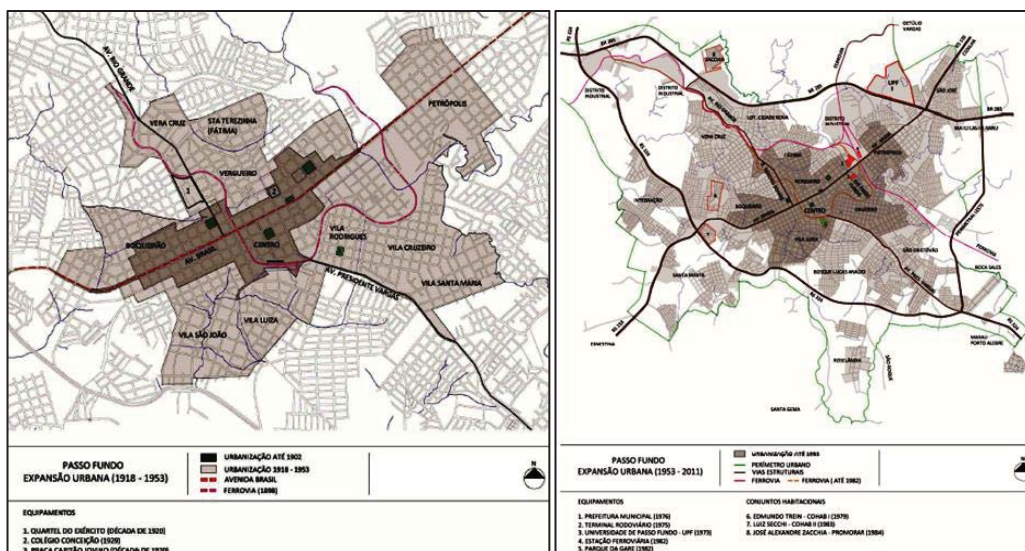
Em 1918, a cidade contava com sete praças, sendo que algumas não existem mais, como a Praça da Boa Vista (década de 1880), ocupada pelo Instituto Educacional, em 1920; Praça da República (1913), atual Praça Ernesto Tochetto, cuja metade sul foi ocupada pelo Colégio Protásio Alves (1929); e Praça Marechal Deodoro, ocupada posteriormente pelo Colégio Notre Dame.

Em 1919, Saturnino de Brito constitui o primeiro plano da cidade de acordo com o pensamento técnico da época, tendo como objetivo principal o saneamento, embelezamento e expansão com a proposição de novas áreas verdes, porém, o plano não foi implementado em sua totalidade (MASCARÓ; BONATTO, 2014).

Em 1953 foi elaborado o primeiro Plano Diretor de Passo Fundo/RS, propondo a implantação de grandes equipamentos urbanos como o centro cívico, estádio e mercado municipal. Entretanto, o plano não teve o impacto espacial desejado sobre a cidade, principalmente em relação à oferta de áreas verdes, mas orientou a expansão e ocupação urbana.

Percebe-se que, a quantidade de praças não acompanhou a expansão urbana que ocorreu de 1918 a 1953 com o aparecimento de novos bairros, permanecendo presentes apenas na região central da cidade, conforme as Figuras 39 e 40. Também, em 1982, com a retirada dos trilhos à frente da Estação Ferroviária para a implantação da Avenida Sete de Setembro, criou-se o primeiro parque urbano de Passo Fundo/RS, o Parque da Gare.

Figuras 39 e 40 – Mapas de expansão urbana de 1918 a 2011, com as praças e parque existentes.



Fonte: Ferretto (2012) – sem escala definida.

Em 1929, a cidade já possuía as principais praças de hoje: Tamandaré, Marechal Floriano, Ernesto Tochetto, Antonino Xavier de Oliveira e Capitão Jovino. Em 1957, a cidade passa a contar oficialmente com dez praças, a maioria instalada no centro e remanescente da antiga formação urbana, demonstrando grande disparidade na quantidade de praças em relação ao crescente número de habitantes (Figura 41), principalmente em função da localização (MASCARÓ; BONATTO, 2014).

Figura 41 – Evolução populacional de Passo Fundo/RS (1857-2010).

ANO	TOTAL	RURAL	%	URBANA	%
1857	7.586	*	*	*	*
1900	21.374	*	*	*	*
1920	65.000	59.000	90,77	6.000	9,23
1940	80.138	59.554	74,31	20.584	25,69
1950	101.887	69.658	68,37	32.229	31,63
1960	93.179	42.620	45,74	50.559	54,26
1970	93.850	22.981	24,49	70.869	75,51
1980	121.156	15.688	12,95	105.468	87,05
1991	147.239	10.023	6,81	137.216	93,19
2000	168.458	4.710	2,80	163.748	97,20
2010	184.869	4.710	2,55	180.159	97,45

Fonte: IBGE (2010).

Até 2015, o número de praças e parques existentes no perímetro urbano da cidade não apresentou mudança significativa, totalizando 18 para tais tipologias. Quanto às áreas verdes cadastradas para uso comum da população, ou seja, para lazer, esportes e outras funções, em grande parte dos setores censitários, são considerados inexistentes. Sendo assim, dos 22 setores censitários, apenas seis apresentam áreas verdes (27% possuem áreas verdes e 73% não as possuem) (BENETTI, 2013). O setor 1, correspondente à área central, e onde se encontram os atuais Parque da Gare e o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro, é o que representa a maior quantidade de áreas verdes (116.670 m²), o que corresponde a 66,47% do total da área verde urbana. Já o setor 4, onde se encontra o atual Parque Linear do Sétimo Céu, não há existência de outras áreas verdes.

Portanto, a localização e distribuição dos espaços verdes, praças e parque urbano encontram-se em área mais adensada, isto é, na região central, fato que pouco se diferencia desde a evolução urbana. As áreas mais periféricas não apresentam quantidades suficientes de áreas verdes, praças e parques adequados para o uso da população, permanecendo, muitas vezes, áreas de vazio urbano, abandonadas e subutilizadas, como mostra a Figura 42.

Figura 42 – Atual distribuição de áreas verdes, praças e parque na malha urbana.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

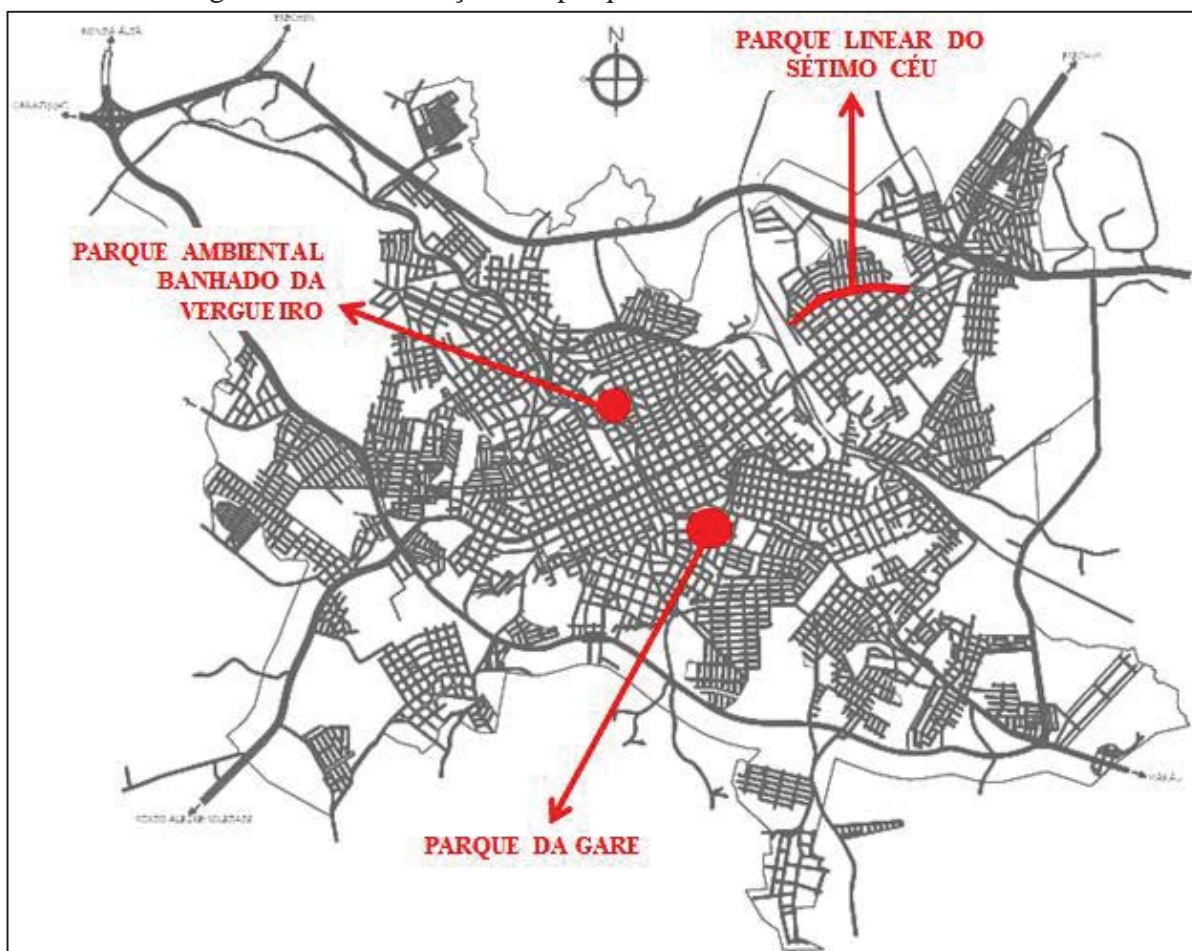
Observa-se que a cidade perdeu praças ao longo de sua história e a expansão urbana não implantou quantidade suficiente de novas praças, parques ou espaços verdes voltados ao lazer e à qualidade de vida urbana. Ademais, há forte concentração desses espaços nas áreas centrais, onde o padrão de renda é alto, em detrimento das áreas periféricas e de menor renda, mostrando má distribuição na malha urbana.

Em 2016, o Parque da Gare teve seu espaço totalmente requalificado, como também, os canteiros da Avenida Rui Barbosa, tornando-se o Parque Linear do Sétimo Céu, e o banhado da Vergueiro, que teve implantado em seu espaço o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro. Passo Fundo/RS passou a contar então com três novos espaços públicos destinados ao lazer, categorizados em sua denominação como parques.

4.1.2 Apresentação dos espaços públicos requalificados para o lazer – parques

Os espaços públicos requalificados para o lazer e nomeados parques estão situados na região central e proximidades, conforme mostra a Figura 43. O Parque da Gare e Parque Ambiental Banhado da Vergueiro encontram-se em áreas cuja urbanização estava consolidada até a década de 1950, bem como, onde concentra a maior população e a maioria das praças. O Parque Linear do Sétimo Céu encontra-se em área que teve sua urbanização mais lentamente a partir da década de 1970, e até a atualidade, não há a presença de praças.

Figura 43 – Distribuição dos parques analisados na malha urbana.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

O Quadro 11 reúne alguns dados sobre os três espaços a serem avaliados, como localização, área, população, data de inauguração, autoria de projeto, entre outros. Essas informações iniciais permitem identificar os parques e organizar as características gerais.

Quadro 11 – Informações gerais dos parques.

Parque	Região	Setor	Bairro	Área do bairro (ha)	População por bairro	Área do parque (m ²)	Inauguração	Projeto
Banhado Vergueiro	Norte	1	Vergueiro	46	2.386	14.520	12/07/2016	SEPLAN PMPF
Sétimo Céu	Nordeste	4	Petrópolis	358	6.349	13.298	28/06/2016	SEPLAN PMPF
Gare	Sul	1	Centro	377	19.556	50.000	22/06/2016	Idom - ACXT

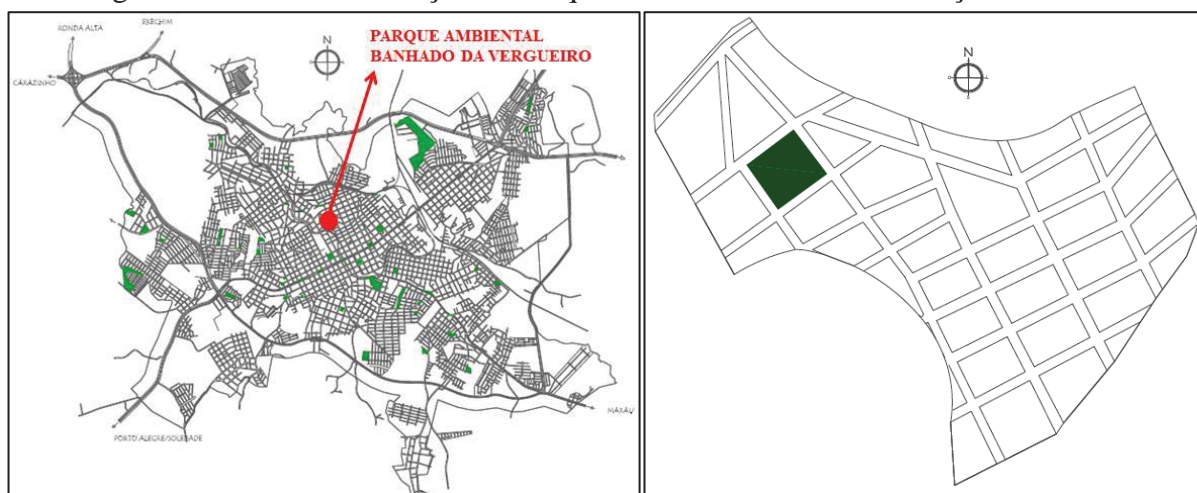
Fonte: PMPF (2016); CENSO (2010).

4.1.3 Parque Ambiental Banhado da Vergueiro

4.1.3.1 Localização e identificação

O Parque Ambiental Banhado da Vergueiro está localizado na região Norte da cidade e a Noroeste do bairro Nicolau Vergueiro (Figuras 44 e 45), possui 14.520 m² e foi implantado em local popularmente conhecido como “banhado da vergueiro”.

Figuras 44 e 45 – Localização do Parque Banhado na cidade e inserção no bairro.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

O parque é conformado pelas ruas Tomé Mendes, Senador Vergueiro, Homero Leite e Quinze de Novembro, como mostra a Figura 46.

Figura 46 – Identificação do Parque Ambiental Banhado da Vergueiro.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

4.1.3.2 Perfil histórico

O Parque Ambiental Banhado da Vergueiro foi denominado inicialmente de Praça Senador Pinheiro Machado, porém, sem a caracterização das praças de sua época quanto aos traçados e usos. O espaço hoje ocupado pelo parque foi reservado à construção de uma praça na época do loteamento, realizado pelo proprietário original do terreno, Nicolau de Araújo Vergueiro. O atual bairro Nicolau Vergueiro foi loteado na década de 1940, e é considerado o primeiro bairro de Passo Fundo/RS destinado às elites, e se mantém até hoje com as mesmas características. Grande parte do bairro é ocupada por residências unifamiliares, havendo, no entanto, uma pequena concentração de edifícios de alto padrão no limite oeste do bairro, junto à Avenida Sete de Setembro (FERRETTO, 2012).

Foram necessários mais de cinquenta anos para sua liberação ao uso público, pois o local já estava inserido no mapeamento do Primeiro Plano Diretor de Passo Fundo/RS como espaço de uso público. Durante esse período, a criação do parque e preservação do bioma foi discutida diversas vezes, pois a área encontrava-se completamente abandonada e possuía o potencial de ser um espaço de preservação e contato com o banhado, considerado um dos ecossistemas mais ricos em termos de biodiversidade. O banhado, além de exercer funções que beneficiam direta e indiretamente a cidade, caracteriza-se por áreas úmidas que possuem grande importância para a formação de recursos hídricos, como o Rio Passo Fundo/RS, bem como, abriga fauna e flora nativas do Rio Grande do Sul (PMPF, 2016).

Durante o período de espera para liberação ao uso público, o local sofreu grande número de invasões, incêndios e depredações. Essas ações descaracterizaram o ambiente, e por essa razão, começou-se a planejar a gestão e manejo para que fosse inserido no dia a dia das pessoas sem que suas características naturais fossem prejudicadas.

A destinação adequada da área só foi possível com o auxílio do Ministério Público, utilizando recursos do Fundo Municipal de Gestão Compartilhada, através de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), que envolveu questões referentes a gastos e à desapropriação de terrenos particulares, a fim de preconizar a preservação de fauna e flora de banhado (PMPF, 2016).

A ideia da criação do Parque Ambiental Banhado da Vergueiro tem sido cultivada desde 1941, quando a PMPF lançou pela primeira vez, o decreto de desapropriação de aproximadamente cinquenta lotes no entorno da praça, visando a criação de um parque. Esse

decreto foi reeditado em 2006, e posteriormente, em 2011. Por falta constante de verbas públicas, essas desapropriações nunca se concretizaram. As desapropriações têm como previsão, um acréscimo de aproximadamente 31.000 m² à área do parque, que tem atualmente em torno de 14.000 m², como mostra a Figura 47. Com esse adicional de área, o parque passaria aos 3,5 ha, numa combinação de parque e preservação ambiental, atendendo tanto à comunidade quanto ao meio ambiente (MELO; CARASEK, 2016).

Figura 47 – Área atual e área prevista para desapropriação.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

O PDDI (Plano diretor de desenvolvimento integrado de Passo Fundo/RS, 2006) fundamenta a valorização do patrimônio ambiental, visando à sustentabilidade e a promoção dos valores históricos e culturais da cidade, compreendendo a necessidade de uma relação equilibrada entre ambiente construído e natural (MELO; CARASEK, 2016). Nessa perspectiva, a área do Parque da Vergueiro enquanto integrante do patrimônio natural e paisagístico do município, vai de encontro com a proposição do PDDI, demonstrando preocupação com a qualificação da paisagem e gestão de espaços públicos passíveis de uso, preservação e, conseqüentemente, equilíbrio urbano.

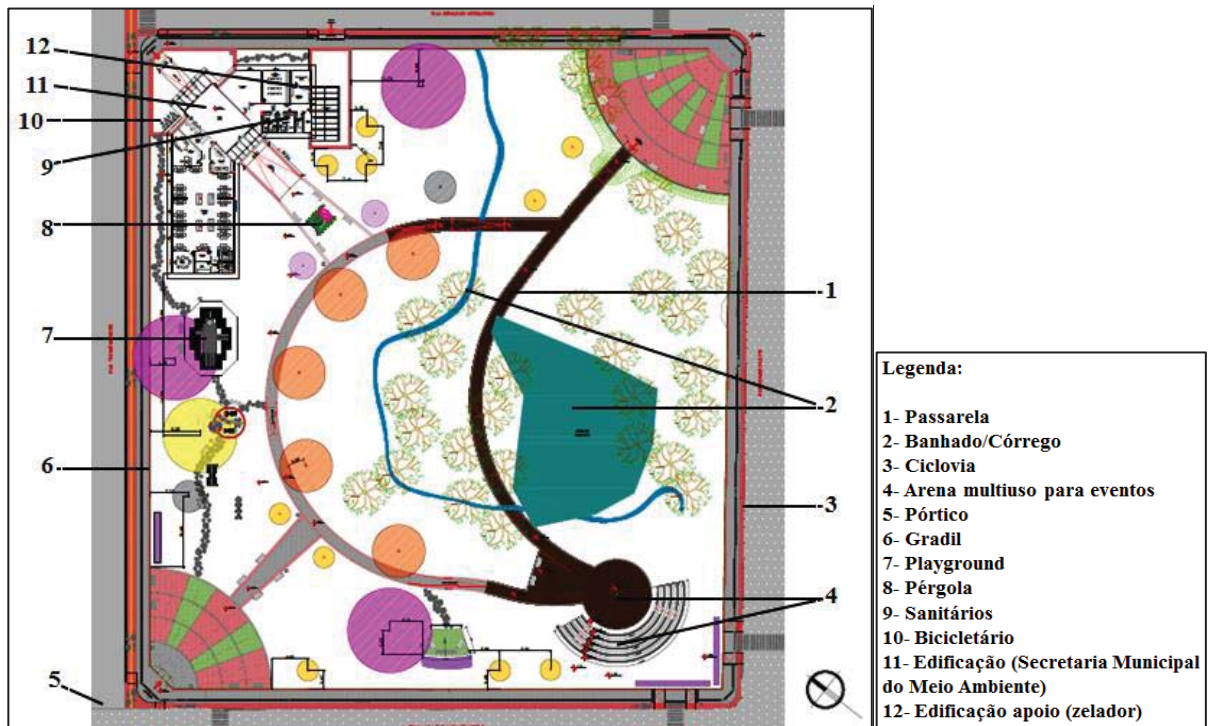
Portanto, o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro, entregue à população em 12 de julho de 2016, além de estar inserido nas proposições do PPDI, respeita sua importância quanto às diretrizes sugeridas para a gestão do patrimônio natural e paisagístico: preservação dos espaços de relevante potencial paisagístico e natural em vista da sua importância para a qualidade de vida e para as atividades voltadas ao lazer; preservação e recomposição da mata ciliar ao longo dos rios e arroios; recuperação e adequação de áreas degradadas e de preservação permanente; e educação ambiental com enfoque na preservação do meio ambiente.

4.1.3.3 Características físicas

O Parque Ambiental Banhado da Vergueiro constitui um espaço integrado ao meio ambiente, projetado pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN) e executado pela empresa Boa Fé Construções, sob supervisão e fiscalização da SEPLAN. Os recursos da obra, que ultrapassaram os R\$ 2 milhões, são oriundos do Fundo de Gestão Compartilhada entre a prefeitura e a Corsan, e em sua fase inicial incluiu a abertura de ruas, pavimentação e construção de calçadas e da ciclovia (PMPF, 2016).

Juntamente ao parque, foi implantado o prédio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, que inclui um Centro de Educação Ambiental em seu interior, além de sanitários para uso público, espaço de apoio para o zelador e bicicletário. O espaço também conta com playground, arena multiuso para eventos (anfiteatro ao ar livre), área de contemplação, pórtico, cercamento em todo o contorno, passarela sobre a área de banhado e córrego, e pérgola. O parque conta com dois acessos ao uso público em diagonais opostas (Leste e Oeste). A sede da Secretaria do Meio Ambiente também possui acesso independente na diagonal Norte e na face posterior da edificação (Figura 48).

Figura 48 – Projeto do Parque Ambiental Banhado da Vergueiro.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

4.1.3.4 Registro fotográfico anterior à requalificação

Figura 49 – Fotos do Parque Banhado antes da requalificação.



Fonte: PMPF (2016).

4.1.3.5 Registro fotográfico posterior à requalificação

Figura 50 – Fotos do Parque Banhado após a requalificação.



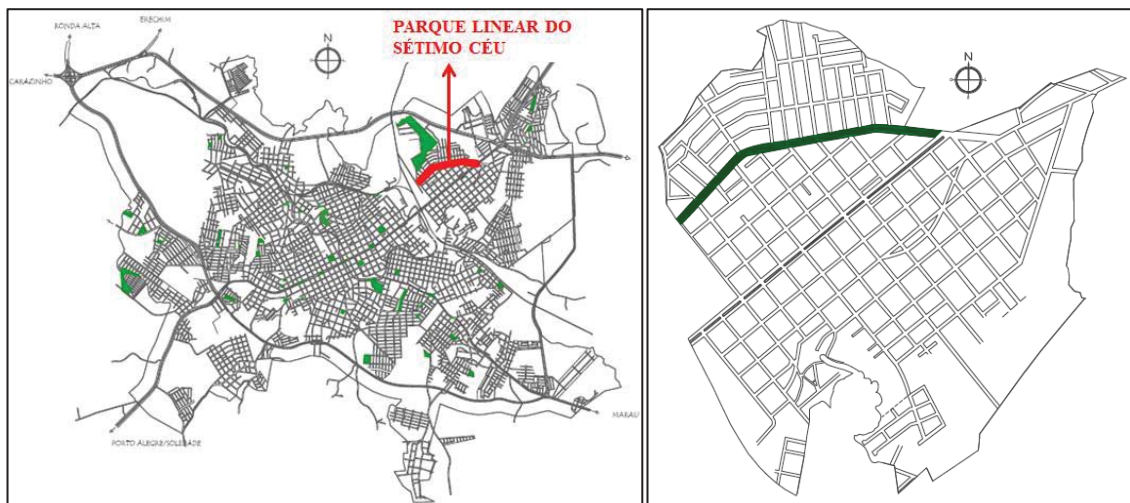
Fonte: PMPF (2016).

4.1.4 Parque Linear do Sétimo Céu

4.1.4.1 Localização e identificação

O Parque Linear do Sétimo Céu está localizado na região Nordeste da cidade e a Norte do bairro Petrópolis (Figuras 51 e 52), possui 13.298 m² de superfície em 1,5 Km de comprimento linear e foi implantado em local popularmente conhecido como “sétimo céu”.

Figuras 51 e 52 - Localização do Parque Sétimo Céu na cidade e inserção no bairro.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

O parque constitui o conjunto de 10 canteiros centrais que formam a Avenida Rui Barbosa, como mostra a Figura 53.

Figura 53 – Identificação do Parque Linear do Sétimo Céu.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

4.1.4.2 Perfil histórico

O bairro Petrópolis foi loteado em 1928, no entanto, teve sua ocupação efetiva na década de 1950 com a necessidade da cidade expandir seu território, propiciando assim, a instalação de indústrias e comércio nas novas ruas criadas. Foi nesse período que a cidade começou a se desenvolver na direção da Avenida Rui Barbosa, até mesmo pela criação do futuro distrito industrial (FERRETTO, 2012).

A Avenida Rui Barbosa foi criada a partir do desdobramento dos então bairros: Jardim Petrópolis, Loteamento Turis, Jardim Botânico I e Vila Petrópolis, de acordo com a Lei nº 660 de 23/12/1955. Dessa forma, proporcionou-se uma expansão territorial da cidade, ampliando o perímetro urbano e, conseqüentemente, aumentando o número de loteamentos ao entorno da nova avenida, sendo que uma das principais utilidades desse novo espaço foi a interligação com o centro da cidade através da conexão com a Avenida Brasil (PMPF, 2016).

O local em que se situa a extremidade oeste da Avenida Rui Barbosa recebeu o nome popular de “sétimo céu”. O apelido nasceu no início dos anos 1980, quando os estudantes de algumas escolas locais cabulavam aula para se encontrar no local, que constitui uma espécie de “mirante”, com vista panorâmica para todo o centro da cidade, além do grande campo com araucárias isoladas e mata nativa (PMPF, 2016), como mostram as Figuras 54 e 55.

Figura 54 – Vista do “sétimo céu” em 2006.



Fonte: PMPF (2017).

Figura 55 – Vista do “sétimo céu” em 2017.



Fonte: Autora (2017).

Atualmente, o bairro Petrópolis é o segundo mais valorizado e importante da cidade, pois possui a quarta maior população, além de ser a ligação com o distrito industrial, onde ficam localizadas as maiores empresas de Passo Fundo/RS, e ainda, onde se encontra a atual sede da Prefeitura Municipal, a Universidade de Passo Fundo/RS e o acesso às rodovias BR-285 e RS-135.

4.1.4.3 Características físicas

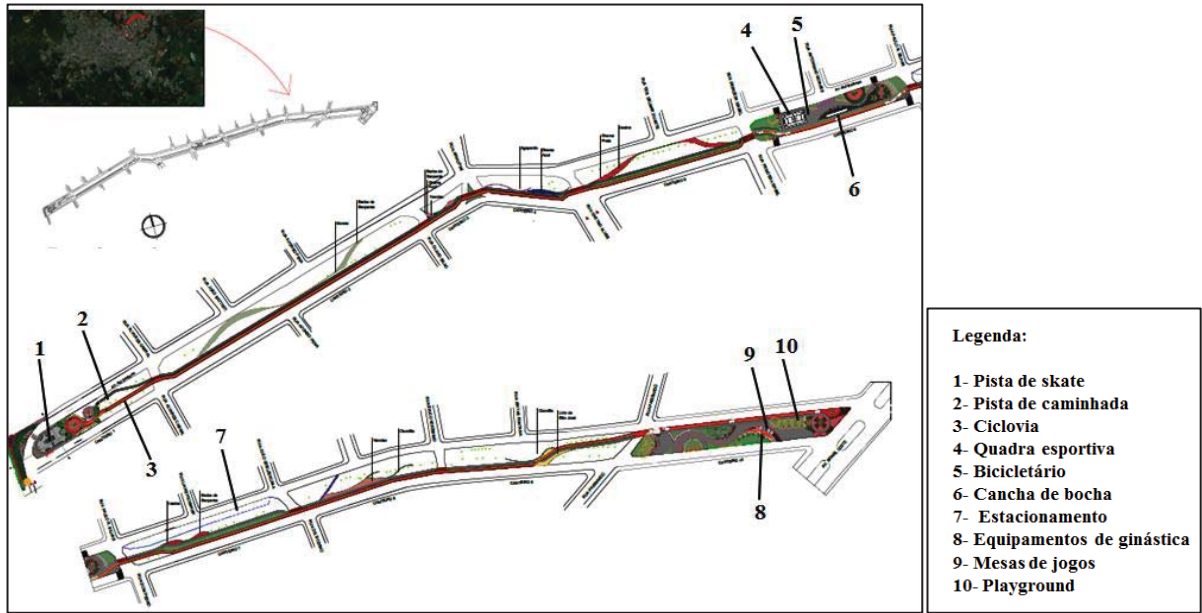
O Parque Linear do Sétimo Céu consiste na requalificação dos dez canteiros centrais da Avenida Rui Barbosa, cuja proposta foi de transformá-los em uma área de lazer para a população local, visto que o bairro Petrópolis não possuía nenhum espaço público, tanto verde como de lazer para uso-fruto da comunidade.

O desejo da implantação do parque era uma antiga demanda dos moradores locais, com objetivos de manter o meio ambiente preservado, promover o uso e o respeito por espaços públicos e proporcionar aos habitantes um novo ambiente de lazer e desporto próximos de suas casas, além de melhorar a mobilidade de quem utiliza esse espaço periodicamente.

Com essa demanda da comunidade para que o parque fosse criado, houve uma troca de ideias entre os moradores das imediações e os representantes legais do poder público municipal. A partir de reuniões realizadas foi possível chegar a um projeto passível de ser executado e que suprisse as demandas dos próprios moradores, assim como, os anseios da comunidade em geral pela existência de infraestrutura para lazer, prática de esportes ao ar livre, contemplação e segurança (MELO *et al.*, 2016).

O projeto do parque é assinado pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN) e executado pela empresa Plim Construções, sob supervisão e fiscalização da SEPLAN. O investimento foi entre R\$ 1,5 e 2 milhões, e contempla ciclovia, pista de caminhada, academia ao ar livre, cancha de bocha, quadra de esportes, playground e pista de skate (Figura 56).

Figura 56 – Projeto do Parque Linear do Sétimo Céu.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

4.1.4.4 Registro fotográfico anterior à requalificação

Figura 57 – Fotos do Parque Sétimo Céu antes da requalificação.



Fonte: PMPF (2016).

4.1.4.5 Registro fotográfico posterior à requalificação

Figura 58 – Fotos do Parque Sétimo Céu após a requalificação.



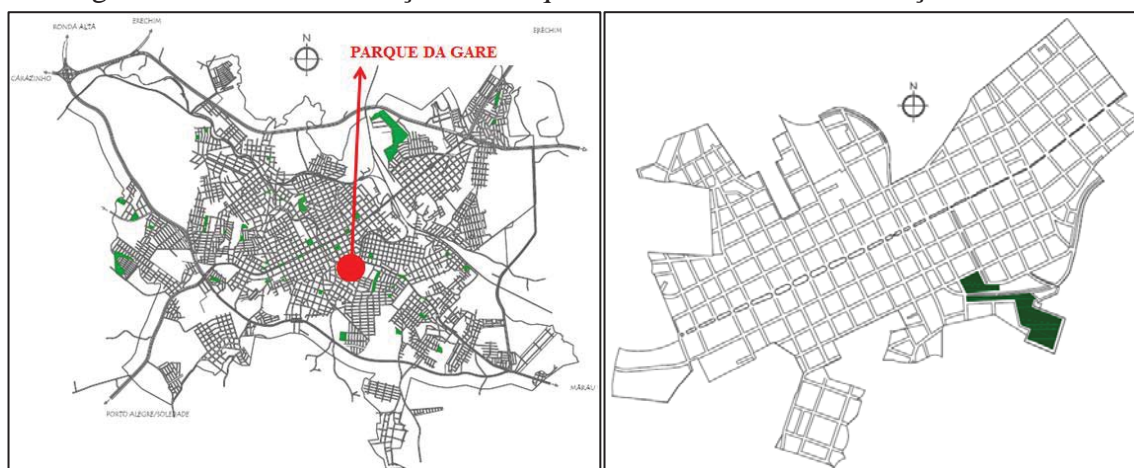
Fonte: PMPF (2016).

4.1.5 Parque da Gare

4.1.5.1 Localização e identificação

O Parque da Gare está localizado na região Sul da cidade e a Sudeste do bairro Centro (Figuras 59 e 60), possui aproximadamente 50.000 m² e foi implantado em local popularmente conhecido como “gare”.

Figuras 59 e 60 - Localização do Parque da Gare na cidade e inserção no bairro.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

O parque é conformado pelas ruas General Canabarro, Avenida Sete de Setembro, Travessa do Parque, Minas Gerais, Capitão Bernardo e Maurício Cardoso, como mostra a Figura 61.

Figura 61 – Identificação do Parque da Gare.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

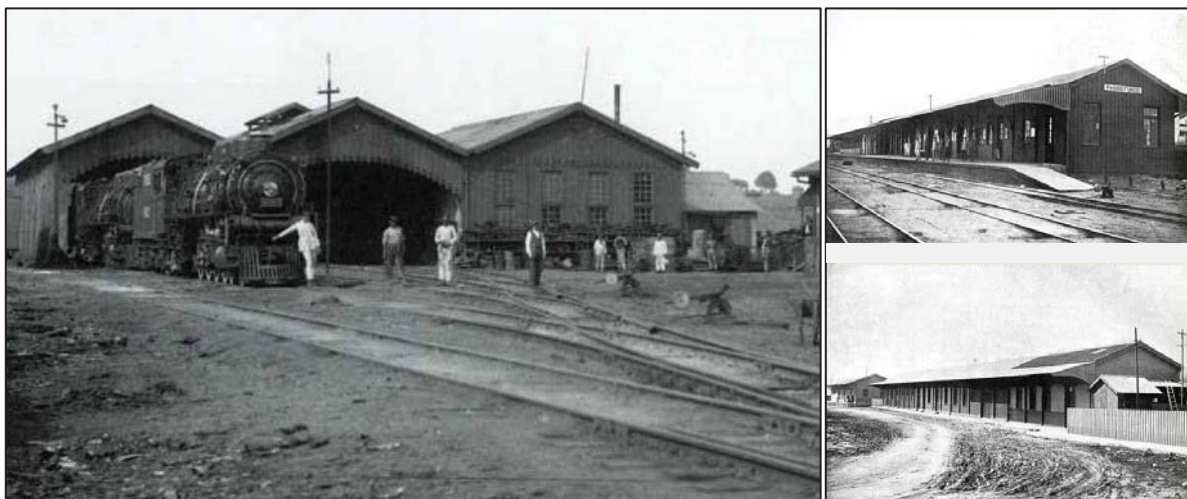
4.1.5.2 Perfil histórico

O centro de Passo Fundo/RS se estruturou inicialmente ao longo da antiga Estrada das Tropas, atual Avenida Brasil. Já no final do século XIX, a passagem da linha férrea pela cidade e a conseqüente implantação da estação ferroviária (1898), constituiu-se um novo vetor de expansão urbana, ocasionando o deslocamento da centralidade para o entorno da estação (FERRETTO, 2012).

Assim como a Avenida Brasil, a ferrovia caracterizou-se, desde sua implantação, como um eixo indutor de urbanização, trazendo um diferencial à configuração do centro em suas imediações.

Passo Fundo/RS deve à ferrovia o fomento de seu desenvolvimento econômico, social e cultural no início do Século XX. A estação foi inaugurada e suas obras foram construídas aos poucos, sendo concluídas em 1920 com a construção das máquinas e seus depósitos, oficinas, salas, telégrafos, caixa d'água e a residência do engenheiro chefe da estação (WICKERT, 2012), como mostram as Figuras 62 e 63.

Figuras 62 e 63 – Estação ferroviária (1926).



Fonte: PMPF (2016).

No ano de 1982, a Estação Ferroviária teve os trilhos retirados à sua frente para a construção de uma avenida, a Avenida Sete de Setembro. Os trilhos foram desviados para bairros afastados da área central da cidade. Atualmente, algumas linhas ainda estão em funcionamento, mas a maioria destas linhas está desativada. A antiga estação férrea é hoje patrimônio histórico municipal (tombado em 1991), e faz parte do complexo do Parque da

Gare. Quando os trilhos foram retirados do centro da cidade, implantou-se a Avenida Sete de Setembro para a criação do Parque da Gare (GIESBRECHT, 2014).

O parque, além de estar situado na região central do município, possui delimitação com diversos bairros residenciais. A configuração do entorno imediato favorece o acesso da população ao espaço público em função da proximidade com equipamentos de educação, comércio e serviços, e principalmente, por estar ligada a uma via arterial considerada a terceira em importância na cidade, a Avenida Sete de Setembro. Da mesma forma, o local é considerado estratégico, pois além de ser central, abriga e estimula fluxos importantes no contexto viário urbano, facilitando o acesso dos usuários.

A requalificação do Parque da Gare é considerada um marco importante na história do município, pois seu local é simbólico, tendo sido fundamental para o desenvolvimento da cidade. Dessa forma, o projeto e implantação foram considerados complexos, pois foi necessário dialogar com as questões ambientais, econômicas, com os moradores do entorno e com as normas jurídicas implicadas durante o processo.

4.1.5.3 Características físicas

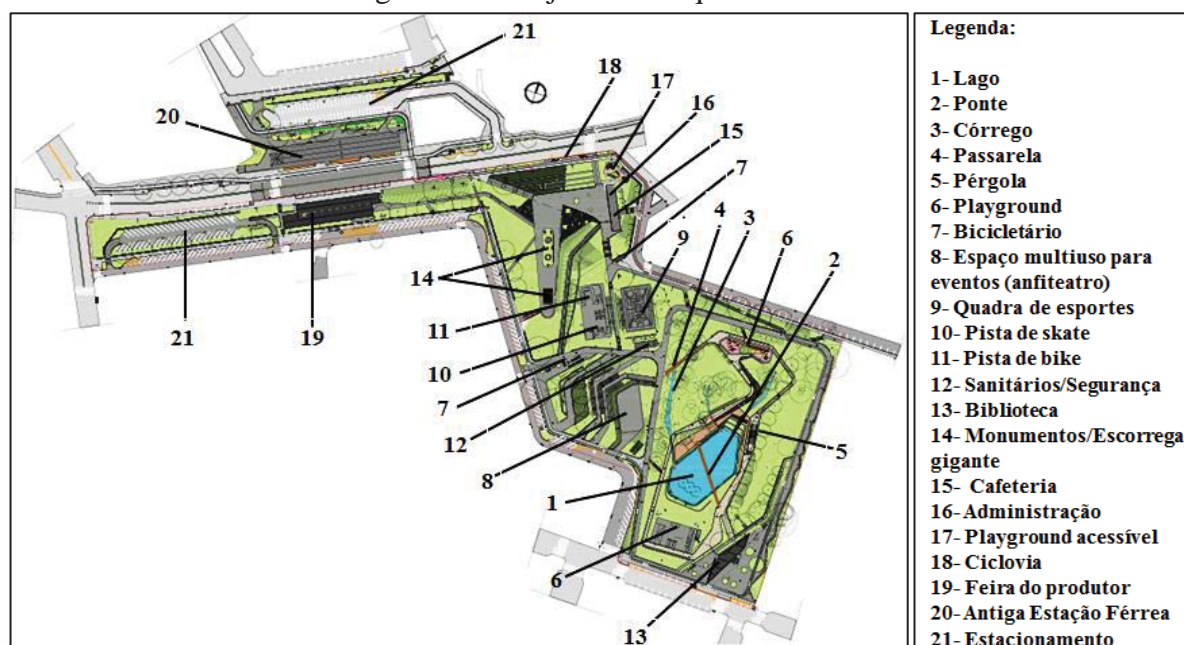
O Parque da Gare constituía um espaço público urbano que se encontrava esquecido e subutilizado por parte da população, com insuficiente manutenção, conservação e segurança. A requalificação ocorreu em toda a extensão de sua área e entorno, incluindo a revitalização da edificação histórica da antiga Estação Férrea. A requalificação contempla o conceito de sustentabilidade e de humanização dos espaços públicos (PMPF, 2016).

Com investimento de aproximadamente R\$ 9 milhões, entre recursos do BID e recursos próprios, o local foi projetado pelo grupo Idom-ACXT (empresa espanhola de arquitetura com escritório no Brasil), com execução da empresa Referência Sinalizações e supervisão e fiscalização da SEPLAN.

O novo Parque da Gare dispõe à população diversos espaços e atividades (Figura 64), como o lago com passarela, preservação da área verde, pergolado, pistas de skate e manobras de bicicleta, quadra poliesportiva, ciclovia, pista de caminhada, arena cultural multiuso para eventos (anfiteatro ao ar livre), playground infantil, playground acessível para crianças cadeirantes e tobogã (escorrega gigante) para crianças e adultos.

Quanto às edificações, o espaço conta com novas instalações da Feira do Produtor, que anteriormente aconteciam na edificação da antiga estação, o Gare Café (cafeteria), a antiga Estação Férrea da Gare totalmente restaurada, ofertando um espaço para exposições artísticas, sanitários e segurança, e o Prisma – Espaço Cultural Gare, que incentiva a leitura e vivências intergeracionais diferenciadas, direcionadas para a literatura, artes, games, realidade virtual, acervo para deficientes visuais, e interações com as mais diferentes formas de leitura.

Figura 64 – Projeto do Parque da Gare.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

4.1.5.4 Registro fotográfico anterior à requalificação

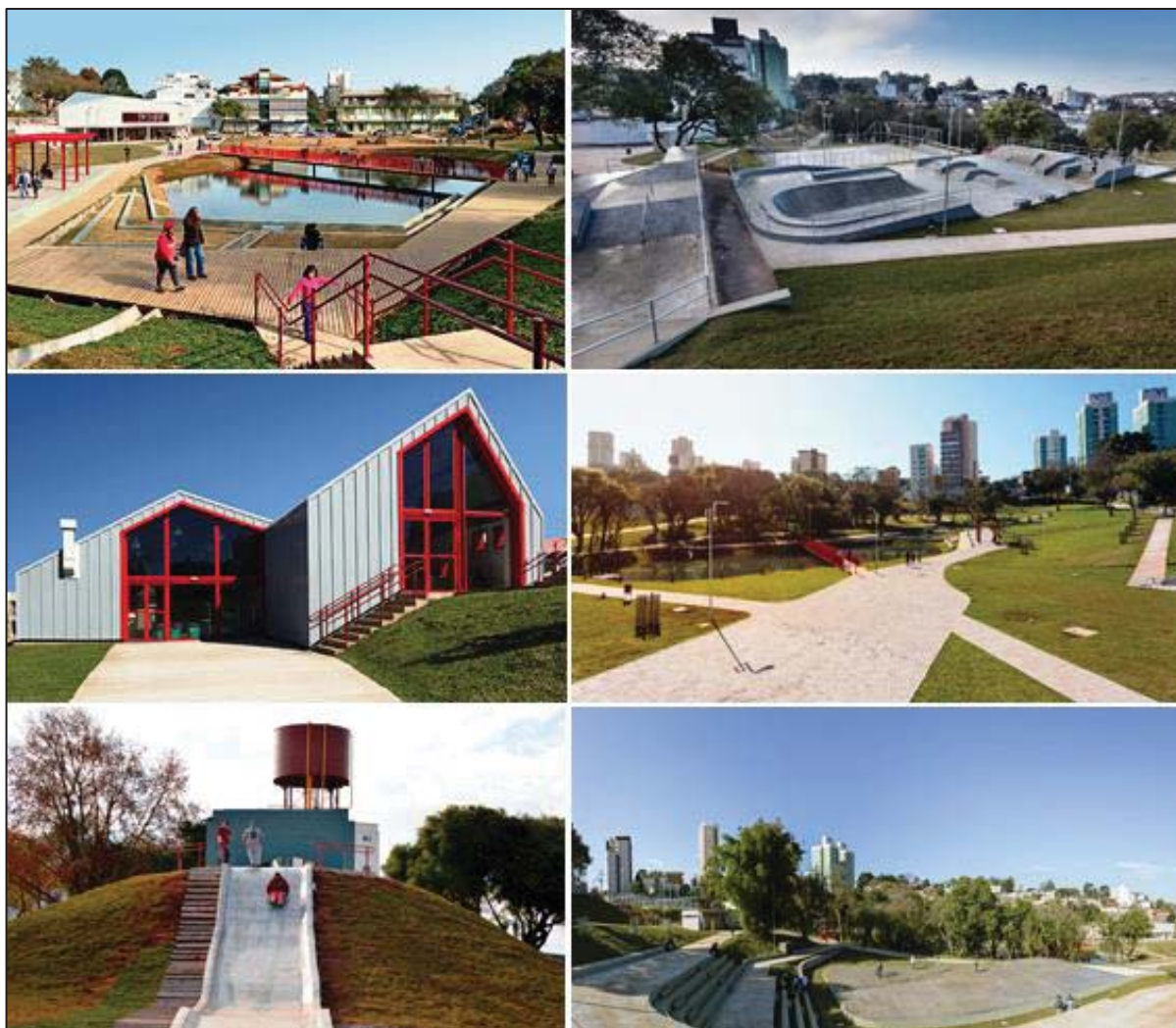
Figura 65 – Fotos do Parque da Gare antes da requalificação.



Fonte: PMPF (2016).

4.1.5.5 Registro fotográfico posterior à requalificação

Figura 66 – Fotos do Parque da Gare após a requalificação.



Fonte: PMPF (2016).

4.2 Análise da qualidade dos elementos que afetam a atratividade dos espaços públicos, em relação aos aspectos físicos, formais e funcionais

Um espaço público atrativo, com qualidade espacial tende a ser mais convidativo e a atrair mais os indivíduos do que um local com pouca qualidade. Dessa forma, o elemento principal para a apropriação dos espaços públicos é a sua atratividade, sendo que, um local atrativo é aquele que motiva o deslocamento, a permanência e os diferentes usos por parte dos frequentadores (HAAS, 2000).

Nessa perspectiva, existe uma série de elementos que um espaço público pode oferecer para atrair e satisfazer seus usuários e que são determinantes para a avaliação desses locais. Os atributos essenciais para a percepção da qualidade e atratividade dos espaços públicos correspondem aos aspectos físicos (construídos e naturais), morfológicos (configuração espacial), funcionais (usos) e comportamentais (sociais) (SILVA, 2009).

4.2.1 Levantamento e análise dos elementos físicos construídos e naturais

Pode-se dizer que o espaço urbano é percebido pelas experiências e sentidos humanos, mas principalmente pelo contato visual (LYNCH, 1997). Portanto, os elementos físicos construídos e naturais de um espaço público de lazer e sua atratividade por parte dos usuários estão diretamente ligados à qualidade estética desses locais, em termos visuais de percepção da paisagem.

Há lugares que possuem qualidades visuais que os tornam altamente convidativos à participação. Tais qualidades estéticas podem induzir o deslocamento dos indivíduos para o local e estimular sua permanência (GEHL, 2015).

A pavimentação em relação ao desenho das calçadas e passeios, material de revestimento, paginação de piso e dimensionamento podem se destacar na qualidade do espaço público por causar uma impressão agradável e auxiliar na locomoção espacial. Um local com maior complexidade visual traz mais informações ao indivíduo e, conseqüentemente, provoca maior interesse cognitivo, como por exemplo, mudanças de nível no piso, cores, formas e diferentes materiais de revestimento (LYNCH, 1997; GEHL, 2015).

Aspectos paisagísticos naturais como a presença de água e vegetação são frequentemente citados de forma prazerosa, pois contrastam com o ambiente urbano e promovem o relaxamento, trazendo benefícios à saúde física e psicológica (LYNCH, 1997).

Também, a vegetação é vista como fundamental para a sensação de conforto nos espaços públicos. O uso adequado de espécies (tamanho, forma e perenidade) e o aspecto estético favorável podem agir como barreiras relacionadas à incidência da radiação solar, à ventilação e passagem das brisas, e à minimização da temperatura do ar (MASCARÓ, 1996).

Os diferentes elementos que compõem a acessibilidade/mobilidade podem facilitar ou dificultar a apropriação de um determinado espaço urbano, contribuindo ou não para a percepção dos usuários de que aquele é um local atrativo (SILVA, 2009; GEHL, 2015). A proximidade do espaço público de elementos facilitadores de acesso, como paradas de ônibus, pontos de táxi, estacionamentos e rampas, contribuem para sua acessibilidade, como também, para sua atratividade (SERPA, 2007).

A sinalização/comunicação visual é um elemento relacionado à acessibilidade, pois orienta no espaço os usuários menos familiarizados com o local, promove a identificação dos equipamentos e usos, e auxilia na segurança, tornando-se um qualificador do espaço público (LYNCH, 1997; GEHL, 2015).

A existência de barreiras como portões e cercas pode contribuir para a criação de separações do espaço público com o seu entorno e intimidar seu uso. Nesse caso, dispor diversos pontos de entrada ao local aumentando as possibilidades de acesso pode torná-lo mais sugestivo ao uso (CARR *et al.*, 1992). Por outro lado, o cercamento e os horários regulamentados de abertura e de fechamento podem ser considerados estratégias para oferecer maior segurança aos espaços públicos (SANTOS, 1987).

A iluminação artificial adequada contribui para a qualidade estética e conforto visual do espaço público, além de aumentar a sensação de segurança e permitir a utilização do local por períodos mais prolongados, como também, a apropriação noturna (SERPA, 2007; CARR *et al.*, 1992).

A presença de bancos que sejam confortáveis e em número suficiente, e demais equipamentos como lixeiras, e construções de apoio como sanitários, são importantes para a qualidade do espaço público e determinantes para o tempo de permanência dos indivíduos (CARR *et al.*, 1992). Da mesma forma, a variedade de atividades que um espaço público oferece é extremamente relevante para a intensidade de uso, sendo que, ambientes com maior variedade de espaços e de opções para a realização de atividades (lazer, esportes, recreação,

atividades culturais, gastronômicas, educacionais), tendem a ter maior atratividade (GEHL, 2015).

Em relação ao estado de preservação, conservação, quantidade e distribuição espacial dos elementos físicos construídos e naturais cabíveis nessa classificação, possuem um papel fundamental na qualidade espacial percebida pelos usuários dos espaços públicos. Os cuidados com a vegetação (poda de árvores e corte de grama), com a limpeza (odores e presença de lixo), com a iluminação e a manutenção das edificações e equipamentos são significativos para a percepção de um espaço qualificado ao uso e atraente esteticamente (CARR *et al.*, 1992; SERPA, 2007; GEHL, 2015; LYNCH, 1997).

4.2.1.1 Parque Ambiental Banhado da Vergueiro

FICHA PARA LEVANTAMENTO EM CAMPO	
Parque: Banhado da Vergueiro	
Data de levantamento: 25/02/2017	Horário de levantamento: 18h – 20h

PAVIMENTAÇÃO/PISO (calçada, calçadão, caminhos, deck, paginação)							
Bloco de concreto	X	Pó de brita/Saibro			Pedra		
Cimento		Madeira		X	Cerâmico		
Emborrachado	X	Asfalto			Outros		X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			





4



5

Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO PAVIMENTAÇÃO/PISO

- 1- Bloco de concreto vazado com inserção de grama (bloco concregrama). Utilizado em várias áreas do parque, permite a permeabilidade do solo e diversidade estética.
- 2- Piso emborrachado colorido no playground. Permite maior segurança e atratividade para as crianças.
- 3- Bloco de concreto intertravado em duas cores, vermelho e cinza. É também considerado um piso permeável e o uso das cores permite explorar a paginação tornando-a mais atraente e indicativa. O passeio público no perímetro do parque também é revestido de blocos de concreto intertravado.
- 4- Concreto alisado que delimita áreas de estar e o playground. Bloco de concreto alisado em formato circular, que oferece paginação de piso diferenciada e atrativa, permitindo maior área de gramado, além de indicação de caminho.
- 5- Piso de madeira utilizado nas passarelas sobre a área de banhado e no deck (arena multiuso para eventos).

*A via adjacente que foi implantada na face norte ao parque recebeu revestimento de blocos de concreto intertravado. As demais vias existentes permaneceram com paralelepípedo.

Fotos do revestimento das vias.

6- Rua aberta – bloco de concreto.

7- Rua existente – paralelepípedo.



6

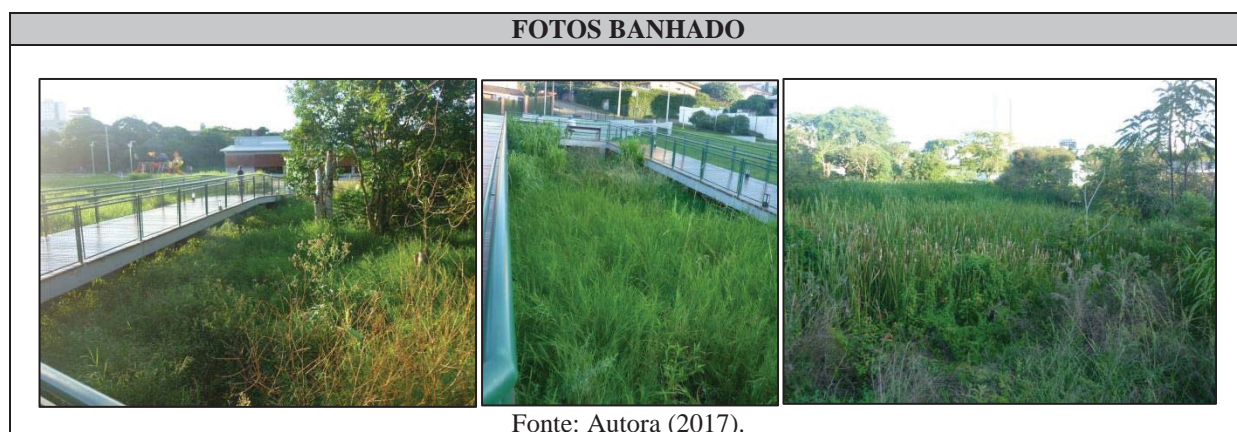


7

Fonte: Autora (2017).

ARTE NO ESPAÇO*							
Esculturas/Estátuas		Painéis			Instalações		
Obelisco		Busto em homenagem a pessoas ilustres			Monumentos/Elementos (históricos)		
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
*Não consta.							

ÁGUA							
Cascata		Fonte			Banhado/Córrego		X
Espelho d'água		Chafariz			Rio/Riacho/Lago/Lagoa		
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			



IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO BANHADO
A área de banhado, que corresponde a aproximadamente 30% do parque, busca o cuidado com o meio ambiente, proporcionando a convivência dos usuários com a natureza, priorizando sua preservação como forma de recuperação de espaços residuais da paisagem natural remanescente, tornando possível o resgate histórico da área e integrando ao ambiente urbano com qualidade ambiental.

BANCOS							
Madeira		Metal			Concreto		
Sintético		Alvenaria			Misto/Outros		X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
	X			X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Ruim	
X						X	

FOTOS BANCOS



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO BANCOS

Os bancos implantados no parque são considerados mistos, constituídos de dois materiais, a madeira e o metal. Eles exibem design tradicional e encontram-se fixados em todos os tipos de piso, como também em área de gramado.

EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES

Campos de jogos		Quadra esportiva		Pista de skate/bike		Equipamentos de ginástica	
Playground	X	Mesas de jogos		Cancha de bocha		Piquenique ou Churrasqueira	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	
X				X			

FOTOS EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES

- 1- Estrutura multiuso colorida, composta de metal e plástico, sobre uma área de piso de concreto alisado e piso emborrachado.
- 2- Área de piso de concreto alisado, em formato circular, pintado para atividades lúdicas.
- 3- Estrutura composta de metal com dois balanços, sendo um deles para bebês, sobre área de concreto alisado e piso emborrachado.

*Não possui acessibilidade para pessoas com necessidades especiais.

MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE (elementos integrados ao parque)							
Ciclovía	X	Piso tátil	X	Transporte público	X	Sinalização sonora	
Rampa	X	Estacionamento		Ponto de táxi		Outros	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			



IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE
<p>1- A ciclovía tem seu percurso em todo perímetro do parque juntamente ao passeio público, estendendo-se pela via que foi implantada e que divide o parque da área de preservação permanente. Possui 90 cm de largura e, assim como a calçada, é revestida com blocos de concreto intertravado, destacado pela cor vermelha.</p> <p>2- O parque possui piso tátil (alerta e direcional) em seu perímetro externo juntamente ao passeio público. No interior do parque não há piso tátil.</p> <p>3- Há existência de rampas de acesso em todas as faces do passeio público que conformam o parque.</p> <p>4- No interior do parque há presença de rampas na passarela que percorre o passeio pela área de banhado. A passarela possui em toda a sua extensão guarda-corpo e corrimão acessível.</p> <p>5- Também há rampa de acesso na fachada principal da edificação da Secretaria de Meio Ambiente, com corrimão acessível.</p> <p>6- Apesar de haver ponto de ônibus na via da face sul do parque (Rua Homero Leite), ainda não há linha de transporte público passando pelo local. Há transporte público apenas no entorno das proximidades do parque (vias que não contornam o perímetro do parque).</p> <p>*Não há faixa de pedestre nas vias que contornam o parque.</p> <p>*Não há estacionamento exclusivo para os usuários do parque. A população estaciona seus veículos nas vias adjacentes. A rua que foi aberta ao lado da área de preservação permanente</p>

não permite estacionamento de veículos, porém, essa norma de trânsito local não é respeitada pela população.

Fotos das vias com estacionamento de veículos.

- 7- Estacionamento em via existente.
- 8- Estacionamento em via implantada (local proibido).
- 9- Placa de “proibido estacionar” na via implantada.



Fonte: Autora (2017).

REDES DE INFRAESTRUTURA							
Abastecimento de água	X	Rede de drenagem pluvial	X	Rede de esgoto	X	Sistema de irrigação	
Rede de energia/Gerador	X	Sistema alternativo de captação de energia	X	Rede de transmissão (internet)		Sistema alternativo de captação e armazenamento de água da chuva	X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO REDES DE INFRAESTRUTURA

- 1- Presença de rede de drenagem pluvial no interior do parque e vias do entorno.
- 2- A edificação e o parque possuem recebimento de energia elétrica através da rede de distribuição municipal.
- 3- Possui rede de esgoto, em funcionamento. A rede foi finalizada no local durante a obra da pavimentação das ruas Thomé Mendes e Senador Vergueiro.
- 4- A edificação conta com um sistema de captação e armazenamento da água da chuva através de uma cisterna que permite o uso dessa água. O sistema encontra-se em funcionamento e atende os vasos sanitários e torneira para rega de jardim.
- 5- A edificação conta com um sistema de captação de energia solar através de placas fotovoltaicas instaladas e dispostas sobre o telhado. O sistema encontra-se em funcionamento e abastece somente a edificação.

ILUMINAÇÃO (luminária)

Poste alto	X	Poste baixo		Spot/Arandela/Dicroica	X
Balizador	X	Refletor		Outros	

ILUMINAÇÃO (lâmpada)

LED	X	Vapor de sódio		Incandescente		Outros	
Fluorescente		Subaquáticas		Vapor metálico			

ESTADO DE PRESERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

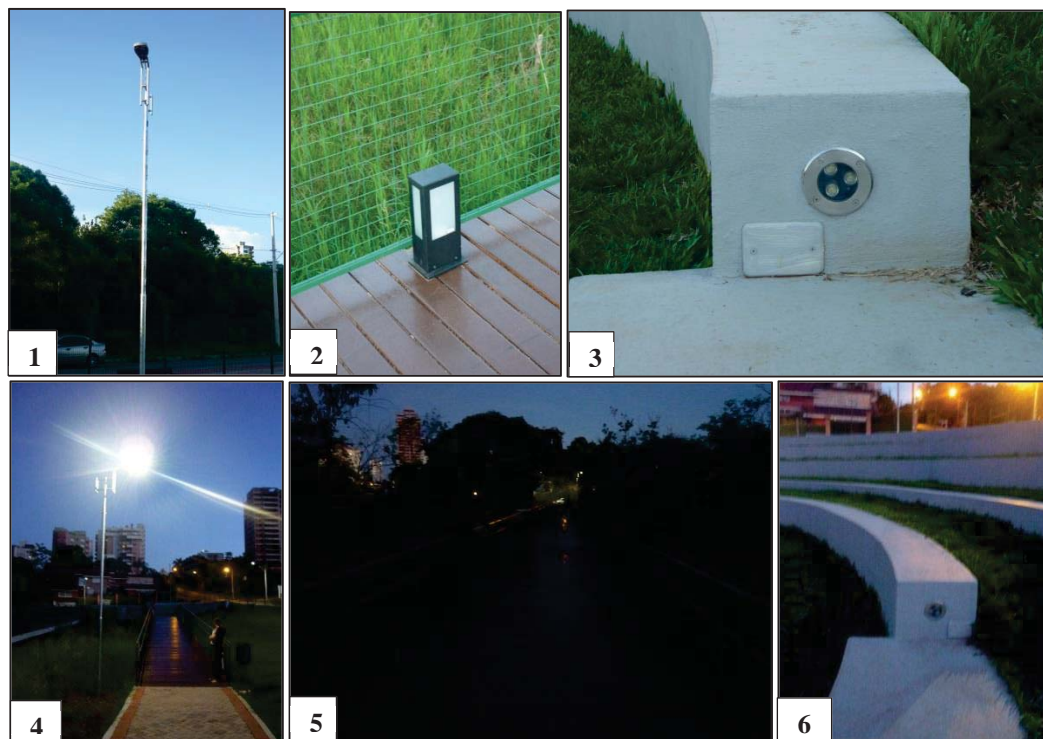
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X					X		

QUANTIDADE

DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO

Satisfatório	Insatisfatório	Bom	Razoável	Ruim
X		X		

FOTOS ILUMINAÇÃO (LUMINÁRIA/LÂMPADA)



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO ILUMINAÇÃO (LUMINÁRIA/LÂMPADA)

- 1- Foto diurna de poste alto com uma luminária e lâmpada de LED. Presente em todo o interior do parque e externamente ao longo da via implantada. Nas vias adjacentes e anteriormente existentes os postes altos possuem lâmpadas de vapor de sódio.
- 2- Foto diurna de balizador com lâmpada de LED presente em todo o percurso da passarela sobre a área de banhado do parque.
- 3- Foto diurna de dicroica com lâmpada de LED presente nas extremidades da arquibancada do anfiteatro.
- 4- Foto noturna de poste alto, em funcionamento.
- 5- Foto noturna de balizador presente na passarela, sem funcionamento.
- 6- Foto noturna de dicroica na arquibancada, sem funcionamento.

*Apenas um poste alto no espaço do parque estava sem funcionamento. Todos os balizadores na passarela estavam sem funcionamento. Todas as dicroicas da arquibancada estavam sem funcionamento. De acordo com o zelador local, há dois meses do dia de visitaç o para levantamento, que os balizadores e dicroicas estavam sem funcionamento.

*H a uma arandela com lâmpada de LED no acesso aos sanit rios.

Fotos da ilumina o noturna do parque.

- 7- Poste alto sem funcionamento.
- 8- Passarela sem ilumina o noturna.
- 9- Anfiteatro sem ilumina o noturna.



Fonte: Autora (2017).

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS							
Lixeira	X	Telefone público		Sistema de luz e som			
Bicicletário	X	Bebedouro		Outros			
ESTADO DE PRESERVA�O				ESTADO DE CONSERVA�O			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracteriza do	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUI�O NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom	Razoável	Ruim	
X				X			

FOTOS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

- 1- Lixeiras de metal com design tradicional, localizadas e distribuídas no interior do parque e na parte externa do acesso leste. Não há lixeiras com coleta seletiva no interior do parque.
- 2- Bicicletário de metal localizado à frente da edificação da Secretaria de Meio Ambiente, para uso exclusivo de funcionários e usuários que procuram o serviço público da secretaria, já que o uso de bicicletas no interior do parque é proibido.
- 3- Presença de containers de disposição e separação de lixo orgânico e resíduo reciclável para uso da edificação e do parque.

*O parque encontrava-se extremamente limpo em seu interior e entorno.

CERCAMENTO

Muro		Gradil	X	Cerca viva	
Sistema misto		Cerca		Alambrado	
ESTADO DE CONSERVAÇÃO					
Bom		Precário	Em arruinamento	Arruinado	
X					

FOTOS CERCAMENTO



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO CERCAMENTO

Presença de cercamento (gradil metálico) em todo perímetro do parque, pois contempla um espaço de preservação ao meio ambiente. Por essa razão, o parque possui horário definido de funcionamento (8h – 20h no verão e 8h30min. – 19h no inverno).

CONSTRUÇÕES DE APOIO							
Quiosque		Segurança		Administração (Zelador)	X	Ponte/Passarela	X
Edifícios	X	Coreto		Gazebo/Pérgola	X	Cobertura/Pórtico	X
Espaço multiuso para eventos ao ar livre (palco, arena, anfiteatro)	X	Espaço para animais		Escadaria		Sanitários	X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			



IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO CONSTRUÇÕES DE APOIO
<p>1- A edificação que contempla a Secretaria de Meio Ambiente é construída em concreto pré-moldado, com revestimentos externos em pedra, vidro e madeira (brise soleil). Possui cobertura com pergolado de concreto e vidro em ambas as fachadas. O prédio é elevado do solo com laje pré-moldada em balanço, com a proposta de respeitar a ideia de meio ambiente. Assim como os materiais utilizados, possui composição formal contemporânea, com amplas aberturas para ventilação e iluminação natural. O edifício possui um amplo saguão, recepção, secretaria, diretoria, área administrativa, sala de reuniões, sala multiuso, sala de educação ambiental, copa, sanitários e estacionamento coberto para veículos oficiais, totalizando 644,43 m² de área construída.</p> <p>2- Espaço multiuso para eventos ao ar livre constituído de uma semi-arena construída em concreto intercalado com área gramada e um deck circular revestido de madeira.</p> <p>3- Pergolado em concreto armado presente próximo à fachada posterior da edificação (interior do parque).</p> <p>4- Passarela sobre a área de banhado, construída em concreto armado, com piso de madeira e guarda-corpo em metal. A passarela possibilita passear e conhecer o ecossistema existente provocando pouca interação na natureza (sem agredir o solo ou prejudicar os animais naturais dessas áreas).</p> <p>5- Há dois pórticos com identificação do parque nos dois extremos da via implantada</p>

(que faz divisa com a área de preservação permanente a ser desapropriada e futuramente incrementada ao parque).

- 6- Os sanitários para uso público (usuários do parque) possuem acesso externo, contendo espaço masculino, feminino e para portadores de necessidades especiais (NBR 9050).

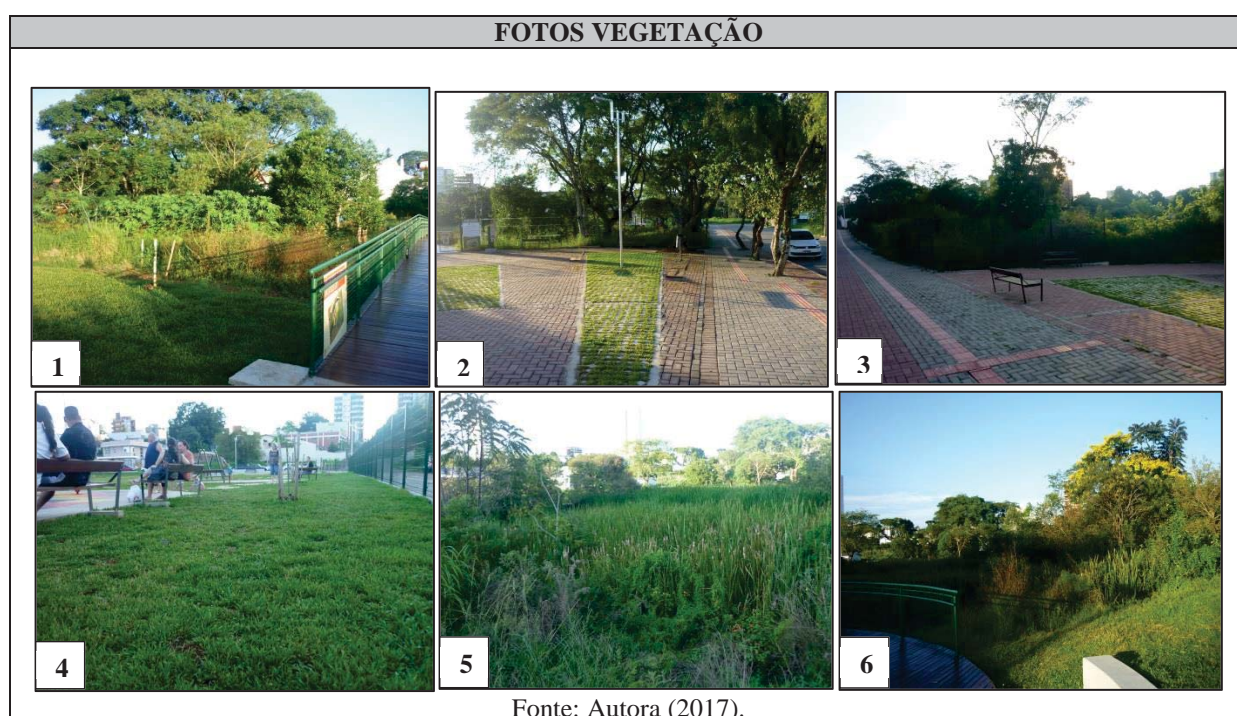
*O zelador possui sanitário próprio (interno), além de copa e depósito.

SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL							
Indicativa e direcional		Informativa	X	Interpretativa	X	Outros	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	
X				X			



IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL
1- Totem de sinalização informativa próximo à edificação.
2- Sinalização interpretativa em ícones próxima às áreas de lazer, estar e contemplação no interior do parque.
3- Suporte com sinalização informativa e educativa/motivacional na fachada principal da edificação.
4- Placa informativa junto aos acessos (área externa) do parque.
5- Placa informativa na passarela direcionada à área de preservação do banhado.
6- Sinalização interpretativa em ícones na passarela e deck para eventos multiuso.

VEGETAÇÃO							
Grande porte		Médio porte	X	Pequeno porte	X	Forração	X
Arbusto		Vegetação nativa	X	Diversidade de espécies	X	Outros	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Ruim	
X				X			



IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO VEGETAÇÃO
1- Presença de vegetação de médio porte no acesso interno ao parque.
2- Presença de vegetação de médio porte no acesso externo ao parque.
3- Presença de vegetação de pequeno porte no interior do parque.
4- Presença de forração, especificamente gramado.
5- Presença de vegetação nativa (característica de banhado).
6- Presença de diversidade de espécie de vegetação.
*Além da vegetação existente característica do banhado, como aroeira, canela-guaicá, aguapé, junco e butiazeiro, entre outras, diversas espécies foram plantadas no parque: Acácia-imperial – <i>Cassia fistula</i> Corticeira do banhado – <i>Erythrina crista-galli</i> Ipê roxo – <i>Tabebuia impetiginosa</i> Ipê branco – <i>Tabebuia róseo-alba</i> Ipê amarelo – <i>Tabebuia serratifolia</i> Quaresmeira – <i>Tibouchina granulosa</i> Agapanto – <i>Agapanthus africanus</i> Primavera – <i>Bougainvillea spectabilis</i> Fonte: PMPF (2016).

*O parque também possui fauna típica abrigando diversas espécies de animais da região, entre elas estão mamíferos, como rato-do-banhado e preá, e pássaros, como sabiá, canário, joão-de-barro e tico-tico.

De acordo com o levantamento dos elementos físicos construídos e naturais, o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro possui variedade quanto à pavimentação (passeios, caminhos, deck e calçadas), e aos materiais, cores e formas, sendo considerados atrativos para o uso, pois além de possuir qualidade estética, estimula e orienta o fluxo interno, bem como, possibilita a permeabilidade do solo, essencial para uma área com característica de banhado.

A presença de água no local não é completamente aparente, por se tratar de um banhado, ou seja, uma área alagadiça com presença de vegetação específica. Portanto, a atratividade não está vinculada à qualidade estética, mas sim à particularidade ambiental de preservação, e que se encontra explícita no interior do parque.

A presença e quantidade de bancos permite uma reflexão à parte. Os bancos estimulam encontros, relações sociais e principalmente a permanência em um espaço público. Nessa perspectiva, o parque propicia um ambiente de lazer, e ao mesmo tempo, um ambiente de controle ambiental, portanto, a principal atratividade está relacionada à visitação e contato com o ambiente natural e preservado, o que justifica a pouca quantidade de bancos, tida como proposital e vista como fator positivo no caráter e concepção do parque. Dessa forma, a ideia geral é a utilização dos bancos para a confortável contemplação do ambiente natural ao invés da longa permanência.

Os equipamentos de lazer e esportes são um forte atrativo em um espaço público, porém, no parque do banhado eles constituem um complemento para o uso, não estando relacionados à principal atratividade do local. Da mesma forma que a análise dos bancos anteriormente, o parque não oferece uma quantidade e variedade de equipamentos de lazer e esportes para o usuário, justamente por se tratar de um ambiente voltado primordialmente à preservação e contato com natureza. Portanto, considera-se que a presença do playground recreativo infantil é suficiente para o lazer, além de estimular a presença de crianças e, conseqüentemente, o contato desse público com a educação ambiental.

A mobilidade/acessibilidade constitui um atrativo do parque, permitindo tanto o acesso quanto o deslocamento interno de forma democrática. A presença de transporte público

no entorno (nas proximidades, mas não no perímetro do parque), contribui para a visitação, conhecimento e apropriação do parque.

As redes de infraestrutura do parque se mostram completas e compatíveis com a demanda dos usuários. Os sistemas alternativos de captação de água e energia para uso local constituem um ponto positivo em relação à identidade conservacionista do espaço.

A iluminação é ofertada com variedade de luminárias que contribuem com a qualidade estética e segurança. As lâmpadas de LED (*Light Emitting Diode*) utilizadas possuem bom nível de iluminamento, além de proporcionar maior economia no consumo de energia e ter vida útil acima da média das lâmpadas tradicionais. Durante o levantamento, somente os postes estavam em funcionamento, portanto não se pôde analisar o nível de serviço dos balizadores presentes na passarela e das dicróicas presentes na arena multifuncional. Apesar da iluminação do espaço público constituir um atrativo para uso, pois qualifica o ambiente esteticamente e oferece segurança para permanência noturna, ela deve ter constante manutenção, independente de oferecer ou não uso noturno, como no caso do parque do banhado, que tem sua utilização apenas diurna.

Os equipamentos públicos presentes no parque correspondem às lixeiras e ao bicicletário. Apesar de o parque não dar preferência à longa permanência dos usuários, há satisfatória quantidade de lixeiras, principalmente para estimular a limpeza e conservação do parque. O bicicletário é para uso exclusivo da edificação da Secretaria de Meio Ambiente, uma vez que o uso de bicicletas e skates é proibido no interior do parque, em função da preservação em relação ao impacto no solo de banhado.

O cercamento no perímetro do parque constitui uma estratégia para controlar o uso e reforçar a questão da preservação do ambiente natural. Os dois acessos públicos em diagonais opostas são considerados suficientes, bem dimensionados e posicionados para atrair o usuário à apropriação do local.

As construções de apoio presentes no parque constituem um atrativo para uso e apropriação do local, pois qualificam esteticamente e diversificam o uso (passarela, pérgola, arena multiuso), reforçam a identidade do local (pórticos) e colaboram com serviços básicos para o bom funcionamento e uso por parte do usuário (Secretaria de Meio Ambiente, sanitários).

A sinalização/comunicação visual é um elemento importante no parque do banhado, pois compreende um espaço com limitações e cuidados específicos por se tratar de uma área de preservação permanente. Por ser um parque com espaço físico bem delimitado e compacto, a sinalização indicativa e direcional não foi utilizada, contendo apenas a tipologia informativa e interpretativa, em quantidade satisfatória para o uso que o parque propõe. A comunicação visual é considerada um atrativo para o local, pois identifica e informa as particularidades ambientais do lugar.

A vegetação constitui o principal atrativo do parque. A vegetação em sua diversidade, quantidade e aspecto conservacionista estimula o contato com o ambiente natural e atrai o usuário na apreciação, contemplação e respeito a um dos principais ecossistemas do Rio Grande do Sul, o banhado.

4.2.1.2 Considerações para o Parque Banhado da Vergueiro


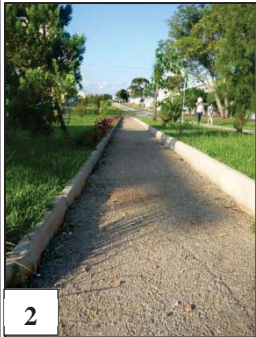



Percebe-se que, em relação aos elementos físicos construídos e naturais, o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro possui uma série de particularidades que definem sua atratividade. Apesar de não constituir um espaço público de grandes dimensões territoriais, nota-se que os elementos utilizados foram cuidadosamente projetados com o intuito de permitir o uso e apropriação do local de forma equilibrada, pois se trata de uma área de preservação permanente inserida na malha urbana.

Dentre os elementos analisados, constata-se que a maior atratividade para uso e apropriação do parque corresponde à vegetação, à diversidade de materiais, cores e formas na pavimentação, às edificações de apoio, à mobilidade e acessibilidade e à sinalização e comunicação visual. A preservação e conservação dos elementos, associados à qualidade estética e à quantidade utilizada e distribuída, considerada compatível com a proposta de uso do parque, constituem um ponto positivo para a atratividade e qualificação do espaço.

4.2.1.3 Parque Linear do Sétimo Céu

FICHA PARA LEVANTAMENTO EM CAMPO	
Parque: Sétimo Céu	
Data de levantamento: 26/02/2017	Horário de levantamento: 18h – 20h

PAVIMENTAÇÃO/PISO (calçada, calçadão, caminhos, deck, paginação)							
Bloco de concreto	X	Pó de brita/Saibro	X	Pedra			
Cimento		Madeira		Cerâmico			
Emborrachado		Asfalto	X	Outros			X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
	X			X			

FOTOS PAVIMENTAÇÃO/PISO	
	
	
	







Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO PAVIMENTAÇÃO/PISO
<p>1- Bloco de concreto intertravado em três cores, vermelho, cinza e grafite. É também considerado um piso permeável e o uso das cores permite explorar a paginação tornando-a mais atraente e indicativa.</p> <p>2- Pó de brita utilizado em toda a extensão da pista de caminhada.</p> <p>3- Asfalto utilizado em toda a extensão da ciclovia.</p> <p>4- Bloco de concreto vazado com inserção de grama (bloco concregrama). Utilizado em uma pequena área próxima ao playground, permite a permeabilidade do solo e diversidade estética.</p> <p>5- Concreto alisado utilizado na pista de skate.</p>
<p>*A Avenida Rui Barbosa em seus dois fluxos viários possui revestimento asfáltico. Já era existente antes da requalificação do parque e recebeu intervenção apenas em alguns trechos.</p>

ARTE NO ESPAÇO*							
Esculturas/Estátuas		Painéis			Instalações		
Obelisco		Busto em homenagem a pessoas ilustres			Monumentos/Elementos (históricos)		
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
*Não consta.							

ÁGUA*							
Cascata		Fonte			Banhado/Córrego		
Espelho d'água		Chafariz			Rio/Riacho/Lago/Lagoa		
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
*Não consta.							

BANCOS								
Madeira		Metal			Concreto		X	
Sintético		Alvenaria			Misto/Outros		X	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO				
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado	
X				X				
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO				
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável		Ruim
X				X				

FOTOS BANCOS		
		
		
Alguns exemplos da distribuição dos bancos.		
Fonte: Autora (2017).		

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO BANCOS

- 1- Bancos mistos constituídos de madeira e metal, design tradicional e encontram-se fixados apenas em área pavimentada.
- 2- Bancos de concreto com design simples, sem encosto e fixados apenas em área pavimentada.
- 3- Bancos de concreto fixados no perímetro de pequenos canteiros circulares com vegetação em seu interior.

*Os bancos encontram-se apenas nos canteiros com presença de equipamentos/atividades, que correspondem aos canteiros 1, 6 e 10.

*Os bancos mistos e de concreto estão presentes em três canteiros (1, 6 e 10).

*Os bancos fixados nos círculos de vegetação estão presentes em dois canteiros (1 e 6).

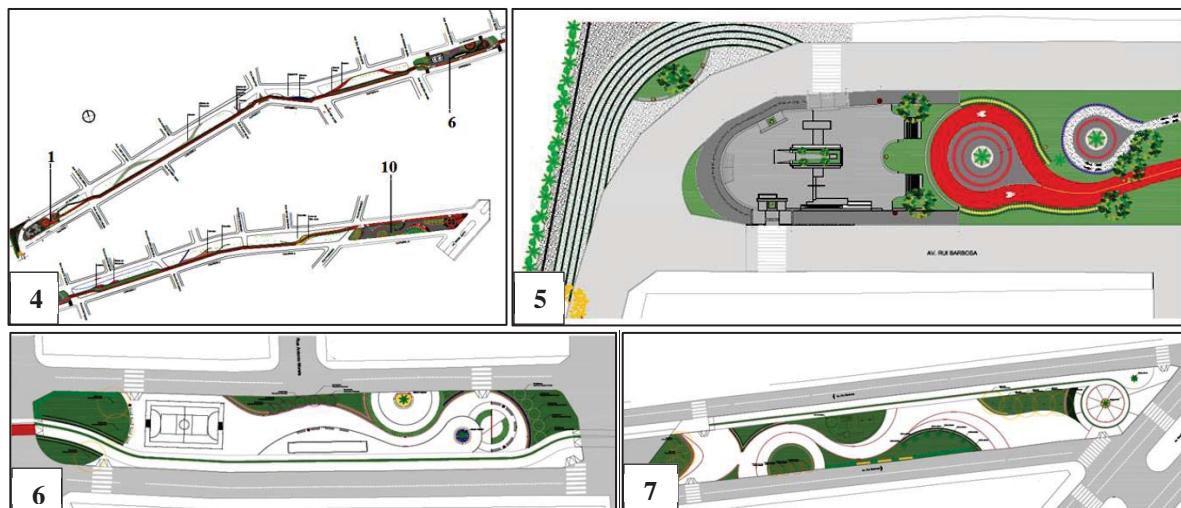
Canteiros com presença de equipamentos/atividades.

4 – Localização dos canteiros no projeto.

5 – Canteiro 1.

6 – Canteiro 6.

7 – Canteiro 10.



Fonte: PMPF (2016).

EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES

Campos de jogos		Quadra esportiva	X	Pista de skate/bike	X	Equipamentos de ginástica	X
Playground	X	Mesas de jogos	X	Cancha de bocha	X	Piquenique ou Churrasqueira	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	
X				X			

FOTOS EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES



Fonte: Autora (2017).

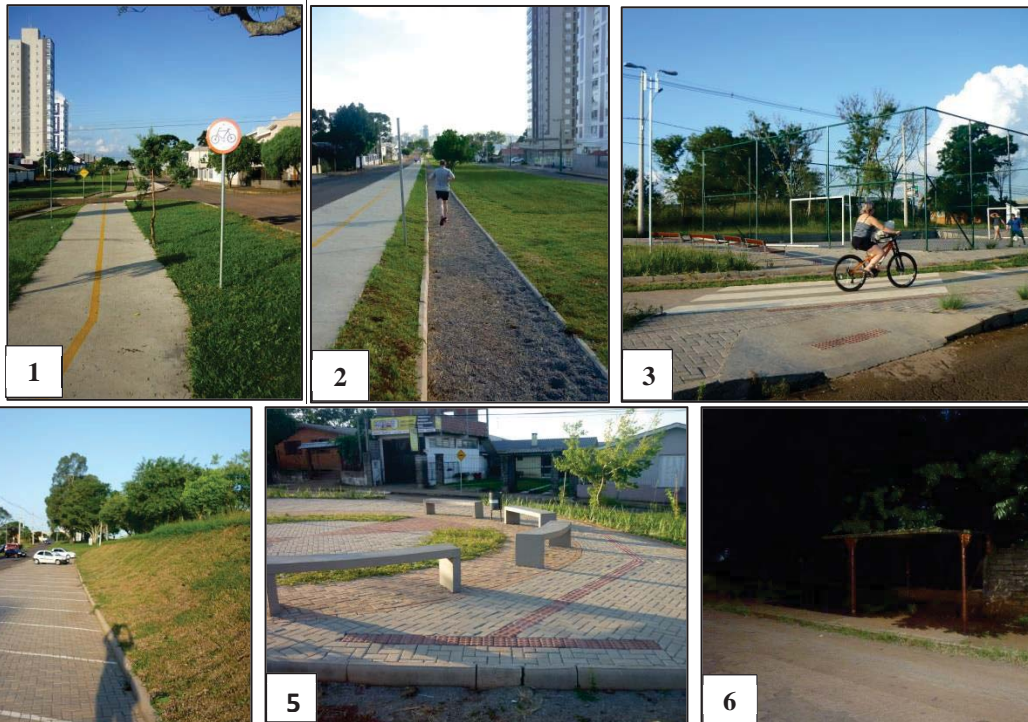
IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES

- 1- O playground está situado no canteiro 10. É todo composto de madeira e encontra-se fixado em uma área gramada, o que permite permeabilidade do solo. Também, possui um gradil metálico que separa os brinquedos na lateral da ciclovia e da via, oferecendo maior proteção aos usuários. Não possui acessibilidade a pessoas com necessidades especiais.
- 2- As mesas de jogos estão situadas no canteiro 10. São compostas de concreto e encontram-se fixadas em área pavimentada. Somam-se cinco mesas com cinco bancos em cada mesa.
- 3- Os equipamentos de ginástica estão também situados no canteiro 10. São todos compostos em metal, fixados em área pavimentada, e alguns equipamentos são acessíveis, permitindo o uso de pessoas cadeirantes.
- 4- A cancha de bocha está situada no canteiro 6, e é composta em concreto.
- 5- A quadra esportiva também está situada no canteiro 6. Possui piso de concreto alisado e seu perímetro possui alambrado metálico para fechamento, proporcionando maior segurança para a prática de esportes. É utilizada exclusivamente para a prática de futebol.
- 6- A pista de skate está situada no canteiro 1. Possui piso de concreto alisado e áreas com presença de vegetação e gramado.

MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE (elementos integrados ao parque)

Ciclovia	X	Piso tátil	X	Transporte público	X	Sinalização sonora	
Rampa	X	Estacionamento	X	Ponto de táxi		Outros	X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
	X			X			

FOTOS MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE

- 1- A ciclovia tem seu percurso em toda a extensão longitudinal do parque, totalizando 1.500 m. Possui 1 m de largura, revestimento em asfalto e pintura indicativa que divide os dois fluxos direcionais.
- 2- A pista de caminhada também tem seu percurso em toda a extensão longitudinal do parque, totalizando 1.500 m. Possui 80 cm de largura e revestimento em pó de brita.
- 3- Há existência de rampas de acesso em todos os canteiros, tanto em suas laterais para acesso de pedestre, como em sua extensão longitudinal, interligando os dez canteiros através da ciclovia e pista de caminhada.
- 4- O estacionamento está situado no canteiro 7, e possui aproximadamente 20 vagas. Não há nenhuma vaga destinada e sinalizada para pessoas portadoras de necessidades especiais. Há estacionamento permissivo em toda a extensão da Avenida Rui Barbosa.
- 5- O parque possui piso tátil (alerta e direcional), porém, não em toda sua extensão, nem em todos os canteiros que possuem equipamentos/atividades.
- 6- Há transporte público que passa pela Avenida Rui Barbosa.

*Não há faixa de pedestre que liga a via (Av. Rui Barbosa) aos canteiros do parque. Só há uma faixa de pedestre próxima à Av. Brasil, porém, em estado precário de conservação.

Fotos de alguns problemas encontrados.

- 7- Ciclovia com danos em sua estrutura (apenas em dois locais ao longo do percurso).
- 8- Falta de piso tátil no canteiro 10 (local de permanência e atividades).



Fonte: Autora (2017).

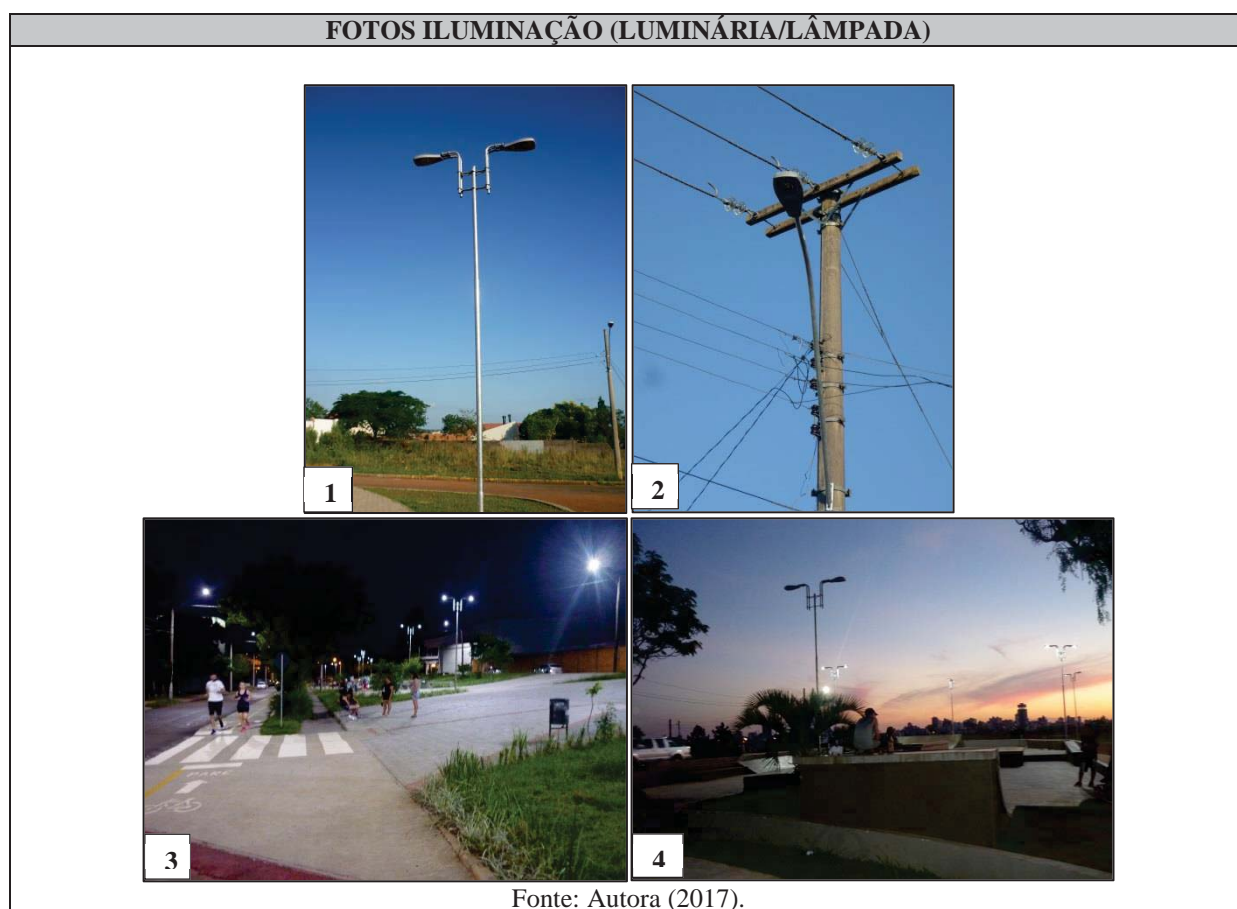
REDES DE INFRAESTRUTURA							
Abastecimento de água		Rede de drenagem pluvial	X	Rede de esgoto		Sistema de irrigação	
Rede de energia/Gerador	X	Sistema alternativo de captação de energia		Rede de transmissão (internet)		Sistema alternativo de captação e armazenamento de água da chuva	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
	X				X		



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO REDES DE INFRAESTRUTURA
1- Possui recebimento de energia elétrica através da rede de distribuição municipal.
2- Presença de rede de drenagem pluvial ao longo da via junto aos canteiros.

ILUMINAÇÃO (luminária)								
Poste alto	X	Poste baixo		Spot/Arandela/Dicroica				
Balizador		Refletor		Outros				
ILUMINAÇÃO (lâmpada)								
LED	X	Vapor de sódio		Incandescente	Outros			
Fluorescente		Subaquáticas		Vapor metálico				
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO				
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado	
X				X				
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO				
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável		Ruim
		X				X		

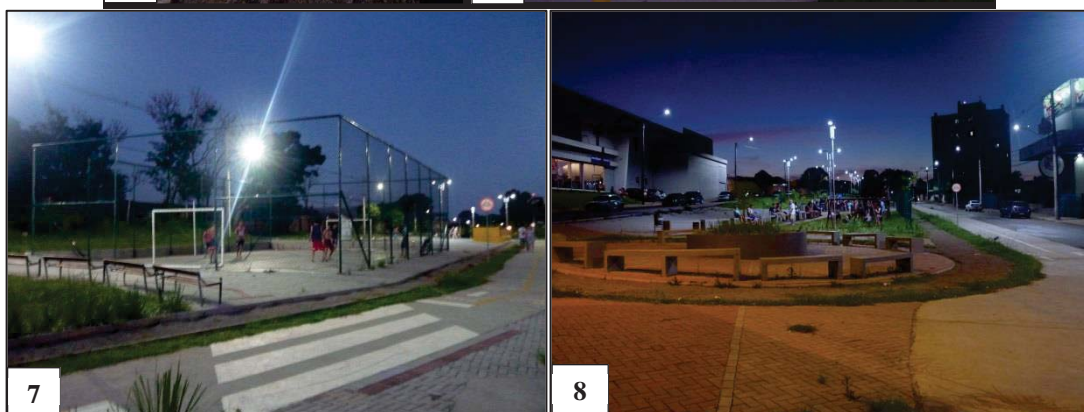


IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO ILUMINAÇÃO (LUMINÁRIA/LÂMPADA)
1- Foto diurna de poste alto com duas luminárias e lâmpada de LED. Presente nos canteiros 1, 6 e 10.
2- Foto diurna de poste alto com uma luminária e lâmpada de LED. Presente no passeio público ao longo de toda a extensão longitudinal da Avenida Rui Barbosa (ambos os fluxos direcionais).
3- Foto noturna de poste alto, em funcionamento.
4- Foto noturna de poste alto, sem funcionamento.
*Apenas dois postes presentes na pista de skate estavam sem funcionamento. Todos os postes do passeio público estavam em funcionamento.

*Há falta de iluminação noturna nos canteiros do parque que não possuem poste alto e que também não possuem equipamentos/atividades.

Fotos da diferença da iluminação noturna do parque.

- 5- Canteiro do parque sem poste.
- 6- Canteiro do parque sem poste.
- 7- Canteiro do parque com poste.
- 8- Canteiro do parque com poste.



Fonte: Autora (2017).

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS							
Lixeira	X	Telefone público		Sistema de luz e som			
Bicicletário	X	Bebedouro		Outros			
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	
		X				X	

FOTOS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS



1

2

Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

- 1- Lixeiras de metal com design tradicional, localizadas e distribuídas apenas nos canteiros 1, 6 e 10 (que contêm equipamentos/atividades). Não há lixeiras com coleta seletiva no parque.
- 2- Há apenas um bicicletário de metal localizado ao lado da quadra de esportes. Seu uso é público.

*O parque encontrava-se consideravelmente limpo em seus canteiros e entorno.

CERCAMENTO*

Muro		Gradil		Cerca viva	
Sistema misto		Cerca		Alambrado	
ESTADO DE CONSERVAÇÃO					
Bom		Precário		Em arruinamento	
				Arruinado	

*Não há cercamento que delimita o parque.

*Há um gradil metálico lateral que protege o playground – (Foto 1).

*Há um muro de concreto que protege os usuários quanto ao talude (mirante) – (Foto 2).



1


2

Fonte: Autora (2017).


CONSTRUÇÕES DE APOIO*							
Quiosque		Segurança		Administração (Zelador)		Ponte/Passarela	
Edifícios		Coreto		Gazebo/Pérgola		Cobertura/Pórtico	
Espaço multiuso para eventos ao ar livre (palco, arena, anfiteatro)		Espaço para animais		Escadaria		Sanitários	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
*Não consta.							

SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL							
Indicativa e direcional	X	Informativa	X	Interpretativa	X	Outros	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório	Insatisfatório			Bom	Razoável	Ruim	
X				X			


FOTOS SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL




1




2



3



4



5

Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL

- 1- Sinalização horizontal, indicativa e direcional, informativa e interpretativa presente em toda a extensão da ciclovia.
- 2- Placa informativa e educativa presente no canteiro 10, referente ao uso dos equipamentos de ginástica.
- 3- Sinalização vertical interpretativa em forma de ícone, presente em vários trechos da ciclovia.
- 4- Pequeno totem de sinalização informativa, presente a cada 100 metros da ciclovia, que comunica a distância percorrida.
- 5- Sinalização vertical informativa em forma de ícone, presente ao longo da ciclovia e pista de caminhada. Sinalização indicativa e direcional através de pintura na via asfaltada, que comunica a ligação entre um canteiro e outro.

VEGETAÇÃO

Grande porte	X	Médio porte	X	Pequeno porte	X	Forração	X
Arbusto	X	Vegetação nativa		Diversidade de espécies	X	Outros	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
	X			X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	Ruim
X						X	

FOTOS VEGETAÇÃO



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO VEGETAÇÃO

- 1- Presença de vegetação de grande e médio porte em grande quantidade nos canteiros 7 e 8, proporcionando áreas sombreadas.
- 2- Presença de vegetação de pequeno porte em praticamente todos os canteiros do parque.
- 3- Presença de forração, especificamente grama, em todos os canteiros do parque.
- 4- Presença de forração arbustiva em alguns canteiros.
- 5- Presença de arbustos de pequeno porte em alguns canteiros.
- 6- Presença de diversidade de espécie de vegetação.

*Antes da requalificação os canteiros centrais já possuíam algumas espécies de árvores plantadas, como Cinamomo (*Melia azedarach*), Jacarandá (*Jacaranda mimosifolia*), Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) e Luca (*Yucca elephantipes*). Com a requalificação do parque, diversas espécies foram plantadas, como:

Clorofito – *Chlorophytum comosum*

Amarilis – *Amaryllis beladonna*

Iresine – *Iresine herbstii hook*

Grama preta – *Ophiopogon japonicus*

Grama sempre-verde – *Paspalum notatum*

Moreia branca – *Babiana stricta*

Corticeira do banhado – *Erythrina crista-galli*

Quaresmeira – *Tibouchina granulosa*

Ipê amarelo – *Tabebuia crysotricha*

Pata-de-vaca – *Bauhinia variegata candida*

*As palmeiras existentes foram realocadas.

Fonte: PMPF (2016).

*O canteiro 2 é considerado o mais extenso linearmente. Possui ampla área gramada e pouca árvore plantada ou tratamento paisagístico diferenciado. Talvez por essa razão, a população local, sem autorização de qualquer órgão público, encontra-se plantando árvores ao longo do canteiro. Até a data de levantamento, já haviam oito árvores frutíferas plantadas por moradores locais.

Fotos dos moradores locais plantando árvores.



Fonte: Autora (2017).

Fotos de outras espécies e tratamentos paisagísticos do parque.



Fonte: Autora (2017).

Conforme o levantamento dos elementos físicos construídos e naturais, o Parque Linear do Sétimo Céu possui diversidade de pavimentação, executada para cada uso específico ao longo do parque. A variedade dos materiais, cores e formas presentes nos canteiros de permanência estimulam a atratividade para o uso do local, assim como o tipo de pavimentação adequada para ciclovia e pista de caminhada. Portanto, a totalidade dos canteiros possui preocupação estética quanto à pavimentação, estimulando tanto a permanência quanto o deslocamento, bem como em relação à drenagem das águas pluviais, que permite a permeabilidade do solo, qualificando o ambiente urbano.

A presença de bancos em quantidade suficiente e distribuição espacial é um atrativo para o uso do parque. Os bancos estimulam encontros, relações sociais e a permanência do usuário no espaço público, e propositalmente, encontram-se apenas nos canteiros que oferecem equipamentos de lazer e esportes, estando os demais canteiros associados ao deslocamento do usuário, corroborando a identidade linear do parque.

Os equipamentos de lazer e esportes constituem o principal atrativo do parque, sendo ofertados em quantidade suficiente e distribuídos no espaço de forma a abranger a totalidade do parque em relação à permanência dos usuários (nos canteiros das extremidades e um canteiro na centralidade). Há diversidade nos equipamentos ofertados, o que estimula o uso e apropriação de diferentes gêneros e faixas etárias, e, portanto, corresponde a um fator de atração do espaço público.

A mobilidade/acessibilidade é considerada um atrativo do parque, pois além de permitir acesso facilitado em todas as faces, constitui um espaço de deslocamento democrático, universal e em diversos formatos (passeio, bicicleta, caminhada esportiva) que envolve a totalidade dimensional do parque. A presença de transporte público que percorre a Avenida Rui Barbosa é um fator estimulante que permite a visita, uso e apropriação do local.

A iluminação ofertada não possui variedade em relação a luminárias e, portanto, não constitui um atrativo com apelo estético para o local. A iluminação por si só pode ser um forte atrativo para uso de um espaço público, pois qualifica o ambiente esteticamente, ao mesmo tempo em que oferece segurança para apropriação noturna. A iluminação do parque do sétimo céu apresenta-se insuficiente e com razoável distribuição no espaço e, portanto, não oferece segurança adequada para o uso noturno do espaço, uma vez que os canteiros não possuem a mesma quantidade de postes. Dessa forma, o estímulo à atração e uso noturno acontece apenas nos canteiros com equipamentos fixos de lazer e esportes, estando o deslocamento para passeios, caminhadas esportivas e ciclismo comprometido.

Os equipamentos públicos presentes no parque correspondem às lixeiras e ao bicicletário. Apesar de o parque não estimular a permanência dos usuários em todos os canteiros, considerou-se insatisfatória a quantidade de lixeiras, principalmente por não estimular a limpeza e conservação do parque durante os deslocamentos, uma vez que este constitui um espaço de passagem para pedestres em sua linearidade. Há a existência de apenas um bicicletário no interior do parque e, portanto, considerado um número insuficiente, uma vez que o espaço possui ciclovia em toda sua extensão linear. Sendo assim, a oferta em maior quantidade e melhor distribuição de bicicletários ao longo do parque constituiria uma forma de atrair usuários para pausas e usos nos demais canteiros e equipamentos ofertados.

O cercamento existente no playground corresponde a uma estratégia de atração para uso seguro por parte dos usuários, uma vez que se encontra próximo ao tráfego de veículos.

A ausência de construções de apoio no parque pode desestimular a permanência dos usuários no local, como também, não qualificar esteticamente o ambiente urbano. Porém, a ausência de edificações de apoio pode ser justificada pela grande diversidade de atividades e usos ofertados pelo parque, que também constituem qualificadores estéticos do espaço público. Por não haver construções de apoio o parque não necessita de complexa rede de infraestrutura para seu funcionamento. Por esta razão, as redes de infraestrutura existentes são consideradas básicas.

A sinalização/comunicação visual é um elemento importante no parque do sétimo céu, pois compreende um espaço entre vias/fluxos urbanos, necessitando suporte de segurança para acessos e deslocamentos. Por ser um parque linear, a sinalização utilizada é completa, com tipologia indicativa e direcional, informativa e interpretativa, em quantidade satisfatória

para as características e usos do parque. A comunicação visual compreende um atrativo para o uso do local, colaborando na identificação e informação das atividades do local.

A vegetação é considerada um atrativo do parque, pois existe em considerável quantidade e diversidade, estimulando o contato do usuário com o meio ambiente e proporcionando melhor qualidade de vida. A vegetação também qualifica esteticamente o local, oferecendo uma paisagem agradável, principalmente nos canteiros com oferta de atividades relacionadas ao lazer e esportes.

4.2.1.4 Considerações para o Parque do Sétimo Céu

Percebe-se que, em relação aos elementos físicos construídos e naturais, o Parque Linear do Sétimo Céu possui qualidades atrativas bem definidas. Por constituir um espaço de extensa linearidade, os elementos utilizados foram distribuídos a fim de permitir diferentes usos e apropriações, além de estimular deslocamentos pedonais que possibilitam amplo contato com o ambiente urbano qualificado.

Dentre os elementos analisados, constata-se que a maior atratividade para uso e apropriação do parque corresponde à diversidade de equipamentos de lazer e esportes, à presença de bancos que permite as relações sociais e permanência, à pavimentação e suas variedades materiais e formais, à mobilidade e acessibilidade, sinalização e comunicação visual. A preservação e conservação dos elementos, associados à qualidade estética e à quantidade utilizada e distribuída, considerada em partes, compatível com a proposta de uso do parque, constituem um ponto positivo para a atratividade e qualificação do espaço.

4.2.1.5 Parque da Gare

FICHA PARA LEVANTAMENTO EM CAMPO	
Parque: Gare	
Data de levantamento: 29/03/2017 30/03/2017	Horário de levantamento: 16h – 18h 18h – 20h

PAVIMENTAÇÃO/PISO (calçada, calçadão, caminhos, deck, paginação)							
Bloco de concreto	X	Pó de brita/Saibro		Pedra			X
Cimento		Madeira	X	Cerâmico			
Emborrachado	X	Asfalto		Outros			X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			

FOTOS PAVIMENTAÇÃO/PISO		
		
		
		

Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO PAVIMENTAÇÃO/PISO

- 1- Bloco de concreto intertravado na cor cinza. Está presente na área de caminhos no entorno do lago.
- 2- Piso emborrachado nas cores vermelho e preto no playground. O parque infantil acessível também é revestido com piso emborrachado nas cores preto, vermelho e verde.
- 3- Concreto alisado que permeia a totalidade da área de caminhos principais do parque.
- 4- Bloco de concreto vazado com inserção de grama (bloco concregrama). Utilizado em uma pequena área na parte superior do parque, próxima à Av. Sete de Setembro.
- 5- Piso de madeira utilizado na ponte sobre o lago, na passarela sobre o córrego e no deck que envolve toda a área do lago.
- 6- Piso de concreto polido que reveste toda a pista de skate.
- 7- Piso de concreto alisado que reveste toda a pista de bike.
- 8- Piso de concreto polido que reveste toda a quadra poliesportiva e o anfiteatro.
- 9- Pedra basalto regular que reveste todo o passeio público que envolve o parque e vias adjacentes.

*O playground é circundado e delimitado por uma ciclovia infantil, com revestimento de concreto alisado pintado nas cores vermelho e azul. O parque infantil acessível também é circundado e delimitado por uma pista de concreto alisado.

10- Playground com as pistas de caminhada e ciclovia em concreto alisado pintado.

11- Parque infantil acessível com pista de concreto alisado.



Fonte: Autora (2017).

*As vias que contornam o parque permaneceram com seus revestimentos originais: Av. Sete de Setembro revestida com asfalto, e as demais vias revestidas com paralelepípedo. Algumas vias receberam uma parte de acabamento asfáltico próximo ao passeio público que contorna o parque.

12- Av. Sete de Setembro com asfalto.

13- Rua Minas Gerais com paralelepípedo.

14- Rua Maurício Cardoso com paralelepípedo/asfalto.



Fonte: Autora (2017).

ARTE NO ESPAÇO							
Esculturas/Estátuas		Painéis		X	Instalações		
Obelisco		Busto em homenagem a pessoas ilustres			Monumentos/Elementos (históricos)		X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			

FOTOS ARTE NO ESPAÇO							
1	2	3					
4	5						
6	7	8					

Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO ARTE NO ESPAÇO
<p>1- Monumento em homenagem ao Ferroviário, chamado “Homem Voador”. Encontra-se no conjunto arquitetônico que forma o Parque da Gare como uma ferramenta de relembrar o antigo local onde passava o trem, simbolizando o ferroviário e seu trem voando com o mundo nas mãos. Já existente, foi preservado na requalificação do parque.</p> <p>2- Caixa D’Água Metálica foi construída em 1865 e teve seu tombamento provisório em</p>

2006 como uso monumental histórico. É considerado o principal ícone da paisagem férrea, caracterizando as edificações industriais da época e símbolo do crescimento econômico, pela sua estrutura metálica. Já existente, foi preservada na requalificação do parque e ainda se encontra em funcionamento.

- 3- Chaminé considerada elemento histórico. Já existente, foi preservada na requalificação do parque.
- 4- Ruínas do Parque da Gare (Terraço Mirante) que faziam parte das edificações técnicas do complexo ferroviário da época. Era usado como depósito e, atualmente, foi incorporado ao projeto do parque, ganhando importância histórica e paisagística. Já existentes, foram preservadas na requalificação do parque.
- 5- Painel colorido, pintado sobre o muro que interliga a ciclovia no interior do parque à ciclovia no passeio público. Contém desenhos de bicicletas e frases poéticas de incentivo ao uso desse transporte.
- 6- Bebedouro de animais presente no passeio público da Rua General Canabarro, considerado patrimônio histórico tombado pelo município. Já existente, foi preservado na requalificação do parque.
- 7- Muro que delimita a face posterior da antiga Estação Férrea, atualmente, chamada de Largo Firmino Duro, presente no passeio público da Rua General Canabarro. Já existente, foi preservado na requalificação do parque.
- 8- Escadaria que conecta a face posterior da antiga Estação à Rua General Canabarro. Já existente, foi preservada na requalificação do parque.

ÁGUA

Cascata		Fonte		Banhado/Córrego	X		
Espelho d'água		Chafariz	X	Rio/Riacho/Lago/Lagoa	X		
ESTADO DE PRESERVAÇÃO			ESTADO DE CONSERVAÇÃO				
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			

FOTOS ÁGUA

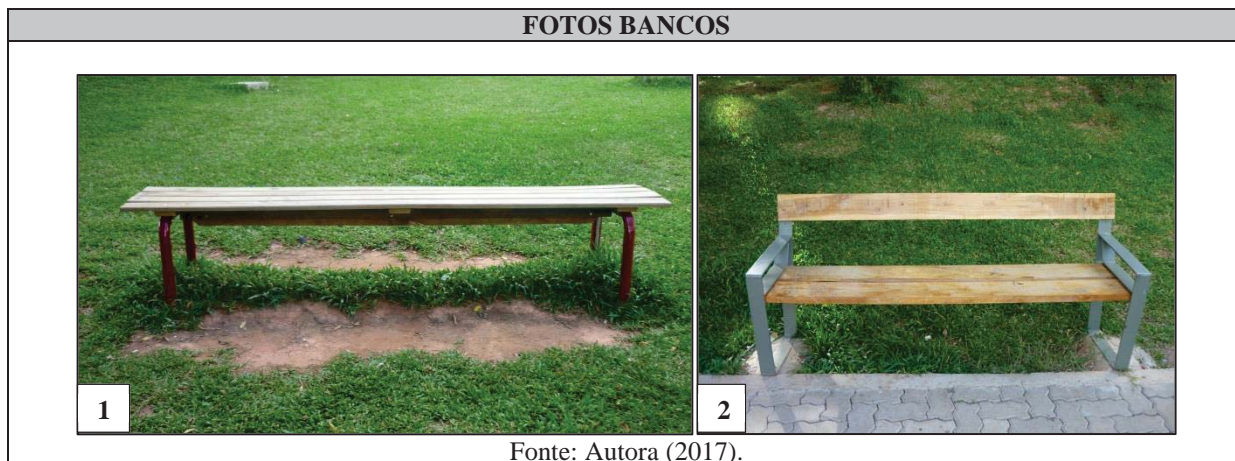


Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO ÁGUA

- 1- Possui um lago implantado em antiga área de banhado.
- 2- Possui córregos e olhos d'água em áreas de mata nativa.
- 3- Possui chafariz no interior do lago com três esguichos altos.

BANCOS							
Madeira			Metal			Concreto	
Sintético			Alvenaria			Misto/Outros	X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	
		X				Ruim	
						X	



IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO BANCOS						
<p>1- Bancos mistos constituídos de madeira (ripas) e metal (na cor vermelha), com design tradicional, sem encosto e encontram-se fixados em pavimento de concreto (caminhos principais) e área gramada.</p> <p>2- Bancos mistos constituídos de madeira e metal (na cor cinza), com design tradicional e encontram-se fixados em pavimento de concreto (caminhos principais) e área gramada.</p> <p>*Há acentos para usuários que constituem arquibancadas de concreto presentes no entorno do lago e na área esportiva.</p> <p style="text-align: center;">3 – Arquibancadas no entorno do lago. 4 – Arquibancadas para quadra poliesportiva. 5 – Arquibancadas para pista de bike e skate.</p>						
<table border="0"> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">3</td> <td style="text-align: center;">4</td> <td style="text-align: center;">5</td> </tr> </table>				3	4	5
						
3	4	5				

Fonte: Autora (2017).

EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES							
Campos de jogos		Quadra esportiva	X	Pista de skate/bike	X	Equipamentos de ginástica	
Playground	X	Mesas de jogos		Cancha de bocha		Piquenique ou Churrasqueira	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Ruim	
X				X			

FOTOS EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES	
	
	
	
	

Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES
<p>1- O playground principal é composto de madeira e está situado em área pavimentada com revestimento emborrachado em toda sua extensão.</p> <p>2- Estrutura para diversão infantil, de pequeno porte, composta de madeira e fixada em área gramada.</p> <p>3- Parque infantil acessível composto de metal colorido e situado em área pavimentada com revestimento emborrachado em toda sua extensão. Possui gradil metálico com</p>

corrimão acessível (na cor vermelha) e mureta de tijolo maciço aparente em todo perímetro externo para garantir proteção aos usuários.

- 4- Pista de bike com revestimento de concreto alisado, arquibancada em semicírculo e com proteção de guarda-corpos metálicos.
- 5- Pista de skate com revestimento de concreto polido e com proteção de guarda-corpos metálicos.
- 6- Quadra poliesportiva com revestimento de concreto polido e protegida alambrado metálico em todo seu perímetro, garantindo maior segurança para a prática de esportes.
- 7- Escorregador gigante fixado no talude gramado (aproveitando a declividade natural do terreno), com revestimento de concreto polido, e escadaria lateral formada por blocos de concreto fixos no próprio talude. Na parte superior do escorrega há guarda-corpos metálicos para maior segurança dos usuários.

MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE (elementos integrados ao parque)

Ciclovia	X	Piso tátil	X	Transporte público	X	Sinalização sonora	
Rampa	X	Estacionamento	X	Ponto de táxi		Outros	X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			

FOTOS MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE

- 1- A ciclovia tem seu percurso em todo o perímetro exterior do parque, incluindo a travessia da Av. Sete de Setembro e a área da antiga Estação. Possui 1 m de largura e revestimento de concreto com pintura indicativa vermelha.
- 2- Todos os caminhos internos para pedestre formam rampas acessíveis, uma vez que o terreno do parque é extremamente acidentado.

- 3- O parque possui piso tátil (apenas alerta), porém, somente no início e término das escadarias e faixas elevadas. Na edificação da Feira do Produtor há piso tátil (alerta e direcional) no acesso e em todo o interior.
- 4- Há estacionamento rotativo pago na face posterior da antiga Estação (Largo Firmino Duro). Todas as vias que contornam o parque possuem estacionamento permissivo em determinadas áreas. Há vagas destinadas e sinalizadas para pessoas portadoras de necessidades especiais.
- 5- Há três faixas de pedestre elevadas ao nível do passeio público presentes na Avenida Sete de Setembro, conectando os dois lados da via. Há balizadores metálicos para impedir o acesso de veículos no parque. Nas demais vias que contornam o parque não há presença de faixa de pedestres.
- 6- Há transporte público que passa pela Avenida Sete de Setembro e pela Rua Minas Gerais.

*Há um bolsão de estacionamento que atende os usuários da Feira do Produtor, além de estacionamento para carga e descarga que atende os trabalhadores na face posterior da edificação da Feira, na Rua Capitão Bernardo. Há vagas destinadas e sinalizadas para portadores de necessidades especiais. Todas as faces do parque possuem rampas de acesso no passeio público.

- 7- Bolsão de estacionamento para usuários da Feira do Produtor.
- 8- Carga e descarga para trabalhadores da Feira.
- 9- Rampa presente no passeio público.



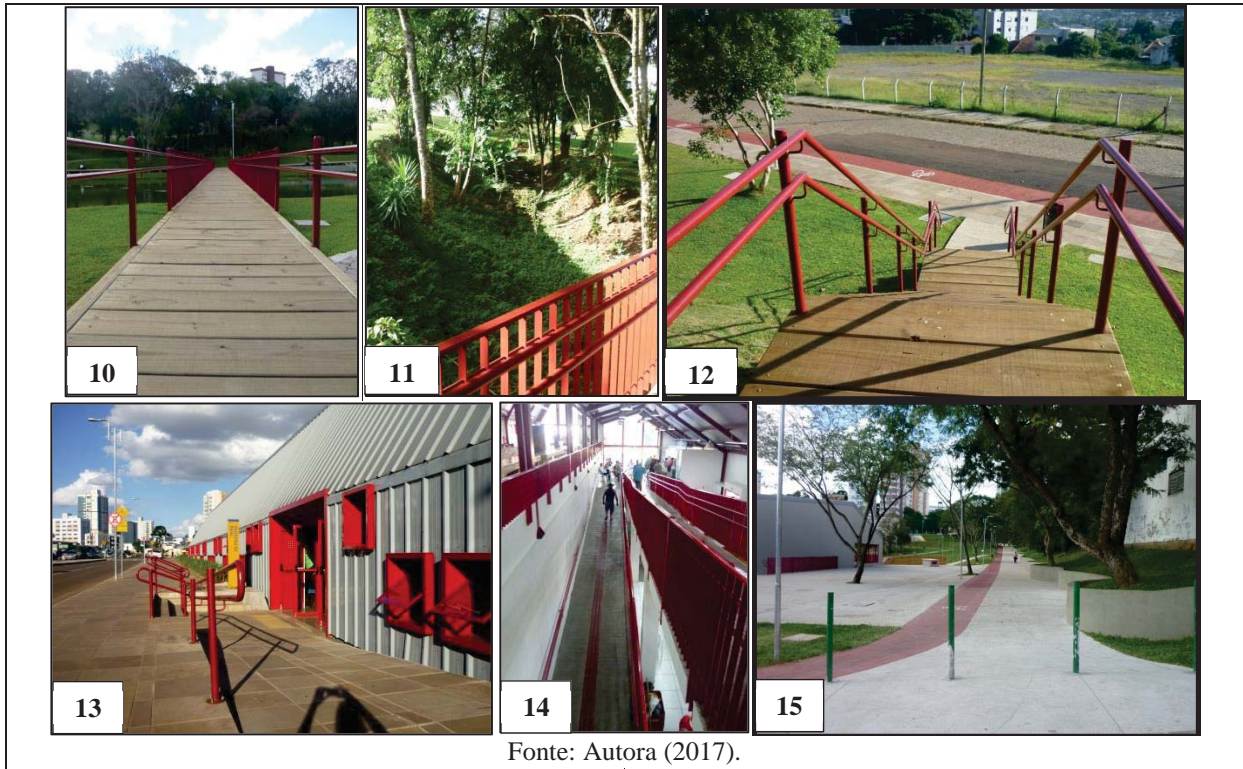
Fonte: Autora (2017).

*Presença de guarda-corpos e corrimãos metálicos acessíveis na ponte sobre o lago e na passarela sobre o córrego. Em todas as escadas existentes no parque há presença de corrimãos metálicos acessíveis.

*Presença de corrimão e guarda-corpo metálico acessível na rampa de acesso à edificação da Feira do Produtor e na rampa interna do prédio da Feira.

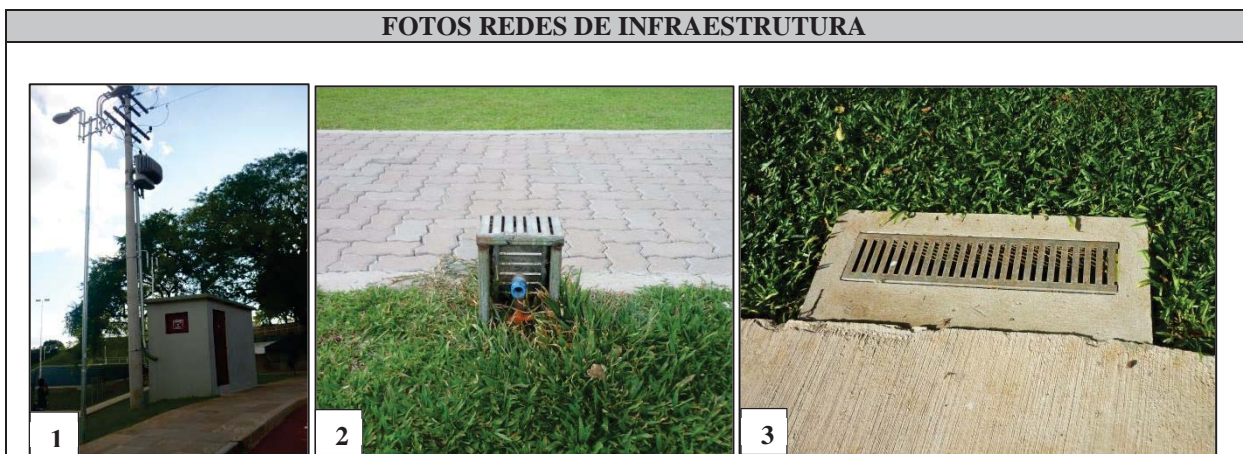
*Presença de balizadores metálicos que impedem a entrada de veículos em diversos acessos do parque.

- 10- Ponte com guarda-corpo e corrimão acessível.
- 11- Passarela com guarda-corpo e corrimão acessível.
- 12- Escada com corrimão acessível.
- 13- Corrimão acessível na rampa de acesso à Feira do Produtor.
- 14- Rampa com guarda-corpo e corrimão acessível no interior da edificação da Feira.
- 15- Balizador que impede a entrada de veículos no interior do parque.



Fonte: Autora (2017).

REDES DE INFRAESTRUTURA							
Abastecimento de água	X	Rede de drenagem pluvial	X	Rede de esgoto	X	Sistema de irrigação	X
Rede de energia/Gerador	X	Sistema alternativo de captação de energia		Rede de transmissão (internet)		Sistema alternativo de captação e armazenamento de água da chuva	X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			





Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO REDES DE INFRAESTRUTURA

- 1- O parque e as edificações existentes no parque possuem recebimento de energia elétrica através da rede de distribuição municipal.
- 2- Presença de sistema de irrigação em toda a extensão do parque (gramados e canteiros com grama).
- 3- Presença de rede de drenagem pluvial em todo o parque.
- 4- Presença de sistema de drenagem dos córregos e olhos d'água para o interior do lago.
- 5- Presença de rede de drenagem pluvial nas vias que contornam o parque.
- 6- Presença de canalização e depósito de gás nas edificações do Gare Café e na Feira do Produtor.

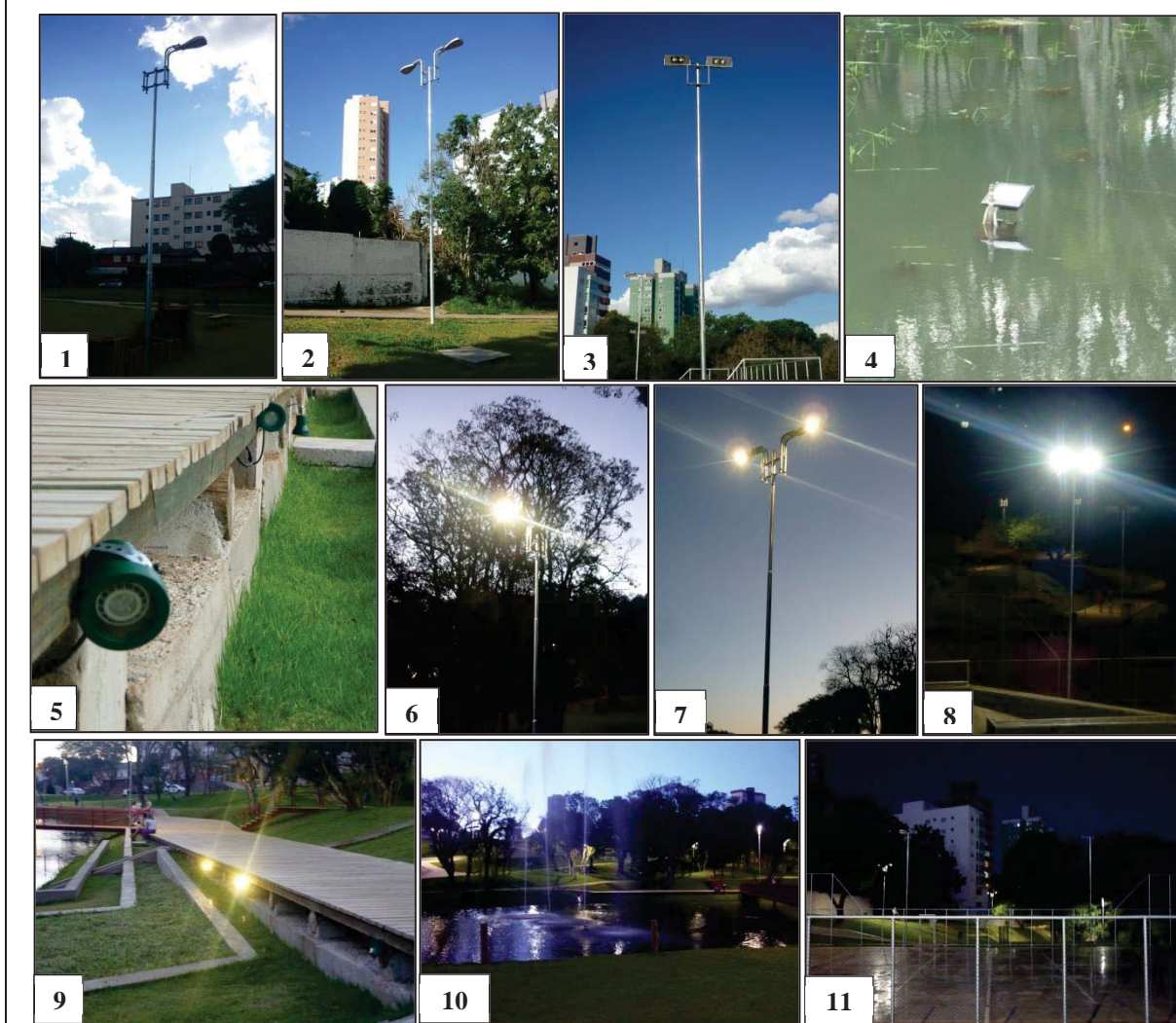
*O parque e as edificações existentes no parque possuem sistema de fossa séptica e filtros para recolhimento e tratamento do esgoto (presente em diversos pontos do parque).

*O prédio da Feira do Produtor e o prédio da biblioteca (Prisma) possuem sistema de captação e reuso da água da chuva.

*O sistema de irrigação das áreas verdes também utiliza reuso proveniente da água da chuva, utilizando a caixa d'água histórica como reservatório para este fim.

ILUMINAÇÃO (luminária)							
Poste alto	X	Poste baixo		Spot/Arandela/Dicroica	X		
Balizador		Refletor	X	Outros			
ILUMINAÇÃO (lâmpada)							
LED	X	Vapor de sódio		Incandescente		Outros	
Fluorescente	X	Subaquáticas		Vapor metálico			
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracteriza do	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	
		X				X	

FOTOS ILUMINAÇÃO (LUMINÁRIA/LÂMPADA)



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO ILUMINAÇÃO (LUMINÁRIA/LÂMPADA)

- 1- Foto diurna de poste alto com uma luminária e lâmpada de LED. Presente em todo o parque e nas vias adjacentes. Apenas na Rua Minas Gerais os postes altos possuem lâmpadas de vapor de sódio.
- 2- Foto diurna de poste alto com duas luminárias e duas lâmpadas de LED. Presente em todo o parque e nas vias adjacentes.
- 3- Foto diurna de poste alto com dois refletores e duas lâmpadas de LED em cada refletor. Presente em toda a área esportiva do parque.
- 4- Foto diurna de refletor com lâmpada de LED presente no interior do lago. São três refletores acoplados aos esguichos do chafariz.
- 5- Foto diurna de spot com lâmpada de LED presente sob o deck do lago.
- 6- Foto noturna de poste alto com uma luminária, em funcionamento.
- 7- Foto noturna de poste alto com duas luminárias, em funcionamento.
- 8- Foto noturna de poste alto com refletores, em funcionamento.
- 9- Foto noturna de spots sob o deck do lago, com poucas lâmpadas em funcionamento.
- 10- Foto noturna do lago, sem funcionamento dos refletores.
- 11- Foto noturna dos refletores da quadra poliesportiva, sem funcionamento.

*Apenas um poste alto presente na Avenida Sete de Setembro estava sem funcionamento.

*Todas as vias possuem iluminação pública, exceto um trecho da Rua Cap. Bernardo que conta apenas com iluminação proveniente do interior do parque.

*Todas as vias que possuem iluminação pública e que contornam o parque, contêm postes com lâmpadas de LED, exceto a Rua Minas Gerais, que possui lâmpadas de vapor de sódio.

*Todas as edificações do parque possuem iluminação em seus acessos, exceto o prédio que contém os sanitários e o Gare Café. Todas as lâmpadas do parque são de LED, exceto nas edificações, que possuem fluorescentes.

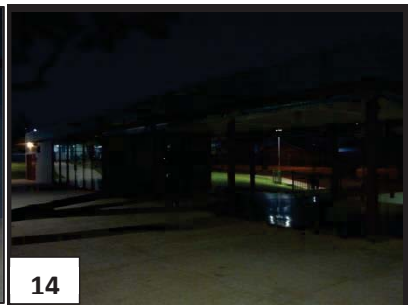
12- Sanitários, sem iluminação noturna.

13- Administração, com iluminação no acesso.

14- Gare Café, sem iluminação noturna.

15- Antiga Estação Ferroviária, com iluminação noturna em toda sua extensão.

16- Feira do Produtor, com iluminação noturna no acesso.



Fonte: Autora (2017).





Fonte: Autora (2017).

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS							
Lixeira	X	Telefone público		Sistema de luz e som			
Bicicletário	X	Bebedouro		X	Outros		X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	
X				X			



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO EQUIPAMENTOS PÚBLICOS
<p>1- Lixeiras de metal com design tradicional, localizadas e distribuídas em todo o parque. Não há lixeiras com coleta seletiva no parque nem nas edificações existentes.</p> <p>2- Bicicletário de metal localizado em dois pontos do parque.</p> <p>3- Presença de um bebedouro de concreto localizado na área esportiva.</p> <p>4- Sistema municipal de bicicletas compartilhadas com estação localizada na Avenida Sete de Setembro.</p>
<p>*O parque encontrava-se extremamente limpo em seu interior e entorno.</p>

CERCAMENTO*							
Muro		Gradil		Cerca viva			
Sistema misto		Cerca		Alambrado			
ESTADO DE CONSERVAÇÃO							
Bom		Precário		Em arruinação		Arruinado	

*Não há cercamento que delimita o parque.

*Há um gradil metálico que protege a pista que contorna o parque infantil acessível – (Foto 1).

*Há gradil (guarda-corpo) presente em diversas partes do parque que contenham risco de queda – (Fotos 2 e 3).



Fonte: Autora (2017).

CONSTRUÇÕES DE APOIO							
Quiosque		Segurança	X	Administração (Zelador)	X	Ponte/Passarela	X
Edifícios	X	Coreto		Gazebo/Pérgola	X	Cobertura/Pórtico	
Espaço multiuso para eventos ao ar livre (palco, arena, anfiteatro)	X	Espaço para animais		Escadaria	X	Sanitários	X
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
X				X			





Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO CONSTRUÇÕES DE APOIO

- 1- Edificação independente que contém os sanitários para uso público, separados por gênero masculino, feminino e ambos com espaço para portadores de necessidades especiais (NBR 9050). Sistema construtivo em estrutura metálica e fechamento em alvenaria. Possui composição formal simples.
- 2- Espaço multiuso para eventos ao ar livre construído em concreto e piso revestido com concreto polido. Arquibancada constituída de semi-arena construída em concreto.
- 3- Espaço para a segurança do parque, constituído de uma copa, e localizado junto à edificação dos sanitários.
- 4- Edificação independente que contém a cafeteria (Gare Café). Piso com revestimento de concreto polido, sistema construtivo em estrutura metálica e fechamento em vidro. O local para estar do público não possui fechamento, apenas cobertura. Possui composição formal simples. O espaço encontrava-se fechado no dia da visitação.
- 5- Espaço para a administração do parque, localizado junto à edificação da cafeteria. Possui piso com revestimento cerâmico e fechamento em alvenaria. Possui sanitário próprio.
- 6- Feira do Produtor, com sistema construtivo em estrutura metálica e fechamento em chapa metálica. Possui dois pavimentos com revestimento cerâmico e concreto polido. A estrutura de 1,1 mil metros quadrados que comporta mais de 60 feirantes, está

adequada às exigências de segurança e sanitárias, além de ter acessibilidade total e entradas adequadas para carga e descarga, depósito, sanitários, administração e área para alimentação. A edificação conta com acabamentos higiênicos e laváveis, iluminação natural e rampas para conforto no uso do espaço. Possui três acessos e a estética do prédio remete à linguagem industrial da arquitetura ferroviária.

- 7- Edificação independente que contemplará a biblioteca, chamada Prisma – Espaço Cultural Gare. Possui composição formal contemporânea e dinâmica, trazendo um amplo espaço com pilotis em concreto e amplas aberturas envidraçadas. Sistema construtivo em estrutura metálica e fechamento em alvenaria. Possui dois pavimentos destinados à literatura, artes, games, realidade virtual e acervo para deficientes visuais, e conta com sanitários, depósito e copa. A edificação ainda não se encontra em funcionamento para atendimento ao público.
- 8- Prédio da antiga Estação Férrea, já existente, contemplava antigamente a feira do produtor, e foi totalmente restaurado. As obras englobam a extensão total, incluindo a área externa e interna, como o muro e todo o largo (Largo Firmino Duro), que contém estacionamento e ciclovia. A edificação conta com espaços para exposições artísticas, sanitários, copa e depósitos.
- 9- Ponte sobre o lago, construída em estrutura metálica, com piso de madeira e guarda-corpo metálico.
- 10- Pergolado em estrutura metálica presente próximo ao lago. Sob o pergolado há dois bancos para estar dos usuários.
- 11- Passarela sobre o córrego, construída em estrutura metálica, com piso de madeira e guarda-corpo metálico.
- 12- Escadaria em estrutura metálica, com piso de madeira e corrimão metálico, presente em vários locais do parque.
- 13- Escadaria em concreto armado, com piso de concreto alisado e corrimão metálico, presente em vários locais do parque.

*Destaque para todos os elementos metálicos utilizados no parque contendo a cor vermelha. A utilização da cor confere unidade paisagística ao parque, tanto às edificações quanto aos elementos urbanos e arquitetônicos.

SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL							
Indicativa e direcional		Informativa	X	Interpretativa	X	Outros	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	
X				X			

FOTOS SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL



Fonte: Autora (2017).

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL

- 1- Sinalização horizontal interpretativa através de pintura, presente em vários pontos da ciclovia.
- 2- Totem de sinalização informativa presente em diversas partes correspondentes às atividades e edificações do parque.
- 3- Sinalização vertical interpretativa e informativa em forma de ícone, presente nos sanitários.
- 4- Sinalização viária vertical informativa e interpretativa em forma de placa/ícone, presente em todas as vias que contornam o parque.
- 5- Sinalização interpretativa em forma de mini placa presente no parque infantil acessível.

VEGETAÇÃO

Grande porte	X	Médio porte	X	Pequeno porte	X	Forração	X
Arbusto		Vegetação nativa	X	Diversidade de espécies	X	Outros	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruamento	Arruinado
X				X			
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Ruim	
X				X			

FOTOS VEGETAÇÃO



Fonte: Autora (2017).

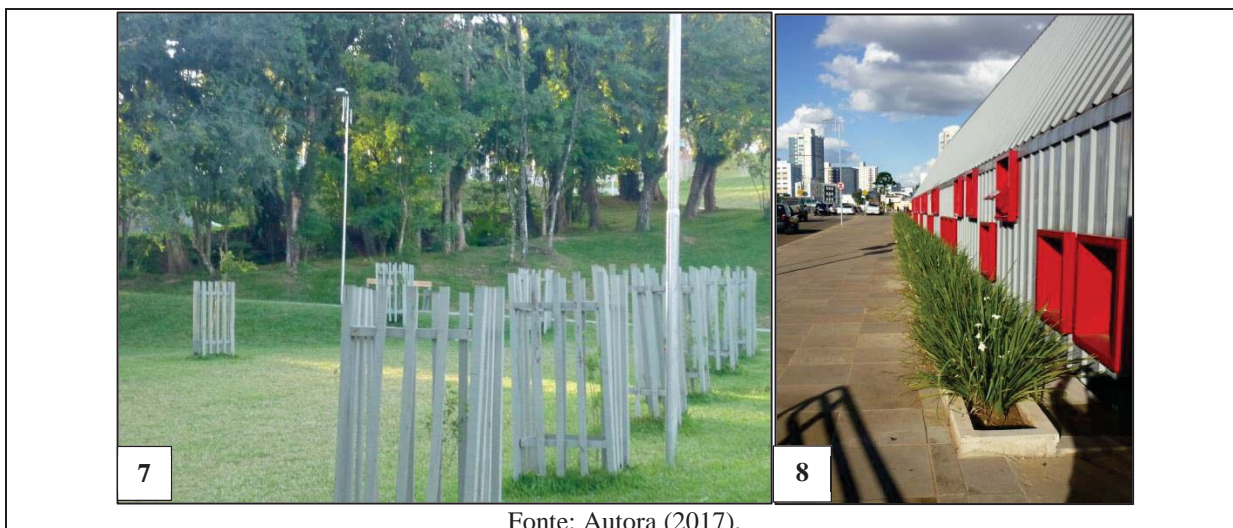
IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO VEGETAÇÃO

- 1- Presença de vegetação de grande porte bem distribuída em todo o parque.
- 2- Presença de vegetação de médio porte bem distribuída em todo o parque.
- 3- Presença de vegetação de pequeno porte bem distribuída em todo o parque.
- 4- Presença de forração, especificamente grama, em grande quantidade e bem distribuída em todo o parque e nos canteiros existentes.
- 5- Presença de vegetação nativa em área considerável do parque, próxima aos córregos e olhos d'água.
- 6- Presença de diversidade de espécie de vegetação.

*Antes da requalificação o parque já possuía diversas espécies de árvores plantadas. Com a requalificação do parque, as espécies existentes foram preservadas e outras diversas espécies foram plantadas, como:

Grama batatais – *Paspalum notatum*
Grama preta – *Ophiopogon japonicus*
Lírio do brejo – *Convallaria majalis*
Periquitão – *Artenanthera brasiliensis*
Moreia – *Dietes iridioides*
Liriope – *Liriope spicata*
Fonte: PMPF (2016).

- 7- Novas espécies recentemente plantadas no parque.
- 8- Canteiro com forração arbustiva na fachada principal da Feira do Produtor.



Segundo o levantamento dos elementos físicos construídos e naturais, o Parque da Gare possui diversidade de materiais, formas, cores e disposição espacial na utilização da pavimentação. Além dessas características, a pavimentação do parque contribui para formar uma elaborada teia visual que proporciona diferentes paisagens ao longo dos passeios e percursos, como também adequa a realização das atividades de lazer e esportes ofertadas. Dessa forma, os atributos que envolvem a pavimentação qualificam esteticamente e funcionalmente o parque, além de estimular o fluxo interno, tornando-se assim, um elemento que exerce atratividade para uso e apropriação do local.

A presença de arte no espaço é considerada um qualificador do parque, não só em termos estéticos, mas em função da preservação histórica e cultural que está presente em praticamente todos os elementos artísticos do local. A requalificação desses elementos reforça a importância e a responsabilidade social, cultural e econômica que o espaço público possui em relação ao contexto urbano, tornando-se um atrativo para uso e apropriação do local.

A presença de água no parque constitui um elemento atrativo, pois qualifica esteticamente o ambiente, estimula o contato com um elemento natural pouco presente na área urbana, além de promover a gestão e preservação ambiental de modo a torná-la incorporada à contemplação da paisagem.

Os bancos presentes no parque não foram considerados suficientes e com boa distribuição espacial e, portanto, constituem um elemento que não exerce atratividade para permanência relacionada ao lazer e recreação, tornando o uso do espaço público para encontros, relações sociais e contemplação da paisagem, comprometido. Por constituir um espaço público bem localizado, democrático, com grandes dimensões territoriais e qualificado

estética e funcionalmente, os usuários acabam levando seus próprios assentos para maior conforto local. Já as práticas esportivas dispõem de arquibancadas que asseguram o uso e permanência dos espectadores dessas atividades.

Os equipamentos de lazer e esportes constituem um fator de atração do parque, pois são ofertados em quantidade suficiente e bem distribuídos, de forma a organizar setorialmente o espaço, permitindo orientação para uso e deslocamentos de interesse. Também, há diversidade nos equipamentos ofertados, estimulando o uso e a permanência de diferentes gêneros, faixas etárias e condições físico-motoras, constituindo um aspecto de intensa atratividade e apropriação.

A mobilidade/acessibilidade constitui um atrativo importante do parque, pois além de dispor de diversos pontos de acesso, permite deslocamentos internos e externos, de passagem ou permanência, considerados democráticos, universais e em diferentes modais (passeio, bicicleta, caminhada contemplativa). A presença de equipamentos recreativos exclusivos para portadores de necessidades especiais é um fator positivo e enriquecedor do espaço público urbano. Da mesma forma, a presença de transporte público no entorno do próprio parque constitui um fator estimulante, facilitando as visitas, uso e apropriação do local.

As redes de infraestrutura presentes no parque se mostram complexas e compatíveis com a demanda dos usuários. A drenagem das águas pluviais e canalização dos córregos (olhos d'água) para o lago constitui um fator positivo em termos ambientais, além de contribuir para qualificar a paisagem para contato e contemplação do ambiente natural por parte dos visitantes. O sistema de irrigação, cujas águas provêm da captação para reuso, e tendo seu armazenamento na histórica caixa d'água, constitui um diferencial para qualificar o parque. A presença de diversas edificações também contribui para a necessária e completa rede de infraestrutura, promovendo o bom funcionamento do local.

A iluminação presente não possui grande variedade em relação a luminárias e, sendo assim, deixa de oferecer um potencial qualificador estético para o local. Também, a iluminação do parque se mostrou insuficiente e com razoável distribuição espacial, principalmente nas áreas de lazer e contemplação, e por esse motivo, acaba não se tornando um elemento qualificador do espaço público, nem oferecendo segurança adequada para uso noturno. Durante o levantamento, as lâmpadas presentes no lago (laterais do deck e chafariz) não estavam em completo funcionamento, prejudicando a análise de uma das áreas com maior

atributo paisagístico do parque. Portanto, a iluminação não constitui um estímulo à atração e uso noturno, tanto em relação aos passeios internos quanto ao lazer/recreação e espaços de contemplação.

Os equipamentos públicos presentes no parque correspondem às lixeiras, aos bicicletários, ao sistema municipal de bicicletas compartilhadas e o bebedouro. Quanto às lixeiras, há suficiente quantidade e boa distribuição espacial, estimulando a permanência do usuário e a limpeza e conservação do parque. Os bicicletários e o compartilhamento de bicicletas constituem um fator atrativo para uso e apropriação do parque, fomentando positivamente esse modal, tanto em seu perímetro, através da ciclovia, quanto na área urbana da cidade. O bebedouro presente na área esportiva é um ponto positivo para promover o uso confortável dos equipamentos esportivos.

As construções de apoio presentes no parque constituem um atrativo para uso e apropriação do local, pois qualificam esteticamente e diversificam o uso (ponte sobre o lago, passarelas, pérgola, arena multiuso, escadarias), reforçam a identidade do local (feira do produtor e antiga estação férrea) e colaboram com serviços básicos para o funcionamento, uso e permanência por parte do usuário (sanitários, cafeteria, administração, segurança).

A sinalização/comunicação visual é um elemento necessário e qualificador do parque da gare, pois compreende um espaço amplo em termos dimensionais e com acentuados desníveis, necessitando suporte informativo para orientação dos usuários. Para tanto, a sinalização utilizada possui tipologia informativa e interpretativa, considerada quantitativamente satisfatória para as características e usos do parque. A comunicação visual possui apelo atrativo para o uso do local, qualificando esteticamente e colaborando na identificação e informação das atividades locais.

A vegetação constitui um influente atrativo do parque, pois há em abundante quantidade, diversidade e caráter conservacionista, sendo considerado um elemento estimulante para o contato do usuário com o meio ambiente natural, atraindo-o para a apreciação, contemplação e recreação em área estética e ambientalmente qualificada para tal. Portanto, a vegetação existente no parque contribui para a atratividade e apropriação do local, proporcionando melhor qualidade de vida em meio à área urbana.

4.2.1.6 Considerações para o Parque da Gare

Percebe-se que, em relação aos elementos físicos construídos e naturais, o Parque da Gare possui poucos aspectos analisados como não possuidores de qualidades atrativas. Por constituir um espaço de amplas dimensões e características culturais e históricas que conferem identidade e caráter ao local, os elementos utilizados foram estrategicamente pensados e distribuídos a fim de permitir variados usos e apropriações, além de estimular deslocamentos em diferentes modais, possibilitando amplo contato com o espaço público urbano qualificado.

Dentre os elementos analisados, constata-se que a maior atratividade para uso e apropriação do parque corresponde à diversidade equipamentos de lazer e esportes, à pavimentação e suas variedades materiais e formais, à mobilidade e acessibilidade, à sinalização e comunicação visual, à presença de arte e água no espaço, às redes de infraestrutura e construções de apoio, aos equipamentos públicos ofertados e à presença de vegetação. A preservação e conservação dos elementos, associados à qualidade estética e à quantidade utilizada e distribuída, consideradas compatíveis com a proposta de uso do parque, constituem um ponto positivo e estimulante para a atratividade e qualificação do espaço.

4.2.1.7 Comparativo do grau de atratividade entre os parques – elementos construídos e naturais

Para determinar o grau de atratividade dos parques pesquisados, foram estabelecidos critérios de avaliação para cada elemento físico construído e natural presente, com base nos autores referenciados e nas análises realizadas. O Quadro 12 mostra a síntese dos critérios considerados para avaliação do grau de atratividade.

Quadro 12 – Critérios e referências considerados para o grau de atratividade.

Elemento	Critérios	Referências
Pavimentação	Diversidade e adequação no uso; paginação de piso; dimensionamento; variedade de materiais de revestimento (cores e formas); estado de conservação; estímulo ao fluxo interno e à acessibilidade.	Lynch (1997); Gehl (2015)
Arte no espaço	Qualidade estética; importância e identificação social, cultural e histórica; percepção visual da paisagem urbana.	Lynch (1997); Gehl (2015)
Água	Contraste com o ambiente urbano; gestão e preservação ambiental; contemplação da paisagem; qualidade estética.	Lynch (1997)
Bancos	Quantidade e distribuição espacial; conforto; estado de manutenção e conservação; promoção de relações sociais e contemplação da paisagem; estímulo à permanência.	Carr <i>et al.</i> (1992); Gehl (2015)
Equipamentos de lazer/esportes	Quantidade e variedade de atividades e equipamentos; distribuição espacial; estado de manutenção e conservação.	Carr <i>et al.</i> (1992); Lynch (1997); Gehl (2015)
Mobilidade/Acessibilidade	Transporte público; estacionamento; rampas e piso tátil; facilidade de acessos e deslocamentos internos; estado de conservação e manutenção.	Silva (2009); Gehl (2015); Serpa (2007)
Infraestrutura	Estado de manutenção e conservação; oferta de serviços básicos; compatibilidade com a demanda; funcionalidade do local.	Silva (2009); Serpa (2007)
Iluminação	Quantidade e distribuição espacial; estado de manutenção e conservação; variedade de luminárias e lâmpadas; qualidade estética; promoção da segurança.	Serpa (2007); Carr <i>et al.</i> (1992)
Equipamentos públicos	Quantidade e distribuição espacial; estado de manutenção e conservação; variedade de oferta.	Carr <i>et al.</i> (1992); Whyte (2009)
Cercamento	Quantidade e distribuição dos acessos; promoção de segurança; proteção de áreas preservadas.	Carr <i>et al.</i> (1992); Santos (1987)
Construções de apoio	Variedade e diferentes usos; qualidade estética; oferta de serviços básicos; estado de manutenção e conservação.	Carr <i>et al.</i> (1992); Gehl (2015)
Sinalização/ Comunicação visual	Quantidade e distribuição espacial; estado de manutenção; orientação espacial; identificação dos equipamentos e usos; promoção da segurança.	Lynch (1997); Gehl (2015)
Vegetação	Quantidade, diversidade e distribuição espacial; conforto ambiental; qualidade	Mascaró (1996); Lynch (1997)

estética; estado de manutenção e conservação.

Fonte: Autora (2017).

Para a atribuição do grau de atratividade, estabeleceu-se um percentual de adequabilidade para cada conjunto de critérios listado, de acordo com as análises qualitativas realizadas. O maior grau de adequabilidade refletirá no maior grau de atratividade, conforme indica o Quadro 13.

Quadro 13 – Atribuição do percentual para o grau de atratividade.

Grau de atratividade	Percentual de adequabilidade
Alto	66,6% - 100%
Médio	33,3% - 66,6%
Baixo	0 - 33,3%

Fonte: Autora (2017).

Para os elementos físicos construídos e naturais analisados, apresenta-se o Quadro 14 com o comparativo dos parques, através da indicação do grau de atratividade (alto, médio e baixo).

Quadro 14 – Atribuição do grau de atratividade e o comparativo entre os parques – elementos construídos e naturais.

Parque	Pavimentação	Arte no espaço	Água	Bancos	Equipamentos lazer/esportes	Mobilidade/Acessibilidade	Redes de Infraestrutura	Iluminação	Equipamentos públicos	Cercamento	Construções de apoio	Sinalização/Com. visual	Vegetação
Parque Ambiental Banhado da Vergueiro	●	X	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Parque Linear do Sétimo Céu	●	X	X	●	●	●	●	●	●	●	X	●	●
Parque da Gare	●	●	●	●	●	●	●	●	●	X	●	●	●

X – Não se aplica. Grau de atratividade: Alto ● Médio ● Baixo ●

Fonte: Autora (2017).

Em relação aos elementos físicos construídos e naturais, estabeleceu-se o percentual do alto grau de atratividade dos parques analisados:

- Parque Ambiental Banhado da Vergueiro: 61,5%
- Parque Linear do Sétimo Céu: 46,1%
- Parque da Gare: 76,9%

Portanto, dentre os elementos físicos analisados, o Parque da Gare constitui o espaço público com o maior grau de atratividade.

4.2.2 Levantamento e análise das características morfológicas e do entorno imediato

A morfologia urbana corresponde ao estudo da forma das cidades, chamando a atenção para sua tessitura e a trama de seus elementos. Para tanto, o tecido urbano é configurado pelo sistema viário, pelo padrão do parcelamento do solo, pela aglomeração (densidade) e pelo isolamento das edificações, bem como pelos seus espaços livres. Ou seja, o tecido da cidade se dá pelas edificações, ruas, quadras e lotes e espaços abertos, nos seus mais variados arranjos (REGO; MENEGUETTI, 2011).

A morfologia urbana pode determinar diferentes graus de apropriação de um espaço público, gerando configurações mais acessíveis, que dão maior liberdade de deslocamento e controle espacial para os usuários (MACEDO, 2012). A análise da malha urbana pode contribuir para a identificação e representação da configuração de espaços abertos e contínuos, traduzindo a potencialidade de atração para determinados locais e a integração de seu entorno (RIGATTI, 2002; CARR *et al.*, 1992; GEHL, 2015).

Também, as características do entorno de um espaço público, como uso do solo e densidade, podem influenciar a intensidade de uso e contribuir para a atração dos usuários. A variedade de usos do solo (residencial, comercial, serviços e institucional) nas edificações do entorno, associada a uma densidade relativamente alta, caracteriza-se como positiva, pois proporciona aos espaços públicos uma diversidade de usuários, mantendo o espaço urbano ativo e atrativo por mais tempo, dinamizando as cidades. A essa diversidade mais complexa e densa existe uma sustentação mútua e constante, tanto social quanto econômica, fazendo com que as pessoas usem mais e por tempo prolongado os espaços públicos (JACOBS, 2000; GEHL, 2015; CARR *et al.*, 1992).

A localização geográfica no território constitui um dos elementos mais importantes para um espaço público, pois tendo uma boa localização (perto de casa, do trabalho ou em um bairro mais centralizado), é mais fácil o espaço ser percebido como atrativo pelas pessoas (WHYTE, 2009). Certamente a facilidade de acesso ao espaço público e a proximidade deste com os potenciais usuários são aspectos mais importantes para o uso do que as características estéticas e históricas do lugar (SERPA, 2007).

4.2.2.1 Parque Ambiental Banhado da Vergueiro

O Parque Ambiental Banhado da Vergueiro pode ser classificado como um parque compacto, ou seja, distingue-se morfologicamente no tecido urbano do seu entorno imediato por possuir unidade formal própria, destacando a porção significativa de vegetação (MACEDO, 2012).

Além de morfologicamente compacto, o parque apresenta forma reticular ortogonal, configurando exatamente uma quadra urbana. A topografia do terreno apresenta leves desníveis, com diferença máxima entre as cotas de aproximadamente 4 metros, o que possibilita total visibilidade por parte dos usuários, tanto interna quanto externamente ao parque.

Dessa forma, pode-se afirmar que o parque do banhado possui, através de sua estrutura formal (posicionamento no tecido, topografia e dimensões), acessibilidade visual, pois é possível enxergar através dele, uma vez que o layout e os elementos existentes (níveis, vegetação, iluminação, equipamentos) permitem, estando o indivíduo fisicamente distante ou não do espaço. Portanto, a visibilidade interna e externa do parque proporciona atratividade para apropriação do local, além de estimular a orientação espacial e a sensação de segurança dos frequentadores.

No entorno do parque, o parcelamento do solo apresenta quarteirões irregulares, tanto em estrutura formal quanto em dimensões. A malha urbana não favorece uma sequência de espaços abertos e contínuos, tornando as configurações urbanas carentes de espaços integradores e com facilidades de deslocamento e acesso.

Quanto à hierarquia e fluxos viários, percebe-se que o entorno do parque constitui um emaranhado de vias locais não reticulares e, apesar da presença de uma via coletora e uma via arterial nas proximidades, o fluxo viário encontra-se comprometido, pois não estimula completamente o deslocamento e o acesso ao espaço público.

A via local implantada na face norte do parque é um ponto positivo na malha viária, pois estabelece uma nova conexão que favorece a continuidade e interligação de bairros e fluxos antes não existentes, promovendo um novo deslocamento e facilidade cognitiva de acesso e, conseqüentemente, atratividade para uso e apropriação do parque, como mostra a Figura 67.

Figura 67 – Entorno do Parque do Banhado: parcelamento do solo, hierarquia e fluxos viários.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

A área em estudo está inserida no mapa de zoneamento urbano da cidade de Passo Fundo/RS, encontrando-se no limite de duas zonas de ocupação: ZR2 (Zona Residencial) ao Sul e ZOI2 (Zona de Ocupação Intensiva) ao Norte, Leste e Oeste. De acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI, 2006), a ZR2 possui baixíssimos índices urbanísticos, com TO de 40% (taxa de ocupação) e CA de 0,8 (coeficiente de aproveitamento). A ZOI2 possui índices mais estimulantes, com TO de 80% e CA de 3,6.

Os índices urbanísticos estabelecidos para o território urbano possibilitam mensurar a ocupação do solo em termos horizontais e a área máxima edificável, em termos verticais, identificando o padrão de aglomeração e densidade do espaço urbano.

Quanto à ocupação horizontal do solo, em função dos índices urbanísticos, o entorno do parque do banhado possui significativa quantidade de áreas vazias e de grandes dimensões.

A grande área de massa vegetativa e de caráter conservacionista também contribui para a pouca ocupação do solo com edificações, conforme a Figura 68.

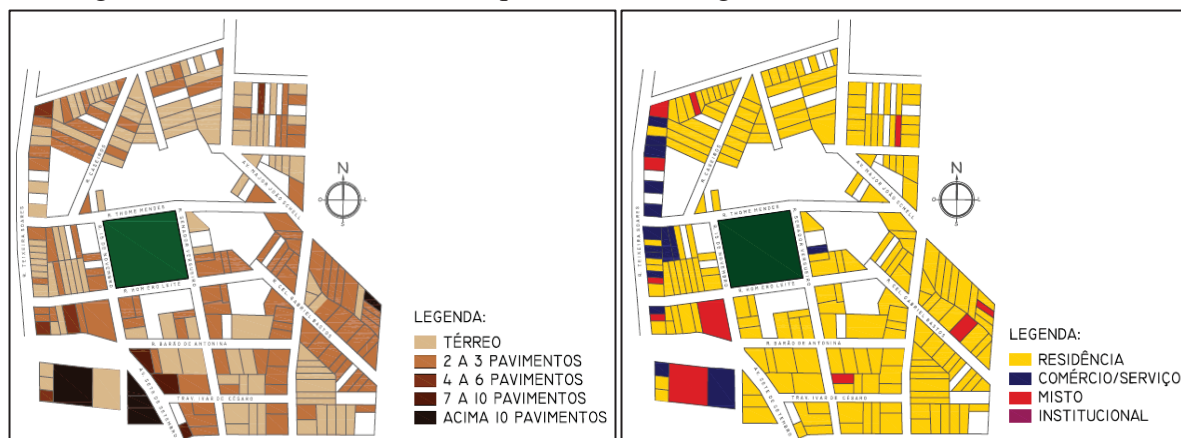
Figura 68 – Entorno do Parque do Banhado: ocupação do solo (cheios e vazios).



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

Com relação à densidade construída e uso do solo, verifica-se que o entorno do parque não possui verticalidade expressiva, sendo em sua maioria, edificações de até dois e três pavimentos. Quanto ao uso do solo, há pouca variedade de usos, sendo que a grande maioria das edificações se constitui de residências, como aponta as Figuras 69 e 70.

Figuras 69 e 70 – Entorno do Parque do Banhado: gabarito de altura e uso do solo.



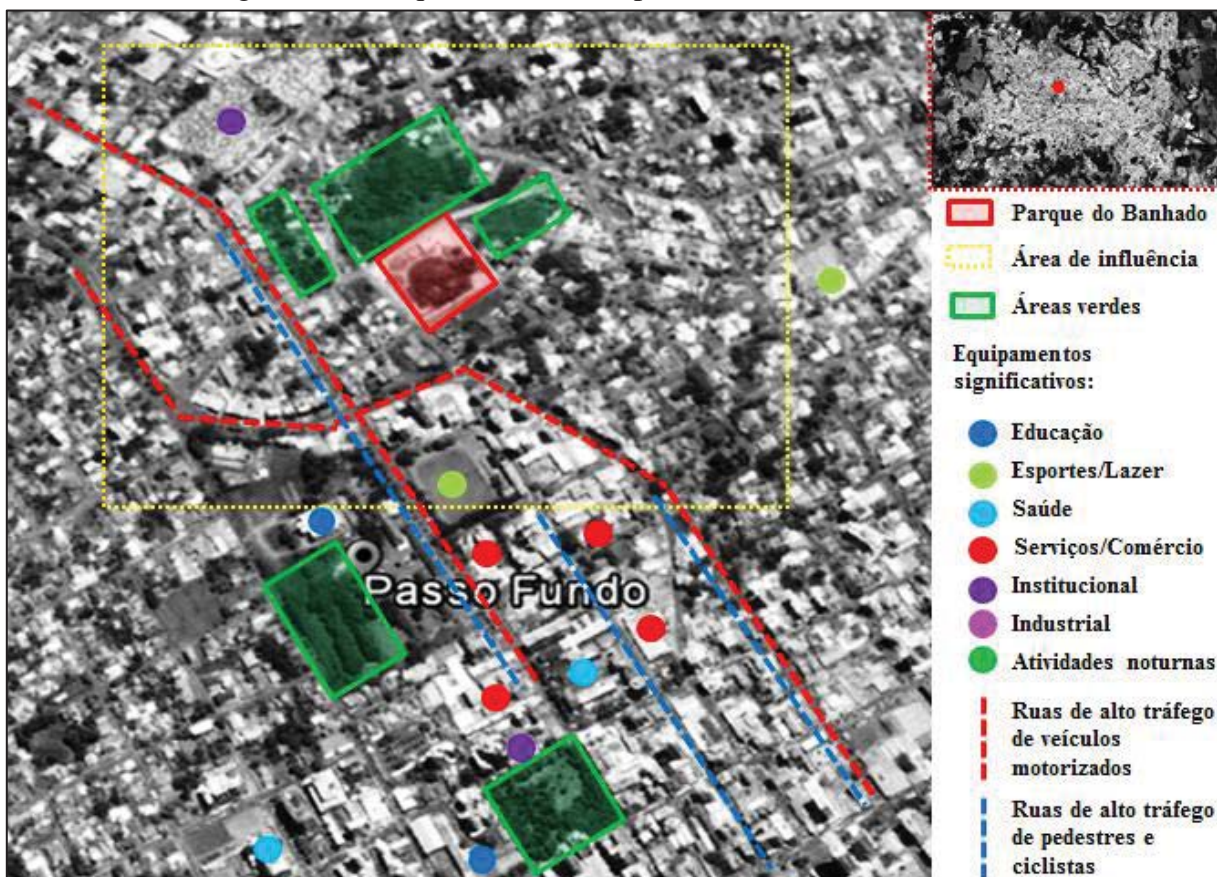
Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

A pouca variedade de usos, associada à baixa densidade e ocupação do solo não estimula a atividade do espaço público, pois não proporciona o uso prolongado e com diversidade de indivíduos, o que não o torna um local consideravelmente atrativo para uso intenso e permanente, nem de grande movimento/deslocamento de pessoas e veículos, o que é visto como uma característica positiva para o parque em si, uma vez que se trata de área de preservação permanente.

Quanto à localização geográfica no território, de acordo com a Figura 71, o parque encontra-se em uma região do município considerada central, o que traz uma visão hierarquizada, principalmente quanto ao bairro a que pertence, servindo de estímulo a deslocamentos espaciais e prestígio social. Essa localização contribui para uma imagem positiva do espaço público, tornando-se mais atrativo e seletivo para uma parcela específica da população. No entanto, a localização pode desestimular o uso e apropriação do local quanto à diversidade populacional, em função da possível segregação social.

Também, a localização em que o parque se encontra não possui, em sua área de influência, equipamentos significativos, nem grande quantidade de vias com alto fluxo de veículos e adequadas a pedestres e ciclistas, tornando este um fator que desestimula tanto o deslocamento quanto a procura e uso do parque.

Figura 71 – Parque do Banhado: posicionamento no território.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

4.2.2.2 Considerações para o Parque Banhado da Vergueiro

Percebe-se que, em relação às características morfológicas e do entorno imediato, o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro possui poucas particularidades que exercem atratividade. As análises revelam que o principal fator de atração relacionado à morfologia urbana se dá em função da estrutura formal compacta do próprio parque, que permite permeabilidade visual, e consequentemente, melhor orientação espacial por parte dos usuários. Já as características morfológicas do entorno não constituem um forte atrativo para deslocamentos e acessos, por não possuir sequências de espaços abertos e contínuos, e, portanto, facilitadores no deslocamento. Quanto ao uso e ocupação do solo, o entorno apresenta pouca variedade e baixa densidade e verticalidade, o que não estimula a atração para uso e permanência no local. Porém, tais características se tornam pertinentes e favoráveis ao parque, pois colabora e reforça o caráter conservacionista e de preservação permanente que forma o espaço público. A posição geográfica também não constitui uma forte influência à ocupação e apropriação, e, apesar de se encontrar em local considerado central, não possui em

seu entorno equipamentos significativos e vias com intenso tráfego de veículos e pedestres, fator este que interfere consideravelmente na procura e uso do parque.

4.2.2.3 Parque Linear do Sétimo Céu

O Parque Linear do Sétimo Céu pode ser classificado, de acordo com a própria denominação, como parque linear, ou seja, é um espaço que corta a malha urbana de uma forma mais alongada, muitas vezes centrada no aproveitamento formal e conservação de um corpo d'água ou de remanescentes de mata nativa (MACEDO, 2012). No caso do Parque do Sétimo Céu, constitui um estruturador da malha urbana na medida em que os elementos que conformam as bases do desenho delimitam morfologicamente a estrutura viária.

O parque, apesar de morfologicamente linear, apresenta uma moderada curvatura no sentido longitudinal, que confere o conjunto dos dez canteiros centrais. A topografia do terreno apresenta leves desníveis em sua extensão longitudinal, porém transversalmente, alguns canteiros possuem diferença de cotas máximas de aproximadamente 2 metros.

Com relação a sua estrutura formal, no que diz respeito ao posicionamento no tecido (curvatura) e dimensão linear (extensão), o parque apresenta carência de visibilidade total. Porém, os canteiros observados individualmente em sua extensão, tanto longitudinal quanto transversal, em termos topográficos e formais, possuem positiva acessibilidade visual dos elementos existentes, estando o indivíduo no parque (canteiros centrais) ou nos passeios públicos que conformam a Avenida Rui Barbosa. Portanto, a estrutura formal do parque proporciona pouca atratividade para longos deslocamentos, e maior atratividade para apropriação em relação à permanência em canteiros específicos, o que estimula seu uso em função da orientação espacial que a visibilidade traz.

No entorno do parque, o parcelamento do solo apresenta quarteirões consideravelmente regulares em relação à estrutura formal e dimensões, formando uma retícula ortogonal. Essa característica favorece uma configuração urbana com sequência de espaços abertos e contínuos, tornando o ambiente urbano integrador e com facilidades de deslocamentos e acessos.

Quanto à hierarquia e fluxos viários, percebe-se que o próprio parque, através do conjunto de canteiros centrais, constitui um divisor de dois fluxos viários de uma via coletora, que se conecta ao principal eixo indutor da cidade no sentido Leste-Oeste, a Avenida Brasil. A interligação dessa via coletora se dá através de um complexo reticular de vias locais, o que estimula o fluxo de pedestres e veículos, promovendo positiva atratividade para apropriação

do espaço público através dos variados e contínuos deslocamentos e possibilidades de acessos, como mostra a Figura 72.

Figura 72 – Entorno do Parque do Sétimo Céu: parcelamento do solo, hierarquia e fluxos viários.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

Conforme o mapa de zoneamento e o PDDI de Passo Fundo/RS (2006), o parque encontra-se como um divisor de duas zonas de ocupação: ZT (Zona de Transição) ao Sul e ZE (Zona de Ocupação Extensiva) ao Norte. As zonas referidas possuem consideráveis índices urbanísticos, ambas com TO de 60% e CA de 2,8 (ZT) e 1,2 (ZE).

Quanto à ocupação horizontal do solo, de acordo com os índices urbanísticos existentes, o entorno do parque do sétimo céu possui um adensamento razoavelmente alto. Porém, apesar dos índices urbanísticos estimulantes, percebe-se uma quantidade expressiva de espaços vazios, considerados vazios urbanos, conforme mostra a Figura 73.

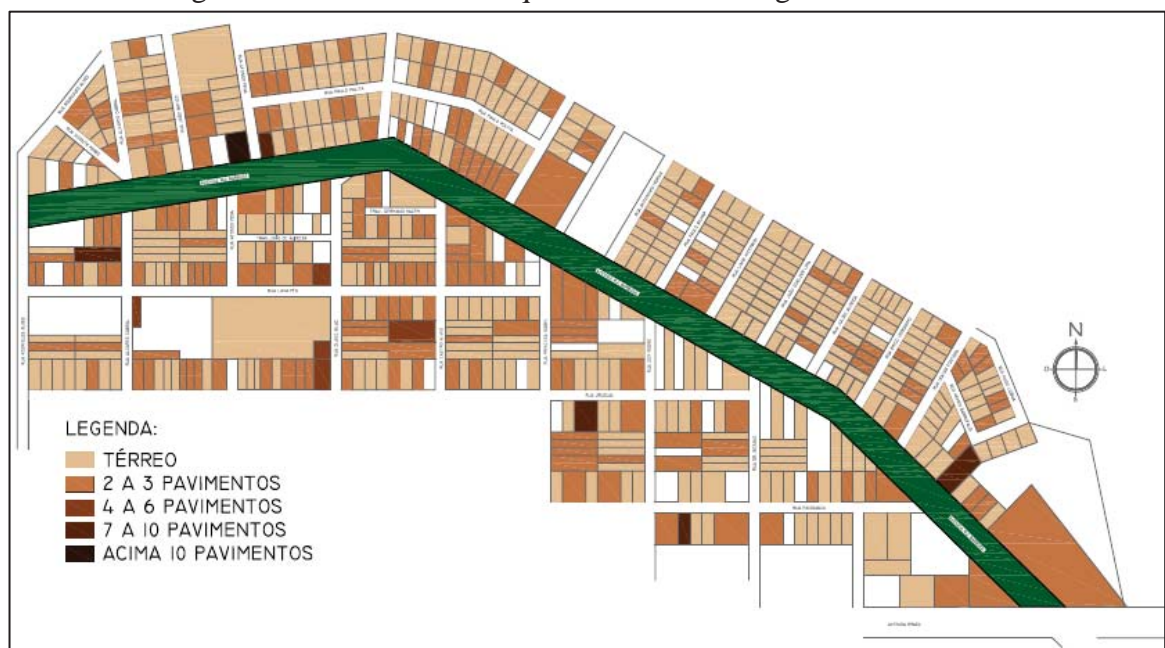
Figura 73 – Entorno do Parque do Sétimo Céu: ocupação do solo (cheios e vazios).



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

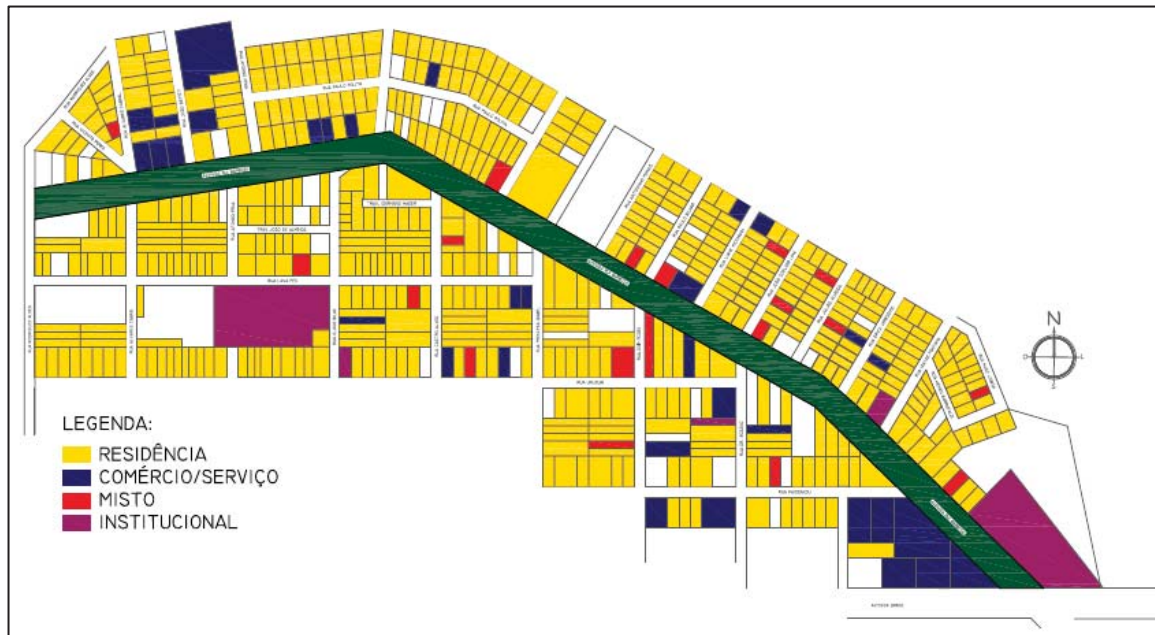
Com relação à densidade e uso do solo, verifica-se que o entorno do parque possui pouca verticalidade expressiva, sendo em sua maioria, edificações de até dois e três pavimentos. No entanto, o uso do solo aponta maior variedade de usos, o que torna o local mais atrativo, com diversidade de indivíduos, maior número de deslocamentos tanto de pedestres quanto de veículos, e permanência mais prolongada por parte dos frequentadores (Figuras 74 e 75).

Figura 74 – Entorno do Parque do Sétimo Céu: gabarito de altura.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

Figura 75 – Entorno do Parque do Sétimo Céu: uso do solo.

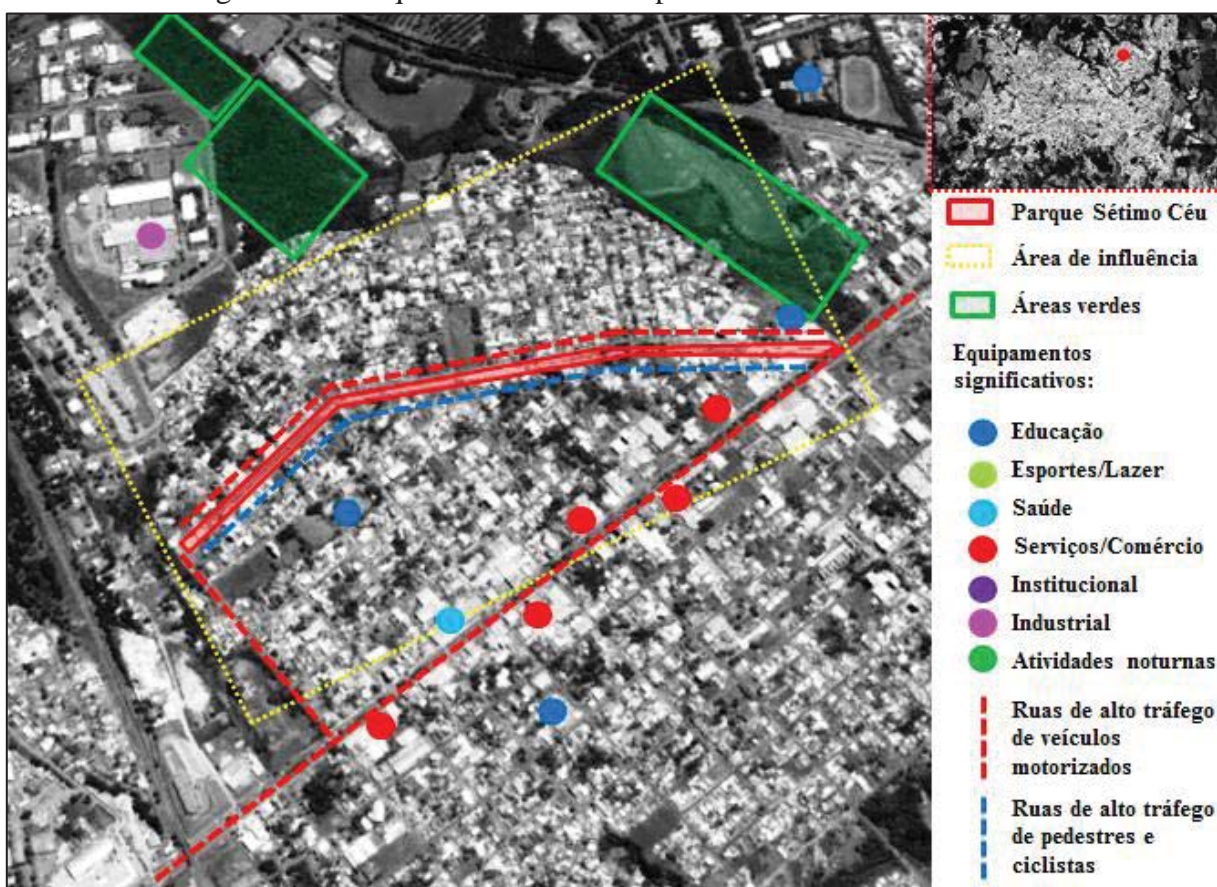


Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

Quanto à localização geográfica no território, de acordo com a Figura 76, o parque encontra-se em uma região do município considerada periférica, o que pode desestimular o deslocamento e uso de pessoas de bairros distantes. Por outro lado, o parque contribui para uma imagem positiva do local, sendo extremamente atrativo para os moradores locais, uma vez que o bairro Petrópolis não conta com nenhum outro espaço verde e de lazer, como praça por exemplo.

Também, a localização em que o parque se encontra possui, em sua área de influência, poucos equipamentos significativos, dentre eles, uma instituição de ensino superior e uma escola de ensino fundamental. Da mesma forma, não há quantidade de vias com alto fluxo de veículos e pedestres, sendo a avenida que forma o parque do sétimo céu a principal estruturadora para esse fim. Portanto, a localização torna-se um fator que desestimula tanto o deslocamento quanto a procura e uso do parque.

Figura 76 – Parque d o Sétimo Céu: posicionamento no território.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

4.2.2.4 Considerações para o Parque do Sétimo Céu

Percebe-se que, em relação às características morfológicas e do entorno imediato, o Parque Linear do Sétimo Céu possui poucas qualidades que exercem atratividade. As análises mostram que o principal fator de atração relacionado à morfologia urbana se dá em relação às características formais do entorno, que constitui um facilitador de deslocamentos e acessos, em função da organização reticular da malha urbana, que forma espaços sequenciais, abertos e contínuos. Já a estrutura formal linear do parque, não permite completa acessibilidade visual, e conseqüentemente, pode influenciar na sensação de insegurança dos usuários. Quanto ao uso e ocupação do solo, o entorno apresenta razoável variedade de usos, porém, baixa densidade e verticalidade, o que não representa uma fonte considerável de atração, principalmente para uso e permanência no local. A posição geográfica também não constitui uma forte influência à ocupação e apropriação, pois se encontra em área periférica, e ainda, não possui em seu entorno equipamentos significativos, bem como, quantidade satisfatória de vias com tráfego intenso de veículos e pedestres. Portanto, a localização é apontada como um fator que interfere negativamente na procura e uso do parque.

4.2.2.5 Parque da Gare

O Parque da Gare pode ser classificado como um parque compacto, porém espreado morfologicamente no tecido urbano, não possuindo unidade formal própria, pois o complexo do parque como um todo, estende-se ao longo e para além da uma via urbana (MACEDO, 2012).

Devido ao espreado na malha urbana, o parque apresenta uma forma poligonal irregular. A topografia do terreno é considerada acidentada, apresentando acentuados desníveis, com diferença máxima entre as cotas de aproximadamente 20 metros. O conjunto formal no tecido e a topografia são características que podem dificultar a visibilidade total por parte dos usuários, tanto interna quanto externamente ao parque.

A complexidade da estrutura formal (posicionamento no tecido, topografia e dimensões) do parque da gare torna a acessibilidade visual comprometida, uma vez que as características citadas anteriormente não permitem o usuário enxergar através dele, estando fisicamente distante ou não do local. A visibilidade interna e externa comprometida constitui um aspecto que interfere na atratividade para apropriação do local, e ainda, estimula a sensação de insegurança dos frequentadores e afeta a orientação espacial.

No entorno do parque, o parcelamento do solo apresenta quarteirões irregulares, tanto em estrutura formal quanto em dimensões. A malha urbana não favorece uma sequência de espaços abertos e contínuos, o que torna as configurações urbanas carentes de espaços integradores e com facilidades de deslocamento e acesso.

Quanto à hierarquia e fluxos viários, nota-se que o entorno do parque possui grande quantidade de vias locais não reticulares ao Sul, local em que o parque faz divisa com bairros majoritariamente residenciais. Ao Norte, local em que o parque faz divisa com toda a região central da cidade, apresentam-se vias arteriais e coletoras, o que colabora com um fluxo mais intenso de veículos, fator que estimula o movimento e deslocamento de pessoas, e conseqüentemente, de acesso ao espaço público.

Certamente a Avenida Sete de Setembro, considerada uma importante via arterial na cidade, tem relevância histórica na estruturação urbana e constitui um marco referencial para o deslocamento e acesso ao parque. Atualmente, a avenida constitui parte do Complexo do

Parque da Gare, sendo este um aspecto positivo na malha viária para conectar a cidade ao espaço público e estimular seu uso e apropriação, como mostra a Figura 77.

Figura 77 – Entorno do Parque da Gare: parcelamento do solo, hierarquia e fluxos viários.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

De acordo com o mapa de zoneamento e o PDDI de Passo Fundo/RS (2006), o parque encontra-se conformado por várias zonas de ocupação: ZT (Zona de Transição) ao Leste e Oeste, com TO de 60% e CA de 2,8, ZOC1 (Zona de Ocupação controlada) ao Sul, com TO de 40% e CA de 1,2, e ZOI1 e ZOI2 (Zona de Ocupação Intensiva) ao Norte, com TO de 80% e CA de 4 e 3,6 respectivamente.

Percebe-se que as zonas de ocupação possuem altos índices urbanísticos ao Norte, área central da cidade, e menor índice ao Sul, área consideravelmente residencial. Com isso, a ocupação horizontal do solo no entorno do parque da gare se apresenta de forma altamente densificada na região central (Norte) e menos densa e ocupada na região considerada residencial (Sul), conforme aponta a Figura 78.

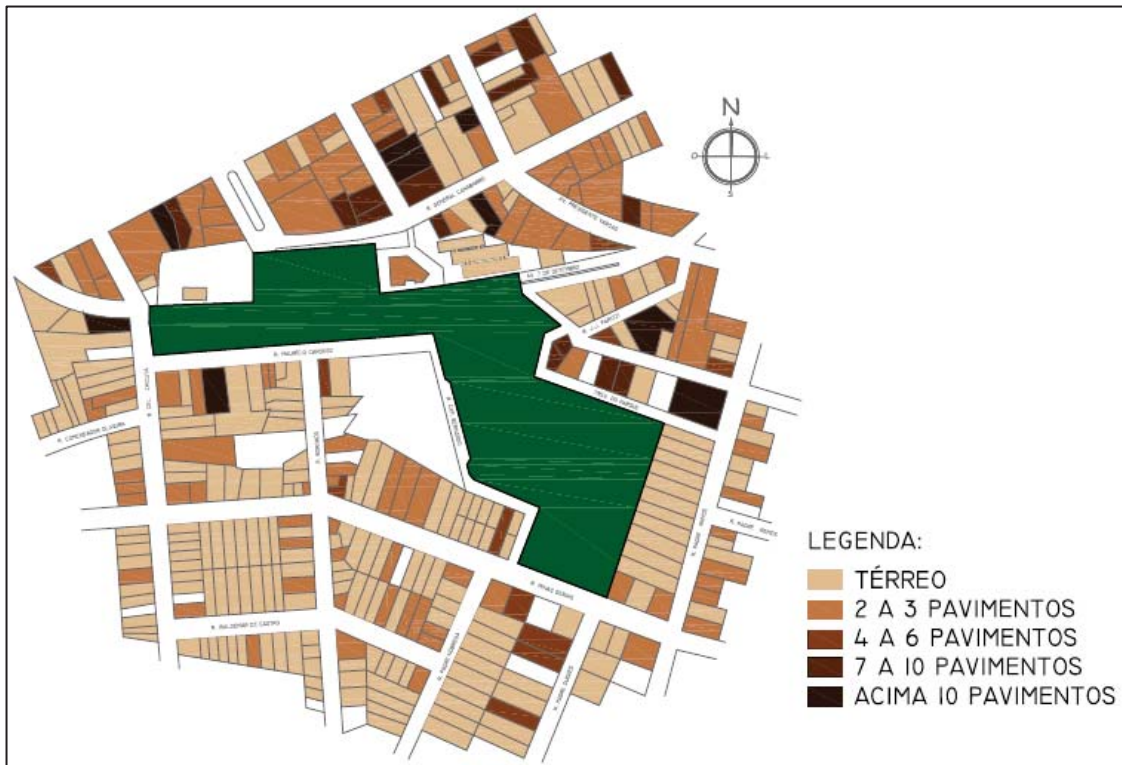
Figura 78 – Entorno do Parque da Gare: ocupação do solo (cheios e vazios).



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

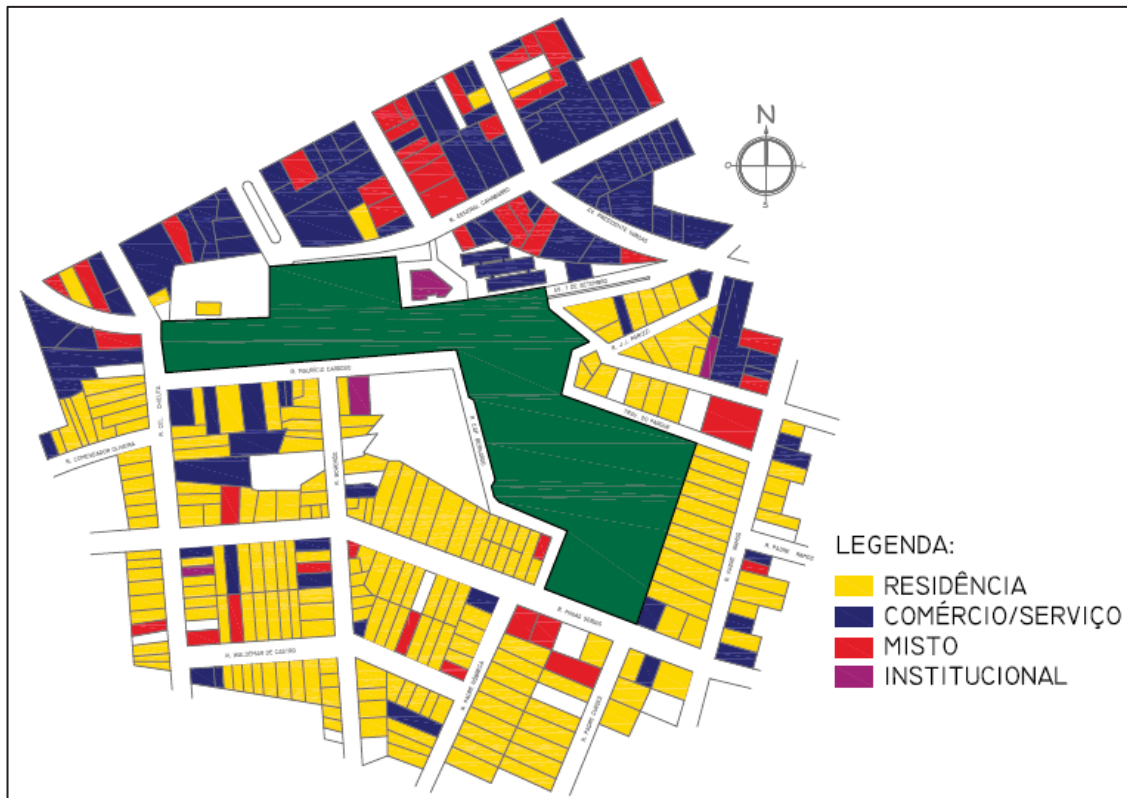
Quanto à densidade e uso do solo, nota-se que o entorno do parque possui expressiva verticalidade no centro, e edificações de até dois e três pavimentos nas demais áreas. Juntamente a maior verticalidade, observa-se maior variedade no uso do solo, o que torna o local mais movimentado, com mais vitalidade urbana, diversidade de usuários, maior número de deslocamentos e acessos, permitindo apropriação mais prolongada do parque, como demonstram as Figuras 79 e 80.

Figura 79 – Entorno do Parque da Gare: gabarito de altura.



Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

Figura 80 – Entorno do Parque da Gare: uso do solo.

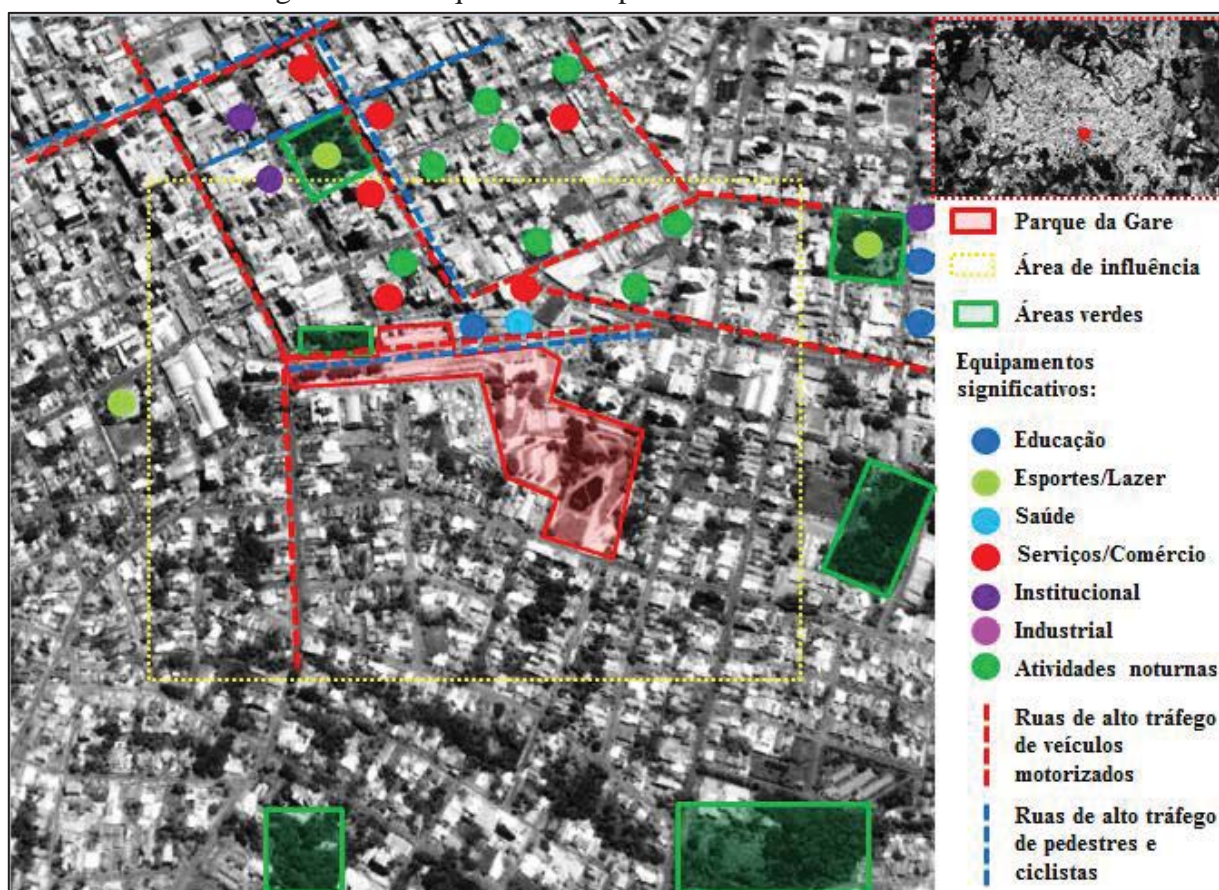


Fonte: PMPF (2016), adaptado pela autora (2017) – sem escala definida.

A localização geográfica do parque da gare é considerada central no território urbano da cidade (Figura 81), sendo este um fator extremamente importante para estimular o deslocamento e o uso de pessoas, tanto dos bairros próximos quanto de locais mais distantes. A vitalidade urbana do centro, sua localização e as características históricas que envolvem a formação urbana contribuem para uma imagem positiva do parque, sendo atratores para uso e apropriação.

Também, a localização em que o parque se encontra possui, em sua área de influência, boa quantidade de equipamentos significativos, como de serviços, comércio e de atividades noturnas. Da mesma forma, há significativas vias com alto fluxo de veículos e pedestres, tornando este um fator que estimula tanto o deslocamento quanto a procura e uso do parque.

Figura 81 – Parque da Gare: posicionamento no território.



Fonte: Google Earth (2016), adaptado pela autora (2017).

4.2.2.6 Considerações para o Parque da Gare

Percebe-se que, em relação às características morfológicas e do entorno imediato, o Parque da Gare possui importantes fatores que exercem atratividade. As análises revelam que

o principal fator de atração relacionado à morfologia urbana se dá em função do uso e ocupação do solo, pois apresenta variedade de usos e alta densidade, o que estimula a movimentação, deslocamentos e permanência no local. Outro fator que exerce influência na atratividade é a localização geográfica do parque, que favorece sua procura e ocupação por se encontrar em área central, estando rodeado de equipamentos significativos, vias de tráfego intenso de veículos e pedestres, e ainda, vitalidade noturna. Já a estrutura formal e o terreno extremamente acidentado são fatores que influenciam negativamente na permeabilidade visual em sua totalidade, trazendo consequências para a questão da orientação espacial e da segurança dos usuários. As características formais do entorno também não constituem potenciais atratores por apresentar irregularidades e, conseqüentemente, a diminuição de espaços contínuos e sequenciais, acabando por não facilitar o deslocamento. Essa característica negativa é sanada pelas dimensões do parque, juntamente com a quantidade e qualidade dos acessos, o que torna o espaço especialmente convidativo.

4.2.2.7 Comparativo do grau de atratividade entre os parques – características morfológicas e do entorno

Para determinar o grau de atratividade, foram estabelecidos critérios de avaliação para cada característica morfológica e do entorno presente, com base nos autores referenciados e nas análises realizadas. O Quadro 15 mostra a síntese dos critérios considerados para avaliação do grau de atratividade.

Quadro 15 – Critérios e referências considerados para o grau de atratividade.

Característica	Critérios	Referências
Estrutura formal	Permeabilidade visual interna e externa; orientação e controle espacial; sensação de segurança; dimensão territorial; topografia.	Macedo (2012)
Parcelamento do solo	Regularidade formal; organização espacial; sequência de espaços abertos e contínuos; facilidade e integração de acessos e deslocamentos.	Rigatti (2002)
Hierarquia e fluxos viários	Dimensões viárias; quantidade de acessos; intensidade viária; continuidade e conexão espacial.	Rigatti (2002); Carr <i>et al.</i> (1992); Gehl (2015)
Ocupação do solo	Elevados índices urbanísticos; ausência de vazios urbanos; quantidade e distribuição de área construída; alto índice de ocupação espacial; alta densidade.	Jacobs (2000); Gehl (2015)
Uso do solo	Zona de ocupação; diversidade no uso do solo (residencial, comercial, serviços, institucional).	Jacobs (2000); Gehl (2015); Carr <i>et al.</i> (1992)
Gabarito de altura	Elevados índices urbanísticos; quantidade e distribuição espacial de verticalidade construtiva; alto índice de verticalidade.	Jacobs (2000); Gehl (2015)
Localização geográfica	Área mais centralizada; proximidade com equipamentos urbanos significativos; estrutura viária com fluxo de veículos, pedestres e ciclistas; vitalidade urbana diurna e noturna.	Whyte (2009); Serpa (2007)

Fonte: Autora (2017).

Para a atribuição do grau de atratividade, estabeleceu-se um percentual de adequabilidade para cada conjunto de critérios listado, de acordo com as análises qualitativas realizadas. O maior grau de adequabilidade refletirá no maior grau de atratividade, conforme consta no Quadro 16.

























Quadro 16 – Atribuição do percentual para o grau de atratividade.

Grau de atratividade	Percentual de adequabilidade
Alto	66,6% - 100%
Médio	33,3% - 66,6%
Baixo	0 - 33,3%

Fonte: Autora (2017).

Para as características morfológicas e do entorno imediato analisadas, apresenta-se o Quadro 17 com o comparativo dos parques, através da indicação do grau de atratividade (alto, médio e baixo).

Quadro 17 – Atribuição do grau de atratividade e o comparativo entre os parques – características morfológicas e do entorno.

Parque	Estrutura formal	Parcelamento do solo	Hierarquia e fluxos viários	Ocupação do solo	Uso do solo	Gabarito de altura	Localização geográfica
Parque Ambiental Banhado da Vergueiro							
Parque Linear do Sétimo Céu							
Parque da Gare							
<i>Grau de atratividade: Alto  Médio  Baixo </i>							

Fonte: Autora (2017).

Quanto às características morfológicas e do entorno imediato, estabeleceu-se o percentual do alto grau de atratividade dos parques analisados:

- Parque Ambiental Banhado da Vergueiro: 14,2%
- Parque Linear do Sétimo Céu: 28,5%
- Parque da Gare: 71,4%

Portanto, dentre as características formais e do entorno analisadas, o Parque da Gare constitui o espaço público com o maior grau de atratividade.

4.2.3 Levantamento e análise das características funcionais e de uso

Os parques podem ser classificados quanto a sua função/uso principal, podendo ser contemplativo, recreativo, conservacionista, ou ainda, integrar múltiplas funções (MACEDO, 2012).

Os parques contemplativos são destinados basicamente a passeios entre bosques e relevos e à observação da paisagem. Os parques recreativos são aqueles destinados exclusivamente a atividades esportivas e de lazer recreativo. Os parques conservacionistas destinam-se essencialmente à conservação de recursos naturais (MACEDO, 2012).

Quando um espaço público oferece múltiplas funções e maior diversidade de atividades, acaba estabelecendo diferentes padrões de percepção e comportamento e, conseqüentemente, exerce maior atratividade e apropriação por parte dos usuários (LYNCH, 1997; GEHL, 2015; CARR *et al.*, 1992). Essa apropriação acontece, pois, os diferentes usos estimulam a vitalidade urbana, fazendo com que os frequentadores utilizem em diferentes horários, por tempo mais prolongado e em diferentes faixas etárias (JACOBS, 2000; WHYTE, 2009).

4.2.3.1 Parque Ambiental Banhado da Vergueiro

O Parque Ambiental Banhado da Vergueiro pode ser classificado, quanto a sua função/uso, como parque recreativo conservacionista (MACEDO, 2012), pois além de preservação do ambiente natural, o espaço destina-se a prestação de serviços relacionados ao meio ambiente e lazer da comunidade.

Para análise dos usos e funções são observadas cinco características: ecológica, social, estética, educativa e psicológica (LEITÃO, 2002).

Ecológica: Pode ser considerada a principal característica do parque do banhado, uma vez que se encontra em área de preservação ambiental de banhado, sendo que o espaço público foi requalificado primordialmente para conservação de fauna e flora, que se encontrava completamente abandonada e degradada, além de estimular o convívio dos usuários de forma harmoniosa com a natureza. A implantação da Secretaria de Meio Ambiente no local reforça a função ecológica do parque, que passa a estar constantemente sob supervisão e acompanhamento para manter e garantir o uso ecológico conservacionista.

Portanto, a característica ecológica constitui uma das principais atratividades para apropriação do parque.

Figuras 82 e 83 – Parque do Banhado: área de preservação ambiental e prédio da Secretaria de Meio Ambiente.



Fonte: Autora (2017).

Social: Por também ter função recreativa o parque possui característica social, uma vez que constitui um espaço de lazer, encontro e convívio para todas as faixas etárias. Os passeios na passarela sobre a área de banhado, a arena multiuso e o playground infantil tornam o local com considerada potencialidade de socialização, sendo diversificado e democrático. Dessa forma, a característica social, apesar de não ser propositalmente a principal, é considerada um atrativo para apropriação do local por parte dos usuários.

Figuras 84 e 85 – Parque do Banhado: áreas de encontro e convívio social.



Fonte: Autora (2017).

Estética: O parque não possui um tratamento paisagístico complexamente elaborado, porém contém características estéticas na utilização dos elementos físicos construídos e na própria conservação dos elementos naturais, formando uma paisagem harmoniosa e simples, voltada para o “aspecto verde” e a permeabilidade do solo.

Figuras 86 e 87 – Parque do Banhado: características estéticas paisagísticas.



Fonte: Autora (2017).

Educativa: Esta é uma forte característica do parque, em função das constantes atividades educativas e informativas que acontecem no local. A visitação de escolas do município é frequente no interior do espaço, além de a Secretaria de Meio Ambiente contar com o Centro de Educação Ambiental em seu interior, com o intuito de proporcionar maior contato dos usuários à educação ambiental e ao consciente convívio com a natureza.

Figuras 88 e 89 – Parque do Banhado: espaço educativo e visitas escolares.



Fonte: PMPF (2016).

Psicológica: A característica psicológica está diretamente vinculada às relações sociais que acontecem no local, como também, ao contato do usuário com a natureza, que influenciam e auxiliam na qualidade de vida dos indivíduos, promovendo saúde e bem-estar, tanto físico quanto emocional.

4.2.3.2 Considerações para o Parque Banhado da Vergueiro

Percebe-se que, em relação às características funcionais e de uso, o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro é classificado em sua totalidade como recreativo conservacionista, e quanto às características específicas observadas, possui maior potencial de atratividade através das funções ecológica, social e educacional.

4.2.3.3 Parque Linear do Sétimo Céu

O Parque Linear do Sétimo Céu pode ser classificado, quanto a sua função/uso, como parque recreativo, pois oferece essencialmente atividades ligadas ao lazer, recreação e esportes (MACEDO, 2012).

Quanto às características ecológica, social, estética, educativa e psicológica, segue a análise relativa a tais usos e funções (LEITÃO, 2002).

Ecológica: Apesar de o parque possuir boa diversidade de vegetação, grandes áreas permeáveis e promover contato do usuário com espaços verdes, não apresenta considerável característica ecológica.

Figuras 90 e 91 – Parque do Sétimo Céu: espaços verdes e áreas permeáveis.



Fonte: Autora (2017).

Social: Pode ser considerada a principal característica do parque, por apresentar funções e usos relacionados à recreação, lazer e esportes. Pelas atividades ofertadas no espaço como áreas de encontro, convívio e permanência, variedade de atividades esportivas, recreativas e de lazer infantil, possui fatores para socialização de forma democrática, disponibilizado para diversas faixas etárias. Como a característica social é considerada a principal encontrada no parque, também constitui o principal atrativo de apropriação do local em termos funcionais e de uso.

Figuras 92 e 93 – Parque do Sétimo Céu: usos recreativos e esportivos.



Fonte: Autora (2017).

Estética: O parque possui tratamento paisagístico elaborado esteticamente apenas nos canteiros que contêm atividades recreativas, de lazer e esportes, que contabilizam três dos dez canteiros existentes. A característica estética se encontra nos elementos físicos construídos e na composição da paisagem natural relacionada ao uso da vegetação. Nessa perspectiva, a função principal do parque, que condiz com a recreação, corrobora a qualificação estética das áreas destinadas às atividades recreativas e esportivas, pois são os espaços mais utilizados e frequentados do parque.

Figuras 94 e 95 – Parque do Sétimo Céu: características estéticas paisagísticas.



Fonte: Autora (2017).

Educativa: O parque não possui característica específica voltada para a educação. Porém, as atividades recreativas e esportivas que o parque dispõe contribuem para a função educativa, tanto de crianças quanto de adultos.

Psicológica: A característica psicológica está vinculada às relações sociais que se desenvolvem no local, principalmente quanto ao lazer recreativo e esportivo em espaços

públicos abertos, pois traz qualidade de vida, promoção da saúde e bem-estar físico e emocional.

Figuras 96 e 97 – Parque do Sétimo Céu: características psicológicas de bem-estar.



Fonte: Autora (2017).

4.2.3.4 Considerações para o Parque do Sétimo Céu

Percebe-se que, em relação às características funcionais e de uso, o Parque Linear do Sétimo Céu é classificado em sua totalidade como essencialmente recreativo, e quanto às características específicas observadas, possui maior potencial de atratividade através da função social.

4.2.3.5 Parque da Gare

O Parque da Gare pode ser classificado, quanto a sua função/uso, como recreativo contemplativo (MACEDO, 2012), pois comporta quantidade de atividades recreativas, de lazer e esportes, além de amplo espaço para contemplação da paisagem construída e natural.

Quanto às características ecológica, social, estética, educativa e psicológica, segue a análise relativa a tais usos e funções (LEITÃO, 2002).

Ecológica: O parque conta com diversidade de vegetação e alta porcentagem de permeabilidade do solo com amplas áreas verdes. Além disso, apresenta área de mata nativa e córrego preservados. É considerada uma característica importante para o local, pois o parque encontra-se em área central da cidade, onde a permeabilidade do solo é considerada pequena, o que contribui na melhoria do clima urbano e na qualidade do ar do seu entorno. A qualidade ambiental do espaço é considerada um atrativo estimulante para uso da população da cidade no que diz respeito ao contato com a natureza.

Figuras 98 e 99 – Parque da Gare: áreas verdes e de conservação.



Fonte: Autora (2017).

Social: É considerada a principal característica do parque, pois oferece funções e usos múltiplos relacionados ao lazer, recreação, esportes, cultura, e ainda, comércio com estímulo ao pequeno produtor rural. É um local rico para atividades sociais vinculadas ao encontro, convívio, passagem e permanência, de forma completamente democrática. Constitui uma característica que possui mais potencial de atratividade para apropriação do local.

Figuras 100 e 101 – Parque da gare: usos recreativos e esportivos.



Fonte: Autora (2017).

Estética: Esta é uma forte característica do parque, que contém tratamento paisagístico elaborado, tanto na utilização dos elementos físicos construídos quanto nos elementos naturais, formando uma paisagem com unidade, organização e harmonia em sua composição formal. A qualidade estética é considerada um atrativo para contemplação, uso e apropriação do parque.

Figuras 102 e 103 – Parque da Gare: características estéticas paisagísticas.



Fonte: Autora (2017).

Educativa: O parque não possui característica exclusivamente voltada para a educação. Porém, acontece visitação de escolas no local, além de uso do anfiteatro ao ar livre por parte dos alunos para assistir e participar de apresentações artísticas e culturais. Além disso, a edificação que contemplará a biblioteca, chamada Prisma – Espaço Cultural Gare, será um local voltado para educação cultural, mas ainda não se encontra em funcionamento para atendimento ao público.

Psicológica: Esta característica encontra-se presente no que tange à qualidade de vida e bem-estar que são promovidos pelas relações sociais que se estabelecem no local, principalmente quanto ao lazer recreativo, contemplativo, esportivo e cultural, através das diversas atividades ofertadas, bem como pelo contato com o espaço público aberto e verde.

Figuras 104 e 105 – Parque da Gare: características psicológicas de bem-estar.



Fonte: Autora (2017).

4.2.3.6 Considerações para o Parque da Gare

Percebe-se que, em relação às características funcionais e de uso, o Parque da Gare é classificado em sua totalidade como recreativo contemplativo, e quanto às características específicas observadas, possui maior potencial de atratividade através das funções ecológica, social e estética.

4.2.3.7 Comparativo do grau de atratividade entre os parques – características funcionais e de uso

Para determinar o grau de atratividade, foram estabelecidos critérios de avaliação para cada característica funcional e de uso presente, com base nos autores referenciados e nas análises realizadas. O Quadro 18 mostra a síntese dos critérios considerados para avaliação do grau de atratividade.

Quadro 18 – Critérios e referências considerados para o grau de atratividade.

Característica	Critérios	Referências
Função ecológica	Presença de área de preservação ambiental; preservação do ambiente natural; uso ecológico e conservacionista; diversidade de vegetação; permeabilidade do solo; amplas áreas verdes.	Macedo (2012); Leitão (2002); Mascaró (1996)
Função social	Multifuncionalidade para lazer, recreação, esportes e cultura; estímulo a encontros e convívio social; oferta de eventos diversificados.	Macedo (2012); Leitão (2002); Gehl (2015); Lynch (1997); Whyte (2009); Jacobs (2000)
Função estética	Tratamento paisagístico elaborado; composição formal com unidade e harmonia; estímulo à contemplação da paisagem.	Macedo (2012); Leitão (2002); Whyte (2009); Gehl (2015)
Função educativa	Atividades voltadas à educação, cultura e saúde; edificações e espaços adequados para suporte das atividades; recreação infantil e esportiva.	Macedo (2012); Leitão (2002); Lynch (1997)
Função psicológica	Promove qualidade de vida e bem-estar; estimula relações sociais; contato com a natureza.	Macedo (2012); Leitão (2002); Whyte (2009); Carr <i>et al.</i> (1992)

Fonte: Autora (2017).

Para a atribuição do grau de atratividade, estabeleceu-se um percentual de adequabilidade para cada conjunto de critérios listado, de acordo com as análises qualitativas realizadas. O maior grau de adequabilidade refletirá no maior grau de atratividade, conforme consta no Quadro 19.

Quadro 19 – Atribuição do percentual para o grau de atratividade.

Grau de atratividade	Percentual de adequabilidade
Alto	66,6% - 100%
Médio	33,3% - 66,6%
Baixo	0 - 33,3%

Fonte: Autora (2017).

Para as características funcionais e de uso analisadas, apresenta-se o Quadro 20 com o comparativo dos parques, através da indicação do grau de atratividade (alto, médio e baixo).

Quadro 20 – Atribuição do grau de atratividade e o comparativo entre os parques – características funcionais e de uso.

Parque	Função ecológica	Função social	Função estética	Função educativa	Função psicológica
Parque Ambiental Banhado da Vergueiro	●	●	●	●	●
Parque Linear do Sétimo Céu	●	●	●	●	●
Parque da Gare	●	●	●	●	●
<i>Grau de atratividade: Alto</i> ● <i>Médio</i> ● <i>Baixo</i> ●					

Fonte: Autora (2017).

Em relação às características funcionais e de uso, estabeleceu-se o percentual do alto grau de atratividade dos parques analisados:

- Parque Ambiental Banhado da Vergueiro: 60%
- Parque Linear do Sétimo Céu: 20%
- Parque da Gare: 60%

Portanto, dentre as características funcionais e de uso analisadas, o Parque da Gare e o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro constituem os espaços públicos com o maior grau de atratividade.

4.3 Avaliação do desempenho dos espaços públicos com base na percepção e comportamento dos usuários

O processo de percepção e apropriação do espaço urbano ocorre a partir de uma experiência sensorial provocada pelo ambiente construído, seguida de um processo cognitivo, onde a informação percebida adquire valor, torna-se parte da memória, gerando possibilidades que se expressam em atitudes e comportamentos individuais. Essas informações adquiridas resultam em uma imagem do ambiente construído, ou seja, a imagem percebida (LYNCH, 1997; GEHL, 2015).

A percepção do ambiente está relacionada com as motivações que guiam o comportamento de cada indivíduo, sendo que, a compreensão da qualidade espacial e da atratividade de um espaço público varia de acordo com as necessidades dos usuários, podendo ser fisiológicas, sociológicas e psicológicas (LANG, 1987 apud SILVA, 2009). Desta forma, um indivíduo avalia a atratividade de um espaço público com base no que é ofertado para sua satisfação e necessidades, avaliando os custos e recompensas do deslocamento até determinado espaço para o efetivo uso e apropriação (HAAS, 2000).

4.3.1 Levantamento e avaliação da percepção e comportamento

Um espaço público pode dispor de diversos aspectos para estimular a atração e o comportamento de seus usuários, sendo determinantes para a avaliação perceptiva desses locais. Esses aspectos perceptivos estão relacionados aos atributos físicos construídos e naturais (qualidade estética, conservação, conforto, quantidade), morfológicos através da configuração espacial, funcionais através dos diferentes usos, e comportamentais através da natureza social do indivíduo e das relações existentes com o local (SILVA, 2009; LYNCH, 1997; GEHL, 2015).

Sendo expresso através da natureza social e das relações com o local, o comportamento passa a ser determinado por um conjunto de preferências particulares que podem ser definidas por variáveis de livre escolha como qualidades estéticas, aspectos culturais, mas principalmente, por variáveis condicionantes como renda familiar, faixa etária e escolaridade (AMARAL, 2008 apud SILVA, 2009).

Pode-se dizer que o espaço urbano é diferentemente ocupado em função das classes de renda que segregam a sociedade, pois não corresponde unicamente a uma diferença

quantitativa no valor do poder aquisitivo, mas também na diferença qualitativa quanto ao uso que se faz e se distribui essa renda (SANTOS, 1987). Portanto, essa diferenciação encontra-se presente em todos os aspectos da vida cotidiana, como habitação, alimentação e lazer, sendo determinante na distribuição do tempo disponível entre os indivíduos e, conseqüentemente na percepção da atratividade dos espaços públicos, influenciando na dinâmica de apropriação e nas formas de lazer da população (MARCELLINO, 1983).

Nessa perspectiva, a população com maior renda tende a ter maior mobilidade e poder de escolha, bem como, possibilidades de desenvolver atividades de recreação e lazer em diferentes áreas da cidade, como por exemplo, clubes, shoppings e academias (HAAS, 2000). Já os indivíduos com menor renda tendem a priorizar normas de consumo de acordo com as despesas cabíveis, como por exemplo, quando o investimento do indivíduo se reduz apenas à locomoção a um espaço público como praças e parques. Portanto, a renda de um indivíduo pode limitar ou ampliar seus padrões de deslocamentos nos momentos de lazer, e ao mesmo tempo, estimular ou não suas preferências e permanência (CARR *et al.*, 1992).

As atividades praticadas no tempo livre estão relacionadas diretamente ao grau de formação escolar. Os indivíduos que possuem maior acesso à educação são considerados possuidores de uma percepção mais flexível e ampla do espaço urbano, e, portanto, menos vulneráveis ao conformismo cotidiano, tendo maiores possibilidades de práticas críticas e criativas do lazer ofertado pelas cidades (MARCELLINO, 1983).

O autor aponta ainda que, haveria uma diferenciação no perfil dos participantes de atividades de lazer relacionadas às práticas esportivas e das culturais ou intelectuais, de modo que, as atividades de lazer voltadas mais para questões culturais e intelectuais seriam mais limitadas, tendo maior público na população com nível de instrução superior. Portanto, a escolaridade assoma como um fator influenciável na procura do lazer seja em relação à escolha dos espaços ou ao tipo de atividade a serem praticadas nos momentos de lazer (MARCELLINO, 1983).

A faixa etária do usuário é considerada importante no processo de apropriação dos espaços públicos, em função de aspectos como motivação, mobilidade, percepção de segurança, entre outras, que são expressas particularmente por indivíduos em diferentes faixas etárias. Por esta razão, o uso do tempo para o lazer tem diferentes interesses de acordo com a idade do indivíduo e, apesar da escolha das atividades ser um processo individual, alguns

comportamentos se assemelham nas diferentes fases da vida quando se trata de espaços públicos (SILVA, 2009; WHYTE, 2009).

As crianças precisam ser estimuladas a desenvolver suas habilidades cognitivas e motoras e, portanto, são as principais usuárias dos playgrounds e de espaços lúdicos da cidade. Também, elas necessitam de locais onde possam brincar e aprender, ter oportunidades para praticar esportes e se exercitar, e que sejam preferencialmente, segundo a autora, próximos de suas casas (JACOBS, 2000).

Os adolescentes e adultos jovens costumam utilizar os espaços públicos para encontros e atividades esportivas, preferindo locais para recreação que geram grande socialização. Já os adultos mais velhos compõem a faixa etária com maiores possibilidades de circulação e escolha dos locais que desejam para seu lazer. Este grupo prefere atividades mais passivas e locais que tenham playground para o entretenimento de seus filhos, além de socializar com outros indivíduos, particularmente, outros pais (HAAS, 2000; CARR *et al.* 1992).

Os idosos tendem a ter mais tempo livre para o lazer, porém nem sempre possuem condições ou disposição para frequentar os espaços públicos, seja por dificuldades econômicas, de saúde, ou mesmo de locomoção (MARCELLINO, 1983). A utilização para o lazer em espaços públicos tende a diminuir à medida que aumenta a idade dos indivíduos, em se tratando da parcela idosa da população (HAAS, 2000).

Através das afirmações apontadas, a faixa etária constitui-se um dos elementos condicionantes para a percepção da atratividade e o uso dos espaços públicos. A partir da idade, cada indivíduo predispõe a expressar padrões de comportamentos diferentes, assim como necessidades e escolhas variadas para equipamentos, tipos de atividades de recreação e lazer, níveis de privacidade, dias e horários para utilização (SILVA, 2009; WHYTE, 2009).

Dessa forma, a natureza social pode definir o comportamento ambiental dos indivíduos em um espaço público, ou seja, a maneira como se apropriam e usam o local. No entanto, não se trata apenas de utilizá-lo nos momentos de lazer, mas onde e qual usar e, principalmente, a partir de quais estímulos. Portanto, a natureza social dos indivíduos pode definir seus padrões de consumo e hábitos de lazer, tornando-se decisiva na hora de escolher os espaços públicos (SILVA, 2009; LYNCH, 1997; GEHL, 2015).

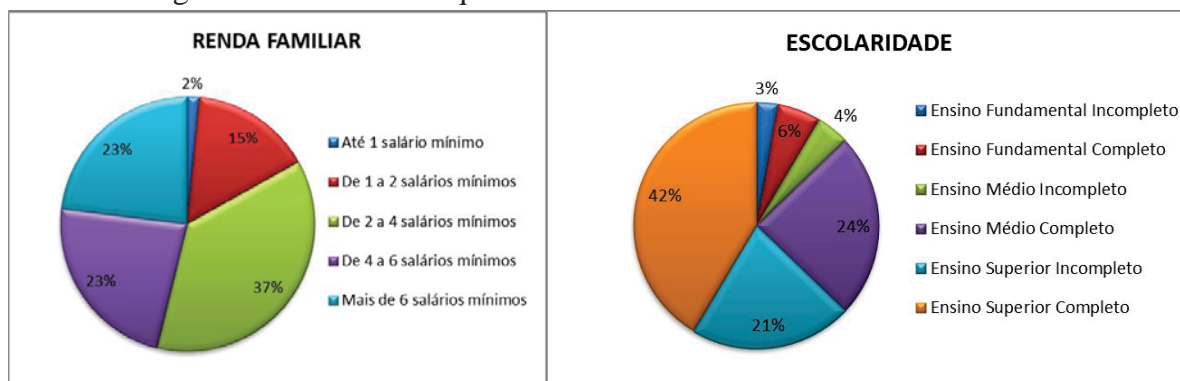
4.3.1.1 Parque Ambiental Banhado da Vergueiro

O questionário estruturado aplicado aos usuários do Parque Banhado da Vergueiro, correspondente a uma amostra de 92 respondentes, revelou, através dos dados coletados, informações sobre o perfil do entrevistado, a frequência e permanência, o uso e atividades, a percepção e comportamento, as qualidades específicas, a manutenção e conservação, a segurança e proteção e a aparência e status.

A) Perfil do entrevistado

O perfil dos respondentes corresponde à maioria do sexo feminino (56%), com faixa etária de um público majoritariamente adulto, entre 26 e 40 anos (70%), seguido de um público entre 41 e 60 anos (18%). A renda familiar dessa amostra apresentou maior percentual entre 2 a 4 salários mínimos (37%), seguido de percentuais com salários superiores, e quanto à escolaridade, esta constituiu maior expressividade para o ensino superior completo (42%), como mostram as Figuras 106 e 107.

Figuras 106 e 107 – Parque do Banhado: renda familiar e escolaridade.

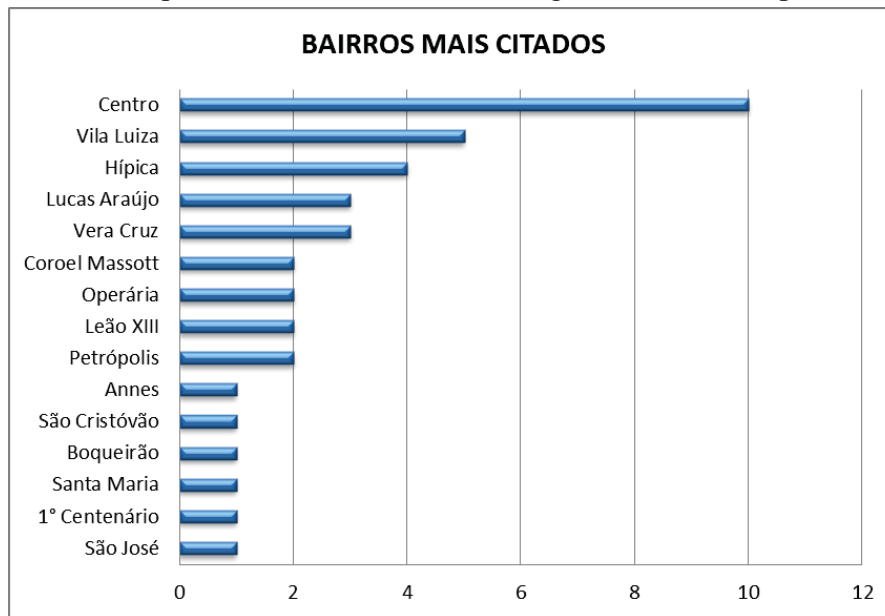


Fonte: Autora (2017).

B) Frequência e permanência

A maior parte dos respondentes faz o deslocamento para o parque proveniente de outro bairro (52%), seguido de deslocamentos maiores que quatro quadras (31%). Dentre os bairros de origem, foram identificados quinze locais diferentes, sendo que o maior número de usuários se desloca a partir do Centro, como aponta a Figura 108, estando este pertencente ao Setor 1 que faz divisa territorial e contempla o bairro Nicolau de Araújo Vergueiro, e neste situa-se o Parque do Banhado. A modalidade de locomoção que apresentou maior percentual foi o veículo automotivo individual – o carro (82%).

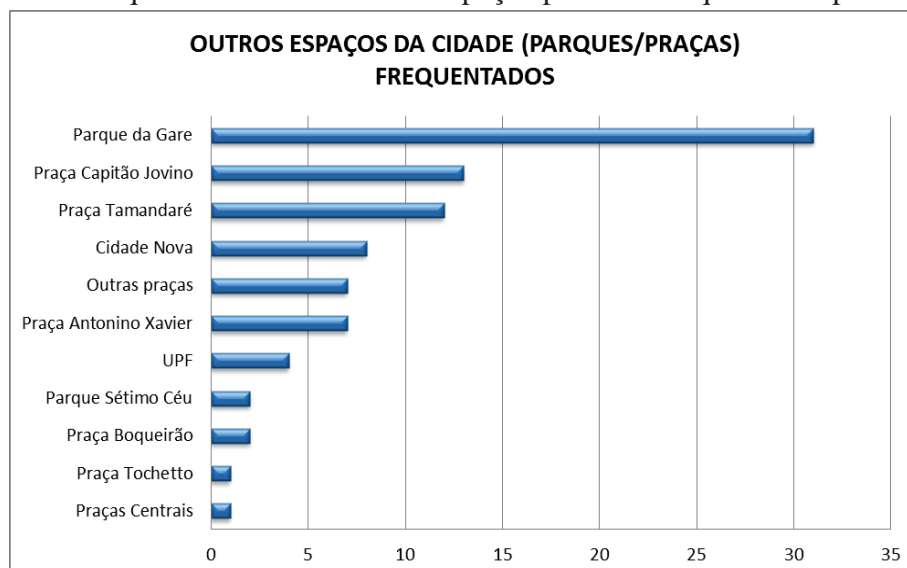
Figura 108 – Parque do Banhado: bairros de origem mais citados pelos usuários.



Fonte: Autora (2017).

A amostra de usuários costuma frequentar este parque semanalmente (37%), seguido de períodos mais espaçados (33%) e mensalmente (26%). Essa frequência acontece preferencialmente nos finais de semana (83%), durante o período da tarde (93%), com tempo de permanência entre 1 e 2 horas (48%), seguido de um tempo maior, entre 2 a 3 horas (25%). Também, 93% dos usuários revelaram que não frequentavam esse espaço antes da sua requalificação. Outros espaços públicos da cidade também são frequentados por esse grupo de respondentes (84%), sendo citados onze locais diferentes, com maior expressividade para o Parque da Gare, como mostra a Figura 109.

Figura 109 – Parque do Banhado: outros espaços públicos frequentados pelos usuários.

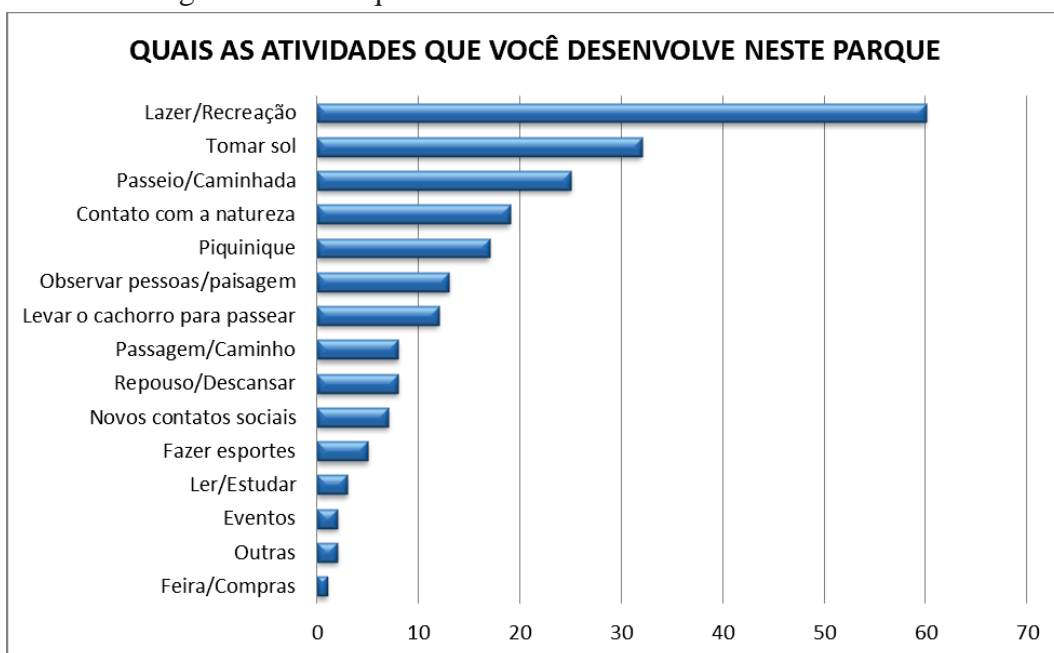


Fonte: Autora (2017).

C) Uso e atividades

Pela preferência dos usuários, o espaço costuma ser utilizado com a família (66%), seguido da companhia dos amigos (31%). Dentre as atividades desenvolvidas no parque, a escala de preferência revelou o lazer/recreação (28%), tomar sol (15%), passeio/caminhada (12%) e contato com a natureza (9%), como apresenta a Figura 110. As principais atividades exercidas pelo usuário constitui um indicativo corroborativo da classificação funcional do parque, ou seja, recreativo conservacionista.

Figura 110 – Parque do Banhado: atividades desenvolvidas.



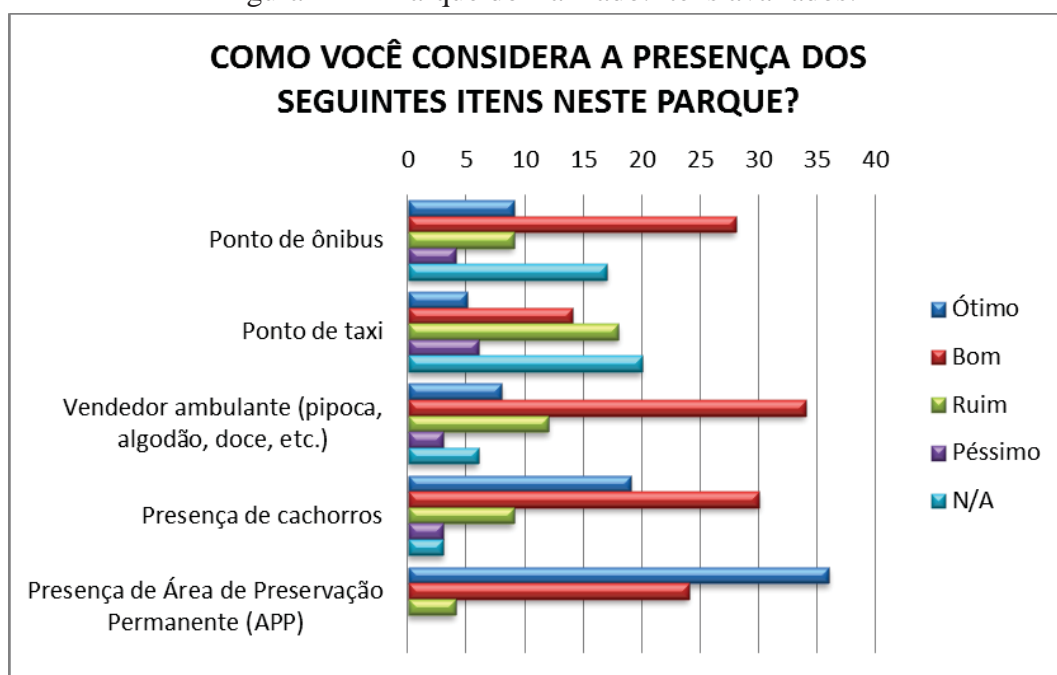
Fonte: Autora (2017).

Ao serem questionados sobre a falta de algum espaço ou equipamento para desenvolver outras atividades no parque, a maioria (54%) afirmou não haver necessidade. Dos respondentes que revelaram sentir a falta de equipamentos ou espaços adicionais, foram citados: maior quantidade de brinquedos infantis (80%), seguido de maior quantidade de bancos (40%), mais áreas sombreadas (30%) e lanchonete (20%).

Também, alguns itens foram avaliados pelos respondentes, como ponto de ônibus, ponto de táxi, presença de vendedor ambulante, presença de cachorros e presença de Área de Preservação Permanente (APP). O ponto de ônibus foi considerado “bom”, pois há parada de transporte público em uma via paralela ao parque, porém, ainda não há linhas perpassando esse local, e talvez, por falta dessa informação por parte do público frequentador, este item tenha sido pontuado. Já o item ponto de táxi foi avaliado sem aplicação ao parque, por

realmente não haver no local. É possível que, em função dessa ausência, o segundo score pontuado para esse item foi “ruim”, constituindo uma necessidade por parte do público visitante. Os demais itens revelaram-se “bons”, com destaque para a presença de APP, que foi considerado “ótimo”, sendo este um forte indicativo da importância e respeito ao caráter conservacionista do parque por parte dos usuários, tornando-se potencialmente atrativo em relação aos itens classificados, como aparece na Figura 111.

Figura 111 – Parque do Banhado: itens avaliados.



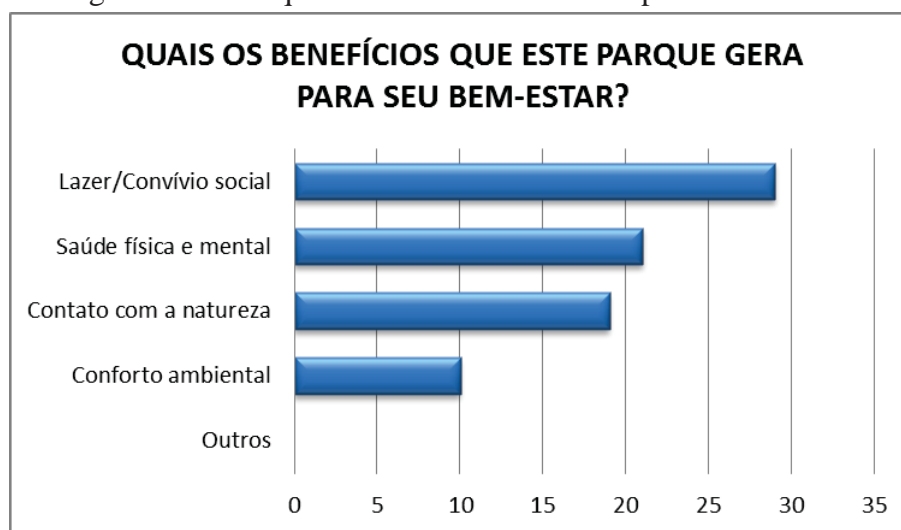
Fonte: Autora (2017).

D) Percepção e comportamento

De um modo geral, o parque foi percebido e avaliado com conceito “bom” por 53% dos usuários, seguido de “ótimo” por 47%. Também, 99% dos respondentes afirmaram possuir facilidade para se locomover e localizar claramente os espaços que o parque oferece, o que constitui um indicativo de que o local é morfologicamente funcional e, conseqüentemente, contribui para uma boa apreensão espacial por parte do usuário.

Dentre os benefícios que o parque gera para o bem-estar, a escala de preferência apontou o lazer/convívio social (37%), saúde física e mental (26%), contato com a natureza (24%) e conforto ambiental (13%), conforme a Figura 112. A percepção de bem-estar que o parque proporciona também constitui um indicativo que corrobora as funções que o parque exerce, ou seja, social e ecológica.

Figura 112 – Parque do Banhado: benefícios para o bem-estar.



Fonte: Autora (2017).

Quando questionados sobre o que melhorou no parque após a requalificação, a escala de preferência revelou as opções de lazer/esportes (27%), contato com a natureza (21%), convívio social (19%), segurança (18%) e qualidade estética (15%), de acordo com a Figura 113. Da mesma forma, a percepção das melhorias sentidas pela requalificação do parque por parte dos usuários reafirma as funções a que o espaço se destina e as principais necessidades dos frequentadores, ou seja, social/recreativa e ecológica/conservacionista.

Figura 113 – Parque do Banhado: melhorias após a requalificação.



Fonte: Autora (2017).

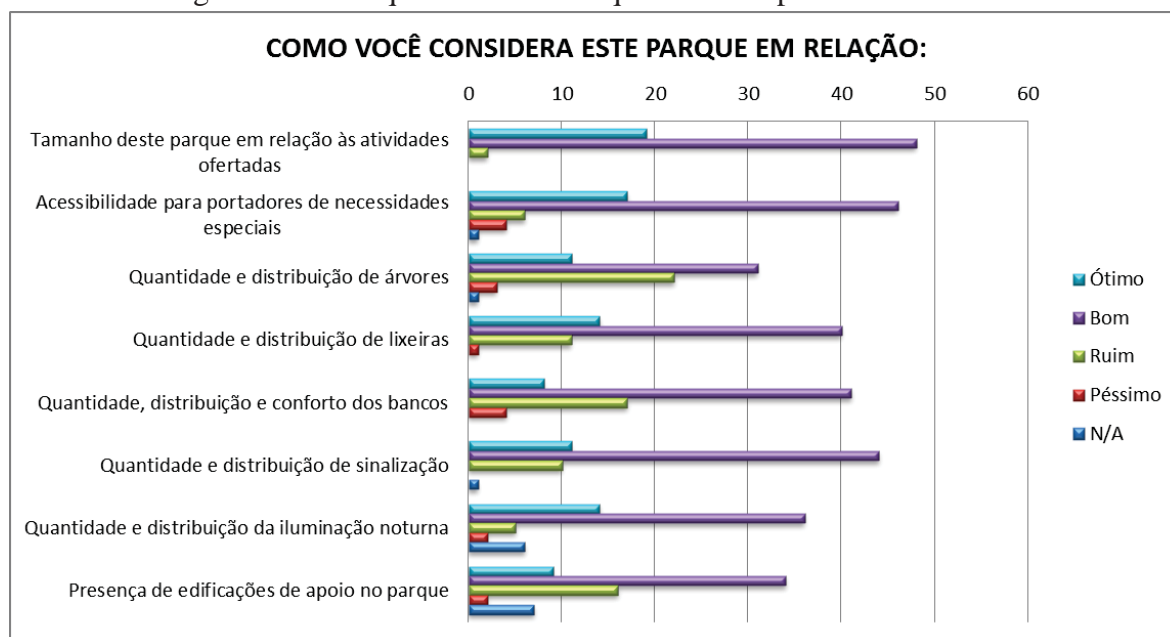
E) Qualidades específicas

Os usuários avaliaram diversas qualidades específicas do parque, como dimensões em relação às atividades existentes, acessibilidade, árvores, lixeiras, bancos, sinalização,

iluminação noturna e edificações de apoio. Todos os itens foram classificados como expressivamente “bom”, como mostra a Figura 114. O item que obteve um significativo segundo score “ruim” compreende a quantidade e distribuição de árvores, o que indica maior necessidade de áreas sombreadas. Como a requalificação do parque é recente, há diversas árvores plantadas e em fase de crescimento, requerendo maior tempo para que proporcionem sombreamento. Outro item que obteve um segundo score negativo é a quantidade, distribuição e conforto dos bancos, o que corrobora a solicitação deste mobiliário por parque de alguns respondentes para maior conforto no uso e permanência do parque.

As qualidades específicas percebidas e avaliadas de forma satisfatória por parte dos usuários corroboram a atratividade e apropriação do parque pela qualidade, quantidade e distribuição espacial dos elementos ofertados.

Figura 114 – Parque do Banhado: qualidades específicas avaliadas.

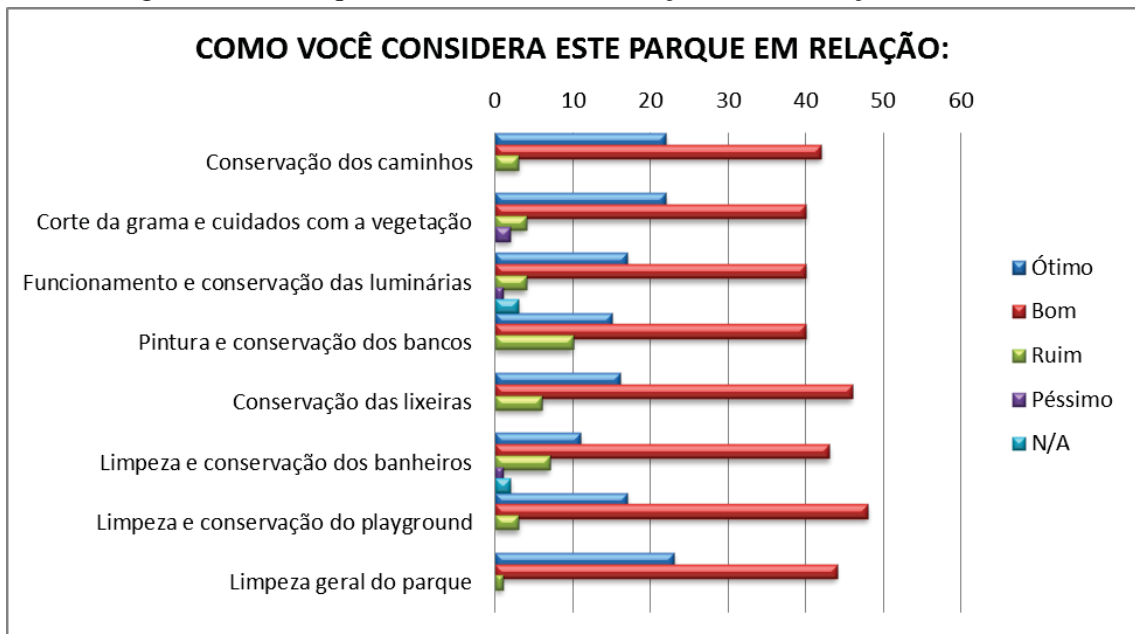


Fonte: Autora (2017).

F) Manutenção e conservação

Com relação à manutenção e conservação, diversos itens foram avaliados por parte dos usuários, como caminhos, vegetação, luminárias, bancos, lixeiras, banheiros, playground e limpeza geral do parque, sendo que todos os itens obtiveram conceito “bom”, seguido de “ótimo”, como aponta a Figura 115. A manutenção e conservação dos elementos presentes no local foram percebidas de forma plenamente satisfatória por parte dos usuários, reafirmando a atratividade para uso e apropriação do parque.

Figura 115 – Parque do Banhado: manutenção e conservação avaliadas.

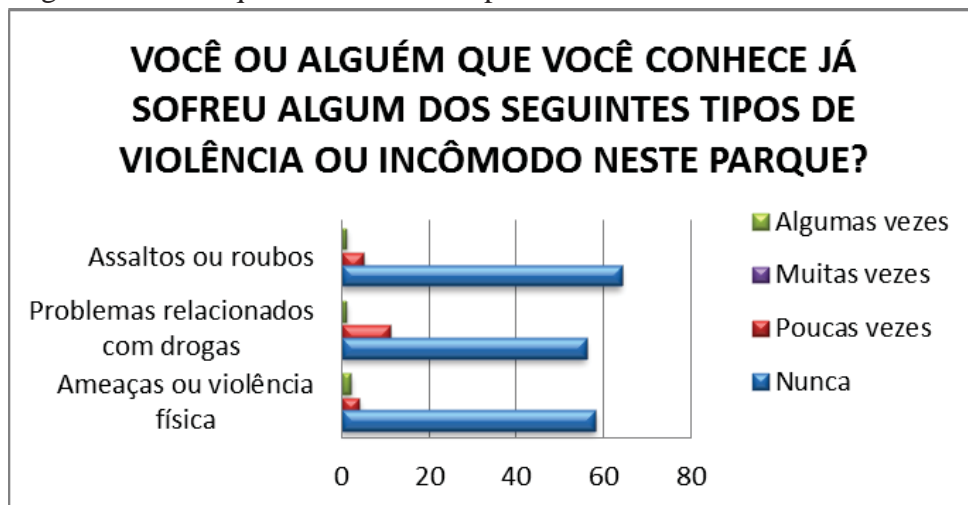


Fonte: Autora (2017).

G) Segurança e proteção

A segurança obteve conceito “bom” para 60% da amostra de respondentes, seguido de “ótimo” para 31%. Quando questionados sobre a experiência com algum tipo de violência ou incômodo no parque, uma expressiva maioria relatou negativamente, o que demonstra um fator que estimula o uso e apropriação por parte do usuário, tornando-se um aliado à atratividade do parque, como mostra a Figura 116.

Figura 116 – Parque do Banhado: experiência com violência ou incômodo.

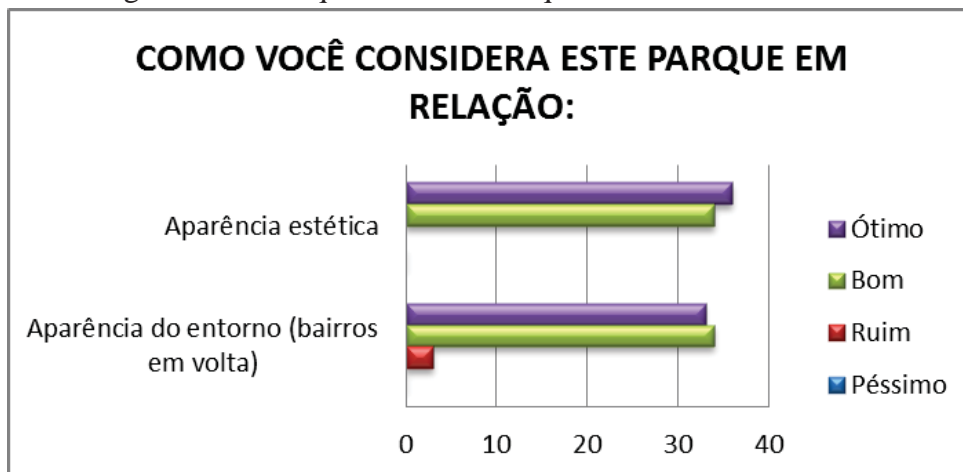


Fonte: Autora (2017).

H) Aparência e status

A qualidade estética do parque e do seu entorno foi avaliada positivamente pelos usuários, como consta na Figura 117. Dessa forma, a aparência e o status relacionado ao envoltório do parque contribuem para a procura e apropriação do local, corroborando constituir um fator importante para o estímulo da atratividade.

Figura 117 – Parque do Banhado: qualidade estética avaliada.

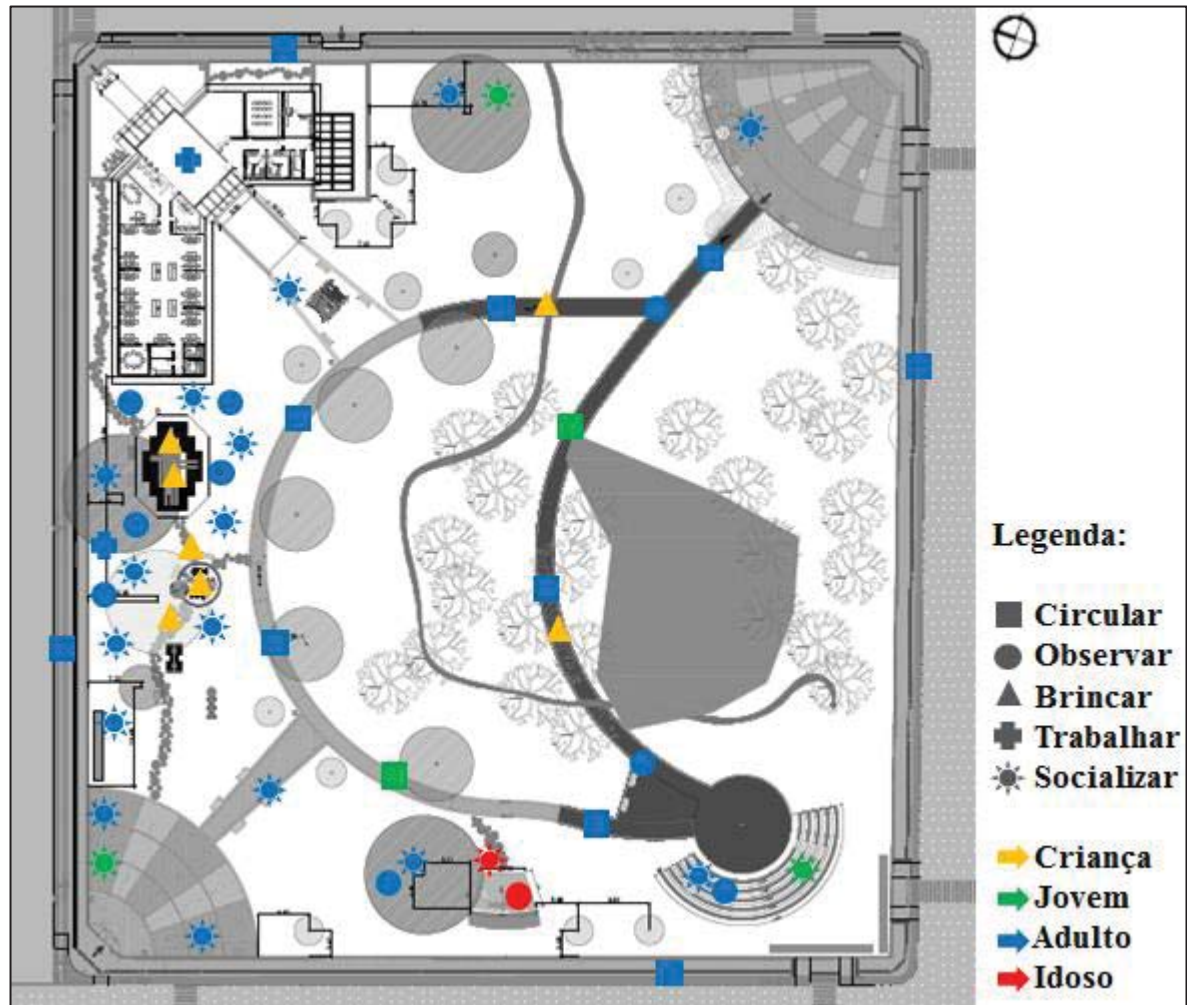


Fonte: Autora (2017).

O mapa comportamental centrado no lugar realizado no Parque Banhado da Vergueiro identificou, através da observação, as atividades exercidas pelos usuários, a faixa etária, os fluxos e as relações espaciais existentes, conforme consta na Figura 118.

De acordo com o mapa comportamental, observou-se que os usuários utilizam o espaço principalmente para circular, observar e socializar, no entanto, com intensidade mediana, sendo que o público adulto com crianças foi identificado em maior quantidade durante os períodos de observação. Para as atividades e faixas etárias citadas, as relações espaciais ocorrem de forma consideravelmente distribuída no parque, porém com maior fluxo próximo ao playground, onde acontece a interação entre pais e filhos e entre os próprios adultos. Já o público mais jovem e idoso estabelece relações espaciais mais setorizadas utilizando as extremidades do parque, e ainda, com pouco fluxo.

Figura 118 – Mapa comportamental Parque Banhado da Vergueiro.



Fonte: Autora (2017).

4.3.1.2 Considerações para o Parque Banhado da Vergueiro

Percebe-se que, de acordo com os dados levantados através do questionário aplicado aos usuários, o Parque do Banhado constitui um espaço utilizado majoritariamente por mulheres adultas, com alto nível de instrução superior e com renda familiar elevada. O perfil traçado da amostra de frequentadores corrobora a teoria de autores que defendem a natureza social do indivíduo como um influenciador na escolha e uso do espaço público. Dessa forma, as funções do parque, juntamente com os elementos e atividades ofertados, atraem para o local um público que prefere o lazer com atividades mais passivas para socialização e recreação infantil, e ainda, com práticas voltadas à cultura e o intelecto.

O parque é visitado principalmente por pessoas que se deslocam a partir de outros bairros utilizando o carro como meio de locomoção. O fato de o parque estimular a procura de um público distante é visto de forma positiva, pois reforça o potencial de atratividade através

da importância e necessidade de oferta e procura de espaços públicos qualificados para o lazer na cidade. No entanto, fica evidente a carência de oferta de locais semelhantes em outros bairros, tanto quantitativa como qualitativamente. Outro fator que contribui para definir o parque como atrativo é a frequência semanal dos usuários e o tempo de permanência, considerado adequado de acordo com a proposta funcional do parque, ou seja, pela característica conservacionista.

O uso do parque com a família reflete a característica social e recreativa, principalmente pelo indicativo da presença do público adulto feminino e com filhos, fato que corrobora a solicitação de mais brinquedos infantis, áreas sombreadas, bancos e lanchonete por parte dos respondentes. As atividades desenvolvidas reiteram a atratividade de acordo com as funções do parque, do perfil e da frequência e permanência do usuário, como o lazer de um modo geral, contato com o ambiente externo na presença do sol, passeios e o contato com a natureza.

A avaliação positiva do parque por parte do usuário, juntamente com a percepção de que o bem-estar ao frequentá-lo está relacionado ao convívio social, contribuem para determinar a coerência na atratividade para apropriação desse espaço público. Também, as opções de lazer ofertadas e o contato com a natureza, percebidos como as principais melhorias no local, reforça a coerência mencionada.

A qualidade e quantidade dos elementos físicos construídos e naturais ofertados, sua manutenção e conservação, a percepção de segurança no local e os atributos estéticos considerados por parte dos usuários, garantem atratividade para procura, uso e apropriação do parque.

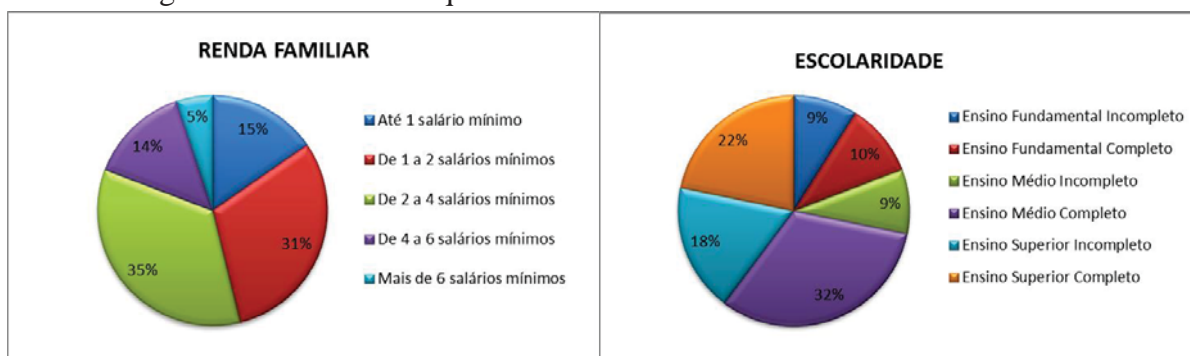
O mapa comportamental reflete o parque como um espaço propício para atividades recreativas passivas como socializar e observar/circular, o que corrobora a função social e conservacionista do local. No entanto, a média intensidade de uso associada ao baixo fluxo na ocupação total do parque, tornando vários espaços ociosos, e ainda, sem o equilíbrio da presença de todas as faixas etárias, torna comprometedor a atratividade para procura, uso e apropriação de maneira genuinamente democrática, ou seja, com o propósito que um espaço público de lazer deve oferecer à cidade.

4.3.1.3 Parque Linear do Sétimo Céu

A) Perfil do entrevistado

O perfil dos usuários, correspondente a uma amostra de 94 respondentes, apresenta uma parcela de 65% do sexo feminino, com faixa etária de um público adulto, entre 26 e 40 anos (46%), seguido de um percentual com indivíduos mais jovens, entre 18 a 25 anos (32%). A renda familiar demonstrou ser entre 2 e 4 salários mínimos para 35% dos usuários, seguido de salários inferiores, de 1 a 2 salários mínimos para 31%. O nível de escolaridade obteve prevalência para o ensino médio completo com 32% da amostra, como apontam as Figuras 119 e 120.

Figuras 119 e 120 – Parque do Sétimo Céu: renda familiar e escolaridade.

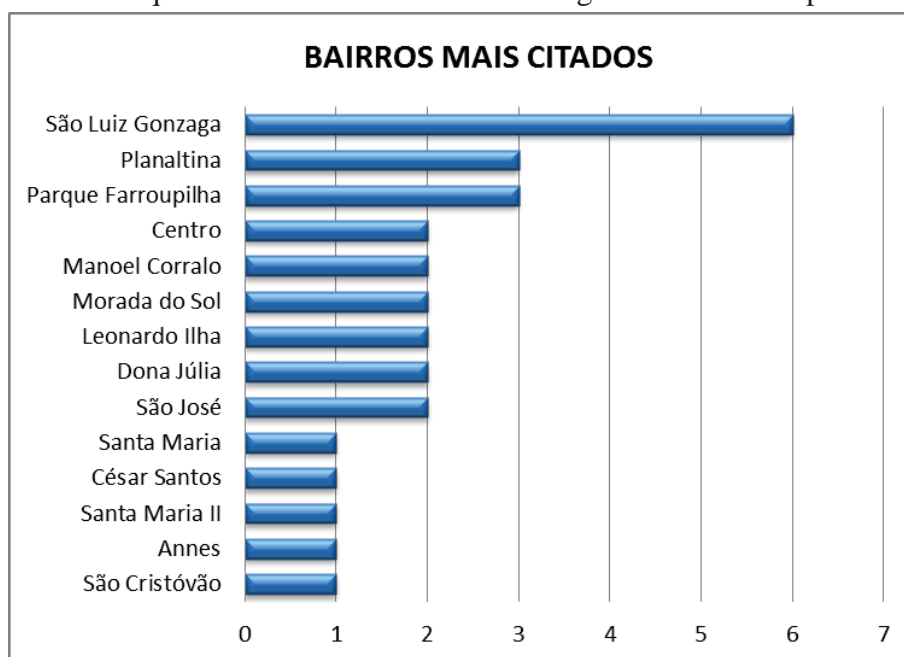


Fonte: Autora (2017).

B) Frequência e permanência

A grande maioria dos respondentes faz o deslocamento para o parque procedente de outro bairro (41%), seguido de deslocamentos maiores que quatro quadras (32%). Dentre os bairros de origem, foram mencionados quatorze locais diferentes, sendo que grande parte dos usuários se desloca a partir do bairro São Luiz Gonzaga, como sugere a Figura 121, estando este como um divisor territorial do bairro Petrópolis, onde se localiza o Parque do Sétimo Céu. O meio de locomoção que apresentou maior destaque foi o carro, com 48% da amostra, seguido de viagens a pé, com 46%.

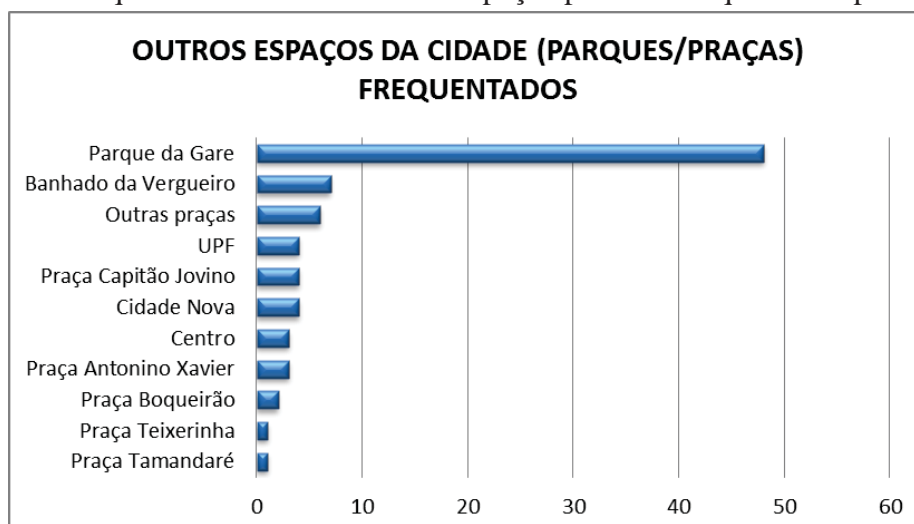
Figura 121 – Parque do Sétimo Céu: bairros de origem mais citados pelos usuários.



Fonte: Autora (2017).

A amostra de usuários costuma frequentar este parque entre períodos mais espaçados (38%), seguido de semanalmente (34%). Essa frequência acontece majoritariamente nos finais de semana (81%), durante o período da tarde (93%), com tempo de permanência entre 30 minutos à 1 hora (39%), seguido de um tempo maior, entre 1 e 2 horas (32%). Além disso, 84% dos usuários indicaram que não frequentavam esse espaço antes da sua requalificação. Outros espaços públicos da cidade também são utilizados para o lazer por esse grupo de respondentes (75%), sendo citados onze locais diferentes, com maior amplitude para o Parque da Gare, como mostra a Figura 122.

Figura 122 – Parque do Sétimo Céu: outros espaços públicos frequentados pelos usuários.



Fonte: Autora (2017).

C) Uso e atividades

O espaço costuma ser frequentado com a família pela maioria dos usuários (66%), seguido da companhia dos amigos (27%). Dentre as atividades desenvolvidas no parque, a escala de preferência apontou o lazer/recreação (24%), passeio/caminhada (16%), tomar sol (13%) e fazer esportes (12%), como revela a Figura 123. As principais atividades exercidas pelos usuários constituem um indicativo da coerente classificação funcional do parque, ou seja, recreativo.

Figura 123 – Parque do Sétimo Céu: atividades desenvolvidas.

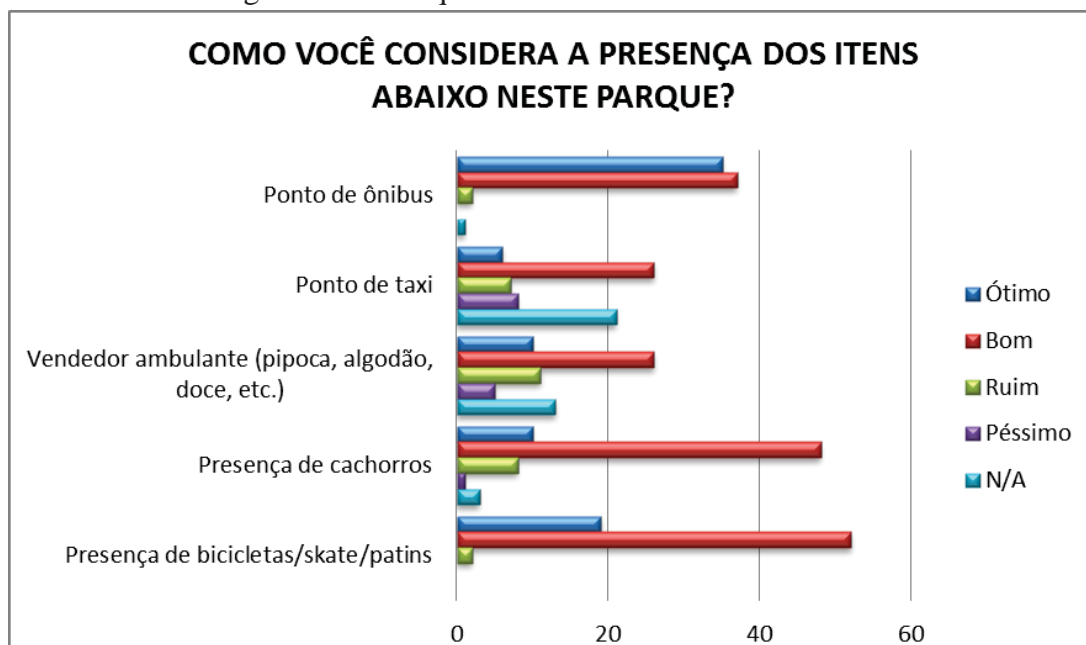


Fonte: Autora (2017).

Ao serem questionados sobre a falta de algum espaço ou equipamento para desenvolver outras atividades, a grande maioria (71%) afirmou não haver necessidade. Já os respondentes que revelaram sentir a falta de equipamentos ou espaços adicionais, citaram sanitários (80%), mais brinquedos infantis (60%), mais áreas sombreadas (60%), a implantação do sistema de bicicletas compartilhadas municipal (45%), maior quantidade de quadras esportivas (25%) e bebedouro (20%).

Os itens avaliados pelos respondentes como, ponto de ônibus, ponto de táxi, presença de vendedor ambulante, presença de cachorros e presença de bicicletas/skate/patins obtiveram pontuação positiva para todos os itens questionados, como consta na Figura 124.

Figura 124 – Parque do Sétimo Céu: itens avaliados.



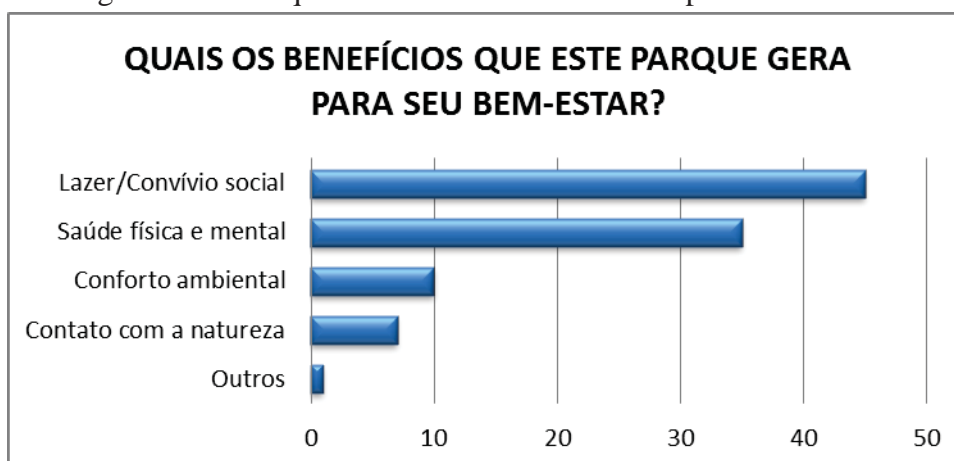
Fonte: Autora (2017).

D) Percepção e comportamento

O parque foi percebido e avaliado de uma maneira geral com conceito “bom” por 63% dos usuários, seguido de “ótimo” por 37%. Além disso, 97% dos respondentes declararam possuir facilidade para se locomover e localizar com clareza os espaços ofertados pelo parque, constituindo um indício de que o local possui uma morfologia funcional, o que acaba favorecendo para uma boa compreensão espacial por parte do usuário.

Quanto aos benefícios que o parque gera para o bem-estar do usuário, a escala de preferência apresentou o lazer/convívio social (46%), saúde física e mental (36%), conforto ambiental (10%), contato com a natureza (7%) e outros (1%), de acordo com a Figura 125. A percepção de bem-estar que o parque promove aos usuários também forma um indício que reforça a função que o parque exerce, ou seja, social, essencialmente voltada para atividades relacionadas ao lazer, recreação e esportes.

Figura 125 – Parque do Sétimo Céu: benefícios para o bem-estar.



Fonte: Autora (2017).

Quando questionados sobre as melhorias do parque após a requalificação, a escala de preferência apontou as opções de lazer/esportes (39%), qualidade estética (18%), convívio social (17%), contato com a natureza (15%), segurança (9%) e outros (2%), conforme a Figura 126. Da mesma maneira, a percepção das melhorias sentidas pela requalificação do parque por parte dos frequentadores corrobora precisamente a função a que o parque se destina e as principais necessidades dos usuários, ou seja, social/recreativa/esportiva.

Figura 126 – Parque do Sétimo Céu: melhorias após a requalificação.



Fonte: Autora (2017).

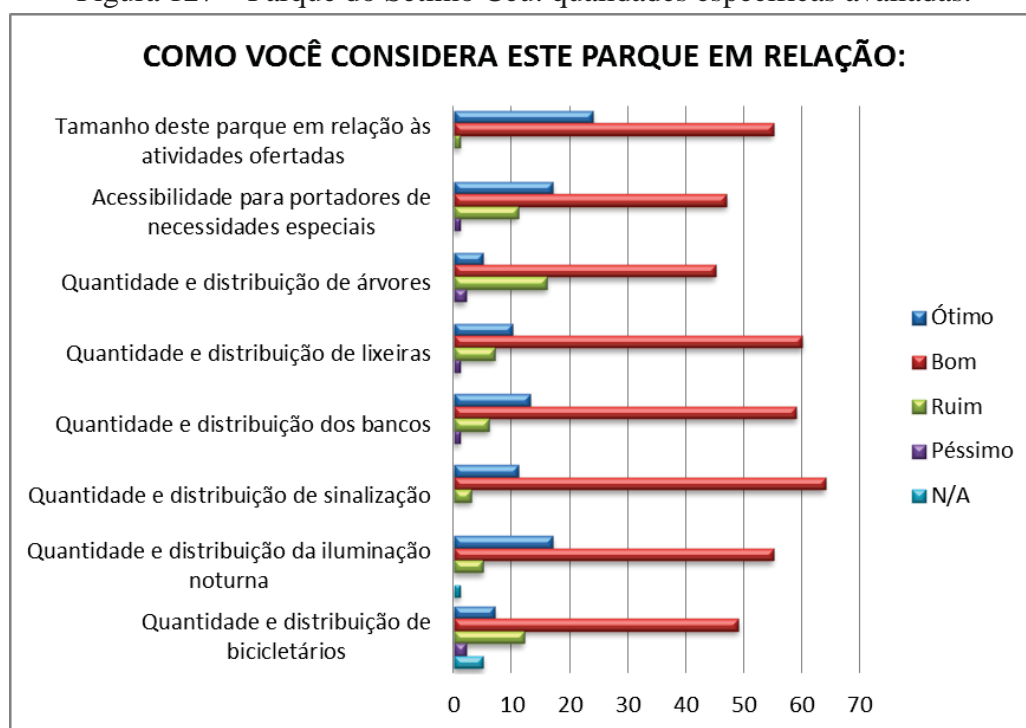
E) Qualidades específicas

As qualidades específicas avaliadas pelos usuários, como dimensões do parque em relação às atividades ofertadas, acessibilidade, árvores, lixeiras, bancos, sinalização, iluminação noturna e bicicletários obtiveram classificação positiva para todos os itens, com score “bom”, como revela a Figura 127. Os itens que sobressaíram com o segundo score

“ruim” correspondem à quantidade e distribuição de árvores e de bicicletários, o que reforça a necessidade de mais áreas sombreadas para a realização das atividades de recreação, conjuntamente a um maior suporte de equipamentos para a prática esportiva com o uso da bicicleta. Tais necessidades evidenciadas por parte do respondente refletem a importância da função e uso a que o parque se destina e estimula, ou seja, recreativa/esportiva, tanto para estar/lazer quanto para deslocamentos/desporto, evidenciando a essência linear do local.

Portanto, a percepção e avaliação das qualidades específicas revelaram-se de forma satisfatória por parte dos usuários, confirmando a atratividade e apropriação do parque pela qualidade, quantidade e distribuição espacial dos elementos existentes.

Figura 127 – Parque do Sétimo Céu: qualidades específicas avaliadas.

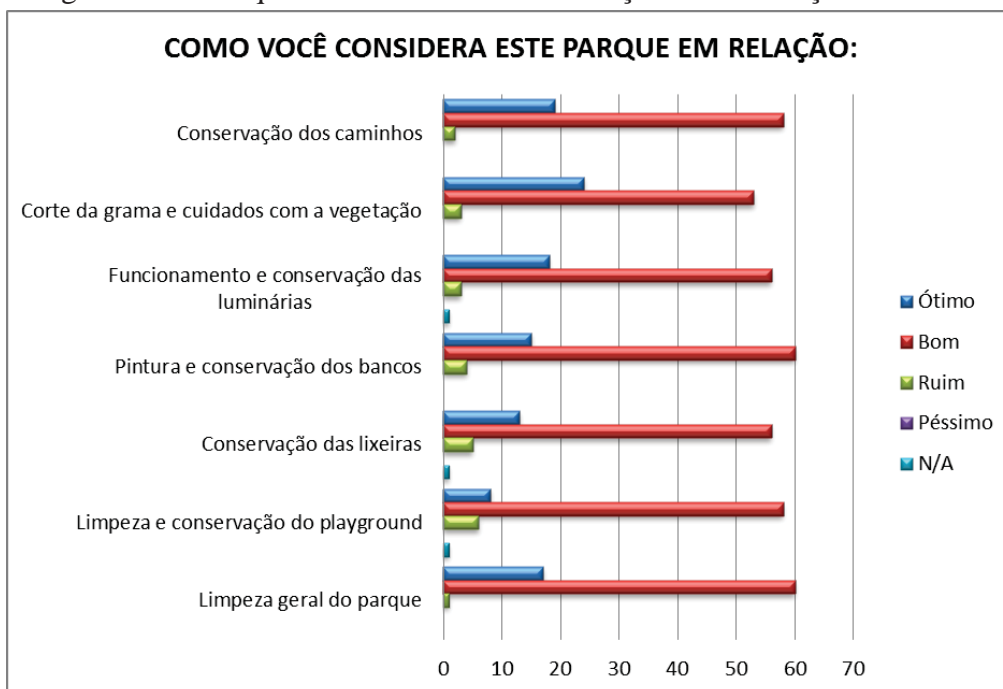


Fonte: Autora (2017).

F) Manutenção e conservação

Os itens avaliados pelos respondentes quanto à manutenção e conservação, como caminhos, vegetação, luminárias, bancos, lixeiras, playground e limpeza geral do parque obtiveram conceito “bom”, seguido de “ótimo” para todos os itens questionados, como indica a Figura 128. Também, a manutenção e conservação dos elementos ofertados no local foram percebidas de forma massivamente satisfatória por parte dos usuários, constatando a atratividade para uso e apropriação do parque.

Figura 128 – Parque do Sétimo Céu: manutenção e conservação avaliadas.

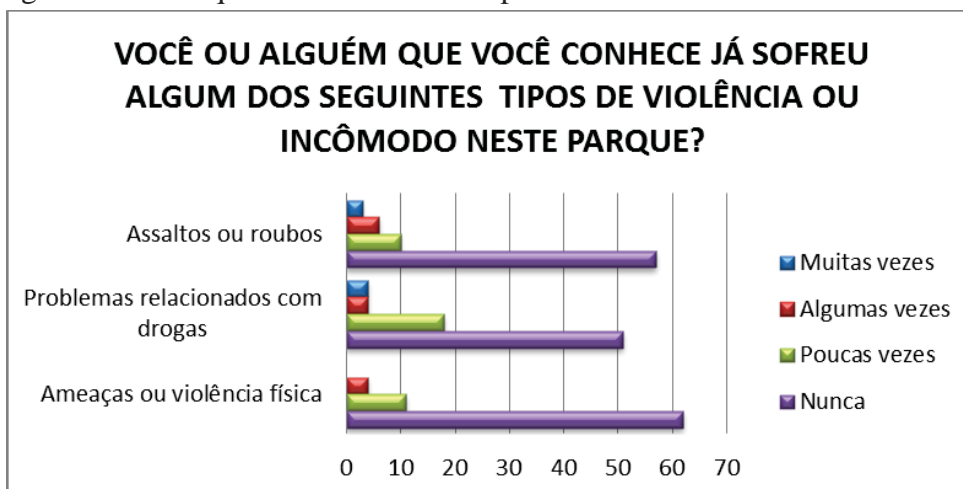


Fonte: Autora (2017).

G) Segurança e proteção

A sensação de segurança foi avaliada com conceito “bom” para 65% dos usuários, seguido de “ótimo” para 19%. Além disso, quando questionados sobre a experiência com algum tipo de violência ou incômodo no parque, a maioria informou negativamente, o que constata um estímulo para o uso e apropriação por parte do usuário, tornando-se um fator favorável para a atratividade do parque, como demonstra a Figura 129.

Figura 129 – Parque do Sétimo Céu: experiência com violência ou incômodo.

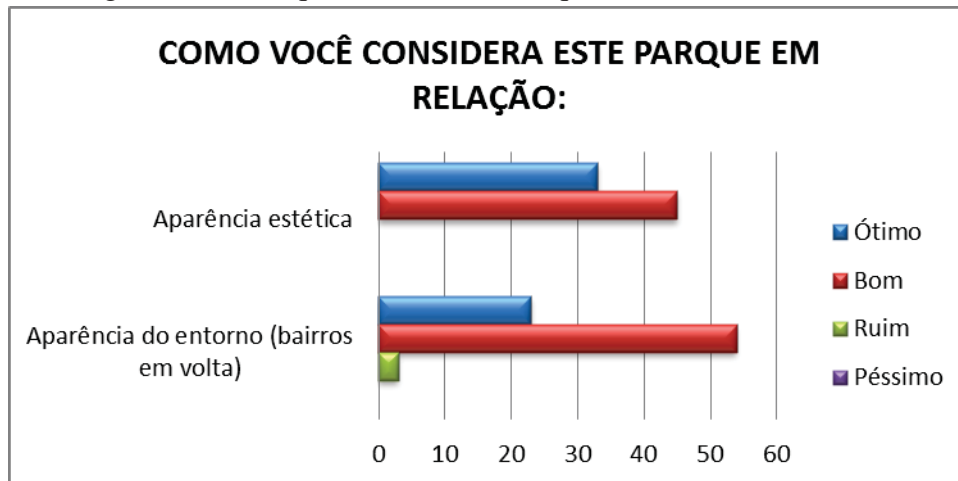


Fonte: Autora (2017).

H) Aparência e status

A avaliação da qualidade estética do parque e do seu entorno mostrou-se positiva por parte dos respondentes, como define a Figura 130. Desse modo, a aparência e o status relacionado ao entorno do parque colaboram para a procura e apropriação do local, constituindo um aspecto que de fato estimula a atratividade.

Figura 130 – Parque do Sétimo Céu: qualidade estética avaliada.

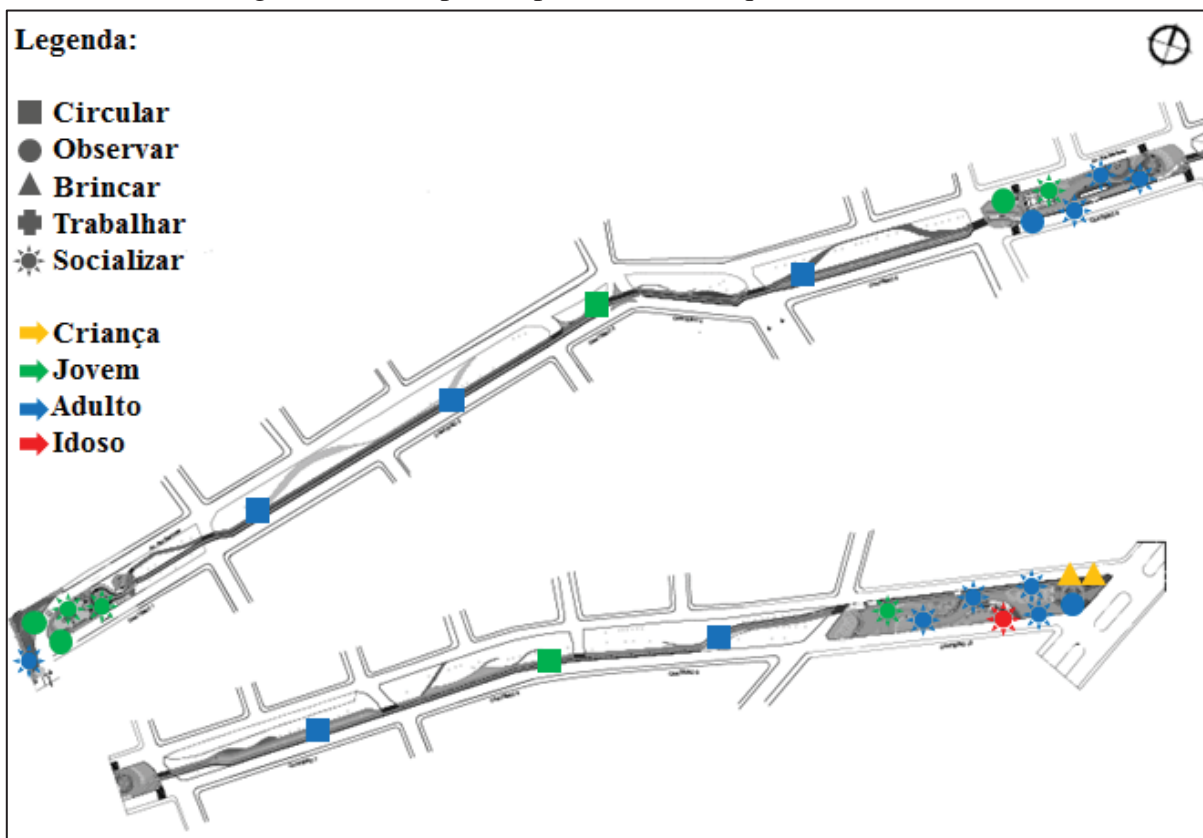


Fonte: Autora (2017).

O mapa comportamental do Parque do Sétimo Céu revelou as atividades exercidas pelos usuários, a faixa etária, os fluxos e as relações espaciais existentes, conforme a síntese das observações realizadas no local, como mostra a Figura 131.

Através do mapa apresentado identificou-se que os usuários utilizam o espaço basicamente para atividades relacionadas à socialização, porém, com pouca intensidade, sendo que o público adulto foi observado em maior quantidade durante o período de coleta de dados. Para a atividade e faixa etária identificada, as relações espaciais ocorrem de forma mal distribuída quanto à extensão linear do parque, apresentando maior fluxo apenas nos canteiros que oferecem equipamentos para o lazer e recreação. Também, as relações espaciais acontecem de forma distinta nos canteiros mais utilizados pelos usuários em decorrência da faixa etária que determinadas atividades atraem, fato que acaba estabelecendo setorizações específicas para o uso público, além do baixo fluxo de ocupação. Além disso, não foi identificado considerável uso do parque para circulação tanto informal quanto esportiva em relação à linearidade total do local.

Figura 131 – Mapa comportamental Parque do Sétimo Céu.



Fonte: Autora (2017).

4.3.1.4 Considerações para o Parque do Sétimo Céu

Através dos dados levantados com o auxílio do questionário aplicado aos usuários, percebe-se que o Parque do Sétimo Céu constitui um espaço utilizado principalmente por mulheres adultas e jovens, com nível de instrução e renda familiar medianos. Este perfil traçado pela amostra de respondentes atesta a ideia de que a natureza social do indivíduo pode influenciar na escolha e uso do espaço público. Com isso, a função do parque, somada aos elementos e atividades ofertados, atrai para o local um público que prefere o lazer com atividades mais voltadas para a recreação social e esportiva.

O parque é visitado essencialmente por pessoas que se deslocam a partir de outros bairros, utilizando o carro como meio de locomoção, bem como, fazendo o percurso a pé. Pode-se dizer que o fato de o parque estimular a procura de um público distante constitui um fator positivo, pois o local encontra-se em um bairro periférico da cidade, o que indica a necessidade de espaços públicos qualificados em áreas mais afastadas da região central, estimulando a procura e o uso de uma população que advém também de outros setores da cidade. Também, a locomoção pedonal por boa parte dos entrevistados reforça as

características recreativas e esportivas do parque juntamente ao perfil de frequentadores jovens.

A frequência de uso, que ocorre em sua maioria entre períodos mais espaçados, concomitante ao pouco tempo de permanência dos usuários, constitui um fator que desfavorece a avaliação do parque como atrativo em se tratando tanto de lazer recreativo passivo quanto esportivo. Esta constatação pode ser um reflexo da localização do parque na cidade, ou seja, por estar situado em um bairro periférico, bem como, em função da necessidade de longos deslocamentos por parte do usuário, lembrando que boa parte dos entrevistados possui renda familiar mediana a baixa e se locomove a pé.

O uso do parque na companhia predominante da família reflete a característica social e recreativa, o que atesta a presença do público feminino adulto e com filhos, visto que há a solicitação de mais brinquedos infantis juntamente com a necessidade de sanitários por parte dos respondentes. A menção da falta de sanitários indica potencialmente o desejo de maior tempo de permanência no parque, caracterizando um suporte para maior conforto do lazer familiar.

As atividades desenvolvidas confirmam a atratividade de acordo com a função recreativa/esportiva do parque constando o lazer de um modo geral, passeios e caminhadas, tomar sol e a prática esportiva. A solicitação de equipamentos voltados à prática esportiva, como o sistema de bicicletas compartilhadas, mais quadras esportivas e bebedouro por parte de alguns respondentes, reforça o caráter esportivo e morfológico (o uso linear) do parque.

A avaliação positiva do parque por parte dos usuários, associada à percepção de que o bem-estar ao frequentá-lo está relacionado ao lazer social e à saúde física e mental, colaboram para definir a conformidade na atratividade para apropriação desse espaço público. Além disso, as opções de lazer e esportes ofertadas e percebidas como as principais melhorias no local, fortalece a conformidade mencionada.

Em relação à qualidade e quantidade dos elementos físicos construídos e naturais existentes, à percepção de segurança no local e aos atributos estéticos avaliados positivamente pelos usuários, fica assegurada a atratividade para procura, uso e apropriação do parque.

O mapa comportamental mostra o parque como um espaço setorizado para atividades recreativas passivas como a socialização, além de pouco utilizado em sua totalidade

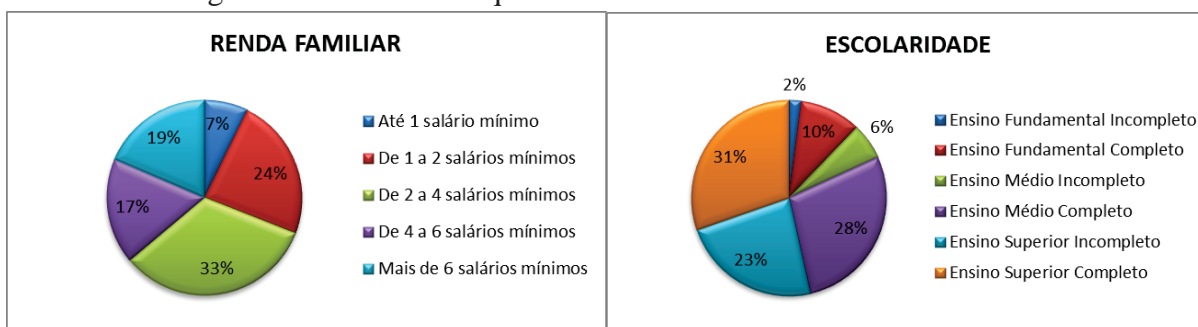
longitudinal tanto para socializar quanto para as atividades voltadas ao uso esportivo, o que acaba comprometendo sua plena função social e recreativa. A pouca intensidade de uso somada ao baixo fluxo na ocupação linear do parque, tornando diversos canteiros ociosos, bem como, a baixa frequência de todas as faixas etárias, são fatores que acabam comprometendo a atratividade para procura, uso e apropriação de modo satisfatório ao que o parque deveria se propor.

4.3.1.5 Parque da Gare

A) Perfil do entrevistado

O perfil dos respondentes, condizente com uma amostra de 96 usuários, corresponde à maioria do sexo feminino (61%), com faixa etária de um público majoritariamente adulto, entre 26 e 40 anos (42%), seguido de um público mais jovem, entre 18 e 25 anos (29%). A renda familiar dessa amostra apresentou maior percentual entre 2 a 4 salários mínimos (33%), seguido de renda inferior, entre 1 e 2 salários mínimos (24%). Em relação à escolaridade, esta constituiu maior percentual para o ensino superior completo com 31%, seguido de 28% para o ensino médio completo, como demonstram as Figuras 132 e 133.

Figuras 132 e 133 – Parque da Gare: renda familiar e escolaridade.



Fonte: Autora (2017).

B) Frequência e permanência

A maioria dos respondentes faz o deslocamento para o parque a partir de outro bairro (60%), seguido de deslocamentos maiores que quatro quadras (26%). Dentre os bairros de origem, foram identificados vinte e cinco locais diferentes, sendo que o maior número de usuários se desloca proveniente dos bairros São Cristóvão e Centro, como mostra a Figura 134, sendo ambos divisores territoriais com o parque. A modalidade de locomoção que apresentou maior percentual foi o carro, com 75%, seguido de percursos a pé, com 22%.

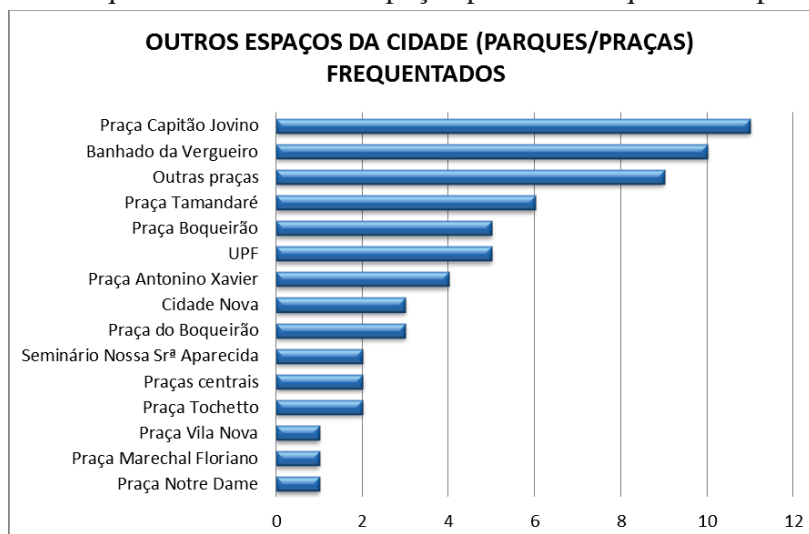
Figura 134 – Parque da Gare: bairros de origem mais citados pelos usuários.



Fonte: Autora (2017).

A amostra de usuários costuma frequentar este parque entre períodos mais espaçados (39%), seguido de semanalmente (33%) e mensalmente (24%). Essa frequência acontece preferencialmente nos finais de semana (94%), durante o período da tarde (94%), com tempo de permanência entre 2 a 3 horas (44%), seguido de um tempo menor, entre 1 a 2 horas (43%). Além disso, 82% dos respondentes revelaram que não frequentavam esse espaço antes da sua requalificação. Outros espaços públicos da cidade também são frequentados por essa amostra de entrevistados (63%), sendo citados quinze locais diferentes, com maior destaque para a Praça Capitão Jovino e Parque Banhado do Vergueiro, como apresenta a Figura 135.

Figura 135 – Parque da Gare: outros espaços públicos frequentados pelos usuários.

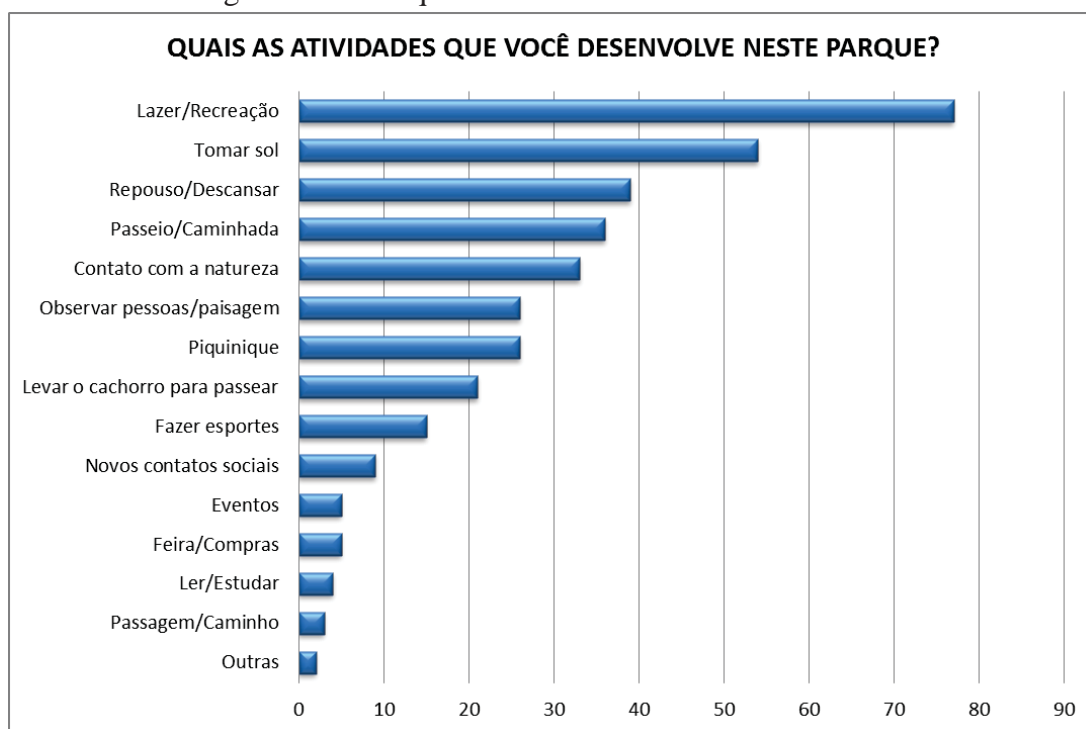


Fonte: Autora (2017).

C) Uso e atividades

Pela preferência dos usuários, o espaço costuma ser utilizado com a família (53%), seguido da companhia dos amigos (45%). Dentre as atividades desenvolvidas no parque, a escala de preferência apontou o lazer/recreação (22%), tomar sol (15%), repouso/descansar (11%) e passeio/caminhada (10%), como mostra a Figura 136. As principais atividades desenvolvidas pelo usuário constituem um indicativo da coerente classificação funcional do parque, ou seja, recreativo contemplativo.

Figura 136 – Parque da Gare: atividades desenvolvidas.



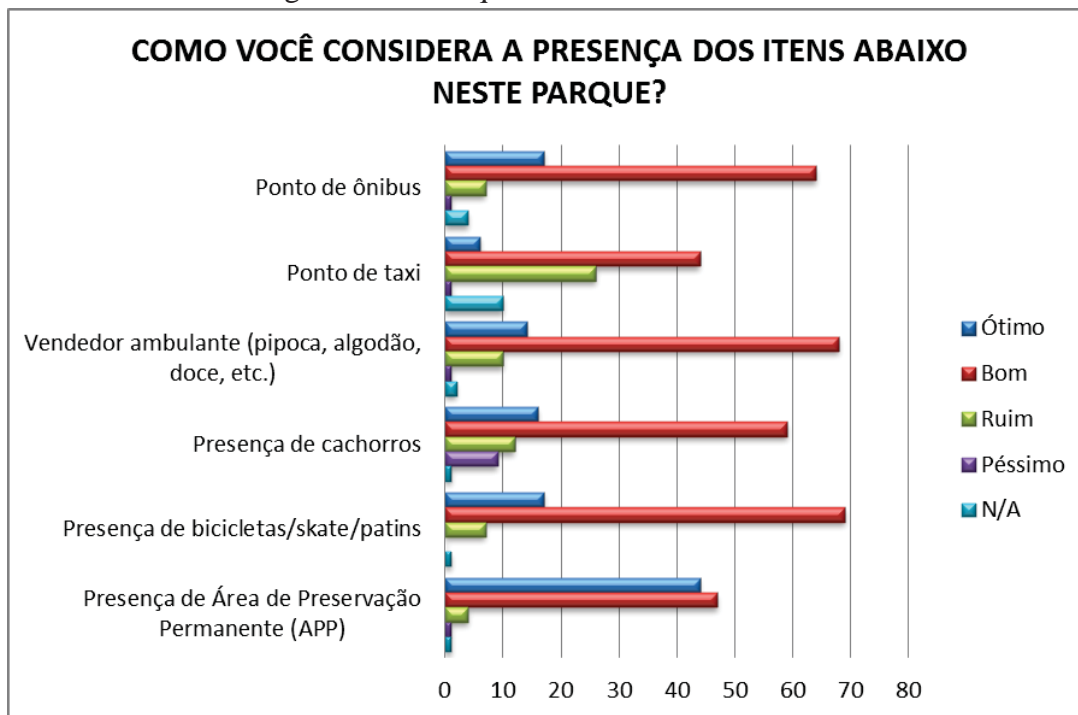
Fonte: Autora (2017).

Ao serem questionados sobre a falta de algum espaço ou equipamento para desenvolver outras atividades no parque, a maioria (71%) afirmou não haver necessidade. Dos respondentes que revelaram sentir a falta de equipamentos ou espaços adicionais, foram citados: academia ao ar livre (80%), maior quantidade de bancos (80%), mais áreas sombreadas (50%), presença de mesas (35%), mais quadras poliesportivas (35%), mais brinquedos infantis (30%), aluguel de cadeiras (15%) e água quente para chimarrão (15%).

Dos itens avaliados pelos respondentes, como ponto de ônibus, ponto de táxi, presença de vendedor ambulante, presença de cachorros, presença de bicicletas/skate/patins e presença de APP, todos obtiveram pontuação expressivamente positiva. Destaque para o ponto de táxi que recebeu um segundo score “ruim”, possivelmente por esse item não se

encontrar no parque e constituir uma necessidade por parte do público visitante. Também, a excelente pontuação para a presença de APP constitui um indicativo da relevância e respeito à conservação desse item no parque por parte dos usuários, como indica a Figura 137.

Figura 137 – Parque da Gare: itens avaliados.



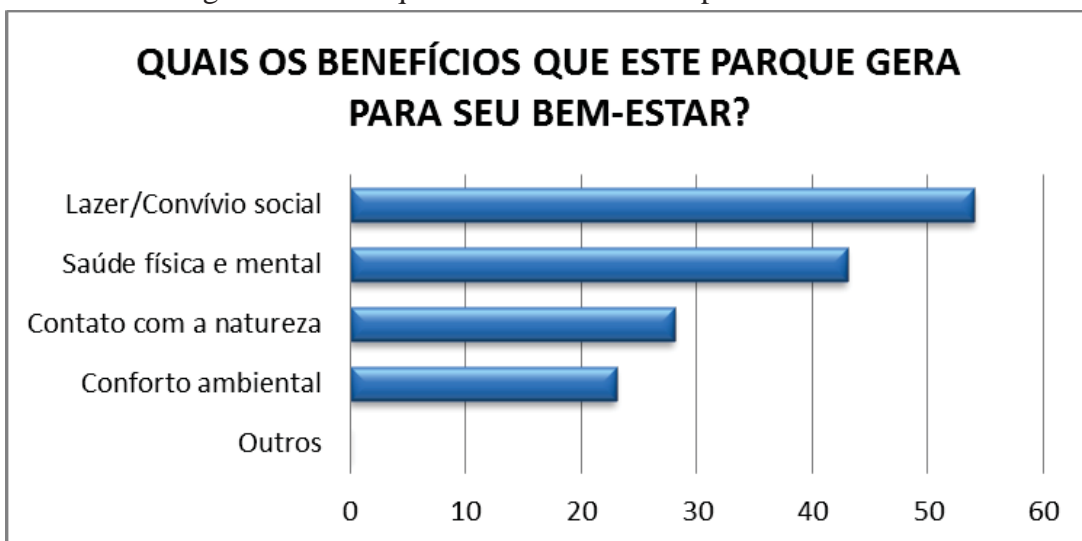
Fonte: Autora (2017).

D) Percepção e comportamento

O parque foi percebido e avaliado, de um modo geral, como “ótimo” por 50% dos respondentes, seguido de “bom” por 41%. Também, 95% dos usuários afirmaram possuir facilidade para se locomover e localizar claramente os espaços que o parque oferece, o que contribui para a indicação de que o local é morfologicamente funcional e que possibilita uma boa apreensão espacial por parte do frequentador.

Dentre os benefícios que o parque gera para o bem-estar, a escala de preferência apontou o lazer/convívio social (36%), saúde física e mental (29%), contato com a natureza (19%) e conforto ambiental (16%), de acordo com Figura 138. A percepção de bem-estar que o parque proporciona também contribui para a indicação das coerentes funções que o parque exerce, ou seja, social, ecológica e estética.

Figura 138 – Parque da Gare: benefícios para o bem-estar.



Fonte: Autora (2017).

Quando questionados sobre o que melhorou no parque após a requalificação, a escala de preferência revelou as opções de lazer/esportes (25%), contato com a natureza (22%), qualidade estética (20%), segurança (19%), convívio social (13%) e outros (1%), conforme a Figura 139. Do mesmo modo, a percepção das melhorias sentidas pela requalificação do parque por parte do usuário reforça as funções a que o espaço se destina e as principais necessidades e satisfações dos frequentadores, ou seja, social/recreativa, ecológica/conservacionista e estética/contemplativa.

Figura 139 – Parque da Gare: melhorias após a requalificação.



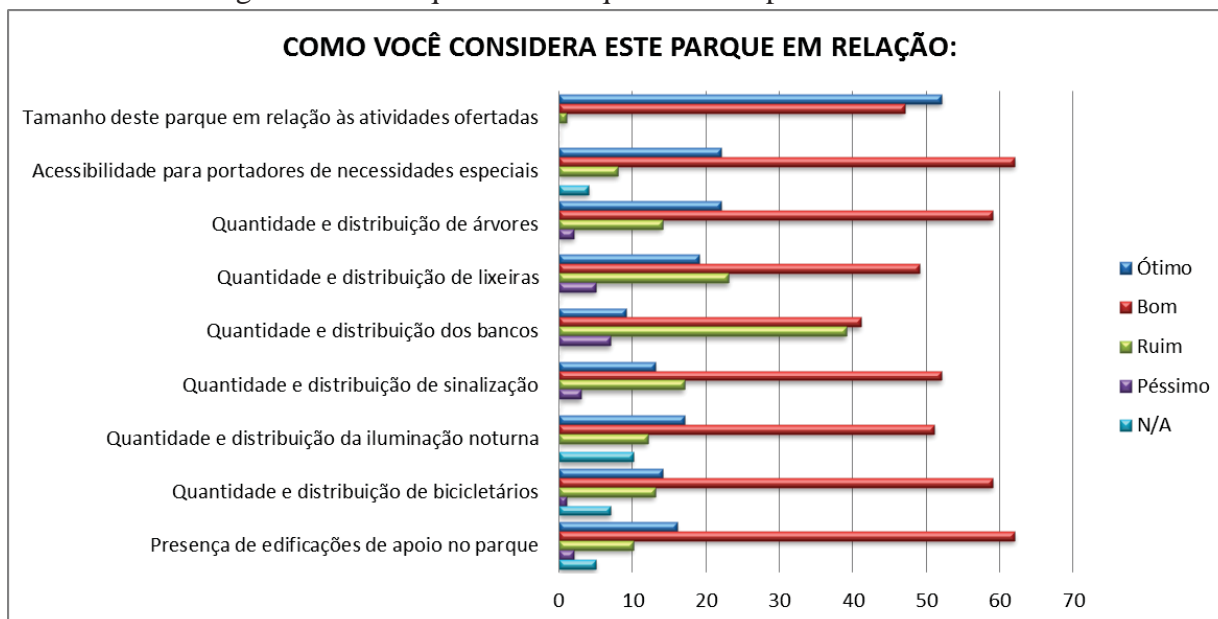
Fonte: Autora (2017).

E) Qualidades específicas

Os usuários avaliaram diversas qualidades específicas do parque, como dimensões em relação às atividades ofertadas, acessibilidade, árvores, lixeiras, bancos, sinalização, iluminação noturna, bicicletários e edificações de apoio. A maioria dos itens foi classificada com conceito “bom”, com exceção do tamanho do espaço em relação às atividades existentes que foi classificado como “ótimo”, como mostra a Figura 140. Destaca-se aqui o item que obteve um expressivo segundo score “ruim”, que compreende a quantidade e distribuição dos bancos, fato que corrobora a solicitação de alguns respondentes pela maior quantidade de bancos, além da sugestão da existência de aluguel de cadeiras para maior conforto no uso e permanência no parque.

As qualidades específicas percebidas e avaliadas de forma satisfatória por parte dos usuários reforçam a atratividade e apropriação do parque pela qualidade, quantidade e distribuição espacial dos elementos ofertados.

Figura 140 – Parque da Gare: qualidades específicas avaliadas.



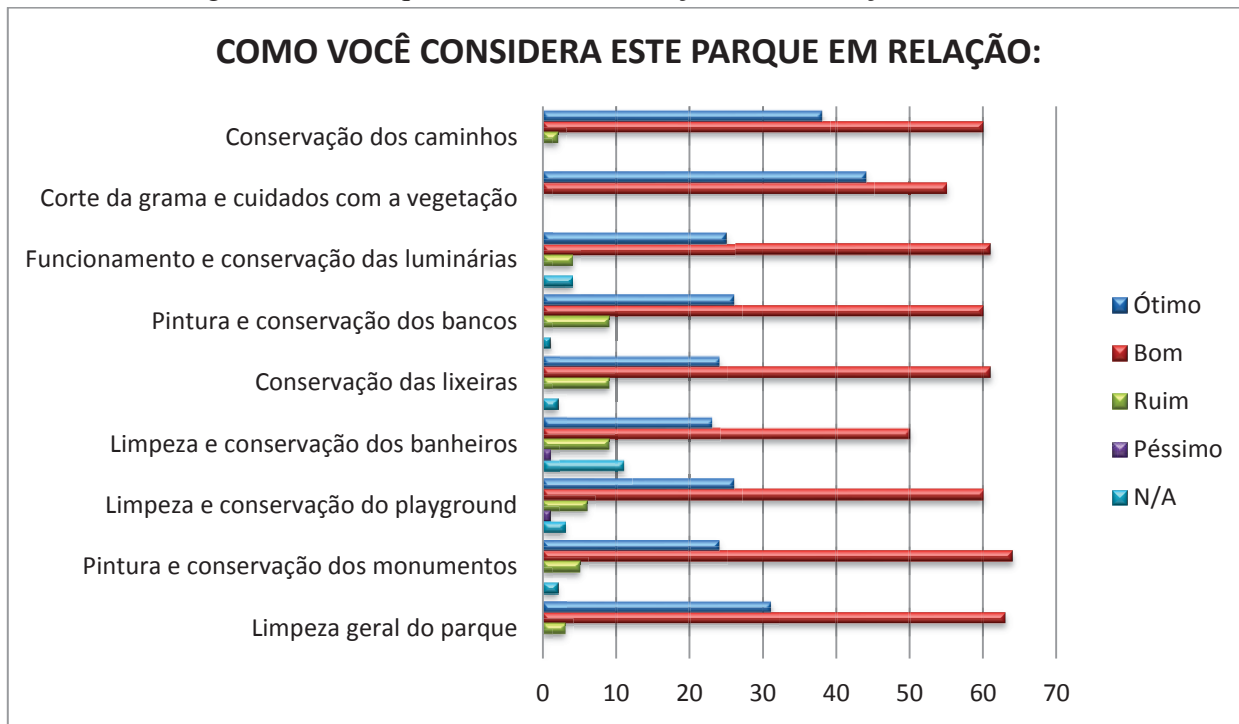
Fonte: Autora (2017).

F) Manutenção e conservação

Quanto à manutenção e conservação, diversos itens foram avaliados por parte dos respondentes, como caminhos, vegetação, luminárias, bancos, lixeiras, banheiros, playground, monumentos e limpeza geral do parque, sendo que todos os itens obtiveram conceito “bom”, seguido de “ótimo”, como apresenta a Figura 141. Dessa forma, a manutenção e conservação

dos elementos presentes no parque foram percebidas de forma plenamente satisfatória por parte dos usuários, confirmando a atratividade para uso e apropriação do espaço.

Figura 141 – Parque da Gare: manutenção e conservação avaliadas.

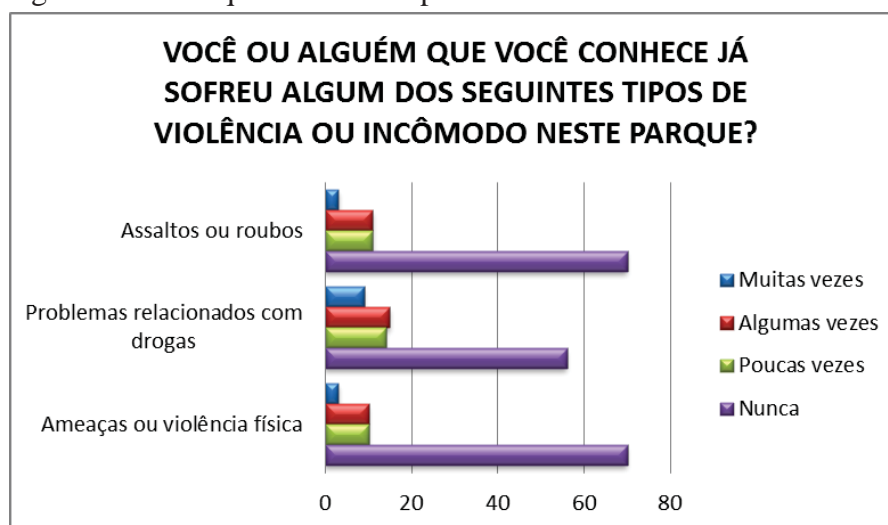


Fonte: Autora (2017).

G) Segurança e proteção

A segurança foi avaliada com conceito “bom” para 72% da amostra de respondentes, seguido de “ótimo” para 23%. Também, quando questionados sobre a experiência com algum tipo de violência ou incômodo no parque, a maioria relatou negativamente, o que demonstra um fator que estimula o uso e apropriação por parte do usuário, tornando-se um estimulador para a atratividade do parque, como aponta a Figura 142.

Figura 142 – Parque da Gare: experiência com violência ou incômodo.

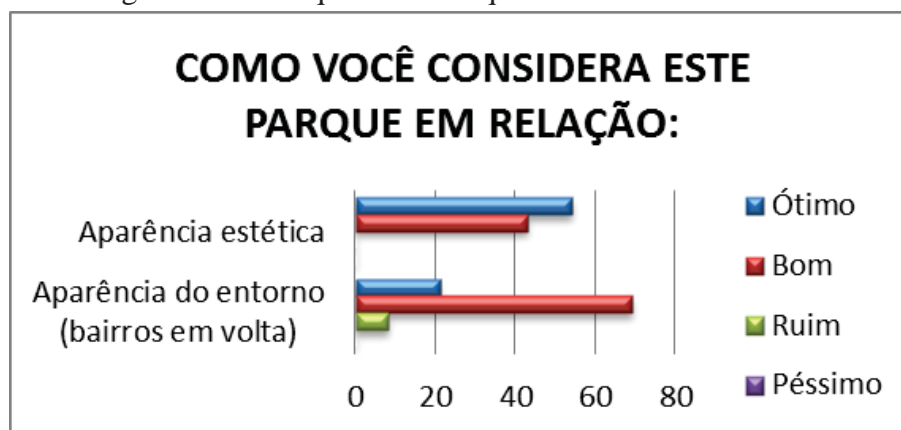


Fonte: Autora (2017).

H) Aparência e status

A qualidade estética do parque e do seu entorno foi avaliada satisfatoriamente pelos usuários, como consta na Figura 143. Por essa razão, a aparência e o status relacionado ao envoltório do parque contribuem para a procura e apropriação do local, reafirmando constituir um fator importante para o estímulo da atratividade.

Figura 143 – Parque da Gare: qualidade estética avaliada.

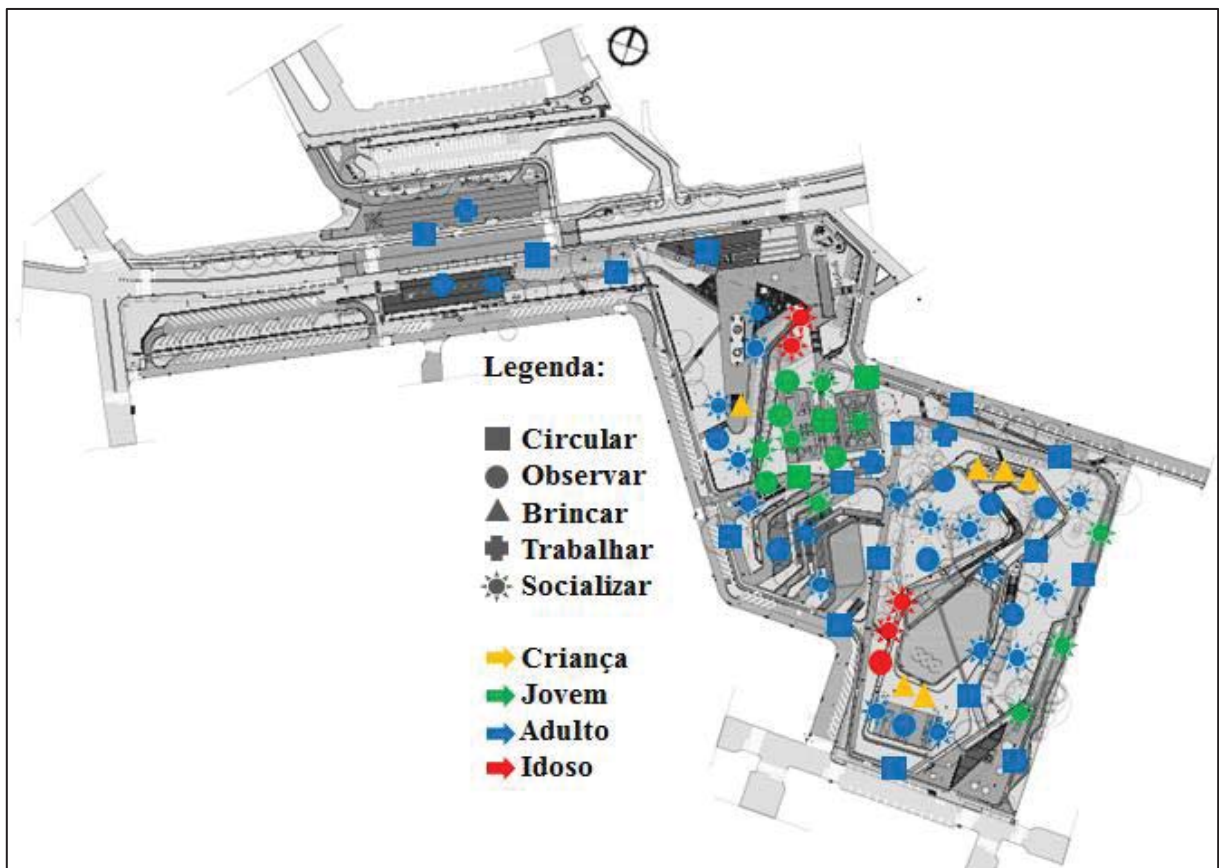


Fonte: Autora (2017).

A partir do mapa comportamental do Parque da Gare, como apresenta a Figura 144, identificou-se que os usuários utilizam o espaço para exercer as diversas atividades avaliadas, como circular, observar, brincar e socializar, de forma intensa, especialmente para o público adulto e jovem, conforme o período de observação. Para as atividades exercidas referentes à faixa etária adulta, as relações espaciais ocorrem de forma equitativa na distribuição territorial do local, apresentando altos fluxos, principalmente no interior do parque onde há maior

disponibilidade de equipamentos de lazer e recreação. As demais faixas etárias, além de presentes com bom fluxo na utilização do parque, apresentam relações espaciais mais setorizadas, determinadas de acordo com as atividades que exercem atrações mais específicas para esse público.

Figura 144 – Mapa comportamental do Parque da Gare.



Fonte: Autora (2017).

4.3.1.6 Considerações para o Parque da Gare

Conforme os dados levantados através do questionário aplicado aos usuários, o Parque da Gare constitui um espaço utilizado majoritariamente por mulheres adultas e jovens, com alto nível de instrução superior e com renda familiar mediana. O perfil traçado pela amostra de frequentadores destaca a escolha e o uso do espaço público, onde as funções do parque, associadas aos elementos existentes e atividades ofertadas, atrai para o local um público diversificado, que prefere o lazer tanto com atividades mais passivas para socialização, recreação infantil e contemplação, como para atividades recreativas esportivas.

O parque é visitado essencialmente por pessoas que se deslocam a partir de outros bairros utilizando o carro como meio de locomoção. Este fato converge no estímulo à

visitação que as próprias características do parque promovem, como a localização central, as dimensões territoriais do local juntamente à variedade de equipamentos e atividades disponíveis ao lazer, como também a sua história cultural e pré-existência que se encontravam comprometidas qualitativamente, gerando um novo chamamento ao uso e apropriação do único parque genuíno e democraticamente urbano da cidade.

A frequência de uso, que ocorre em sua maioria entre períodos mais espaçados, é compensada pela maior quantidade de tempo de permanência dos usuários, constituindo um fator que contribui para a avaliação do parque como atrativo, o que é reforçado principalmente pelos longos deslocamentos dos usuários para a permanência no local, bem como, pela adequação da proposta funcional que o parque exerce, ou seja, pela característica recreativa contemplativa estimulando o uso e apropriação.

O uso do parque com a família e amigos reflete a característica social e recreativa, principalmente pelo indicativo da presença do público feminino adulto e jovem, fato que confirma a solicitação por parte dos respondentes de maior quantidade e variedade de equipamentos esportivos, como também, aqueles que acabam estimulando o estar e a contemplação em um maior período, como árvores que proporcionem áreas sombreadas, bancos e mesas. As atividades desenvolvidas corroboram a atratividade de acordo com as funções do parque e a permanência do usuário, como o lazer de um modo geral, contato com o ambiente externo na presença do sol, repouso e descanso, e passeios e caminhadas.

A excelente avaliação do parque por parte dos usuários, concomitante à percepção de que o bem-estar ao frequentá-lo está relacionado ao lazer e convívio social, contribuem para determinar a coerência na atratividade para uso e apropriação desse espaço público. Além disso, as opções de lazer e esportes ofertadas, o contato com a natureza e a qualidade estética, percebidos como as principais melhorias no local, reitera a coerência mencionada.

A qualidade e quantidade dos elementos físicos construídos e naturais ofertados, sua manutenção e conservação, a percepção de segurança no local e os atributos estéticos considerados por parte dos respondentes garantem a atratividade para procura, uso, permanência e apropriação do parque.

O mapa comportamental reflete o parque como um espaço convidativo e adequado para atividades voltadas à socialização, contemplação e desporto, corroborando as funções sociais e recreativas do local. A alta intensidade de uso somada ao alto fluxo na ocupação

espacial do parque, juntamente com a presença de todas as faixas etárias e diversidade na utilização quanto às diversas atividades, são fatores que determinam a atratividade do parque para a procura, uso e apropriação de modo genuinamente democrático.

4.3.1.7 Comparativo do grau de atratividade entre os parques – percepção e comportamento

Para determinar o grau de atratividade, foram estabelecidos critérios de avaliação para os itens perceptivos e comportamentais questionados, com base nos autores referenciados e nas análises realizadas. O Quadro 21 mostra a síntese dos critérios considerados para avaliação do grau de atratividade.

Quadro 21 – Critérios e referências considerados para o grau de atratividade.

Característica	Critérios	Referências
Frequência e permanência	Maior frequência no uso (período do dia, semana e regularidade de visitação); maior tempo de permanência; distância no deslocamento e meio de locomoção.	Whyte (2009); Carr <i>et al.</i> (1992); Gehl (2015); Lynch (1997); Marcellino (1983)
Uso e atividades	Companhia para uso; principais atividades desenvolvidas e a compatibilidade com a proposta do parque; solicitação de equipamentos e atividades faltantes.	Carr <i>et al.</i> (1992); Gehl (2015); Whyte (2009); Santos (1987)
Percepção e comportamento	Nível de satisfação; apreensão espacial; benefícios e melhorias percebidos e a compatibilidade com a proposta do parque.	Lynch (1997); Gehl (2015); Whyte (2009); Jacobs (2000)
Qualidades específicas	Satisfação quanto à quantidade, distribuição espacial e conforto dos elementos presentes.	Gehl (2015); Serpa (2007); Whyte (2009); Carr <i>et al.</i> (1992).
Manutenção e conservação	Satisfação quanto à manutenção, conservação e funcionamento dos elementos presentes.	Gehl (2015); Lynch (1997); Serpa (2007); Carr <i>et al.</i> (1992)
Segurança e proteção	Satisfação com a segurança no local.	Gehl (2015); Lynch (1997); Serpa (2007); Santos (1987)
Aparência e status	Satisfação com a aparência estética e status do parque e entorno.	Whyte (2009); Gehl (2015); Lynch (1997)
Mapa comportamental	Diversidade de atividades exercidas; diversidade de faixas etárias; intensidade de uso; fluxo na ocupação espacial.	Rheingantz <i>et al.</i> (2009)

Fonte: Autora (2017).

Para a atribuição do grau de atratividade, estabeleceu-se um percentual de adequabilidade para cada conjunto de critérios listado, de acordo com as análises qualitativas realizadas. O maior grau de adequabilidade refletirá no maior grau de atratividade, conforme consta no Quadro 22.

Quadro 22 – Atribuição do percentual para o grau de atratividade.

Grau de atratividade	Percentual de adequabilidade
Alto	66,6% - 100%
Médio	33,3% - 66,6%
Baixo	0 - 33,3%

Fonte: Autora (2017).

Para as características funcionais e de uso analisadas, apresenta-se o Quadro 23 com o comparativo dos parques, através da indicação do grau de atratividade (alto, médio e baixo).

Quadro 23 – Atribuição do grau de atratividade e o comparativo entre os parques – percepção e comportamento.

Parque	Perfil do entrevistado	Frequência e permanência	Uso e atividades	Percepção e comportamento	Qualidades específicas	Manutenção e conservação	Segurança e proteção	Aparência e status	Mapa comportamental
Parque Ambiental Banhado da Vergueiro	X	●	●	●	●	●	●	●	●
Parque Linear do Sétimo Céu	X	●	●	●	●	●	●	●	●
Parque da Gare	X	●	●	●	●	●	●	●	●

X – Não se aplica. Grau de atratividade: Alto ● Médio ● Baixo ●

Fonte: Autora (2017).

Quanto à percepção e comportamento dos usuários, estabeleceu-se o percentual do alto grau de atratividade dos parques avaliados:

- Parque Ambiental Banhado da Vergueiro: 87,5%
- Parque Linear do Sétimo Céu: 75%
- Parque da Gare: 100%

Portanto, em relação à percepção e comportamento avaliados por parte dos usuários, o Parque da Gare constitui o espaço público com maior grau de atratividade.

4.4 Aferição da adequabilidade dos elementos propostos quanto ao potencial atrativo e apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de atratores para espaços públicos de lazer em municípios de médio porte

Através dos dados anteriormente apresentados e analisados acerca dos três espaços públicos requalificados para o lazer foi permitido compreender quais os aspectos (elementos físicos, formais, funcionais e perceptivos/comportamentais) atuam adequadamente sobre o desempenho dos espaços públicos, influenciando o potencial de atratividade quanto ao uso e apropriação por parte do usuário.

Para a aferição da adequabilidade proposta foi investigado, a partir da correlação entre os aspectos supracitados (dados obtidos através dos questionários, observações comportamentais e levantamentos técnicos), se quanto mais qualificado fisicamente, morfologicamente e funcionalmente for um espaço público de lazer, maior será o potencial de atratividade percebido e mais intenso será o uso e a apropriação por parte dos moradores de uma cidade. Também, foi verificado se as características dos usuários em relação a sua natureza social afetam a percepção do potencial de atratividade e a forma de apropriação dos espaços públicos de lazer, influenciando a intensidade de uso desses espaços e os níveis de satisfação de seus usuários.

4.4.1 Correlação dos elementos físicos, formais, funcionais e perceptivos/comportamentais considerados influentes na atratividade dos espaços públicos frente às análises realizadas

De acordo com os resultados técnicos e perceptivos advindos dos usuários, constataram-se, através da média percentual obtida no comparativo do grau de atratividade já efetuado, quais os elementos físicos construídos e naturais, as características morfológicas e do entorno imediato, funcionais e de uso, e perceptivas/comportamentais dos espaços públicos, revelaram importância significativa na atratividade, e conseqüentemente, na intensidade de uso e apropriação, como aponta o Quadro 24.

Quadro 24 – Média percentual de atratores dos espaços públicos avaliados.

Elementos físicos construídos e naturais	%	Características morfológicas e do entorno imediato	%	Características funcionais e de uso	%	Características perceptivas e comportamentais	%
Pavimentação	100	Ocupação do solo	60	Função social	100	Uso e atividades	100
Mobilidade/ Acessibilidade	100	Estrutura formal	33,3	Função estética	60	Percepção e comportamento	100
Sinalização/ Com. visual	100	Hierarquia e fluxos viários	33,3	Função ecológica	60	Qualidades específicas	100
Vegetação	100	Uso do solo	33,3	Função educativa	33,3	Manutenção e conservação	100
Equipamentos lazer/esportes	75	Parcelamento do solo	25	Função psicológica	25	Segurança e proteção	100
Redes de infraestrutura	75	Gabarito de altura	25			Aparência e Status	100
Construções de apoio	66,6	Localização geográfica	25			Frequência e permanência	60
Equipamentos públicos	60					Mapa comportamental	33,3
Cercamento	33,3						
Água	33,3						
Arte no espaço	33,3						
Bancos	33,3						
Iluminação	0,00						

Fonte: Autora (2017).

Portanto, verificou-se que os elementos físicos relacionados ao deslocamento, como pavimentação, mobilidade/acessibilidade, sinalização/comunicação visual, assim como os equipamentos de lazer e esportes ofertados, além dos atributos relacionados ao conforto ambiental proveniente da vegetação constituíram maior significância na atratividade e intensidade de uso dos parques avaliados tecnicamente. Também, a ocupação do solo em relação ao entorno do espaço público e a função social a que o parque se destina tornaram-se atributos atratores para definir a intensidade de uso e apropriação dos locais.

Em relação à avaliação perceptiva dos usuários, os usos e atividades ofertadas, os benefícios e melhorias proporcionados pelos parques, a qualidade dos elementos existentes, bem como sua manutenção e conservação, além dos atributos estéticos e sensação de segurança proveniente dos espaços verificados, constituíram maior significância na atração e intensidade de uso e apropriação dos parques.

4.4.1.1 Influência dos elementos relacionados ao deslocamento na percepção da atratividade e intensidade de uso

De maneira geral, os espaços públicos de lazer pesquisados encontram-se acessíveis fisicamente para os usuários, mesmo quando a localização geográfica e a configuração urbana não são favoráveis, pois há algumas facilidades de locomoção, tanto interna quanto externamente aos parques, tais como sinalização e pavimentação adequadas, transporte público coletivo e vias de acesso, que acabam contribuindo para a procura e uso. A própria morfologia do parque também constitui um fator importante, sendo que, no geral, 97% dos usuários afirmaram possuir facilidade no deslocamento e na localização dos espaços e equipamentos disponibilizados nos espaços públicos analisados.

Em média, a maioria da amostra consultada (51%) frequenta espaços públicos de lazer distantes de sua moradia, oriundos de outro bairro, demonstrando que a motivação para se deslocar e utilizar espaços qualificados torna-se mais importante do que as distâncias a serem percorridas.

No entanto, constatou-se que os usuários que utilizam espaços públicos mais qualificados e distantes de sua moradia tendem a estarem mais insatisfeitos com os demais espaços da cidade, ou seja, a necessidade de realizar longos deslocamentos afeta a satisfação geral com os espaços existentes, principalmente aqueles próximos ao seu local de moradia, normalmente em bairros mais periféricos. O que corrobora esse fato é a média de tempo de permanência nos espaços frequentados apontada pela pesquisa, que corresponde de 1 a 2 horas, considerado pouco para os longos deslocamentos verificados.

A localização do espaço público em relação à facilidade de deslocamento e acesso configurou-se importante para o uso, principalmente quando o local possui um entorno com eficaz morfologia urbana, maior densidade (ocupação) e diversidade no uso do solo, sendo fatores decisivos para a apropriação do lugar.

Por essa razão, quanto mais centralizado for o espaço público na malha urbana, mais acessível ele se torna, bem como, possui maior potencial de vitalidade e movimento, e conseqüentemente, intensidade de uso, como foi constatado no Parque da Gare. O que reforça essa verificação é a utilização do parque por moradores oriundos de um maior número de bairros, como também do resultado obtido pelo mapa comportamental que, no referido parque, apresentou alta intensidade de uso e constante fluxo na ocupação espacial, o que

somado ao tempo de permanência no local, conforme os dados da pesquisa (2 a 3 horas), demonstrou significância na atratividade para apropriação.

Portanto, percebe-se que os elementos relacionados ao deslocamento constituem um aspecto pertinente que pode afetar os níveis de satisfação com os espaços públicos e com a própria cidade, atuando como um atrator para o uso e apropriação dos parques. Contudo, a distância a ser percorrida para utilizar um espaço público de lazer qualificado, não representa um motivo para evitar o uso.

4.4.1.2 Influência das características do entorno e das atividades ofertadas na percepção da atratividade e intensidade de uso

As características do entorno e a diversidade de atividades disponibilizadas nos espaços públicos revelaram-se importantes para a atratividade e intensidade de uso. Alguns atratores existentes nos espaços públicos e no seu entorno mostraram-se determinantes para a diferença de intensidade de apropriação entre os parques analisados.

A localização dos parques investigados configurou-se um fator relevante, ou seja, quanto mais centralizado, melhores constituem os índices urbanísticos quanto à ocupação horizontal do solo e densificação vertical e, conseqüentemente, diversidade no uso desse solo. Dessa forma, o Parque da Gare se mostrou privilegiado apresentando maior intensidade de apropriação e uso por estar em uma zona de forte apelo comercial e de serviços diversos, além de possuir um entorno residencial. Tais características evidenciaram maior movimentação de pessoas e vitalidade urbana, tornando-se um local acentuadamente atrativo para passagens, procura e permanência, reiterando a importância de um entorno rico em atividades.

Quanto à oferta de atividades nos espaços públicos, os resultados indicam que os equipamentos existentes e a forma com que se encontram disponibilizados espacialmente influenciam na apropriação em relação ao tempo de permanência e na faixa etária dos usuários. Quer dizer, foi verificado que as diferenças em relação à intensidade de uso e apropriação estão diretamente ligadas à oferta e disposição das atividades no espaço público, isto é, quanto maior é a variedade de atividades ofertadas e organizadas espacialmente, maior é a quantidade e a variedade de usuários, principalmente em se tratando de faixa etária, como foi notado no Parque da Gare, conforme aponta o Quadro 25.

No Quadro 25 segue o comparativo entre o número de equipamentos ofertados, o tempo de permanência, a disposição espacial (relações de uso com o espaço), a intensidade de uso (fluxos) e a faixa etária predominante, conforme as observações realizadas nos espaços públicos pesquisados.

Quadro 25 – Comparação entre o número de equipamentos existentes, o tempo de permanência, a disposição espacial, a intensidade de uso e a faixa etária predominante nos parques analisados.

Equipamentos/Atividades	Parque Banhado da Vergueiro	Parque do Sétimo Céu	Parque da Gare
Quadra esportiva		X	X
Pista skate/bike		X	X
Aparelhos de ginástica		X	
Playground	X	X	X
Mesas de jogos		X	
Cancha de bocha		X	
Lixeiras	X	X	X
Bicicletário		X	X
Bebedouro			X
Sanitários	X		X
Arena multiuso	X		X
Ciclovía	X	X	X
Pista de caminhada		X	
Iluminação noturna	X	X	X
Arborização	X	X	X
Bancos	X	X	X
Transporte público		X	X
Rampas/Piso tátil	X	X	X
Feiras/Eventos culturais/educacionais	X		X
Vendedores ambulantes	X		X
Lanchonete			X
Estacionamento		X	X
Comércio e serviços variados no entorno			X
Localização central			X
SOMATÓRIO TOTAL	11	16	20
ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	X		X
INTENSIDADE DE USO			X
FAIXA ETÁRIA PREDOMINANTE	Adultos e crianças	Adultos e jovens	Adultos, jovens e crianças
TEMPO DE PERMANÊNCIA	1 a 2 horas	30 minutos a 1 hora	2 a 3 horas

Fonte: Autora (2017).

A oferta específica de atividades e equipamentos costuma atrair públicos específicos. No entanto, dentre os parques analisados, percebe-se que, apesar de oferecerem equipamentos de lazer equivalentes, não possuem formas de apropriação semelhantes, apesar de ambos possuírem, em média, uso de 62% na companhia familiar. Nessa perspectiva, o tempo de permanência no local pode estar menos relacionado à variedade e quantidade de equipamentos oferecidos e mais ao tipo de atividade/equipamento existente e como se dispõe no espaço, conforme as características específicas de cada espaço público, como apontam os resultados em relação ao Parque do Banhado e do Sétimo Céu.

Ainda, a primazia do uso familiar reforça a função social dos espaços públicos de lazer analisados, consoante aos benefícios apontados pelos usuários em relação ao bem-estar ao utilizar os parques, que apresentou 100% para as atividades de lazer voltadas ao convívio social somada ao incremento da saúde física e mental, o que corrobora as principais atividades exercidas pelos frequentadores, como recreação em geral, contato com o ar livre/natureza, passeio e descanso. Tais benefícios sentidos refletem a opinião de 100% da amostra de respondentes ao se referir às novas opções e espaços para o lazer e esportes como as principais melhorias obtidas através da requalificação dos espaços públicos.

A falta ou insuficiência de atividades/equipamentos no local apontada por uma parcela de frequentadores evidenciou-se importante para questionar a atratividade e intensidade de uso dos espaços públicos. Os itens mais solicitados para melhor satisfação dos usuários nos parques corresponderam, em média, à maior quantidade de brinquedos infantis (57%), maior quantidade de áreas sombreadas (47%) e maior quantidade de bancos (40%). Essas necessidades requeridas podem ter influência tanto no tempo de permanência (média de 1 a 2 horas) quanto na frequência de visita (média de 67% para visitas entre períodos mais espaçados).

Constatou-se que a maioria do total de respondentes, cerca de 41%, permanece entre 1 e 2 horas nos parques, seguidos por 29% que passa de 2 a 3 horas. Ao analisar percentualmente o tempo de permanência, fica evidenciado que os usuários costumam passar mais tempo nos lugares que possuem sanitários, como o Parque do Banhado e o Parque da Gare, ambos com o maior tempo de permanência dos visitantes. Esse fato é corroborado pela solicitação de sanitários como o item mais expressivo (80%) por parte dos usuários do Parque do Sétimo Céu, local que obteve o menor tempo de permanência dos visitantes. Portanto, a ausência de sanitários foi indicada como uma motivação para não permanecer no local, mas,

ainda que a existência desse equipamento possa aumentar o tempo de permanência, não configura uma razão para evitar o uso do espaço público.

De acordo com as observações realizadas, os eventos culturais e educacionais presentes nos espaços públicos, vinculados a órgãos públicos ou privados, demonstraram ser atratores com potencial de trazer maior número de visitantes, e ainda, de locais mais distantes, beneficiando os parques com movimentação e vitalidade social, pública e urbana, e ainda, construindo uma identidade e fortalecendo a imagem do local. Embora a realização de eventos seja considerada positiva, há a probabilidade de que a presença maciça de pessoas distintas do cotidiano do lugar e que não respeitam a rotina de uso, seja capaz de causar insatisfação e insegurança nos frequentadores e moradores do entorno. Dessa forma, ainda que os eventos sejam grandes atratores para o uso dos espaços públicos, o local onde são alocados pode repelir os usuários em potencial. Talvez por essa razão, apenas 2% da amostra de respondentes revelaram frequentar os parques para participar dos eventos realizados.

Portanto, as características do entorno e a oferta de atividades e equipamentos, configuraram-se aspectos importantes para a atratividade e intensidade de uso dos espaços públicos analisados. O entorno com oferta de comércio e serviços variados e as diversidades de atividades presentes nos parques evidenciaram-se como grandes geradores de movimento e vitalidade, tornando-se por vezes, os principais atratores para o uso, bem como, a sua ausência um dos principais motivos para a pouca intensidade, permanência e falta de apropriação.

4.4.1.3 Influência da qualidade e conforto (aparência, manutenção, vegetação e segurança) na percepção da atratividade e intensidade de uso

A qualidade e o conforto são características que tornam os espaços públicos de lazer mais atrativos para o uso e apropriação. A recente requalificação dos espaços analisados refletiu as análises técnicas e de satisfação dos usuários quanto a estes quesitos, contudo, podem-se tecer algumas considerações relevantes acerca dos dados levantados.

Dentre os parques analisados, verificou-se que a aparência estética positiva, influenciada pela boa manutenção, é importante para a satisfação do usuário com o local, mas não para a intensidade de uso. Quer dizer, apesar da maioria da amostra de respondentes consultada ter avaliado os parques de forma geral com 52% para boa satisfação e 48% para ótima satisfação, eles não possuem o mesmo nível de intensidade de uso, conforme se constatou nos mapas comportamentais e no tempo de permanência no local. Apesar disso, a

qualificação estética avaliada pelos usuários com 57% para ótima satisfação e 43% para boa satisfação, somada a bons níveis de manutenção, contribuem para a procura e uso de indivíduos que moram distante dos espaços públicos, corroborando os longos deslocamentos realizados para usufruir de melhores e mais atraentes espaços públicos de lazer na cidade.

Ainda que a aparência não seja o principal atrator dos espaços públicos, o cuidado e a oferta de diferentes elementos que qualifiquem esteticamente o local afetam os níveis de satisfação dos usuários e sua maior apropriação e intensidade de uso. Esse fato foi verificado no Parque da Gare que obteve o maior índice de satisfação quanto à qualidade estética (75% dos usuários consideraram ótimo), maior grau de atratividade (72% conforme as análises técnicas), maior intensidade de uso (100% conforme o mapa comportamental) e maior tempo de permanência (2 a 3 horas) por parte dos usuários. Alguns fatores que contribuíram para esse fato consistem na presença de arte no espaço e elementos voltados à cultura e história do local, à presença de água e elementos que qualificam o espaço público e urbano como o lago com chafariz e as nascentes d'água, às edificações de apoio pela oferta de serviços e qualidade arquitetônica, e ainda, à presença de vegetação diversificada e conservada.

O conforto e a adequação ambiental mostraram-se importantes para a atratividade dos espaços públicos pesquisados. Ainda que nem sempre a falta de conforto faça com que um espaço público seja evitado, a existência de elementos que geram sensação de conforto, como arborização, bancos e lixeiras, evidenciaram-se relevantes para o uso e para o tempo de permanência.

Foi verificado que o conforto ambiental é um dos principais atratores dos parques analisados, e a quantidade e distribuição da vegetação e de bancos para sentar foram as mais recorrentes solicitações dos usuários. Contudo, ainda que a falta de conforto e adequação diminua a intensidade, conforme as observações comportamentais, não impedem a procura e uso do parque, principalmente pela população mais jovem. Entretanto, a necessidade de áreas sombreadas e locais para sentar confortavelmente influenciou no tempo de permanência dos usuários nos locais analisados, que em média foi de 1 a 2 horas.

Outro fator que reflete essa constatação é em relação à frequência semanal e ao período do dia em que a maioria dos usuários frequenta os espaços pesquisados, que corresponde a 86% nos finais de semana e 93% no período da tarde. Com essa frequência e principalmente nesse período do dia, além da maior quantidade de usuários, observou-se a

maior incidência de radiação solar, contribuindo para a necessidade de mais áreas sombreadas e mais locais para sentar.

Nessa perspectiva, notou-se então, que um dos principais atratores dos parques pesquisados é a arborização, pois além de oferecer conforto e adequação ambiental, constitui uma forma de se ter contato com a natureza escassa na cidade, e conseqüentemente, trazer benefícios para o bem-estar da população urbana, fato que reitera a percepção dos respondentes como uma das principais melhorias oriundas da requalificação dos parques. Pode-se dizer também que a existência de bancos para sentar teve menor impacto entre os atratores, pois muitos indivíduos acabam levando suas próprias cadeiras, o que permite melhor aproveitamento tanto do espaço físico quanto das áreas sombreadas ou ensolaradas, de acordo com suas necessidades.

A segurança é um fator preocupante para os habitantes de uma cidade, influenciando e determinando a procura e o uso dos espaços públicos de lazer. Com a requalificação dos parques pesquisados, locais que antes não eram frequentados e utilizados para tal fim, passaram a ser, porém, apesar da avaliação positiva para a percepção da segurança, com média geral de 66% com boa satisfação segundo os usuários, ainda assim não foi determinante para a intensidade, frequência de uso e tempo de permanência.

Dessa forma, verificou-se que a influência da localização do parque na cidade, bem como do bairro em que está inserido, pode ser percebida no quesito segurança para a procura e uso. Esse fato pode ser constatado na intensidade de uso e no tempo de permanência dos espaços públicos pesquisados, em que os parques do Banhado e do Sétimo Céu, estando localizados em bairros distintos e em áreas mais afastadas da região central, obtiveram menor intensidade de uso de acordo com os mapas comportamentais, e os menores tempos de permanência do usuário (respectivamente de 1 a 2 horas e de 30 minutos a 1 hora).

Também se verificou que a estrutura formal do parque associada à distribuição espacial dos equipamentos ofertados pode influenciar na percepção de segurança e determinar a intensidade de uso e o tempo de permanência, como se percebeu no Parque do Sétimo Céu, que constitui uma estrutura formal linear extensa e com equipamentos distribuídos esparsamente, ou seja, em poucos canteiros, o que não permite uma completa permeabilidade física e visual. Além disso, a pouca intensidade de uso e movimentação de pessoas no local,

somadas à longa linearidade e ao fluxo de veículos da via formadora do parque, pode ser um fator que desestimula o uso e compromete sensação de segurança.

Diversos outros fatores relacionados à segurança podem interferir na procura e uso de um espaço público, como a falta de policiamento, a falta de manutenção, a quantidade e o tipo de frequentadores, a falta ou excesso de movimentação urbana (pessoas e veículos), e ainda, a iluminação noturna. Quanto à iluminação dos parques pesquisados, a análise técnica apresentou-se negativa, principalmente pela falta de manutenção e quantidade insuficiente para satisfatório e seguro uso noturno. Já a percepção dos usuários mostrou-se positiva, porém, este quesito na avaliação perceptiva foi invalidado, já que a maioria da amostra de respondentes (93%) afirmou frequentar os espaços públicos no período da tarde, não apresentando condições de confrontar os dados levantados previamente. Além disso, o turno da noite não compreendeu as observações comportamentais, o que impossibilitou a avaliação da intensidade de uso e apropriação noturna.

Diante do exposto, verificou-se que a qualidade e o conforto relacionados aos espaços públicos constituem atratores para uso e apropriação, contribuindo para elevar os níveis de satisfação por parte dos usuários. Contudo, apesar de qualificados esteticamente, possuírem boa manutenção, ofertarem espaços vegetados e percebidos como seguros por parte dos usuários, tais características não foram determinantes para a intensidade de uso, frequência e permanência da população.

4.4.1.4 Influência da natureza social na percepção da atratividade e intensidade de uso

A natureza social é dependente de vários fatores que determinam as características do indivíduo relativas à renda, à escolaridade e à faixa etária. Dessa forma, apurou-se a influência de tais características na dinâmica de apropriação e os níveis de satisfação dos espaços públicos por parte dos frequentadores.

Em média, os parques pesquisados apresentaram predominância de mulheres com faixa etária entre 26 e 40 anos, com renda familiar de 2 a 4 salários mínimos e com ensino superior completo, como mostra o Quadro 26.

Quadro 26 – Média percentual do perfil de respondentes.

Perfil	Sexo	%	Faixa etária	%	Renda familiar	%	Escolaridade	%
Média dos parques analisados	Feminino	61	Entre 26 e 40 anos	53	2 a 4 salários mínimos	35	Ensino Superior Completo	32

Fonte: Autora (2017).

Pode-se dizer que os espaços públicos frequentados pela população possuem compatibilidade com seus gostos, idades e, sobretudo, com suas rendas, uma vez que, ao utilizá-los, estão satisfazendo suas necessidades de lazer, como demonstrou o levantamento perceptivo, em que 86% da amostra não utilizavam os espaços anteriormente à requalificação, e ainda, passaram a ser avaliados com bons níveis de aprovação. Também, examinou-se que há relevância em frequentar espaços compatíveis com sua natureza social, independente da necessidade de percorrer distâncias maiores, ou ainda, evitar locais próximos quando são inadequados ao uso, ou mesmo, quando estão ocupados por grupos de indivíduos diferentes do seu.

De acordo com os hábitos dos usuários em relação aos deslocamentos para realizar suas atividades de recreação, compreendeu-se que os respondentes passaram a utilizar os espaços após a requalificação para os momentos de lazer, frequentando, principalmente, os locais de outros bairros, ou seja, distantes de sua moradia. Assim como a distância a ser percorrida, o meio de locomoção se mostrou importante para a relação com a apropriação dos parques e o tempo de permanência, como apresenta o Quadro 27.

Quadro 27 – Relação entre a distância percorrida, o meio de locomoção e o tempo de permanência na apropriação dos espaços públicos analisados.

Parques	Parque Banhado da Vergueiro %	Parque do Sétimo Céu %	Parque da Gare %	Média %
Deslocamento				
Distância menor	17	27	11	18
Distância maior	83	73	89	82
Locomoção				
A pé	11	46	22	27
Veículo locomotor	89	54	78	73
Tempo de permanência	1 a 2 horas	30 minutos a 1 hora	2 a 3 horas	1 a 2 horas

Fonte: Autora (2017).

Apesar das médias definirem o padrão comportamental geral, é importante considerar alguns aspectos individualmente, como por exemplo, percebeu-se que o Parque do Sétimo Céu, em comparação aos demais, constitui o local que possui o maior percentual de usuários que percorre menores distâncias para frequentar o parque, ou seja, utiliza o espaço público mais próximo da sua moradia, como também, a maior quantidade de indivíduos que faz esse deslocamento a pé. Acredita-se que esses resultados podem estar relacionados a questões de nível socioeconômico e faixa etária, e da mesma forma, interferindo na intensidade de uso, apresentando o menor tempo de permanência.

Nessa perspectiva, constatou-se que os usuários do Parque do Sétimo Céu, de acordo com a variação máxima das características sociais avaliadas, como aponta o Quadro 28, apresentaram os menores níveis de renda e escolaridade, o que demonstra, confrontando com as mínimas distâncias percorridas e o menor tempo de permanência, que há a tendência de menor satisfação com os espaços públicos da cidade, bem como, tende a afetar as possibilidades de circulação, procura e uso de outros espaços públicos qualificados. Por outro lado, tais constatações podem ser reflexo da quantidade de indivíduos mais jovens presente no local.

Quadro 28 – Variação máxima na faixa de renda, escolaridade e faixa etária dos espaços públicos pesquisados.

Parques	Parque Banhado da Vergueiro %	Parque do Sétimo Céu %	Parque da Gare %	Média %
Renda				
Menor renda	2	15	7	8
Maior renda	23	5	19	16
Escolaridade				
Menor escolaridade	3	9	2	5
Maior escolaridade	42	22	31	32
Faixa etária				
Mais jovens	11	32	29	24
Adultos mais velhos	19	22	29	23

Fonte: Autora (2017).

Com relação aos hábitos de lazer, verificou-se que a satisfação com o espaço público pode estar relacionada às possibilidades de circular pela cidade e usufruir de outros espaços públicos qualificados, sugerindo que usuários satisfeitos com suas condições de deslocamento

tendem a estar mais satisfeitos com os espaços de lazer que frequentam. Dessa forma, percebeu-se que os usuários que possuem maior renda, maior escolaridade e mais idade costumam utilizar os espaços públicos em outros bairros, evidenciando que há a tendência dessa parcela da população em se deslocar mais em busca de locais qualificados e diversificados, estando, portanto, mais satisfeitos com os espaços e a vida pública da cidade devido às condições e possibilidades de escolha, e ainda, permanecendo por mais tempo.

Através dos mapas comportamentais, notou-se que os usuários de diferentes faixas etárias costumam frequentar de modo mais setorizado e concentrado em alguns espaços públicos e de modo mais distribuído em outros, dependendo da localização, da composição formal, das características do entorno e da oferta de atividades e equipamentos no local, compatíveis com as necessidades específicas de cada faixa etária. Assim, os parques possuem usuários característicos, com territórios sociais por vezes bem demarcados, e por vezes mais heterogêneos.

Entre os parques investigados, foi verificada a influência da localização e usos do entorno na faixa etária dos usuários, sendo constatado que, quanto mais centralizado encontra-se o espaço público na malha urbana, e quanto mais diversificados forem os usos do solo no entorno, mais os parques atraem e recebem grupos de diferentes faixas etárias, como foi evidenciado no Parque da Gare.

A composição formal do parque também influencia na faixa etária dos frequentadores, evidenciando que, espaços públicos mais compactos tendem a aproximar diferentes grupos etários, e espaços menos compactos e lineares, como o Parque do Sétimo Céu, tende a segregar os indivíduos pela idade que possuem.

Percebeu-se ainda que, quanto maior a variedade de atividades e equipamentos de lazer ofertados, mais diversificadas as faixas etárias presentes nos parques, como se observou no Parque da Gare. Contudo, apesar dos locais oferecerem oportunidades de lazer semelhantes, com qualidade estética e níveis de manutenção também similares, apresentaram usuários de faixas etárias e hábitos de lazer diferentes, regidos inclusive pela função a que o parque se destina, e ainda, determinando a intensidade de uso e o tempo de permanência.

A atratividade dos parques em relação ao grupo de crianças se mostrou mais intensa em locais mais compactos morfologicamente, possivelmente pela sensação de segurança que tal característica confere ao espaço público, como o Parque do Banhado e o Parque da Gare.

Ainda, as crianças procuram se apropriar de locais com atividades voltadas ao brincar, com playground e brinquedos diversificados que despertem sua curiosidade e possibilidade de movimentação. Nessa perspectiva, pôde-se constatar o quanto a pouca variedade de equipamentos limita a diversidade de faixas etárias, como acontece no Parque do Banhado, que disponibiliza apenas o playground, definindo majoritariamente seu público em crianças com idade inferior a 10 anos com seus adultos.

A atratividade em relação ao grupo de jovens se mostrou mais significativa em locais que possuem atividades e equipamentos setorizados que despertam seu interesse, como esportes e jogos, onde possam se reunir de forma mais privada com seus semelhantes, como se verificou no Parque do Sétimo Céu e no Parque da Gare.

Já os adultos estão igualmente presentes nos espaços públicos analisados, compondo sua maioria, e prezam mais pelo conforto que os jovens, buscando passeios mais passivos, locais para descanso, áreas sombreadas para sentar e atividades de recreação para levar seus filhos. Também, os adultos tendem a ocupar os locais de forma mais distribuída e exploratória em relação à apropriação espacial, por outro lado, os idosos, buscam locais mais periféricos com menor agitação, apenas para contemplar o movimento, como se identificou no Parque da Gare.

De modo geral, corroborou-se a constatação de que jovens adultos (26 a 40 anos) constitui a faixa etária mais atraída para procura, uso e apropriação dos locais pesquisados e, portanto, pode-se dizer que é o grupo etário que possui os maiores níveis de satisfação com os parques requalificados, bem como, com a vida pública urbana. Dentre os parques, identificou-se que a influência das características analisadas na atratividade das faixas etárias encontra-se potencialmente presente no Parque da Gare, como apresenta o Quadro 29.

Quadro 29 – Influência de características específicas na atratividade das faixas etárias e apropriação dos parques analisados.

Parques	Parque Banhado da Vergueiro				Parque do Sétimo Céu				Parque da Gare			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Faixa etária predominante	X		X			X	X		X	X	X	
Localização			X			X	X		X	X	X	X
Composição formal	X		X	X		X	X		X	X	X	X
Características do entorno										X	X	X
Atividades e equipamentos	X		X		X	X	X		X	X	X	X
Característica funcional	X		X			X	X		X	X	X	X
Intensidade de uso	X		X				X		X	X	X	
Tempo de permanência			X			X			X	X	X	
TOTAL POR FAIXA ETÁRIA	5	0	7	1	1	6	6	0	7	8	8	5
SOMATÓRIO DA VARIEDADE DE FAIXAS ETÁRIAS	13				13				28			
<i>Legenda: (1) Crianças (2) Jovens (3) Adultos (4) Idosos</i>												

Fonte: Autora (2017).

Portanto, compreendeu-se que, a renda e a escolaridade dos usuários afetam a percepção dos espaços públicos, determinando a intensidade de uso, os padrões de deslocamento e de permanência nos momentos de lazer. Em síntese, os indivíduos com maior renda e, conseqüentemente, maior escolaridade, tendem a se deslocarem mais em busca de espaços qualificados, mostrando-se mais satisfeitos com os parques requalificados da cidade e permanecendo por mais tempo, o que confirma maior atratividade e apropriação dessa parcela socioeconômica, especialmente em relação ao Parque da Gare.

Além disso, observou-se a influência das necessidades específicas dos usuários de cada faixa etária na forma de apropriação dos espaços públicos estudados. A oferta de equipamentos e atividades, a localização, a diversidade do entorno, a morfologia e a funcionalidade dos parques, demonstraram atrair determinados segmentos de público, sendo que, quanto mais variadas forem as ofertas e dinâmicas urbanas existentes, mais variadas serão as faixas etárias atraídas, como se percebeu no Parque da Gare. Assim, a natureza social mostrou-se relevante para que o indivíduo decida se determinados espaços são satisfatórios e atendem as suas expectativas de lazer e recreação.

4.4.2 Apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de elementos atratores para futuras intervenções em espaços públicos

Com base nas análises efetuadas acerca dos espaços públicos requalificados para o lazer na cidade de Passo Fundo/RS, pôde-se constatar a adequabilidade dos aspectos investigados quanto à qualidade e ao desempenho dos parques, além da sua influência no potencial de atratividade quanto ao uso e apropriação por parte do usuário.

A partir dos resultados aferidos relacionados aos elementos físicos, formais, funcionais e perceptivos/comportamentais, somados às correlações estabelecidas, pôde-se determinar algumas diretrizes para o planejamento e implementação de atratores para novas intervenções em espaços públicos, tanto para Passo Fundo/RS quanto para demais municípios de médio porte.

Segue a lista com a proposta de diretrizes apoiada nos pontos positivos e negativos apurados pela pesquisa:

- 1) Manutenção, conservação e limpeza periódicas;
- 2) Acessibilidade e conexões internas e com o entorno, tanto físicas quanto visuais;
- 3) Deslocamentos facilitados (vias, passeios públicos, ciclovias, transporte público direto, caminhos internos);
- 4) Lugares suficientes e confortáveis para sentar, distribuídos espacialmente;
- 5) Áreas sombreadas e áreas ensolaradas suficientes, distribuídas espacialmente e conectadas com os caminhos e lugares para sentar;
- 6) Possibilidade de manipulação e arranjo personalizado de mobiliário urbano por parte do usuário;
- 7) Adequação da localização à proposta formal e funcional do espaço, e vice-versa;
- 8) Adequação dos índices urbanísticos municipais ao local de implantação e proposta funcional do espaço;
- 9) Diversidade de atividades e equipamentos ofertados (lazer ativo e passivo), distribuídos e conectados espacialmente;
- 10) Disponibilidade de equipamentos e mobiliário direcionados a portadores de necessidades especiais e idosos;
- 11) Iluminação noturna suficiente e adequada;
- 12) Promoção de eventos diurnos e noturnos;

- 13) Aproximação da história da região, valores locais, cultura e arte ao espaço;
- 14) Multifuncionalidade e identificação com o local;
- 15) Gestão municipal constante;
- 16) Pesquisas de opinião e entrevistas com os usuários e futuros usuários, no caso de espaços públicos a serem requalificados ou implantados.

5 CONCLUSÕES

Neste capítulo são apresentadas as conclusões finais da pesquisa, contemplando os resultados dos objetivos propostos, pautados na síntese e discussão das análises gerais efetuadas. No decorrer, são expostas as limitações e relevâncias da pesquisa, juntamente com a indicação de recomendações para a realização de trabalhos futuros.

5.1 Conclusões da pesquisa

O estudo realizado ponderou sobre os potenciais de atratividade para o uso e apropriação de três espaços públicos recentemente requalificados para o lazer na cidade de Passo Fundo/RS, o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro, o Parque Linear do Sétimo Céu e o Parque da Gare. Essa investigação permitiu caracterizar o ambiente construído através de levantamento bibliográfico, de arquivo, físico e de análise, contribuindo para a compreensão da atual realidade desses espaços públicos. Os múltiplos métodos de coleta e análise de dados possibilitaram a complementaridade entre os resultados obtidos, aumentando a compreensão e a validação da investigação.

O primeiro objetivo específico da pesquisa, que compreendeu a caracterização dos espaços públicos quanto à evolução e estruturação urbana, possibilitou compreender a história de formação do município em relação à quantidade e qualidade das áreas verdes, especialmente os espaços públicos destinados ao lazer, como praças e parques. Através do levantamento bibliográfico, constatou-se que, a localização e distribuição dos espaços verdes da cidade encontram-se, em sua maioria, na região central, fato que pouco se diferencia desde a estruturação e expansão urbana. As áreas periféricas não apresentam quantidades suficientes de áreas verdes potencialmente qualificadas para uso da população, permanecendo muitas vezes, espaços abandonados e subutilizados.

Através dessa caracterização referente às áreas verdes, percebeu-se que, a problemática que envolve o planejamento urbano de espaços públicos remonta períodos históricos de formação da cidade de Passo Fundo/RS. No momento em que o poder público não oferta espaços com qualidade e quantidade suficiente para toda a população, não há o estímulo ao uso e à apropriação de um ambiente urbano que deveria ser genuinamente democrático, e ao mesmo tempo, fazer parte da identidade do cidadão.

O segundo objetivo específico da pesquisa analisou, com base nos levantamentos físicos e nas averiguações técnicas efetuadas nos três espaços públicos requalificados para o lazer, a qualidade dos elementos que afetam a atratividade em relação aos aspectos físicos construídos e naturais, as características morfológicas e do entorno imediato, e as características funcionais e de uso. Os resultados obtidos possibilitaram a identificação dos fatores que interferem no potencial de atratividade, e conseqüentemente, definem a dinâmica de apropriação de cada espaço.

Em relação aos elementos físicos construídos e naturais, verificou-se que, os atratores mais relevantes que envolvem os três parques, correspondem às questões relacionadas ao deslocamento como, diversidade no uso da pavimentação, às estratégias em função da mobilidade e acessibilidade, à sinalização e comunicação visual, como também, à existência de vegetação, à oferta de equipamentos de lazer e esportes e à presença de edificações de apoio. Percebeu-se que a qualificação de tais elementos está relacionada principalmente à boa conservação, à quantidade compatível com a demanda de procura e uso, e ao apelo estético e de conforto.

Quanto às características morfológicas e do entorno imediato, verificou-se que, não há um equilíbrio de atratores envolvendo os três parques. Parte disso é resultado da diferente estruturação urbana ao longo da história do município, que conseqüentemente influenciou a formação dos diferentes bairros, no parcelamento do solo e na construção viária, bem como, pela caracterização do zoneamento que interfere nos índices urbanísticos. Apesar do desequilíbrio na atratividade dos parques apresentado, pode-se dizer que os potenciais atratores correspondem à estrutura formal do próprio espaço público, à hierarquia e fluxos viários e, principalmente, ao uso (diversidade) e ocupação (densidade) do solo.

No que diz respeito às características funcionais e de uso, verificou-se que, os atratores mais significativos que envolvem os três parques, correspondem principalmente ao aspecto social, que condiz à função recreativa, presente em todos os espaços públicos, seguido dos aspectos ecológico e estético.

O terceiro objetivo específico da pesquisa avaliou, fundamentado nos questionários aplicados e nas observações comportamentais, o desempenho dos espaços públicos com base na percepção e no comportamento dos usuários. Os resultados atingidos permitiram apontar

os fatores que influenciam no potencial de atratividade e determinam a intensidade de uso e os níveis de satisfação dos frequentadores.

No tocante aos aspectos perceptivos e comportamentais, verificou-se que, os usos e atividades ofertadas, os benefícios e melhorias promovidas pelos parques, a qualidade dos elementos presentes somada a sua manutenção e conservação, além dos atributos estéticos e sensação de segurança, constituíram maior significância na atratividade para uso e apropriação dos espaços públicos analisados.

Cada aspecto verificado individualmente produziu um resultado específico para a atratividade dos parques apresentados, apoiado na atribuição do grau de atratividade. No entanto, para melhor compreensão do potencial atrativo que os espaços públicos exercem nos moradores de uma cidade, foi necessário confrontar dados significativos para determinar a real adequabilidade dos elementos presentes nesses espaços, e como de fato influenciam os usuários ao uso, à apropriação e à permanência.

Nessa perspectiva, o quarto objetivo específico da pesquisa aferiu, baseado na correlação dos aspectos que influenciaram a atratividade e a intensidade de uso dos parques, a adequabilidade dos elementos propostos quanto ao potencial atrativo, e apresentou diretrizes para o planejamento e implementação de atratores para novas intervenções em espaços públicos.

Através das correlações estabelecidas, constatou-se que, a facilidade de acesso e a localização de um espaço público constituem fortes atratores, independente do deslocamento a ser realizado para frequentar locais mais qualificados, como afirmaram Whyte (2009) e Serpa (2007), e ainda, reforçando a premissa de Gehl (2015) sobre a relevância da qualidade espacial sobre as distâncias percorridas, isto é, quando espaços públicos são pobres em qualidade, somente o básico acontece, mas quando possuem qualidades diferenciadas, uma ampla gama de atividades pode acontecer, porque o lugar e a situação convidam as pessoas à participação.

Ficou comprovado que, a localização de um espaço público em áreas densamente ocupadas e com maior variedade na oferta de comércio e serviços, garante maior intensidade de uso e permanência do que em áreas estritamente residenciais, como alegaram Serpa (2007) e Whyte (2009), bem como, assegurando Jacobs (2000) quando afirma que, maior densidade e diversidade de usos colabora na sustentação econômica e social urbana, e as pessoas tendem a

usar mais e a ficar mais tempo nos espaços públicos, contribuindo para a vitalidade do entorno e da cidade, bem como, para a segurança do local.

Ficou estabelecido que, a variedade de atividades e equipamentos ofertados é determinante para a intensidade de uso e diversidade de usuários, como indicaram Carr *et al.* (1992) e Whyte (2009), ou seja, quanto maior a variedade de atividades, maior a quantidade e a diversidade de indivíduos pertencentes a diferentes grupos com naturezas sociais específicas. Também foi constatado que, o tipo de atividade é muito importante para a intensidade de uso, bem como, a disposição espacial dos elementos ofertados, influenciando positivamente nos níveis de integração e potencializando o movimento, como definiram Rigatti (2002) e Whyte (2009), e ainda, estimulando a acessibilidade, como apontaram Santos (1987) e Serpa (2007).

Os resultados confirmaram que, manutenção adequada e qualidade estética colaboram para a imagem de prestígio de certas áreas, como também, para a percepção de segurança nos espaços públicos, interferindo positivamente na procura e nos níveis de satisfação dos usuários, como afirmaram Gehl (2015) e Lynch (1997), independentemente das distâncias a serem percorridas para usufruírem de locais mais qualificados, porém, não foram determinantes para a intensidade de uso e apropriação.

Foi atestado que, os aspectos relacionados ao conforto apresentaram forte apelo atrativo, como a presença de bancos e vegetação. A oferta de espaços para sentar em quantidade suficiente e em arranjos que gerem conforto possibilitando relações sociais em grupo, conforme recomendado por Whyte (2009) e Carr *et al.* (1992), bem como, a necessidade de áreas sombreadas para conforto ambiental, contato com a natureza e qualidade visual de ambientes urbanos, como sugere Mascaró (1996) e Lynch (1997), é decisivo para o estímulo à permanência em um espaço público, e, no entanto, tais adequações não foram verificadas nos parques pesquisados, apesar de não interferirem na procura e uso dos locais.

Foi constatado que, a localização de um espaço público em bairros mais periféricos tende a reduzir a atratividade e a intensidade de uso. No entanto, esses espaços descentralizados costumam ser mais utilizados por moradores do entorno que, geralmente, possuem menor nível socioeconômico e menores possibilidades de deslocamento para outros locais de lazer público, corroborando Serpa (2007) quando afirma que, entre indivíduos de

menor renda, os problemas referentes às dificuldades de acesso podem fazer com que se sintam desmotivados para realizarem maiores deslocamentos.

As deliberações da pesquisa acordam os argumentos de Santos (1987), quando defende que, o espaço público é ocupado de formas diferentes em função da classe de renda em que se estratifica a sociedade, e mesmo os espaços apontados como mais democráticos, tendem a se dividir internamente em grupos sociais. Nessa perspectiva, o fator econômico mostrou-se significativo na disposição do tempo livre para a busca de lazer em espaços públicos, confirmando o que sugeriu Marcellino (1983) e Carr *et al.* (1992), pois, como os resultados indicaram, quanto menor a renda do indivíduo, mais frequente é o hábito de utilizar espaços públicos próximos do seu bairro, enquanto que, indivíduos com maior renda tendem a se deslocar mais para escolher e usufruir de tais ambientes, além de participar mais da vida pública. Também, os usuários com menor escolaridade, que nesse estudo coincidiu com os de menor renda, apresentaram menor intensidade de uso e menor tempo de permanência nos espaços públicos.

Foi demonstrado que, a diversidade de faixas etárias é maior nos espaços públicos que apresentam maior variedade de atividades, e, portanto, vai de encontro ao que sugere Whyte (2009) quando declara que, o tipo de equipamento disponibilizado nos espaços de lazer pode definir as faixas etárias dos usuários. Além dos equipamentos e atividades ofertados, foi identificado que, a localização, a diversidade do entorno, a forma e a função dos espaços podem influenciar na atração de determinado público.

Notadamente a imagem anteriormente negativa referente aos espaços públicos analisados foi revertida através das requalificações realizadas somadas à gestão pública. Por consequência, os parques qualificados e disponibilizados à população de Passo Fundo passaram a ter uma importância maior entre os usuários, em função das novas relações estabelecidas, advindas da imagem positiva que passaram a carregar, mesmo que não sejam tão intensamente utilizados. À vista disso, como reitera Whyte (2009), ainda que o uso seja uma forma de medir o sucesso de um espaço público, o uso intenso, não necessariamente, afeta a importância dada a ele.

Da mesma forma, a atratividade e satisfação com o espaço público encontram-se intrinsecamente ligadas ao grau de atendimento das necessidades dos usuários, quer dizer, mesmo um espaço qualificado fisicamente, formalmente e funcionalmente, pode ser

percebido como atrativo e satisfatório por alguns indivíduos e não para outros, pois o parecer positivo ou negativo também está sujeito às características e necessidades de cada indivíduo, como defende Silva (2009).

Perante as análises técnicas e perceptivas/comportamentais, somadas às correlações realizadas, constatou-se que, o parque que possui mais atributos atratores para uso e apropriação é o Parque da Gare. Porém, cada espaço público possui particularidades que determinam seu poder atrativo, refletindo uma realidade própria. No entanto, esta realidade, que corresponde a sua caracterização, a um bairro ou a um entorno específico, possui ligação com o restante da cidade e, conseqüentemente, participa das suas transformações. Inevitavelmente, os três parques analisados trouxeram, através da sua requalificação, modificações urbanas mediante um planejamento estratégico positivo, tornando espaços públicos antes não utilizados por parte da população, potencialmente e concretamente atrativos.

Dessa forma, o estudo da atratividade dos espaços públicos recentemente requalificados para o lazer na cidade em estudo corrobora a importância e a necessidade de discutir o planejamento urbano com foco na identificação dos aspectos relevantes que influenciam a dinâmica de apropriação desses locais, fornecendo subsídios para os gestores da cidade, de forma a promover maior qualidade, além de ampliar as possibilidades de uso em função da atração que exercem aos usuários.

Nesse sentido, complementando o quarto objetivo específico, propôs-se, com base no conjunto de resultados alcançados ao longo da pesquisa, a apresentação de diretrizes para o planejamento e implementação de elementos atratores para futuras intervenções em espaços públicos. Dentre as indicações lançadas, destacaram-se as questões relacionadas aos deslocamentos e acessibilidade física e visual; quantidade e distribuição espacial de bancos e áreas sombreadas; localização e a adequação à proposta formal e funcional; diversidade de atividades e equipamentos ofertados; manutenção constante.

5.2 Recomendações para trabalhos futuros

O entendimento dos elementos e características que influenciam a percepção do potencial de atratividade e apropriação dos espaços públicos requalificados para o lazer constitui um exercício laborioso, que requer múltiplos métodos para englobar todos os aspectos investigativos advindos da literatura.

Diversos dados foram coletados e analisados na pesquisa, contudo, nem todas as correlações puderam ser efetuadas, tanto por falta de tempo, quanto por limitações referentes a métodos específicos de análise de dados. Também, o pouco tempo disponível impossibilitou a realização de entrevistas de cunho subjetivo com os usuários, que certamente trariam maior detalhamento acerca das formas de apropriação e da natureza social, bem como, o conhecimento da opinião dos planejadores urbanos municipais que, através de entrevistas diretas, trariam um enriquecimento ao trabalho em termos de gestão e qualificação urbana.

Apesar das limitações expostas, pode-se dizer que, os procedimentos metodológicos utilizados possibilitaram, através da correlação dos aspectos físicos, formais e funcionais com a percepção dos usuários e observações comportamentais, a compreensão e a descrição da realidade analisada, mostrando-se adequados quanto aos objetivos traçados e, portanto, podendo ser replicada em situações similares de investigação. Ressalta-se que, reproduções da pesquisa para outros locais devem ser cuidadosas, devido às especificidades socioculturais dos usuários e às características físico-espaciais e socioeconômicas das cidades a serem investigadas.

Por ser uma área temática em contínua evolução, considera-se importante dar continuidade nos estudos relacionados à atratividade e apropriação de espaços públicos, utilizando tanto a metodologia empregada, quanto os resultados obtidos nessa pesquisa, como forma de favorecer o planejamento urbano de locais destinados ao lazer mais qualificados e atrativos. Para tanto, recomenda-se que:

- 1) A metodologia de análise adotada seja repetida em novos estudos sobre atratividade e apropriação de espaços públicos, não apenas em municípios de médio porte, mas também em pequenas e grandes cidades, fortalecendo a valorização dos espaços públicos e sua importância na oferta de lazer e bem-estar gratuitos e inclusivos, além da promoção de qualidade urbana;
- 2) Realizem-se entrevistas diretas e subjetivas com os frequentadores dos locais, a fim de se obter um aprofundamento nas informações relativas à percepção e comportamento, e dessa forma, ampliar a compreensão das formas de apropriação para poder estabelecer melhores propostas de intervenção, direcionadas a quem, muitas vezes, são os protagonistas pelo êxito do lugar, ou seja, os usuários;
- 3) Façam-se entrevistas com os gestores municipais responsáveis pelo planejamento urbano e requalificação de espaços públicos de lazer para melhor compreensão das

propostas e processos efetuados, além dos reais problemas e potencialidades existentes;

- 4) Sugere-se realizar uma nova pesquisa para reavaliar a atratividade dos espaços públicos requalificados em Passo Fundo/RS a médio e longo prazo, uma vez que o tempo de entrega e uso dos parques ao dar início ao presente trabalho foi de apenas um ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, M. Z. A. de. **Espaços livres públicos inseridos na paisagem urbana: memórias, rugosidades e metamorfoses**. 2006. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- ALMEIDA, A. L. B. S. S. L. O valor das árvores: árvores e floresta urbana de Lisboa. Tese de Doutorado em Arquitectura Paisagista. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2006.
- AMARAL, R. **Estilos de vida**. Disponível em: www.aguaforte.com/antropologia/estilo.htm. Acesso em: 29 Abr, 2008.
- ARAÚJO, L. M. F. de. **Avaliação de espaços públicos: o caso de duas praças no concelho de Caminha**. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia), Universidade do Minho, Portugal, 2007.
- ÁVILA, S. **A cidade como personagem no cinema**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2011.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Perfil do Município de Passo Fundo, RS**, 2013. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/passofundo_rs. Acesso em: 10 Out, 2016.
- BARATA, P. A globalização e seus impactos na estrutura urbana: a formação da cidade pós-industrial. **Khóra, Revista Transdisciplinar**, v. 2, n. 3, 2015.
- BARCELLOS, V. Q. **Os parques como espaços livres públicos de lazer: o caso de Brasília**. 1999. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo: Paisagem e Ambiente), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- BENEDET, M. S. *et al.* Produção do espaço público: uma avaliação sob o ponto de vista do usuário. In: 1º Congresso Internacional Espaços Públicos, 19-22 Outubro, 2015, Porto Alegre. **Anais do 1º Congresso Internacional Espaços Públicos**. EDIPUCRS, 2015.
- BENETTI, L. F. **Áreas verdes urbanas: um estudo de caso em Passo Fundo-RS**. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia: Infraestrutura e Meio Ambiente), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013.
- BENEVOLO, L. **História da cidade**. 3. ed. São Paulo – SP: Perspectiva, 1999.
- BESTETTI, M. L. T. Ambiência: Espaço físico e comportamento. **Revista Bras. Geriatr. Gerontol.**, 17 (3), p. 601-610, 2014.
- BEZERRA, A. M. M.; CHAVES, C. R. C. Revitalização urbana: entendendo o processo de requalificação da paisagem. **Revista do CEDS – Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB**, n. 01, 2014.
- BORJA, J.; MUXI, Z. **El Espacio Público: Ciudad y Ciudadania**. Barcelona: Electa, 2001.

BRANDÃO, P. **A identidade dos lugares e a sua representação coletiva**: bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público. Lisboa: Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2008.

BRUNDTLAND REPORT. **Report of the World Commission on Environment and Development**: Our Common Future. United Nations. US, 1987. Disponível em: <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>. Acesso em: 19 Nov, 2016.

CAMPOS, A. C. de A. *et al.* **Sistemas de espaços livres: conceitos, conflitos e paisagem**. São Paulo - SP: FAUUSP, 2011.

CARR, S. *et al.* **Public Space**. New York – NY: Cambridge University Press, 1992.

CARNEIRO, A. R. S.; MESQUITA, L. B. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife-Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CCRN. **Glossário de termos**: ordenamento do território, ambiente, patrimônio cultural e reabilitação urbana. MEPAT – CCRN. Porto, 1998.

CIDADES SUSTENTÁVEIS. **Apresentação Institucional**. Programa Cidades Sustentáveis, 2016. Disponível em: <http://www.cidadessustentaveis.org.br/institucional>. Acesso em: 19 Nov, 2016.

CIDADES SUSTENTÁVEIS. **Metas de sustentabilidade para os municípios brasileiros (indicadores e referências)**. Programa Cidades Sustentáveis, 2012. Disponível em: <http://www.cidadessustentaveis.org.br/downloads/publicacoes/publicacao-metas-de-sustentabilidade-municipios-brasileiros.pdf>. Acesso em: 19 Nov, 2016.

CORONA, E.; LEMOS, C. A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo – SP: Companhia das Artes, 1998.

COSGRAVE, D. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2008.

DARODA, R. F. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea**. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DGOTDU. **Vocabulário urbanístico**. DGOTDU. Lisboa, 1998.

DUARTE, C. R. *et al.* Uma ambiência urbana à luz do conceito de “Empatia Espacial”: A Pedra do Sal no Rio de Janeiro. In: 1º Congresso Internacional Espaços Públicos, 19-22 Outubro, 2015, Porto Alegre. **Anais do 1º Congresso Internacional Espaços Públicos**. EDIPUCRS, 2015.

ELALI, G. A. **Relações entre comportamento humano e ambiência**: uma reflexão com base na psicologia ambiental, 2008. Disponível em: <http://0602.nccdn.net/000/000/04e/cb0/Artigo-GLEICE-ELALI-FULL.pdf>. Acesso em: 31 Out, 2016.

EVERS, H. **Nossa cidade**: o papel do espaço público na vida urbana, 2015. Disponível em: <http://thecityfixbrasil.com/2015/05/06/nossa-cidade-o-papel-do-espaco-publico-na-vida-urbana/>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

FARRET, R. L. *et al.* **O espaço da cidade**: contribuição à análise urbana. São Paulo – SP: Parma, 1985.

FAVACCHIO, A. R. **O Planejamento do espaço público e a qualidade das cidades**. 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Urbano), Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, 2002.

FERNANDES, I. N. C. C. **Requalificação do espaço público urbano**: caso de estudo Bairro Olival de Fora. 2012. 85 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagística), Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, 2012.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro – RJ: Nova Fronteira, 2003.

FERREIRA, A. D. **Efeitos positivos gerados pelos parques urbanos**: o caso do Passeio Público da cidade do Rio de Janeiro. 2007. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

FERRETTO, D. **Passo Fundo**: estruturação urbana de uma cidade média gaúcha. 2012. 176 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Planejamento Urbano e Regional). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FIGUEIREDO, L. L.; LEONELLI, G. C. V. Radiografias Urbanas: uma metodologia para leitura de espaços públicos. In: 1º Congresso Internacional Espaços Públicos, 19-22 Outubro, 2015, Porto Alegre. **Anais do 1º Congresso Internacional Espaços Públicos**. EDIPUCRS, 2015.

FRANCISCO, M. D. **Espaço público urbano**: oportunidade de identidade urbana participada. Disponível em: http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf. Acesso em: 18 Out, 2016.

FRIEDRICH, D. **O parque linear como instrumento de planejamento e gestão das áreas de fundo de vale urbanas**. 2007. 273 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GAETE, C. M. **LandArchs elege os dez melhores parques em torno de rios urbanos**, 2015. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/765845/os-melhores-parques-em-torno-de-rios-urbanos-segundo-landarchs>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GATTI, S. **Espaços públicos**: diagnóstico e metodologia de projeto. Coordenação do Programa Soluções para Cidades. São Paulo, ABCP, 2013.

GEHL, J. **Cidades para Pessoas**. Trad. de Anita Di Marco. 3 ed. São Paulo – SP: Perspectiva, 2015.

GIESBRECHT, R. M. **Estações Ferroviárias do Brasil**, 2014. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_marcelino-stamaria/passo.htm. Acesso em: 05 Mar. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, P. C. C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOOGLE IMAGENS. **Ágora Grega**. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra26/agora.htm>. Acesso em: 16 Jan, 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Áreas verdes em Brasília**. Disponível em: <https://helenadegreas.wordpress.com/2010/02/22/pracas-no-brasil-alguns-conceitos-preliminares-2/>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Central Park**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=central+park>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Cidade Jardim - Ebenezer Howard**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=cidade+jardim>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Fórum Romano**, 2012. Disponível em: <https://hectorsaurio.files.wordpress.com/2012/06/foro-vista-dibujo.jpg>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Jardim Francês – Versalhes**. Disponível em: <http://multiplosestilos.blogspot.com.br/2010/04/os-jardins-de-versalhes.html>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Jardim Inglês**. Disponível em: <http://blogdecoracao.biz/8-modelos-de-jardins/>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Paisagens da Revolução Industrial**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/revolucao-industrial/>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Parque do Flamengo – Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?parquedoflamengoriodejaneiro>. Acesso em: 17 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Parque do Ibirapuera – São Paulo**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?parquedoibirapuerasãopaulo>. Acesso em: 17 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Passeio Público, Campo do Santana e Jardim Botânico no Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?parquesnoriodedejaneiro>. Acesso em: 17 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Planos urbanísticos de Paris**. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/05-plano-de-paris>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

GOOGLE IMAGENS. **Praça Medieval e Praça Renascentista**. Disponível em: <http://ipiu.org.br/pesquisas/espacos-publicos/a-praca-o-espaco-publico-da-sociabilidade/>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

HAAS, K. E. **Espaços abertos**: indicadores da apropriação interna e a adaptação dos usos do entorno. 2000. 248 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

HALPRIN, L. **Cities**: revised edition. Cambridge: The MIT Press, 1972.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 18 Set, 2016.

IBGE-PASSO FUNDO. **Resultados do universo do Censo Demográfico 2010**: Agência Passo Fundo/RS, 2010.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2000.

JARDIM, R. M. **Revitalização de espaços urbanos ociosos como estratégia para a sustentabilidade ambiental**: o caso do High Line Park no contexto do PlaNYC. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

KAPLAN, R; KAPLAN, S.; RYAN, R. **With people in mind**: design and management of everyday nature. Washington: Esland Press, 1989.

KLIASS, R. G. **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo – SP: Pini, 1993.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LANG, J. **Creating architectural theory**: the role of the behavioral sciences in environmental design. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

LAURIE, M. **Introducción a la arquitetura del paisaje**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 1983.

LEITÃO, L (Org.). **As praças que a gente quer**: manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Prefeitura Municipal de Recife, 2002.

LIMA, A. M. L. P. *et al.* Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: 2º Congresso Brasileiro de Arborização Urbana, 18-24 Setembro, 1994, São Luis. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Arborização Urbana**. 1994.

LYNCH, K. **A Boa Forma da Cidade**. Trad. de Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1981.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo – SP: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, S. S. Espaços Livres. **Revista Paisagem e Ambiente: ensaios**. n. 07, p. 15-56, 1995.

MACEDO, S. S. **Paisagismo brasileiro na virada do século - 1990-2010**. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2012.

- MACEDO, S. S. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo – SP: Coleção Quapá, 1999.
- MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo - SP: EdUSP, 2002.
- MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo – SP: EdUSP, 2003.
- MAGNOLI, M. Em busca de “outros” espaços livres de edificação. **Revista Paisagem e Ambiente: ensaios**, n. 21, p. 141-174, 2006.
- MAGNOLI, M.. **Espaços livres e urbanização**: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. 1982. Tese (Livre-Docência), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- MALAMUT, M. **Paisagismo**: projetando espaços livres. Lauro de Freitas – BA: Livro.com, 2014.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas – SP: Papyrus, 1983.
- MARTINS, J. R. S. **PHA 2537 Água em ambientes urbanos – Uso de técnicas urbanísticas para mitigação da impermeabilização**: parques lineares. 2015.
- MASCARÓ, J. J.; BONATTO, D. A. M. O sistema de espaços livres de Passo Fundo-RS: escassez e descontinuidade. In: IX Colóquio Quapá SEL – Forma urbana contemporânea brasileira: espaços livres e edificados, produção e apropriação, 26 a 30 Agosto, 2014, Vitória. **Anais do IX Colóquio Quapá SEL**. 2014.
- MASCARÓ, L. **Ambiência urbana**. Porto Alegre – RS: Sagra D. C. Luzzatto, 1996.
- MATOS, F. L. de. Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades: o caso da cidade do Porto. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 2, n. 4, p. 17-33, 2010.
- MATTOS, K. A.; CONSTANTINO, N. R. T. Espaços livres urbanos e cidade: produção e gestão. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 03, n. 16, p. 86-103, 2016.
- MAZZEI, K. *et al.* Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer. **Revista Sociedade & Natureza**, v. 19, n. 01, p. 33-43, 2007.
- MELO, E. F. R. Q. *et al.* Gestão da arborização e do paisagismo: uma análise do Parque Linear do Sétimo Céu em Passo Fundo, RS. In: 4º Colóquio Ibero-Americano – Paisagem cultural, patrimônio e projeto, 26 a 28 Setembro, 2016, Belo Horizonte. **Anais do 4º Colóquio Ibero-Americano. 2016**.
- MELO, E. F. R. Q.; CARASEK, M. Parques urbanos: histórico e preservação do Parque Ambiental do Banhado da Vergueiro, em Passo Fundo, RS. In: 4º Colóquio Ibero-Americano – Paisagem cultural, patrimônio e projeto, 26 a 28 Setembro, 2016, Belo Horizonte. **Anais do 4º Colóquio Ibero-Americano. 2016**.
- METZGER, J. P. **O que é ecologia de paisagens?** Laboratório de Ecologia da Paisagem e Conservação – LEPAC. Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências, USP, 2001.
- MIRANDA, M. M. S. **O papel dos parques urbanos no sistema de espaços livres de Porto Alegre-RS**: uso, forma e apropriação. 2014. 424 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e

Urbanismo: Cultura, Paisagem e Ambiente Construído), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MOHR, U. S. **Os grandes espaços do lazer urbano**: arquitetura dos parques públicos. 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MOREIRA, G. Requalificação urbana: alguns conceitos básicos. **Revista Art Textos**, n. 05, 2007.

MOURA, D. *et al.* A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo. **Revista Cidades – Comunidades e Territórios**, n. 12/13, p. 15-34, 2006.

NOGUEIRA, J. E. **La ordenation urbanística**: conceptos, herramientas y prácticas. Barcelona: Electra, 2003.

OLIVEIRA, L. A. de. **O papel da praça na cidade**: aspectos ambientais, de uso e percepção. 2005. 266 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia: Infraestrutura e Meio Ambiente), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.

OLIVEIRA, L. A. de; MASCARÓ, J. J. Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer. **Ambiente Construído**, v. 7, n. 2, p. 59-69, 2007.

ONU-HABITAT – Programa de las Naciones Unidas para los Asentamientos Humanos. **Guía de diseño del espacio público seguro, incluyente y sustentable**. Disponível em: http://www.onuhabitat.org/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=356&Itemid=67. Acesso em: 09 Nov, 2016.

ORNSTEIN, S. W. **Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído (APO)**. São Paulo – SP: Studio Nobel: EDUSP, 1992.

ORNSTEIN, S. W.; ONO, R. **Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído**. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/disciplinas-pos-graduacao/avaliacao-pos-ocupacao-apo-do-ambiente-construido/>. Acesso em: 07 Nov, 2016.

PAIVA, H. N.; GONÇALVES, W. **Árvores para o ambiente urbano**. Viçosa – MG: Aprenda Fácil, 2002.

PANZINI, F. **Projetar a natureza**: arquitetura das paisagens e dos jardins desde as origens até a época contemporânea. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2013.

PARTIDÁRIO, M. R. **Indicadores de qualidade do ambiente urbano**. Direcção-Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Lisboa, 2000.

PMPF – Prefeitura Municipal de Passo Fundo. **PDDI - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado**. Lei complementar nº 170/2006

PMPF – Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Disponível em: <http://www.pmpf.rs.gov.br/>. Acesso em: 10 Out, 2016.

PMPF – Prefeitura Municipal de Passo Fundo/UPF – Universidade de Passo Fundo. **PMSB - Plano Municipal de Saneamento Básico de Passo Fundo – RS**, 2014. Disponível em: <http://pmsb.upf.br/images/relatoriiodiagnostico-parte1.pdf>. Acesso em: 09 Jul, 2017.

- POLETTE, M. Paisagem: Uma reflexão sobre um amplo conceito. **Revista Turismo - Visão e Ação**, n. 03, ano 02, p. 83-94, 1999.
- PREISER, W.; WHITE, E.; RABINOWITZ, H. **Post-occupancy evaluation**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1988.
- PRETO, M. H. de F. **Sistema de espaços livres públicos**: uma contribuição ao planejamento local. 2009. 273 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Paisagem e Ambiente), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum Technology**, v. 33, n. 02, p. 123-127, 2011.
- RHEINGANTZ, P. A. *et al.* **Avaliação Pós-Ocupação**. Disponível em: http://www.fau.ufrj.br/prologar/assets/arq_80_iabrij_apo.pdf. Acesso em: 07 Nov, 2016.
- RHEINGANTZ, P. A. *et al.* **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro – RJ: PROARQ, 2009.
- RIGATTI, D. **Um estudo do espaço público**: um estudo sobre o centro de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Departamento de Urbanismo, 1993.
- RIGATTI, D. Loteamentos, expansão e estrutura urbana. **Revista Paisagem e Ambiente: Ensaios**, n. 15, p. 35-69, 2002.
- ROSENFELD, K. **ARCHDAILY – Um passeio pelo High Line com Iwan Baan**, 2014. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/627644/um-passeio-pelo-high-line-com-iwan-baan>. Acesso em: 19 Jan. 2016.
- SANCHES, P. M. **De áreas degradadas a espaços vegetados**: potencialidades de áreas vazias, abandonadas e subutilizadas como parte da infraestrutura verde urbana. 2011. 296 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Paisagem e Ambiente), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo – SP: Nobel, 1987.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo – SP: EDUSP, 2002.
- SCALISE, W. Parques urbanos: evolução, projetos, funções e uso. **Revista Assentamentos Humanos**, v. 01, p. 17-24, 2002.
- SCHLEE, M. B. *et al.* Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras: um debate conceitual. **Revista Paisagem e Ambiente: ensaios**, n. 26, p. 225-247, 2009.
- SEGAWA, H. **Ao amor do público**: jardins do Brasil. São Paulo – SP: Studio Nobel, 1996.
- SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo – SP: Contexto, 2007.
- SILVA, A. M. da. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo**. 2009. 250 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

- SILVA, A. M. R.. **Requalificação urbana**: o exemplo da intervenção Polis em Leiria. 2011. 174 f. Dissertação (Mestrado em Geografia: Ordenamento do Território e Desenvolvimento), Universidade de Coimbra, Portugal, 2011.
- SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SILVA, G. J. A. da; ROMERO, M. A. B. Urbanismo sustentável no Brasil e a construção de cidades para o novo milênio. In: 8º Seminário Internacional Arquitetura, Urbanismo e Design: produtos e mensagens para ambientes sustentáveis, 8-12 Novembro, 2010, São Paulo. **Anais do 8º Seminário Internacional Arquitetura, Urbanismo e Design: produtos e mensagens para ambientes sustentáveis**. Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – NUTAU, FAU-USP, 2010.
- TERRA, C. G., *et al.* **Arborização**: ensaios historiográficos. Rio de Janeiro – RJ: EBA-UFRJ, 2004.
- THIBAUD, J. P. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. **Revista Psicologia e Ambiente**, p. 347-361, 2004.
- THIBAUD, J. P. **O devir ambiente do mundo urbano**. Trad. de Eduardo Caetano da Silva. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_O-devir-ambiente-do-mundo-urbano.pdf. Acesso em: 31 Out, 2016.
- TUAN, Yi-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo – SP: Difel, 1983.
- TUAN, Yi-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo – SP: Difel, 1980.
- UN-HABITAT – For a better urban future – Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos. **Diretrizes internacionais para planejamento urbano e territorial**, 2015.
- UN-HABITAT - United Nations Human Settlements Programme. **The theme for World Habitat Day 2015 is Public Spaces for All**, 2015. Disponível em: <http://unhabitat.org/public-spaces-for-all-2/>. Acesso em: 18 Set, 2016.
- WHYTE, W. H. **The social life of small urban spaces**. Nova York: Project for Public Spaces, 2009.
- WICKERT, A. P. **Patrimônio Ferroviário de Passo Fundo é tema de estudo**: Um pouco de história, 2012. Disponível em: <http://www.upf.br/site/inc/noticias/mostraNoticia.php?codNoticia=18120>. Acesso em: 05 Mar. 2017.
- WILHEM, J. *et al.* **Intervenções na paisagem urbana de São Paulo**. Instituto Florestan Fernandes, 2000.

APÊNDICE A
FICHA PARA LEVANTAMENTO EM CAMPO
ELEMENTOS FÍSICOS CONSTRUÍDOS E NATURAIS

Parque:	
Data:	Horário:

PAVIMENTAÇÃO/PISO (calçada, calçadão, caminhos, deck, paginação)							
Bloco de concreto		Pó de brita/Saibro		Pedra			
Cimento		Madeira		Cerâmico			
Emborrachado		Asfalto		Outros			
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado

ARTE NO ESPAÇO							
Esculturas/Estátuas		Painéis		Instalações			
Obelisco		Busto em homenagem a pessoas ilustres		Monumentos/Elementos (históricos)			
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado

ÁGUA							
Cascata		Fonte		Banhado/Córrego			
Espelho d'água		Chafariz		Rio/Riacho/Lago/Lagoa			
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado

BANCOS									
Madeira		Metal		Concreto					
Sintético		Alvenaria		Misto/Outros					
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO					
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado		
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO					
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável		Ruim	

EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES							
Campos de jogos		Quadra esportiva		Pista de skate/bike		Equipamentos de ginástica	
Playground		Mesas de jogos		Cancha de bocha		Piquenique ou Churrasqueira	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	Ruim

MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE (elementos integrados ao parque)							
Ciclovía		Piso tátil		Transporte público		Sinalização sonora	
Rampa		Estacionamento		Ponto de táxi		Outros	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado

INFRAESTRUTURA							
Abastecimento de água		Rede de drenagem pluvial		Rede de esgoto		Sistema de irrigação	
Rede de energia/Gerador		Sistema alternativo de captação de energia		Rede de transmissão (internet)		Sistema alternativo de captação e armazenamento de água da chuva	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado

ILUMINAÇÃO (luminária)							
Poste alto		Poste baixo			Spot/Arandela/Dicroica		
Balizador		Refletor			Outros		
ILUMINAÇÃO (lâmpada)							
LED		Vapor de sódio		Incandescente		Outros	
Fluorescente		Subaquáticas		Vapor metálico			
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinação	Arruinado
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	Ruim

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS							
Lixeira		Telefone público			Sistema de luz e som		
Bicicletário		Bebedouro			Outros		
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	Ruim

CERCAMENTO							
Muro		Gradil			Cerca viva		
Sistema misto		Cerca			Alambrado		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO							
Bom		Precário		Em arruinamento		Arruinado	

CONSTRUÇÕES DE APOIO							
Quiosque		Segurança			Administração (Zelador)	Ponte/Passarela	
Edifícios		Coreto			Gazebo/Pérgola	Cobertura/Pórtico	
Espaço multiuso para eventos ao ar livre (palco, arena, anfiteatro)		Espaço para animais			Escadaria	Sanitários	
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado

SINALIZAÇÃO/COMUNICAÇÃO VISUAL							
Indicativa e direcional			Informativa			Interpretativa	Outros
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	Ruim

VEGETAÇÃO							
Grande porte			Médio porte			Pequeno porte	Forração
Arbusto			Vegetação nativa			Diversidade de espécies	Outros
ESTADO DE PRESERVAÇÃO				ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Íntegro	Pouco alterado	Muito alterado	Descaracterizado	Bom	Precário	Em arruinamento	Arruinado
QUANTIDADE				DISTRIBUIÇÃO NO ESPAÇO			
Satisfatório		Insatisfatório		Bom		Razoável	Ruim

APÊNDICE B
QUESTIONÁRIO AOS USUÁRIOS (acima de 18 anos)
AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO – ESPAÇOS PÚBLICOS

Parque:	Ficha:
Data:	Horário:

A) PERFIL DO ENTREVISTADO

A/1 - SEXO:

Feminino () Masculino ()

A/2 - FAIXA ETÁRIA:

Entre 18 e 25 anos () Entre 41 e 60 anos ()

Entre 26 e 40 anos () Acima de 61 anos ()

A/3 - ESCOLARIDADE:

Ensino Fundamental incompleto () Ensino Médio completo ()

Ensino Fundamental completo () Ensino Superior incompleto ()

Ensino Médio incompleto () Ensino Superior completo ()

A/4 - RENDA FAMILIAR:

Até 1 salário mínimo () De 4 a 6 salários mínimos ()

De 1 a 2 salários mínimos () Mais de 6 salários mínimos ()

De 2 a 4 salários mínimos ()

B) FREQUÊNCIA E PERMANÊNCIA

B/1 - QUAL A DISTÂNCIA QUE VOCÊ SE DESLOCA PARA VIR AO PARQUE?

1 quadra () Mais de 4 quadras ()

De 2 a 3 quadras () Vem de outro bairro () Qual? _____

De 3 a 4 quadras () Vem de outra cidade () Qual? _____

B/2 - COMO VOCÊ SE LOCOMOVE PARA CHEGAR AO PARQUE? (Apenas uma opção).

A pé () Carro () Bicicleta ()

Ônibus () Motocicleta () Skate ()

B/3 - COM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ COSTUMA VIR A ESTE PARQUE?

Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Entre períodos ()
mais espaçados

B/4 - QUANDO VOCÊ GERALMENTE FREQUENTA ESTE PARQUE?

Durante a semana ()

Nos finais de semana ()

Ambos ()

B/5 - QUAL O PERÍODO QUE VOCÊ COSTUMA FREQUENTAR ESTE PARQUE?

Manhã () Tarde () Noite () Dois períodos ou integralmente ()

B/6 - QUANTO TEMPO VOCÊ GERALMENTE PERMANECE NESTE PARQUE?

15 a 30 minutos () 2 a 3 horas ()

30 minutos a 1 hora () Mais de 3 horas ()

1 a 2 horas ()

B/7 - VOCÊ JÁ FREQUENTAVA ESTE ESPAÇO (PARQUE) ANTES DA SUA REQUALIFICAÇÃO?

Sim () Não ()

B/8 - VOCÊ FREQUENTA OUTROS ESPAÇOS DA CIDADE (PARQUES/PRAÇAS)?Não Sim Quais? _____**C) USO E ATIVIDADES****C/1 - COM QUEM VOCÊ COSTUMA FREQUENTAR ESTE PARQUE?**Sozinho Com os amigos Com a família Outros **C/2 - QUAIS AS ATIVIDADES QUE VOCÊ DESENVOLVE NESTE PARQUE?** Utilize a escala de preferência: de 1 (para maior preferência) a 15 (para menor preferência).Lazer/Recreação Levar o cachorro para passear Novos contatos sociais Tomar sol Repousar/Descansar Passagem/Caminho Passeio/Caminhada Ler/Estudar Eventos Fazer esporte Contato com a natureza Feira/Compras Piquenique Observar pessoas/paisagem Outras

Quais? _____

C/3 - VOCÊ SENTE FALTA DE ALGUM ESPAÇO/EQUIPAMENTO PARA DESENVOLVER ALGUMA ATIVIDADE NESTE PARQUE?Não Sim Qual? _____**C/4 - COMO VOCÊ CONSIDERA A PRESENÇA DOS ITENS ABAIXO NESTE PARQUE?**

	Ótimo	Bom	Ruim	Péssimo	N/A
C/4/1 - Ponto de ônibus					
C/4/2 - Ponto de táxi					
C/4/3 - Vendedor ambulante (pipoca, algodão doce, etc.)					
C/4/4 - Presença de cachorros					
C/4/5 - Presença de bicicletas/skate/patins					
C/4/6 - Presença de Área de Preservação Permanente (APP)					

N/A: não se aplica.

D) PERCEPÇÃO E COMPORTAMENTO**D/1 - COMO VOCÊ AVALIA ESTE PARQUE?** (gosto pessoal)Ótimo Bom Ruim Péssimo **D/2 - QUAIS OS BENEFÍCIOS QUE ESTE PARQUE GERA PARA SEU BEM-ESTAR?** Utilize a escala de preferência: de 1 (para maior preferência) a 5 (para menor preferência).Saúde física e mental Lazer/Convívio social Outros Quais? _____Conforto ambiental Contato com a natureza **D/3 - PARA VOCÊ, O QUE MELHOROU NESTE PARQUE APÓS SUA REQUALIFICAÇÃO?** Utilize a escala de preferência: de 1 (para maior preferência) a 6 (para menor preferência).As opções de lazer/esporte Contato com a natureza Segurança Convívio social Qualidade estética Outros Quais? _____**D/4 - VOCÊ POSSUI FACILIDADE PARA SE LOCOMOVER NESTE PARQUE E LOCALIZAR COM CLAREZA OS ESPAÇOS QUE ELE OFERECE?**Sim Não

E) QUALIDADES ESPECÍFICAS**E/1 - COMO VOCÊ CONSIDERA ESTE PARQUE EM RELAÇÃO:**

	Ótimo	Bom	Ruim	Péssimo	N/A
E/1/1 - Tamanho deste parque em relação às atividades ofertadas					
E/1/2 - Acessibilidade para portadores de necessidades especiais					
E/1/3 - Quantidade e distribuição de árvores					
E/1/4 - Quantidade e distribuição de lixeiras					
E/1/5 - Quantidade, distribuição e conforto dos bancos					
E/1/6 - Quantidade e distribuição de sinalização					
E/1/7 - Quantidade e distribuição da iluminação noturna					
E/1/8 - Quantidade e distribuição de bicicletários					
E/1/9 - Presença de edificações de apoio no parque					

N/A: não se aplica.

F) MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO**F/1 - COMO VOCÊ CONSIDERA ESTE PARQUE EM RELAÇÃO:**

	Ótimo	Bom	Ruim	Péssimo	N/A
F/1/1 - Conservação dos caminhos					
F/1/2 - Corte da grama e cuidados com a vegetação					
F/1/3 - Funcionamento e conservação das luminárias					
F/1/4 - Pintura e conservação dos bancos					
F/1/5 - Conservação das lixeiras					
F/1/6 - Limpeza e conservação dos banheiros					
F/1/7 - Limpeza e conservação do playground					
F/1/8 - Pintura e conservação dos monumentos					
F/1/9 - Limpeza geral do parque					

N/A: não se aplica.

G) SEGURANÇA E PROTEÇÃO**G/1 - COMO VOCÊ CONSIDERA A SEGURANÇA NESTE PARQUE APÓS SUA REQUALIFICAÇÃO?**

Ótimo () Ruim () Bom () Péssimo ()

G/2 - VOCÊ OU ALGUÉM QUE VOCÊ CONHECE JÁ SOFREU ALGUM DOS SEGUINTE TIPOS DE VIOLÊNCIA OU INCÔMODO NESTE PARQUE APÓS SUA REQUALIFICAÇÃO?

	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
G/2/1 - Assaltos ou roubos				
G/2/2 - Problemas relacionados com drogas				
G/2/3 - Ameaças ou violência física				

H) APARÊNCIA E STATUS**H/1 - COMO VOCÊ CONSIDERA ESTE PARQUE EM RELAÇÃO:**

	Ótimo	Bom	Ruim	Péssimo
H/1/1 - Aparência estética				
H/1/2 - Aparência do entorno (bairros em volta)				

OBRIGADA PELA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE C
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa sobre **Avaliação Pós-Ocupação de Espaços Públicos**, de responsabilidade da pesquisadora **Denize Fabiani**, através de um questionário com questões objetivas. Esta pesquisa justifica-se devido à recente requalificação dos espaços públicos em Passo Fundo/RS, caracterizando-se como relevante e necessária para compreender o processo de apropriação destes espaços de lazer por parte dos usuários, ponderar sobre os resultados da requalificação e aferir a adequabilidade das decisões adotadas nas diferentes dimensões envolvidas. O objetivo geral da pesquisa consiste em investigar e avaliar os potenciais atrativos para apropriação dos espaços públicos requalificados para o lazer na cidade de Passo Fundo e suas influências na percepção dos usuários. A sua participação na pesquisa será em um único encontro, com duração aproximada de 10 minutos. Você poderá sentir algum desconforto ao expor suas opiniões sobre o local que está usufruindo em um momento particular. Caso algum sinal de desconforto psicológico for identificado através da sua participação na pesquisa, a pesquisadora compromete-se em orientá-lo (a) e encaminhá-lo (a) para os profissionais especializados na área. Ao participar da pesquisa, você terá benefícios indiretos, quanto à qualificação do espaço urbano da cidade em que você vive ou visita e, conseqüentemente, diretos, pela maior qualidade de vida que gozará em frequentar espaços planejados e qualificados. Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo. Sua participação nessa pesquisa não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento. Você não terá qualquer despesa para participar da presente pesquisa e não receberá pagamento pela sua participação no estudo. Os dados relacionados à sua participação não serão divulgados. Os resultados da pesquisa serão apresentados através da Dissertação de Mestrado (para fins unicamente acadêmicos), mas você terá a garantia do sigilo e da confidencialidade dos dados. Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento da pesquisadora ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considera prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com a pesquisadora **Denize Fabiani**, (54) 99101-8946, ou com o curso de **Pós-Graduação em Engenharia da UPF**, ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 08h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira. Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo. Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pela pesquisadora responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Passo Fundo, ____/____/_____.

Nome do (a) participante: _____

Assinatura: _____

Nome da pesquisadora: _____

Assinatura: _____